Bayerische StaatsBibliothek
Münchener DigitalisierungsZentrum Digitale Bibliothek

Castro, Damião Antonio de

Historia Geral De Portugal, E Suas Conquistas

Bd.: 12

Lisboa (1789)

Port. 36 m-12
urn:nbn:de:bvb:12-bsb11020072-1

HISTORIA
DE
PORTUGAL.

TOMO DUODECIMO.

Port. 36m

HISTORIA
DE
PORTUGAL.

TOMO DUODECIMO.

HISTORIA GERAL DE PORTUGAL,

E SUAS CONQUISTAS,

OFFERECIDA

Á RAINHA NOSSA SENHORA

D. MARIA I.

POR

DAMIAÕ ANTONIO DE LEMOS FARIA E CASTRO.

TOMO XII.

LISBOA,

NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.

1789.

Com licença da Real Meza da Commissaõ Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros.

FOI taxado este Livro a quatrocentos réis em papel: Meza 3 de Julho de 1789.

Com tres Rubricas.

Bayerische
Staatsbibliothek
München

INDICE
DOS CAPITULOS.
LIVRO XLIII.

CAPITULO I. *Vida, e acções de D. Joaõ III., XV. Rei de Portugal.* 1
- - II. *Do estado, em que El-Rei D. Joaõ achou o Reino, mostra-se a origem da sua decadencia, e trataõ-se as primeiras acções do novo Principe.* 20
- - III. *Escreve-se o caracter de D. Antonio de Ataide. Falla-se em casar El-Rei com a Rainha, sua Madrasta, e trataõ-se as resultas desta proposta, com alguns successos da India.* 38
- - IV. *Fundaõ os Portuguezes nas Molucas a Fortaleza de Ternate. Primeiras acções do Governador D. Duarte de Menezes, e as de Africa no Reinado de D. Joaõ III.* 51
- - V. *Continuaõ os successos da India, e trata-se da jornada da Rainha D. Leonor para Castella.* . 65
- - VI. *Trataõ-se os mais successos das nos-*

noſſas conquiſtas da India até ao fim do anno de 1523. . . 82
CAP. VII. *Referem-ſe os ultimos ſucceſſos da India no anno de* 1523, *e principiaõ os de* 1524. . . 99
- - VIII. *Da ſegunda viagem do Governador D. Duarte de Menezes a Ormuz. Trata-ſe do caſamento d'El-Rei D. Joaõ, e da vinda do Viſo-Rei D. Vaſco da Gama á India.* 117

LIVRO XLIV.

CAP. I. *Succeſſos da India no tempo do Governador D. Henrique de Menezes.* 135
- - II. *Da expediçaõ do Governador D. Henrique ſobre Coulete, e outros ſucceſſos do ſeu tempo.* . . 151
- - III. *O Çamorim de Calecut põe ſitio á noſſa Fortaleza, que D. Joaõ de Lima defende com corage generoſa.* 165
- - IV. *Trataõ-ſe vários ſucceſſos da India no tempo do ſitio da Fortaleza de Calecut, e o fim do meſmo ſitio.* 181
- - V. *Concluem-ſe os ſucceſſos da India no tempo do Governador D. Henrique*
de

de Menezes, e ſe trataõ os do Reino até ao fim deſte anno de 1525, *juntamente com os de Africa.* 198

CAP. VI. *Viagens de Heitor da Silveira ao Eſtreito, e de Pedro Maſcarenhas para a India, com os ſucceſſos de Bintaõ.* . . . 212

- - VII. *Da diſcordia entre Pedro Maſcarenhas, e Lopo Vaz de Sampayo ſobre o governo da India, e os acontecimentos ſuccedidos no tempo della.* 226

- - VIII. *Do que obrou Lopo Vaz de Sampayo depois de reconhecido legitimo Governador da India, e os ſucceſſos das Molucas neſte anno.* . 241

LIVRO XLV.

CAP. I. *El-Rei nomeia Nuno da Cunha para Governador da India, e eſcrevem-ſe as acções de Lopo Vaz de Sampayo até á ſua chegada.* 262

- - II. *Trataõ-ſe alguns ſucceſſos antes da chegada de Nuno da Cunha, e os acontecimentos depois della.* 278

- - III. *Continuaõ os ſucceſſos da India neſte anno de* 1530. . 293

CAP.

CAP. IV. *Continua-ſe com outros ſucceſſos do anno de 1530, e os de 1531.* 310
- - V. *Trataõ-ſe os ultimos ſucceſſos do anno de 1531, e principiaõ os de 1532.* 327
- - VI. *Eſcrevem-ſe os progreſſos de Nuno da Cunha a reſpeito de Dio, e outros acontecimentos.* . 344
- - VII. *Eſcreve-ſe a guerra de Badur, Rei de Cambaya, com o Graõ Mogor, de que reſultou conceder a Portugal a Fortaleza em Dio.* . . 359

HIS-

HISTORIA GERAL DE PORTUGAL.

LIVRO XLIII.

Da Hiſtoria Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Vida, e acções de D. João III., XV. Rei de Portugal.

Succedeo El-Rei D. Joaõ III. a D. Manoel, ſeu Pai, na poſſe de hum Reino rico, glorioſo, univerſalmente bem reputado, eſtabelecido por onze Monarcas, que o conſerváraõ depois de adquirido ſem deſmembrações no Era vulg. 1521

Continente ; ampliado por tres Soberanos , que lhe dilatáraõ os confins com conquistas vantajosas pela Africa , Asia , e America. Teve principio , chegou ao estado , no tempo de D. Joaõ III. entrou a agitar-se para a declinaçaõ. Em quanto vivêraõ os filhos generosos da disciplina de D. Manoel, as creaturas sublimes da sua instrucçaõ , os seus Generaes aguerridos , que affrontavaõ intrépidos os horrores da guerra ; que naõ davaõ lugar nos coraçóes á cubiça ; que se lançavaõ aos perigos por causa da honra da Patria , e por amor da propria honra : Portugal , senaõ cresceo , conservou-se ; a reputaçaõ , senaõ se avançou , manteve-se. Mas derrubando a morte aquellas columnas vivas para existirem immortaes no Templo da Fama ; vendo-se no semblante da guerra só o que descobre de medonho ; estimando-se as viagens , menos por honradas , que por interessantes : Portugal naõ se conservou , decahio ; a reputaçaõ naõ se manteve , declinou. Eis-aqui em poucas palavras exposto o plano da Historia ,

que

que eu tenho de escrever, e em que a narração dos successos fará evidente o espirito desta verdade. Era vulg.

Dezanove annos contava o Principe de idade, quando falleceo seu Pai, e ou elle o advertisse, ou lhe lembrassem, que o Reino estava no apogéo da grandeza, e opulencia, naõ só se esculsou de adiantar as conquistas, mas admittio as erradas idéas, de que para as conservar melhor devia diminuillas. Nós o veremos abandonar aos Mouros quatro Baluartes do nosso Imperio em Africa, ganhados á custa de tantos suores, com sentimento da Christandade, com lástima do valor, com injúria da reputaçaõ: consequencia fatal das consultas, em que as Bécas saõ ouvidas para a repartiçaõ dos Arnezes, escutadas as Sobrepelizes para a demarcaçaõ dos confins. D. Joaõ pouco inclinado ás armas, estabeleceo o seu crédito na observancia de huma neutralidade exacta no meio das maiores revoluções, em que entaõ fluctuava a Europa, fazendo parecer equidade a que era desaffeiçaõ. Sim se ga-

Era vulg. nhárað no ſeu tempo grandes victorias na Aſia, mas eſtas producções generoſas mais foraõ creaturas dos ſeus Generaes, que partos das ſuas ordens.

Tres dias depois da mórte del Rei D. Manoel ſe devia fazer a acclamaçaõ do Principe, ſegundo o eſtylo. Alguns incidentes a differíraõ outros tres dias, e no de 19 de Dezembro ſahio elle dos Paços da Ribeira com o apparato correſpondente ao auguſto da ceremonia para a pórta do Convento de S. Domingos, aonde ella ſe havia celebrar. Hia o Rei a cavallo veſtido com huma purpura roçagante de brocado forrada de arminhos, levando as redeas ſeu irmaõ o Infante D. Fernando; aos lados levantando-lhe as pontas da Opa D. Antonio de Ataide, e D. Diogo de Caſtro. Ao ſeu lado direito marchavaõ o Duque de Bragança D. Jayme, D. Jorge, Duque de Coimbra, ſeu filho D. Joaõ, Marquez de Torres-Novas, D. Franciſco de Noronha, Marquez de Villa-Real, ſeu filho D. Pedro, Conde de Alcoutim, D. Joaõ de Vaſconcellos, Conde de Pe-

Penella, D. Manoel Trojaz Pereira, Era vulg.
Conde da Feira, D. Francisco Coutinho, Conde de Marialva, D. Joaõ da Silva, Conde de Portalegre, D. Martinho de Castello-Branco, Conde de Villa-Nova, e D. Vasco da Gama, Conde da Vidigueira.

Ao lado esquerdo do Principe hiaõ os Officiaes Maiores da Casa, a Camara de Lisboa, muita Nobreza, tudo precedido do Infante D. Luís a cavallo, que fazia as vezes de Condestavel com o estoque nú, e levantado. Depois se seguia o Conde de Tarouca, Mordomo Mór, com a Bandeira enrolada, e adiante delle todos os Reis d'Armas, Porteiros, trombetas, charamellas, atabales com ordem de naõ tocarem, aonde podessem ser ouvidos da Rainha viuva, naõ succedesse a doçura da harmonia ser novo estimulo da sua dôr. Á entrada da pórta do soberbo Throno, que se havia levantado junto á de S. Domingos, esperava ao novo Rei, seu irmaõ o Cardeal Infante D. Affonso com todos os Prelados, que estavaõ na Corte, e segundo o seu

çe-

Era vulg. ceremonial naõ devem acompanhar a pé aos Principes, quando estes marchaõ a cavallo. Assentado El-Rei, chegou o Conde de Villa-Nova a entregar-lhe o Sceptro: pozéraõ-se á sua maõ direita com o estoque o Infante D. Luís, á esquerda seu irmaõ D. Fernando: na ponta do estrado o Alferes Mór, com a Bandeira ainda enrolada; ao lado opposto o eloquente Diogo Pacheco, que recitou huma Oraçaõ pathetica ajustada ao objecto com a elegancia, que lhe era natural.

Concluida a Oraçaõ, o Cardeal D. Affonso posto de joelhos diante do Principe, sobre hum Missal, e huma Cruz lhe tomou o juramento de guardar as Leis fundamentaes, os Privilegios do Reino, e de fazer justiça. Seguíraõ-se as homenagens, a que deo principio o Infante D. Luís nas mãos de D. Antonio de Noronha, depois Conde de Linhares, como Escrivaõ da Puridade, repetindo a fórmula do juramento, que se pratíca em actos semelhantes. Entaõ desenrolou o Alferes Mór a Bandeira, e toda a Nobreza por sua ordem,

dem, ſobre as palavras referidas em voz alta pelo Infante, foi ella proſeguindo o juramento, dizendo: Eu aſſim o juro. Na meſma ordem os Nobres, e a Grandeza beijou a maõ a El-Rei, e o d'Armas deſafiou a attençaõ da Aſſembléa, repetindo tres vezes: *Ouvi*. Já expectador da novidade o Silencio, o Alferes Mór floreteando a Bandeira, pronunciou em voz alta as palavras: Real, Real, Real, pelo mui Alto, e mui Poderoſo Principe, El-Rei D. Joaõ III. noſſo Senhor. Era vulg.

A eſtas vozes ſe ſeguíraõ as dos Reis d'Armas, e ſeus Officiaes, clamando tres vezes: Real: e entaõ tocáraõ os inſtrumentos; o Alferes Mór baixou ao pé do Theatro a repetir as meſmas palavras; El-Rei deſceo do Throno para entrar no Templo, aonde o eſperava D. Fernando de Vaſconcellos, Biſpo de Lamego, veſtido de Pontifical, com huma Reliquia na maõ, que o Cardeal Infante deo a beijar a El-Rei, entoando a muſica o Hymno *Te Deum*, em quanto o Rei poſtrado diante do Altar ſobmettia o Poder, a

Era vulg. Mageſtade, a Monarquia ao Rei dos Reis, Dominante dos Imperios. Na meſma ordem ſe recolheo a Regia Comitiva para o Paço; mas em ſilencio por ordem do Soberano, que com diſcernimento advertido no meio da pompa, fez á Rainha viuva eſte obſequio.

Já acclamado Rei D. Joaõ III., ſegundo o methodo que até aqui tenho ſeguido, eu vou a tratar do ſeu caſamento, da ſucceſſaõ, que teve, dos Officiaes, que creou para o ſervirem, dos Biſpados, que proveo, para depois continuar com a narraçaõ da Hiſtoria na differente qualidade dos outros negocios, em que elle ſe intereſſou.

El-Rei D. Joaõ III. caſou a 5 de Fevereiro de 1525 com D. Catharina, irmã da Rainha D. Leonor, terceira mulher de ſeu Pai, e filha de D. Filippe I., Rei de Caſtella, e de ſua mulher a Rainha D. Joanna, herdeira de Fernando o Catholico. Teve della filhos, o Principe D. Affonſo, que naſceo em Almeirim a 24 de Fevereiro

de

de 1526, e morreo minino de peito: a Infante D. Maria, que naſceo em Coimbra a 15 de Outubro de 1527, caſou com Filippe II., Rei de Caſtella em 15 de Novembro de 1543, e falleceo em Valhadolid a 12 de Julho de 1545; jaz no Eſcurial: a Infante D. Iſabel, que naſceo em Lisboa a 28 de Abril de 1529: a Infante D. Brites, que naſceo em Lisboa a 15 de Fevereiro de 1530, e jaz em Belém: o Principe D. Manoel, que naſceo em Alvito o 1 de Novembro de 1531, foi jurado Principe a 13 de Junho de 1535 na Cidade de Evora, aonde morreo a 14 de Abril de 1537, e jaz em Belém: o Infante D. Filippe, que naſceo em Evora a 25 de Março de 1533, foi jurado Principe, falleceo a 29 de Abril de 1539, e jaz em Belém: o Infante D. Diniz, que naſceo em Evora a 26 de Abril de 1535, e morreo na meſma Cidade o 1 de Janeiro de 1537: o Infante D. Joaõ, que naſceo em Evora a 3 de Junho de 1537, foi jurado Principe em Almeirim a 30 de Março de 1544, caſou em Elvas no fim de No-

Era vulg.

Era vulg. Novembro de 1552 com a Princeza D. Joanna, filha do Imperador Carlos V., foi Pai d'El-Rei D. Sebaſtiaõ, morreo a 2 de Janeiro de 1554, e jaz em Belém: o Infante D. Antonio, que naſceo em Lisboa a 9 de Março de 1539, falleceo a 20 de Janeiro de 1540, e jaz em Belém: Succeſſaõ prodigioſa; mas temporalmente taõ infeliz, que paſſava do ventre para o tumulo, aonde enterrou comſigo por muitos annos a felicidade do Reino.

Pelo que reſpeita aos Officios, D. Joaõ III. criou no ſeu tempo Condeſtaveis ao Senhor D. Duarte, Duque de Guimarães, e a D. Theodoſio I., V. Duque de Bragança: Mordomo-Mór a D. Diogo da Silva, Conde de Portalegre, que teve por ſucceſſores a ſeu filho o Conde D. Joaõ da Silva, e a Ruy de Mello: Eſtribeiro-Mór D. Pedro Maſcarenhas, Senhor de Palma, e depois D. Franciſco da Gama, Conde da Vidigueira: Védor da Caſa Ruy Lopes de Béja, e ſe lhe ſeguíraõ Fernaõ da Silveira, e D. Filippe de Souſa: Védores da Rainha D. Antonio de Almeida,

da, Simaõ Guedes de Mendoça, Capitaõ de Chaul, Christovaõ Correa, e D. Pedro de Noronha, Senhor de Villa-Verde: Camareiro-Mór D. Martinho de Castello-Branco, Conde de Villa-Nova, que teve por sucessores a seu filho D. Francisco de Castello-Branco, a Pedro de Carvalho, a D. Joaõ de Menezes, e a D. Constantino de Bragança: Guarda-Mór D. Nuno Manoel, Senhor de Salvaterra, e lhe sucedêraõ Joaõ de Barros, Gonçalo Figueira, e os dous Condes da Sortelha D Luiz, e D. Diogo da Silveira: Mestre Salla Christovaõ de Mello, depois Ruy de Mello, e D. Pedro de Abranches: Reposteiro-Mór Jeronymo Moniz, que teve por sucessores a D. Jorge Henriques, a Bernardim de Tavora, a Francisco de Tavora, e a Alvaro Pires de Tavora: Porteiro-Mór Garcia de Mello, e D. Joaõ de Calatayud: Trinchante Simaõ da Cunha, e seus sucessores Ruy Lourenço de Tavora, D. Filippe Lobo, Tristaõ da Cunha, e Agostinho de Lafeta: Escrivaõ da Puridade, depois do primeiro Conde de Era vulg.

Li-

Era vulg. Linhares, D. Miguel da Silva: Copeiro-Mór Jorge de Brito, e depois delle ſeu filho Artur de Brito, D. Garcia de Albuquerque, ſeu filho D. Luiz de Albuquerque, e Ruy Gomes da Cunha: Apoſentador-Mór D. Filippe Lobo, D. Affonſo de Noronha, Viſo-Rei da India, e Lourenço de Souſa da Silva: Provedor das Obras do Paço Luiz da Silveira, depois Nuno Martins da Silveira, Senhor de Góes, ſeu filho Simaõ da Silveira, e Pedro Carvalho: Caçador-Mór D. Braz Henriques, que teve por ſuceſſor a D. Joaõ de Alarcaõ: Armeiro-Mór D. Duarte da Coſta, e depois D. Alvaro da Coſta: Almotacé-Mór Gaſpar de Carvalho, a quem ſuccedeo Balthaſar de Faria: Alferes-Mór D. Luiz de Menezes: Almirante Antonio de Azevedo, depois Lopo de Azevedo: Monteiro-Mór D. Luiz de Menezes, e Jorge de Mello: Fronteiros-Móres D. Pedro de Caſtro, Conde de Monſanto, em Lisboa, Martim Affonſo de Souſa, do Algarve: Coudel-Mór D. Pedro de Caſtro, Conde de Monſanto, que teve por ſucceſ-

ſo-

ſores a Balthaſar de Faria, e ao Conde de Monſanto D. Luiz de Caſtro: Marichal D. Alvaro Coutinho, depois D. Franciſco Coutinho, Conde de Marialva: Meirinho-Mór o meſmo Conde, e depois o Infante D. Fernando, D. Affonſo, e D. Duarte de Caſtello-Branco: Capitaõ-Mór dos Ginetes D. Affonſo de Menezes, e Vaſconcellos, filho do Conde de Penella, a quem ſuccedeo D. Joaõ Maſcarenhas: Adail-Mór Antonio Leitaõ de Gamboa, que teve por ſuceſſores a Gonçalo Mendes Sacoto, a Luiz de Loureiro, e a Lopo Peyxoto, que ſervio até o Reinado de D. Filippe I.: Anadel-Mór Martim de Freitas, depois Henrique de Souſa, e Heitor de Mello: Chanceller-Mór Luiz Annes de Carvalho, ao qual ſuccedêraõ Alvaro Fernandes, Joaõ de Faria, Chriſtovaõ de Faria, e Gaſpar Carvalho. Era vulg.

General das galés he emprego, de que nós naõ achamos memoria da ſua criaçaõ, ſenaõ neſte Reinado de D. Joaõ III., que nomeou a D. Pedro Maſcarenhas, e a D. Pedro da Cunha, que

Era vulg. que alcançou o tempo d'El-Rei D. Sebaſtiaõ, e depois delles naõ nos conſta occupaſſe o meſmo cargo mais que Jorge de Mello, da Caſa dos Monteiros-Móres, que foi nomeado em 1641 por El-Rei D. Joaõ IV. De Secretarios de Eſtado ſerviraõ a D. Joaõ III. Pedro de Alcaçova Carneiro, Conde das Idanhas, que o fora do Rei D. Manoel ſeu Pai, e Franciſco Carneiro. Governador da India era entaõ D. Duarte de Menezes, depois nomeou elle em 1524 ao grande D. Vaſco da Gama, primeiro Conde da Vidigueira; em 1527 a D. Henrique de Menezes; em 1529 a Pedro Maſcarenhas; no meſmo anno Lopo Vaz de Sampayo, e Nuno da Cunha; em 1538 a D. Garcia de Noronha; em 1540 a D. Eſtevaõ da Gama; em 1542 a Martim Affonſo de Souſa; em 1545 a D. Joaõ de Caſtro; em 1549 a Garcia de Sá; no meſmo anno a Jorge Cabral; em 1550 a D. Affonſo de Noronha; em 1554 a D. Pedro Maſcarenhas; em 1555 a Franciſco Barreto; o ultimo foi D. Conſtantino de Bragança em 1558.

1558. Para o Eſtado do Braſil nomeou El-Rei D. Joaõ os primeiros dous Governadores, que foraõ Thomé de Souſa, filho de Joaõ de Souſa, Prior de Rates, em 1549, e a D. Duarte da Coſta, Armeiro-Mór, em 1553. Era vulg.

Em quanto ao Eſtado Eccleſiaſtico, no tempo deſte Rei foraõ Cardeaes ſeus Irmãos os Infantes D. Affonſo, e D. Henrique, e D. Miguel da Silva, Biſpo de Viſeo. Das Ordens Militares do Reino era Graõ Meſtre o meſmo Rei: Capellaõ-Mor D. Fernando de Vaſconcellos, Biſpo de Lamego, a quem ſe ſeguíraõ o Reitor da Univerſidade D. Jorge de Almeida, Biſpo da meſma Dioceſe; D. Pedro Vaz Gaviaõ, Biſpo da Guarda; D. Pedro Vaz, Vigario de Thomar; D. Alvaro de Noronha, da Caſa de Villa-Real; D. Manoel de Souſa, Biſpo de Silves, e D. Paulo Pereira: Graõ Prior do Crato o Infante D. Luiz, e depois ſeu filho o Senhor D. Antonio: Prior da Collegiada de Guimarães D. Diogo Dias, Capellaõ do Duque de Bragança, que teve por ſuceſſores a D. Se-

baſ-

Era vulg. baſtiaõ Lopes, Conego de Lamego, a D. Conſtantino de Bragança, Camareiro-Mór, e a D. Gomes Affonſo, ſegundo Inquiſidor de Coimbra.

Nomeou El-Rei D. Joaõ para Arcebiſpos de Lisboa a ſeu irmaõ o Infante Cardeal D. Affonſo, a D. Fernando de Vaſconcelos, filho do primeiro Conde de Penella, e a ſeu irmaõ o Infante Cardeal D. Henrique: Para Leiria, que á inſtancia ſua foi erecta em Biſpado por Bulla de Paulo III. paſſada em 1545, nomeou elle Biſpos ſuffraganeos de Lisboa a Fr. Braz de Barros da Ordem de S. Jeronymo, depois foi eleito D. Sancho de Noronha, filho de D. Franciſco de Faro, e ſe lhe ſeguio D. Fr. Gaſpar do Caſal, da Ordem de Santo Agoſtinho, primeiro Preſidente da Meza da Conſciencia, Biſpo do Funchal, e de Coimbra. Para Lamego a D. Fr. Agoſtinho Ribeiro, Conego de S. Joaõ Evangeliſta, Reitor da Univerſidade de Coimbra, e Biſpo de Angra: Para o Funchal, que fora erecto Biſpado em 1514 pelo Papa Leaõ X. a inſtancias d'El-Rei

D.

D. Manoel, a D. Martinho de Portugal, irmaõ do primeiro Conde do Vimioso, e depois delle ao nomeado Fr. Gaspar do Casal, e a D. Fr. Jorge de Lémos, da Ordem de S. Domingos, depois Esmoler-Mór d'El-Rei D. Sebastiaõ. Para Angra, que a instancia sua foi criado Bispado por Paulo III. em 1534., a D. Manoel de Noronha, que naõ acceitou, a D. Agostinho Ribeiro, que foi Bispo de Lamego, que teve por sucessores a D. Rodrigo Pinheiro, Governador da Casa do Civel, e a D. Fr. Jorge de Sant-Iago da Ordem dos Prégadores: Era vulg.

Para o Bispado da Guarda a D. Christovaõ de Castro, a quem succedeo D. Joaõ de Portugal, filho do primeiro Conde do Vimioso: para Portalegre, que o Papa Julio III. a instancias suas erigio Bispado em 1550, nomeou primeiro Bispo a D. Juliaõ de Alva, que o era de Miranda: para o Arcepispado de Braga a seu irmaõ o Infante Cardeal D. Henrique, que teve por sucessores a D. Fr. Diogo da Silva, Bispo de Ceuta, primeiro In-

 qui-

Era vulg. quiſidor Geral ; a ſeu filho o Infante D. Duarte ; a D. Manoel de Souſa, Biſpo de Silves ; e a D. Fr. Bartholomeo Limpo, Carmelita Deſcalço : para o Porto a D. Belchior Belliago, Biſpo de Targa ; ao Carmelita Deſcalço D. Fr. Balthaſar Limpo ; e a D. Rodrigo Pinheiro, Biſpo do Funchal. Para Coimbra ao Jeſuita Simaõ Rodrigues, que recuſou, e a D. Soares, Eremita de Santo Agoſtinho : para Viſeo a D. Fr. Joaõ de Chaves, da Ordem de S. Franciſco, e depois delle a D. Miguel da Silva o Cardeal, a D. Alexandre Farneſe, Cardeal, filho do primeiro Duque de Parma, e a D. Gonçalo Pinheiro : para Miranda, que elle pedio ao Papa Paulo III. a erigiſſe em Biſpado no anno de 1545, a D. Toribio Lopes, Eſmoler da Rainha D. Catharina, que teve por ſuceſſor a D. Rodrigo de Carvalho, Fundador do Collegio de S. Pedro na Univerſidade de Coimbra : para Evora a ſeu irmaõ o Infante Cardeal D. Affonſo, ultimo Biſpo, e depois Arcebiſpos o Infante Cardeal D. Henrique, e D. Joaõ de Mel-

Mello, filho de D. Pedro de Castro, Era vulg.
primeiro Presidente do Dezembargo do Paço: para Silves a D. Manoel de Sousa, da Casa dos Senhores de Bringel, que teve por successor a D. Manoel de de Portugal, da Casa do Vimioso: para Goa, que foi feita Bispado por Paulo III. em 1534, nomeou tres Bispos, que precedêraõ ao primeiro Arcebispo, e foraõ D. Francisco de Mello, que morreo antes de partir, D. Francisco de Mello, que naõ acceitou, e D. Fr. Joaõ de Albuquerque, da Ordem de S. Francisco. Patriarcas da Ethiopia D. Joaõ Bermudes, e D. Joaõ Nunes Barreto, ambos Jesuitas. Para Bispo da Bahia, que foi criada Bispado poucos annos depois do seu descobrimento, nomeou a D. Pedro Fernandes Sardinha, Clerigo Secular: para Cabo-Verde, que elle fez erigir Bispado em 1532 pelo Papa Clemente VII. foi primeiro Bispo D. Braz Neto, Executor da Refórma dos Franciscanos, ao qual succedêraõ D. Joaõ Pravi, Arcediago da Sé de Evora, e D. Francisco da Cruz, Eremita de Santo Agostinho:

Era vulg. para S. Thomé, que a instancia sua foi feito Bispado em 1534 por Paulo III. nomeou successivamente os Bispos D. Diogo Ortiz de Vilhegas, que o era de Ceuta, e D. Henrique, Principe de Congo, ambos criados antes da erecçaõ do Bispado, e depois della a D. Pedro de Sousa, da mesma Casa de Congo, a D. Joaõ Bautista, Dominico, e a D. Fr. Bernardo da Cruz, da mesma Ordem.

CAPITULO II.

Do estado, em que El Rei D. Joaõ achou o Reino, mostra-se a origem da sua decadencia, e trataõ se as primeiras acções do novo Principe.

1522 DEPOIS de acclamado Rei D. Joaõ III., concluidas no Mosteiro de Belém com pompa solemne as magnificas, e piedosas Exequias, que mandou fazer pela Alma do Grande Rei, de quem era Filho: elle se mudou dos Paços da Ribeira para Santos, o Velho, a

Rai-

Rainha para as caſas do Duque de Bragança com a Infante D. Iſabel, para na differença dos lugares encontrar a ſaudade os alivios, que negaõ aquelles, aonde as imagens do trato fazem as lembranças mais vivas. Os eſpiritos illuminados entráraõ logo a fazer reflexões ſobre a figura, em que eſtava o Reino, aonde até o anno de 1521 nada mais ſe obſervava, que felicidades, o goſto univerſal, as riquezas no Rei, e Vaſſallos copioſas, como ſe quizeſſe moſtrar a fortuna até aquelle anno, em que D. Manoel tinha de morrer, que ella acompanhára conſtante ao Monarca Filho da Ventura. Era vulg.

Mas os meſmos eſpiritos illuſtrados, das premicias da riqueza, do goſto, da felicidade tiravaõ a conſequencia de que o Reino já, e ſem demora tinha de declinar em tudo, deſfallecer a felicidade, corromper-ſe o goſto, eſgotar-ſe a riqueza. Na Caſa Real viaõ-ſe muitos Infantes ſem cómmodo; dotes avultados, que ſe haviaõ pagar; creſcer o fauſto, que naõ dava eſperanças de diminuiçaõ, e tu-

do

Era vulg. do pedia humas defpezas taõ enormes, que fe duvidava podeffem com ellas as forças das rendas, e do Erario. Por outra parte fe chorava a demencia de innumeraveis homens, que adquirindo montes de ouro para fazerem fundo de cafas, que perpetuaffem huma pofteridade brilhante; elles de tal fórte fe enraiveciaõ contra o feu mefmo cabedal, que o deitavaõ ao vento, ou o mergulhavaõ no inferno de hum luxo immoderado, de mezas com mais de pródigas, que de profufas, em aromas, e perfumes para ambos os fexos ridiculos; mas que defpejavaõ as bolfas; em appetites fem regra, que á depravaçaõ chamavaõ bom gofto; em fim, a huma immoderaçaõ em tudo, que para a fuftentar nada baftava.

Por outra parte fe temia, que a paz deleitavel de tantos annos na Europa, ella fe perturbaffe por caufa de huma trahiçaõ, e por effeito de hum ciume. A trahiçaõ era a de Fernando de Magalhães, que paffando defgoftado para o ferviço de Carlos V., como differnos, deixou arraigada na idéa

dos

dos Castelhanos a presumpçaõ, de que o dominio das Molucas era da sua Coroa: dominio, que nós na Asia já disputavamos com as armas, e agora temiamos que ellas viessem a decidir a questaõ na Europa. O ciume ardia em Francisco I. Rei de França, que desejoso de participar dos interesses da navegaçaõ da India, naõ se lhe fazia toleravel que os dous Monarcas de Portugal, e Castella, houvessem repartido entre si o Mundo, como se elles fossem senhores despoticos do Universo, ou as resoluções, e approvações dos Papas lhes podessem dar authoridade legitima para com o pretexto da Religiaõ, que só se deve insinuar nos corações por meio da palavra Divina, fazerem escravas as Nações, que nascêraõ, e Deos creou livres. Este ciume, naõ só era causa dos Cossarios Francezes nos pilharem os nossos navios de Commercio com o fundamento, de que transportavaõ fazendas dos Castelhanos; mas comprando alguns dos nossos Pilotos, irem perturbar o nosso trato na mesma India; assumpto Era vulg.

bem

Era vulg. bem natural para hum rompimento de guerra.

Ultimamente a temperie regular das Eſtações, que concorria para a fertilidade dos campos em tempo do Rei D. Manoel, e conſervou o Reino com abundancia: já antes do anno da ſua mórte era ella taõ irregular, e continuavaõ ſeccas por Portugal, Heſpanha, e Africa taõ devaſtadoras, que os grãos naõ multiplicavaõ, as arvores naõ fructificavaõ, os gados pereciaõ, e a vida ſe ſuſtentava com grande cuſto. Eſpecialmente em Africa era tanta a eſterilidade, que os Mouros vinhaõ em bandos ás noſſas Praças offerecer ſe por eſcravos, vender as mulheres, e os filhos, promettêrem de ſe fazer Chriſtãos, ſerem vaſſallos do Rei D. Manoel, e paſſarem a viver em Portugal: offerta, que foi propoſta nos noſſos Conſelhos para ſe reſolver ſe os Mouros haviaõ, ou naõ ſer admittidos no Reino. Eſtas, e outras ſemelhantes eraõ as reflexões, que ſe faziaõ como prognoſticos da declinaçaõ da felicidade Portugueza, e eſta a figura, em que

El-

El-Rei D. Joaõ achou o Eſtado no anno da mórte de ſeu grande Pai. Era vulg.

Da mórte deſte, e da ſua exaltaçaõ ao Throno, mandou logo D. Joaõ dar parte a ſeu primo Carlos V., a Franciſco de França, a Henrique VIII. de Inglaterra, e quando D. Miguel da Silva recebeo a ordem em Roma para uſar da meſma formalidade com o Papa Leaõ X. já elle era morto, e Adriano, que lhe ſuccedeo, e governava Heſpanha na auſencia de Carlos, ſendo Biſpo de Tortoſa, ainda ignorava a ſua eleiçaõ, que toda recahio ſobre os merecimentos deſte Flamengo, ſem ſe fazer caſo da baixeza do ſeu naſcimento. Elle, e os mais Governadores de Caſtella, que eraõ o Almirante, e o Condeſtavel, foraõ os primeiros, que em nome de ſeu Amo Carlos mandáraõ com o caracter de Embaixador a D. Joaõ Taveira, Biſpo de Burgos, que depois foi Cardeal de Toledo, fazer ao Rei, e Rainha viuva os cumprimentos de pezames, que neſtas occaſiões vem acompanhados dos de parabens ao Succeſſor pela exaltaçaõ ao Throno,

Era vulg. no, como lenitivos, que abrandaõ a dôr.

Sem perda de tempo fez El-Rei mercês a muitos Fidalgos, que tinhaõ ſervido com fidelidade a ſeu Pai, com eſpecialidade ao Conde de Portalegre, que fora ſeu Aio, ao de Penella, a D. Joaõ de Alarcaõ, a D. Joaõ da Silva, e a D. Alvaro de Caſtro. Fez mentiroſas as eſperanças dos Fidalgos moços, que no tempo de Principe entendiaõ lhes ſería facil abuſar da ſua brandura, clemencia, e affabilidade depois de Rei. Elle em nada os ouvia, em nada os conſultava, e quando todos o ſuppunhaõ eſcandaliſado de D. Martinho de Caſtello-Branco, Conde de Villa Nova, e de D. Alvaro da Coſta pelo concurſo, que elles déraõ para o terceiro caſamento de D. Manoel. El-Rei, que entaõ tratou a fundo eſtes Varões probos, entaõ os conheceo, os diſtinguio, os tratou como elles mereciaõ, como as providencias para o bom governo o neceſſitavaõ. Elles abríraõ caminho ſem ambiçaõ para outros benemeritos entrarem até ao la-

do

do do Rei, que teve a complacencia de vêr o ſeu Throno, como o de Salomaõ, rodeado de Leões generoſos, a guarda do ſeu Paço toda de Varões impavidos, que deſterraſſem delle os ſuſtos de dia, e os temores nocturnos. Era vulg.

D. Franciſco Coutinho, Conde de Marialva, e de Loulé; Fidalgo de qualidade taõ alta, como de merecimento excellente, que firmava o pezo dos ſeus ſerviços feitos na paz, e na guerra ſobre o apoio da idade veneravel de oitenta annos: elle naõ perdeo tempo para repreſentar a El-Rei, que de ſeu Pai D. Manoel havia conſeguido o caſamento do Infante D. Fernando com ſua filha unica, e herdeira D. Guiomar, ſenhora do maior dote, que entaõ havia nas Heſpanhas; caſamento, que naõ ſe chegára a concluir por cauſa da mórte naõ previſta d'El-Rei: que agora D. Joaõ de Lancaſtro, Marquez de Torres-Novas, com as lembranças de neto do Rei D. Joaõ II., como filho do Senhor D. Jorge, pedia o meſmo caſamento pelo célebre eſtylo de

pu-

Era vulg. publicar que elle eſtava occultamente recebido com ſua filha: que elle ſe queixava de temeridade ſemelhante, e pedia juſtiça.

Ouvio El-Rei ao Conde, e naõ quiz deliberar ſem os pareceres prudentes dos maiores Sábios, que conſultou em negocio de tanta gravidade. Reſultou das conſultas ſer o Marquez prezo no Caſtello de Lisboa, e ordenar-ſe a ſeu Pai que ſahiſſe da Corte. Mas porque eſtes Senhores ſe queixavaõ de que El-Rei lhes fazia huma injuſtiça, foi tal a ſua equidade, ſem attender aos intereſſes de ſeu proprio irmaõ, que determinou allegaſſem as partes o ſeu direito em Juizo contencioſo. Nove annos durou o pleito, que o Conde Pai naõ vio concluir. Em eſpaço taõ longo D. Guiomar ſe manteve conſtante contra o Marquez, ſempre favoravel ao Infante, que a recebeo por mulher. Foi porém caſo naõ vulgar, que tendo eſtes Senhores hum filho, e huma filha, o Varaõ falleceo em Agoſto de 1534, a femea no Setembro ſeguinte, dous mezes depois o Infante ſeu Pai,

da-

dahi a hum mez D. Guiomar ſua Mãi: Era vulg.
juizos inexcrutaveis da Providencia, que naõ quizéraõ conſentir em Portugal outra Caſa, que competiſſe com a de Bragança, voltando para a Coroa os ſeus conſideraveis Eſtados.

Dous negocios de importancia inquietavaõ o eſpirito de D. Joaõ no principio do ſeu Reinado: hum era o caſamento da Infante D. Iſabel, que ſeu Pai muito lhe recommendára: o outro os attentados de França, que naõ ſó rompia o noſſo Commercio, mas acceitava a offerta, que lhe viéra fazer da ſua peſſoa o Florentino Joaõ Varezano para levar os Francezes á India ao deſcobrimento de Reinos ainda ignorados pelos Portuguezes. Em quanto ao caſamento da Infante ſua irmã, El-Rei o deſejava ajuſtar com hum Principe taõ poderoſo, como entaõ era o Imperador Carlos V., mas por huma parte ſuppunha a amizade pouco firme pelas ſuggeſtões de Fernaõ de Magalhães, e receava que o Imperador com as armas quizeſſe ſuſtentar os pretendidos direitos da Coroa de Caſtella: por outra

Era vulg.

tra temia que a idéa de ſegurar na ſua peſſoa a Caſa de Borgonha, que França inquietava, obrigaſſe o Imperador a ajuſtar caſamento em Inglaterra, que lhe ſería mais intereſſante: perplexidades, que obrigáraõ El-Rei a eſperar, que Carlos vieſſe a Heſpanha para buſcar conjunctura de fazer a propoſta com vantagem.

Pelo que reſpeitava a França ſe tomou a reſoluçaõ de mandar por Embaixador a Joaõ da Silveira para repreſentar a Franciſco I.: Que o Rei de Portugal ſeu Amo eſtava informado, de que nos ſeus Eſtados era admittido o Florentino Varezano para ir fazer deſcobrimentos na Aſia a prejuizo da ſua Coroa: que nos portos da Normandia ſe preparavaõ Armadas com o deſignio de partirem a povoar o Braſil: que os corſarios Francezes com differentes pretextos naõ ceſſavaõ de pilhar os navios de commercio Portuguezes, diſſimulando tudo os ſeus Almirantes: que elle devia impedir tantas deſordens comettidas no meio da paz, ordenar a reſtituiçaõ dos roubos, e que ſeu Amo

da

da sua parte obraria o mesmo com a mais escrupulosa attençaõ. Este Embaixador em França foi bem visto, e mal despachado; porque ao mesmo tempo laboravaõ politicas, e intrigas, as primeiras para conseguir intentos, as segundas para dissimular projectos. Era vulg.

No mesmo tempo que entre as duas Cortes se dava principio a estes Officios, a de França mandava por Embaixador a Portugal hum Fidalgo Saboyano chamado Honorato de Cais, com o designio de propôr a El-Rei o casamento de Madama Carlota, filha do Rei Francisco, e este foi o motivo do uso, que se deo ás politicas para conseguir. Quando se tratava a negociaçaõ morreo a Princeza; e como o Rei de França já naõ necessitava do de Portugal para genro, naõ dissimulou a desesperaçaõ quando soube, que Pedro Botelho, General da Armada Portugueza, havia rendido outra de França, que levava roubada huma náo do Imperador carregada de ouro, e a conduzíra ao porto de Lisboa. Com tudo, elle teve de dár uso ás intrigas para dis-

Era vulg. diſſimular projectos, que fizeraõ demorar a Joaõ da Silveira nove annos na Corte de Paris ſem conſeguir das ſuas inſtancias mais vantagem, que a de fazer ſuſpender a navegaçaõ da Armada da Normandia, deſtinada aos deſcobrimentos da Aſia, e povoaçaõ do Braſil.

Com a noticia de ſer elevado á Cadeira Pontifical Adriano VI., que entaõ eſtava em Çaragoça governando Caſtella, como fica dito, El-Rei ſe congratulou com elle deſta alta fortuna por meio do Embaixador Ayres de Souſa, Comendador de Santa Maria de Alcaçova. Levava eſte Miniſtro para offerecer ao novo Papa a precioſa Reliquia do Santo Lenho, que o Preſte Joaõ da Ethiopia mandára a El-Rei D. Manoel, e ordem para lhe pedir o Priorado do Crato para o Infante D Luís. O Papa eſteve alguns dias ſem differir a eſte requerimento, mas ſervindo ſe da total ignorancia, que Ayres de Souſa tinha da Lingua Latina; qualidade bella no Embaixador, que negociava com hum Papa; elle lhe mandou paſ-

ſar hum Breve com tantas amfibologias, ſynonimos, e ſentidos encontrados, que déraõ occaſiaõ a dúvidas, que naõ ſe decidíraõ na vida do meſmo Papa. Duarte de Lemos, dos Senhores da Trofa, que o havia eſcoltar com huma Armada a Italia, como elle pedíra a El-Rei; o Doutor Joaõ de Faría, que lhe hia pedir as explicações do Breve, naõ o achando já em Caſtella, retrocedêraõ, ſem terem lugar o requerimento, e o obſequio. Era vulg

Ao meſmo tempo que o Papa partíra de Heſpanha, chegava a ella o Imperador Carlos, que ſem demora mandou a Portugal por Embaixador a Carlos Popeto de la Chaulx, ſeu primeiro Sumilher, para dar a El-Rei os pezames da mórte de ſeu Pai, os parabens da Dignidade, offerecer-lhe a renovaçaõ da antiga paz, e pedir-lhe tomaſſe partido a ſeu favor na guerra contra França. D. Joaõ ſe portou com eſte Miniſtro igualmente officioſo, e liberal. Acceitou a paz com condições illuſtres; mas eſcuſou-ſe da guerra com o pretexto da falta dos motivos, aſſe-

Era vulg. gurando porém, que a havellos, elle ſería o primeiro Principe, que o Imperador teria ao ſeu lado, naõ podendo por ora obrar mais, que offerecer a ſua mediaçaõ para hum ajuſte razoavel entre elle, e Franciſco de França. Deſpedido com grande ſatisfaçaõ o Embaixador, El-Rei quiz ouvir os votos do Conſelho a reſpeito do caſamento da Infante D. Iſabel com o meſmo Imperador, que ſeu Pai tanto lhe recommendára. Os votos ſe dividíraõ, contemplando huns vantajoſas as conſequencias, ſe foſſe a alliança dobrada por meio de huma troca: outros naõ podiaõ crêr em allianças de Principes, quando ſe mettiaõ de permeio intereſſes de Eſtado, e difficultavaõ conſentir, que a Infante levaſſe para fóra do Reino as gróſſas ſommas do ſeu dote.

Preferio El-Rei a eſtas dúvidas a ſatisfaçaõ da ultima vontade de ſeu Pai, e reſolveo-ſe mandar a Caſtella por Embaixador o Guarda-Mór D. Luís da Silveira, que El-Rei D. Manoel lhe apartára do lado ſendo Principe. Elle ſahio de Lisboa com tal fauſto, e acom-

pa-

panhamento, como naõ se havia visto outro em occasiões semelhantes: obsequios a hum dos validos do novo governo, que levavaõ os olhos fixos na probabilidade dos interesses futuros. Quando elle estava a partir, chegavaõ noticias do que acabava de succeder em Cabo-Verde com a unica náo, que escapára da navegaçaõ do Magalhães, e ferrára destroçada o porto daquella Ilha. Esta novidade naõ deteve a jornada do Embaixador; mas depois foi causa de se lhe mudarem as Instrucções, e agora dos dous Monarcas fazerem requerimentos nas respectivas Cortes. Queixava-se o Imperador na de Lisboa, de que os Portuguezes em Cabo-Verde quizeraõ tomar a sua náo; que fizeraõ represalia no batel com treze homens; que estes foraõ remettidos prezos para Portugal; que El-Rei mandára no alcance da mesma náo quatro caravellas, vindo ella de portos, que pertenciaõ a Hespanha sem offender os de Portugal; que isto era huma contravençaõ da paz, de que se lhe devia dar satisfaçaõ, e entregar os prezos. Era vulg.

Era vulg. El-Rei D. Joaõ da ſua parte requeria em Valhadolid ſe lhe mandaſſem reſtituir as eſpeciarias, que a náo trazia das Molucas, que pertenciaõ ao ſeu Reino, e aonde os Portuguezes commerciavaõ pacificos, ſem poderem conſentir outras Nações naquellas Ilhas; que a falta deſta reſtituiçaõ elle a teria por huma rotura da concordia; e que em quanto aos prezos, os mandaria ouvir em Juizo para nelle ſe decidir o ſeu proceſſo. Deſtas repreſentações naſceo mudar El-Rei toda a ordem da Embaixada, que ſe reduzio a viſitar o Imperador pela ſua vinda a Heſpanha, naõ ſe fallando palavra em caſamentos. D. Luís da Silveira depois de desfructar oito mezes agrados exceſſivos da Corte de Caſtella, ſem nada conſeguir voltou para Portugal. Na primeira viſta d'El-Rei naõ lhe beijou a maõ; e logo dos interpretes, huns tivéraõ a falta deſte dever por arrogancia naſcida dos muitos favores, que recebêra do Imperador; outros a eſtimáraõ confiança originada do muito trato, que des dos primeiros annos tivera com El-

Rei;

Rei; os menos queriaõ foſſe hum deſcuido cauſado pelo alvoroço de vêr a face do Principe. Era vulg.

Como quer que iſto foſſe, D. Luís da Silveira, que deſprezou o conſelho de ſeu Pai D. Fernando, quando o perſuadio naõ acceitaſſe a Embaixada de Caſtella, nem ſe apartaſſe da viſta d'El-Rei, que lhe poderia ſer auſencia fatal, agora ſe ſentio elle cahido do valimento; ſem deſpacho ás mercês, que pedia; deſprezados como extorquidos os Alvarás de lembrança, que El-Rei lhe déra ſendo Principe, e enthroniſado na graça D. Antonio de Ataide, que ſempre lhe diſputára nella o primeiro lugar. Com conſtancia de hum Heróe ſoffreo D. Luís eſte revez da ſua fortuna. Sentia-ſe a alma no ſeu fundo; o mal naõ lhe vinha ao roſto, que alegre, e jucundo na contínua aſſiſtencia do Paço, fazia vêr que delle naõ pretendia mais intereſſes, que ter a honra de ſervir toda a vida o ſeu emprego de Guarda-Mór com exacçaõ, e probidade.

CA-

CAPITULO III.

Escreve-se o caracter de D. Antonio de Ataide. Falla-se em casar El-Rei com a Rainha sua Madrasta, e trataõ-se as resultas desta proposta, com alguns successos da India.

Era vulg. COMO nós acabamos de dizer que com a exclusaõ de D. Luís da Silveira ficára no valimento do Rei D. Antonio de Ataide, que o servio toda a vida, e depois da sua mórte, abandonando o mundo, as suas dignidades, e honras, se retirou ao Convento de Franciscanos, que elle fundára na Villa da Castanheira para passar os seus dias em exercicios edificantes; eu devo despertar a memoria deste Varaõ excellente, merecedor das lembranças da Patria. D. Antonio de Ataide, primeiro Conde da Castanheira, foi educado no Palacio Real, aonde lançou taõ fundas as raizes no agrado d'El-Rei D. Joaõ, que em toda a vida naõ as podéraõ abalar as fúrias dos turbilhões

mais

mais violentos. As ſuas virtudes na idade de vinte annos o fizéraõ eleger Embaixador para França, aonde ſe conduzio com prudencia ſuperior á idade. Com o meſmo emprego nos grandes theatros de Caſtella, e Allemanha naõ mudou, antes polio mais as repreſentações da primeira figura. Era vulg.

Em premio de tantos ſerviços, ſobre as honras, que já tinha, foi nomeado Conſelheiro de Eſtado, Vedor da Fazenda, Alcaide-Mór de Collares, e Commendador da Langroina na Ordem de Chriſto. No meio das proſperidades deo taõ evidentes argumentos do ſeu deſprezo ás riquezas, que recuſou acceitar o copioſo legado, que lhe deixára o Infante D. Luis; que em manifeſto público declarou a ſeus filhos as cauſas de naõ os deixar ricos; porque antes os queria herdeiros da ſua reputaçaõ, que da ſua fazenda: dito, e feito, que entaõ, e em todos os tempos teve menos ſequazes, que admiradores, mais eſpantos, que imitações. Elle trabalhou por conſervar a rectidaõ em equilibrio, a fidelidade ao Rei inde-

Era vulg. declinavel, o amor á Patria conſtante, o zelo pela Religiaõ fervoroſo. Para próva do exercicio de todas eſtas virtudes ſaõ muitos os exemplos em toda a duraçaõ do ſeu valimento; mas por todos baſtará hum, que parece naõ deixar na heroicidade lugar vaſio.

O Senhor da Villa da Azambuja, caſa que corria parelhas com o Reino na antiguidade, opprimido de huma neceſſidade urgente, pedia a El-Rei licença para vender o Senhorio da ſua Villa. Como ella eſtava taõ immediata ás terras de D. Antonio, El-Rei o advertio que era boa a occaſiaõ para as ampliar com a compra da Azambuja. O generoſo Fidalgo lhe beijou a maõ pela mercê da lembrança, e com ſemblante de compadecido pelo mal alheio, lhe reſpondeo: Senhor, Voſſa Alteza naõ deve permittir, que na occaſiaõ de hum aperto ſe perca no ſeu Reinado o Chéfe de huma Caſa taõ nobre como a de Mouras: a Caſa de huns Fidalgos, que ajudáraõ a conquiſtar Lisboa para Corte Auguſta de Voſſa Alteza: faça, Senhor, mercê ao Do-

na-

natario da Azambuja de lhe naõ dar licença para ſemelhante venda: ſoccorra-o a liberalidade magnanima de Voſſa Alteza com a quantia neceſſaria para remir a ſua vexaçaõ, e naõ ſe perca em Portugal a memoria, de que a Villa da Azambuja he da familia dos Mouras. Naõ pode El-Rei neſte lance eſcuſar-ſe á admiraçaõ; mas em D. Antonio a ambiçaõ, e a avareza, de envergonhadas, ſummíraõ-ſe. Era vulg.

Nós ignoramos ſe eſte grande homem ſe conformou no parecer com o do Duque de Bragança D. Jayme a reſpeito do caſamento d'El-Rei: materia muito importante, que ſe fazia attendivel no meio dos muitos negocios, que entaõ deſafiavaõ a circunſpecçaõ do Eſtado. Fazendo o Duque reflexaõ, em que a Rainha viuva D. Leonor, ſahindo de Portugal, levava hum theſouro, quiz prevenir as conſequencias deſta extracçaõ, e propoz a El-Rei o muito que lhe era conveniente, e ao bem do Reino o caſamento com a Rainha ſua Madraſta; que em toda a Europa havia Princeza com qualidades reſ-

Era vulg. reſpectivas a Portugal taõ vantajoſas; e que ſe previniria o Papa Adriano para dar a diſpenſa. El-Rei ouvia eſta propoſta com o horror natural, que o fazia conceber huma como impoſſibilidade de communicar mulher, a que eſtava tratando Mãi. Attendendo aos intereſſes communs, ſobre a materia ſe convocáraõ Conſelhos; chegáraõ as vozes aos ouvidos do Povo de Lisboa, que arrogando-ſe a repreſentaçaõ do de todo o Reino, lhe dirigio huma Oraçaõ bem tecida, pedindo em nome de Portugal, que na materia do ſeu caſamento ſe conformaſſe com as intençóes juſtas do Duque de Bragança.

El-Rei, rodeado de perplexidades á viſta da approvaçaõ geral, entregou o negocio ás diſpoſiçóes Divinas por meio de preces fervoroſas encaminhadas ao Ceo, que o livrou dos embaraços interiores. Elle eſcolheo por inſtrumento ao meſmo Imperador, que mandou pedir a El-Rei permittiſſe á Rainha recolher-ſe a Caſtella com a Infante D. Maria, ſua filha. El-Rei teve eſte requerimento do Imperador por

hum

hum effeito de inſpiraçaõ ſuprema, e ſem difficuldade conveio na primeira parte delle: em quanto á ſegunda ſe conformou com o voto de D. Franciſco de Portugal, Conde do Vimioſo, que ſe oppoz á reſoluçaõ de apartar do Reino a Infante, filha do ſeu Rei, que ſe havia criado nelle. Quando as couſas eſtavaõ neſta figura, ſuccedeo laborar a peſte em Lisboa; El-Rei retirar-ſe para o Barreiro; fazer o meſmo a Rainha, e a Corte. Depois da mórte de ſeu Pai ſempre D. Joaõ viſitou reſpeitoſo, e ſincéro eſta Senhora. Agora pela eſtreiteza do lugar, ſem alterar a ſinceridade, e o reſpeito, a viſitava com mais frequencia. Era vulg.

Succedeo o ſoberbo Secretario Chriſtovaõ Barroſo, Agente do Imperador em Lisboa, ſentir-ſe do Porteiro-Mór Chriſtovaõ de Mello o fazer deſcobrir eſtando na preſença d'El-Rei. Quando elle ſe deſculpou com os flatos, que padecia na cabeça, ſe lhe mettêraõ nella os de traçar o ſeu deſpique cortando por altos objectos. Depois de con-

Era vulg. conſeguir de ſeu Amo por indúſtrias eſtranhas o titulo de Embaixador para poder com ſegurança eſtar a coberto dos flatos; com apparencias de obſervador zeloſo das viſitas d'El-Rei á Rainha, entrou attrevido a derramar o eſcandalo. Com publicidade inſolente, naõ ſó punha a bocca no ceo das Mageſtades; naõ ſó arraſtava a lingua pela terra motejando o intentado caſamento dos Reis; naõ ſó punha na face do Imperador attrevimentos inauditos contra as ſuas peſſoas ſagradas; mas paſſando El-Rei do Barreiro para Almeirim ſeguindo-o a Rainha, lhe ſahio ao encontro em Mugem, e teve o arrojo de lhe dizer com o imperio de quem ordenava, que S. A. daquelle lugar para diante naõ havia paſſar, fazendo-a entender que para a impedir tinha toda a authoridade do Imperador, ſeu irmaõ. A Rainha entendeo entaõ o motivo das inſtancias deſte Principe para ella ſe recolher a Caſtella: informou-o das intrigas do Barroſo, ſentio-ſe, queixou-ſe dos ſeus attrevimentos ſacrilegos, e o Imperador juſto teve por

con-

conveniente remedio para os flatos do Embaixador lançallo ás galés. Era vulg.

Em quanto a Rainha ſe dilata em Mugem até chegar o tempo da ſua retirada para Caſtella, como diremos em ſeu lugar, vamos nós ouvir os ſucceſſos da India no principio deſte Reinado. Nella deixamos por ultimo Governador nomeado por El-Rei D. Manoel no anno da ſua morte a D. Duarte de Menezes, que o era de Tangere, aonde o ficou ſubſtituindo ſeu irmaõ D. Henrique de Menezes, e elle levou á India para General do mar o outro irmaõ D. Luís, que em Chaul foi entregue da Armada por Antonio Correia Baharem, que a governava depois da morte de Diogo Fernandes de Béja, como nós diſſemos no fim do Tomo precedente. Antes do Governador Diogo Lopes de Siqueira partir para o Reino, D. Duarte metteo de póſſe do governo de Goa a Franciſco Pereira Peſtana; da Fortaleza de Chaul a Simaõ de Andrade, e depois de ſe partir Diogo Lopes, elle ſe foi a Cochim.

Ainda D. Duarte ignorava o bom

ſuc-

Era vulg. ſucceſſo, que as noſſas armas tiveraõ no cerco, que o Rei de Ormuz, e Raix Xarafo haviaõ poſto a Fortaleza, como tambem fica dito; e para prevenir as conſequencias, ordenou a ſeu irmaõ D. Luís, que ainda eſtava em Chaul, partiſſe ſem demóra a ſoccorrer a praça. Elle ſe fez á véla com dez galeões guarnecidos da melhor gente, levando a Joaõ Rodrigues de Noronha para ſucceder no governo de Ormuz a D. Garcia Coutinho, que tinha o ſeu tempo acabado. Ainda elle achou o novo Rei, e a Xarafo na Ilha de Queixome, para onde ſe haviaõ retirado depois de derrotados em Ormuz; mas ao Principe miſeravel na triſte figura de hum eſcravo de Xarafo. D. Luís, que deſejava reſtabelecer a paz com firmeza, para naõ irritar os animos de novo fez a ambos varias propoſtas cheias de moderaçaõ, que encontráraõ em Xarafo ſoberbo deſcomedimentos inauditos para nos enviar reſpoſtas inſolentes.

Queriaõ os Portuguezes que a Ilha de Queixome foſſe o theatro da noſſa

vin-

vingança; mas D. Luís ainda se resolveo a obrar reportado na consideraçaõ de que fugindo Xarafo para a terra firme, de nada nos serviria destruir o Rei de Ormuz. Este Principe, ainda que moço, teve a advertencia de lhe parecer justo ouvir as condições, com que os Portuguezes pretendiaõ a paz, para entaõ se tomarem as deliberações. O Xarafo estimou este desejo do Principe por hum crime taõ atroz, que preparou hum cópo de veneno, com que lhe tirou a vida. Conhecêraõ entaõ os Portuguezes, que em Ormuz naõ podia haver socego em quanto vivesse Xarafo; que se deviaõ escogitar os meios de lhe dar a morte; que deste empenho haviaõ ficar encarregados o novo Governador Noronha, D. Garcia Coutinho, e seu irmaõ D. Gonçalo; que para se naõ fazer suspeitoso, D. Luís se recolhesse para a India, deixasse em Ormuz os reforços necessarios de náos, e gente, e aquelles tres Chéfes encarregados das negociações apparentes, que haviaõ tratar com Xarafo em Queixome, até se logtarem os designios. Era vulg.

Es-

Era vulg. Eſte tyranno, depois de ſaber dos tres Capitães Portuguezes que naõ duvidariaõ reconhecer Rei ao que elle quizeſſe eleger; Xarafo fez apparecer em público outro fantaſma da Mageſtade em hum moço de doze annos, ſobrinho do Rei, que elle acabava de matar. Os noſſos Officiaes naõ ſe deſcuidavaõ de buſcar todos os meios para caſtigar no impio o crime do parricidio, quando a fortuna lhes metteo a occaſiaõ em caſa. Eſtava na companhia de Xarafo ſeu irmaõ Sabadim, que D. Luís de Menezes fez fogir de Soar na ſua vinda para Ormuz. Intentou eſte abuſar da honeſtidade da mãi de hum Mouro muito poderoſo de Queixome, chamado Xemeſim, que offendido na honra, determinou naõ lhe demorar a vingança. Para deſcarregar o golpe com ſegurança da peſſoa, pedio a protecçaõ dos noſſos Capitães, que naõ ſó lha offerecêraõ efficaz, mas o eſtimuláraõ generoſo, para que involveſſe a Xarafo no deſpique, que lhe daria a gloria de dous deſagravos completos; hum da honra propria offendida por Sabadim,

dim, outro da injúria do Rei morto Era vulg.
por Xarafo.

Xemeſim animado com as noſſas promeſſas, e acompanhado de ſeus parentes, e amigos, cumprio com a primeira parte da commiſſaõ, dando a morte a Sabadim. O eſtrondo della chegou aos ouvidos de Xarafo, que ſe poz em cobro, antes que Xemeſim o inſultaſſe, naõ lhe dando a preſſa tempo de buſcar lugar de refugio ſenaõ Ormuz, aonde entrou disfarçado. Eſcondido na Cidade, pedio ſeguro aos noſſos Capitães para lhes fallar em negocios importantes, que ſó devia tratar em peſſoa. Elles alvoroçados com eſta noticia, que lhes mettia nas mãos a Xarafo, ainda naõ ſabedores do que ſe paſſára em Queixome, dado o ſeguro, que o barbaro lhes pedia; elles recebem cartas de Xemeſim, em que lhes dava parte da morte de Sabadim: que buſcando a Xarafo, já o naõ achára: que lhe conſtava ſe eſcondêra em Ormuz em trajes de camponez: que eſtava em tal caſa, donde logo o deviaõ tirar para darem a morte a eſta origem infame

Era vulg. de todas as calamidades do Reino: que elle se fazia prestes com toda a sua familia para vir estabelecer-se em Ormuz, e continuar a dar próvas significantes da sua fidelidade no serviço do Rei de Portugal.

Sobprendêraõ-se os nossos com esta noticia, sentidos do seguro, que déraõ a Xarafo; mas arbitráraõ ir á casa aonde elle se escondia; fingir huma pendencia, e no ardor della matarem ao desconhecido Xarafo. Esta resolução mudou de semblante, contentando-se os Capitães com trazer prezo para a Fortaleza ao trahidor, publicando que o Governador da India faria delle justiça, quando viesse a Ormuz; naõ sem escandalo universal das gentes, que attribuíraõ a repentina, e piedosa clemencia com réo semelhante a effeito das promessas interessantes de Xarafo, que tinha muitos meios para as cumprir. Xemesim, já estabelecido, e criado Juiz de Ormuz, naõ cessava de animar a voz do Povo: nada se conseguio: Xarafo ficou prezo esperando a vinda do Governador: D. Garcia, e

D.

D. Gonçalo Coutinho navegáraõ em duas náos para a India; mas a de D. Garcia, que hia riquissima, se desfez com huma tormenta junto a Mascate, aonde tudo se perdeo, e elle a vida com a maior parte da tripulaçaõ. D. Gonçalo, que pode sustentar o temporal sobre ferro, quando elle amainou, recolheo a gente, que andava aboiada nos destroços da náo perdida, e chegou á India a salvamento. Era vulg.

CAPITULO IV.

Fundaõ os Portuguezes nas Molucas a Fortaleza de Ternate. Primeiras acções do Governador D. Duarte de Menezes, e as de Africa no Reinado de D. Joaõ III.

NOS seus annos respectivos escreví eu o que pertencia ao descobrimento das Ilhas Molucas; o bom acolhimento, que os Portuguezes encontráraõ no Rei de Ternate, desejoso de que nos seus Estados fundassemos hum a Forta-

Era vulg. leza, como lhe affegurou D. Garcia Henriques, que foi mandado tratar efta negociação em Ternate por Garcia de Sá, então Governador de Malaca. Agora atando o fio da Hiftoria, vamos a dizer que Antonio de Brito, depois da derrota que os Portuguezes tivérão em Bintão, como eu deixo referido; elle fe retirou com a fua Efquadra para a Ilha Jaoa, a efperar monção para navegar a Ternate, aonde chegou em Maio defte anno. Antonio de Brito não quiz tocar na Ilha de Tidore, por ir já inftruido que o feu Rei, perfuadido pelos Caftelhanos, matára com veneno o noffo amigo, e feu genro, o Rei de Ternate; e por não demorar nefta Ilha a fabrica da Fortaleza, que era o deftino principal da fua viagem.

Da Rainha viuva, e do Rei pupillo foi elle recebido com as demonftrações da maior honra, affim na fua entrada do porto, como na vifita, que immediatamente lhes fez em peffoa para os confolar na mórte do Rei, e offerecer officiofo no feu ferviço. Foi lo-

logo destinado lugar para a Fortaleza, fornecidos os materiaes necessarios; Antonio de Brito lhe poz a primeira pedra ao som dos instrumentos militares, de muitas descargas de artelharia, e com igual fervor entrárao a trabalhar nella os Nacionaes, e Portuguezes. Com a noticia desta fábrica, que o Rei de Tidore entendeo sería util aos interesses dos de Ternate; elle os quiz participar, e mandou hum Embaixador a Antonio de Brito, que da parte de seu Amo lhe offereceo amizade; que o desculpou por haver admittido aos Castelhanos na sua Ilha, e que lhe pedia quizesse ir a Tidore edificar outra Fortaleza como a de Ternate. Antonio de Brito ainda que respondeo civil escusando-se, a Rainha sentio que naõ condescendesse com os rógos do Rei seu Pai: sentimento naõ pensado, sendo elle o author da mórte de seu marido, e que obrigou Antonio de Brito a prevenir-lhe as consequencias futuras, antes que passasse a rancor a melancolia, com que já nos tratava esta Princeza. Era vulg.

O

Em vulg. O Rei defunto deixára hum filho baſtardo chamado Cachildaroes, que a Rainha deſeſtimava, de que ninguem em Ternate fazia caſo, e o Brito o entendeo inſtrumento habil para eſtabelecer a noſſa ſegurança na Ilha pelo ſeu deſembaraço, e capacidade. Elle o attendeo, o introduzio na amizade dos melhores, conſeguio da Rainha fazello Regedor do Reino, e quando vio que pela ſua authoridade ella o tinha por ſuſpeito, o Brito lhe deſtinou huma guarda dos ſeus amigos fiéis, que lhe conſervaſſem com o reſpeito do cargo a vida da peſſoa. Creſceo entaõ o ciume da Rainha, o do Rei de Tidore, que com ella ſe queixou da diſtinçaõ exceſſiva, com que os Portuguezes o faziaõ tratar no Reino; mas depois moſtráraõ as experiencias quanto nos foi conveniente a amizade de Cachildaroes em Ternate.

Cuidadoſo no cumprimento das ſuas obrigações, o Governador D. Duarte de Menezes depois de deſpachar em Cochim aos Fidalgos providos nas Fortalezas, que eraõ, em Coulaõ Joaõ de Mel-

Mello da Silva, em Cochim D. Diogo de Lima, em Calecut D. Joaõ de Lima; elle foi para Goa prover os mais negocios do Eſtado, eſpecialmente a navegaçaõ, que neſte anno havia fazer á China Martim Affonſo de Mello Coutinho, como El-Rei lhe ordenára, e elle em Goa eſperava pelo Governador com duas náos, que viéraõ na ſua conſerva. Além deſtas, de que eraõ Capitães Vaſco Fernandes Coutinho, e Pedro Homem; D. Duarte lhe deo outro navio para Martim Affonſo levar nelle a ſeu irmaõ Diogo de Mello. Na meſma comitiva deſpachou com duas náos a D. André Henriques para ir tomar poſſe da Fortaleza de Pacem a prejuizo de Antonio de Miranda, que naõ tinha acabado os ſeus tres annos; mas Martim Affonſo fez executar as ordens do Governador, que no prudente Miranda naõ encontráraõ a menor oppoſiçaõ. Era vulg.

Acompanhado de Antonio de Miranda, veio Martim Affonſo a Malaca para continuar a jornada infeliz da China, que depois dos inſultos cometti-

Era vulg. tidos por Simaõ de Andrade fazia viva guerra aos Portuguezes, como elle foi informado por Duarte Coelho, que achou em Malaca de volta daquelle Imperio. Fiado nas boas náos, e importante carga estimada na China, Martim Affonso resolveo continuar a jornada na companhia do mesmo Duarte Coelho. Em Agosto deste anno, mais grossa a Esquadra com as prezas, que fez no caminho, elle chegou aos pórtos da China; mas tanto que os Chinas a conhecêraõ Portugueza, sahíraõ com huma poderosa Armada a investilla. O nosso Commandante, que naõ queria a guerra, senaõ adoçar os animos, foi soffrendo inalteravel toda a sórte de atrevimentos. Já desenganado, de que por modo algum applacava a indignaçaõ dos Chinas, tendo perdido nos repelões alguma gente, voltou as prôas para Malaca. Os Chinas ao sahir do porto lhe viéraõ no alcance; abordáraõ os navios de Diogo de Mello, e de Pedro Homem, que ficavaõ muito pela reta-guarda da Fróta; o do primeiro Capitaõ ardeo com toda a gen-

gente; a do segundo foi passada á espada; e o tempo que os Chinas gastáraõ nesta manobra servio a Martim Affonso, a Vasco Fernandes, e a Duarte Coelho para se velejarem, e pôr a perder de vista dos seus perseguidores. Era vulg.

Hum temporal arrojou os tres Capitães á Ilha de Çamatra, e prolongando a cósta viéraõ a Pacem, aonde acháraõ a D. André Henriques na ultima consternaçaõ atacado pelo Rei de Dachem. O soccorro naõ esperado destes hospedes arrancou aos nossos das mãos da angustia, e fez levantar o sitio aos Barbaros, antes que elles desembainhassem as armas. De Pacem foi Duarte Coelho para Malaca, e Martim Affonso esperou a monçaõ para Cochim, aonde acabou a vida, sem lograr os designios.

A desgraça de Pedro Lourenço de Mello na mesma viagem da China, ainda foi mais lastimosa, que a de Martim Affonso. Para naõ navegar ás ordens deste Cabo, Pedro Lourenço de Mello, que havia ir com elle, se dei-

xou

Era vulg. xou ficar em Cochim, aonde paſſou o Inverno. No Setembro ſeguinte partio elle ſó na derrota de Pacem; mas 40 legoas diſtante da cóſta de Arracaõ o aſſaltou de noite hum tempo taõ rijo, que a náo ſe fez em pedaços nos rochedos de huma Ilha. Os poucos, que eſcapáraõ vivos, foraõ coſteando no batel até a embocadura de hum rio, donde ſahíraõ os naturaes a perguntar-lhes da parte do Senhor da terra o que neceſſitavaõ della. Entendêraõ os afflictos que encontravaõ humanidade; fiáraõ-ſe nas apparencias compaſſivas; chegáraõ á praia entre huns rochedos, aonde com igual ſemblante de magoados o eſperavaõ o meſmo Senhor do Paiz, e muita gente. Elles entretinhaõ os noſſos com eſperanças de os conduzir a Pacem, até baixar a maré, que era o que eſperavaõ os Barbaros para ficar o batel atracado entre as róchas. Entaõ foraõ elles aſſaltados, e prezos; mas paſſado pouco tempo, o Chéfe dos Barbaros naõ eſperando por elles reſgate, nem querendo deſpender em ſuſtentallos, mandou metellos em hu-

ma

ma cabana de palha, deo-lhes fogo, e ſe recreou de os vêr abrazar vivos. Era vulg.

O Governador Diogo Lopes de Siqueira, antes de partir para o Reino, communicou a D. Duarte que elle ſoubéra com inſtrucçaõ plena, como no anno de 1517, vindo de Malaca os dous Portuguezes Diogo, e Sebaſtiaõ Fernandes na companhia de huns mercadores ao Lugar de Paleacate na cóſta de Coromandel, nella ſe encontráraõ com huns Armenios Chriſtãos; que eſtes os convidáraõ para irem com elles á caſa de hum Santo, que ficava dalli poucas legoas ao longo da cóſta: que elles víraõ aquelle edificio da mais remota antiguidade firmado em tres naves, e no ſeu interior huma Capella, aonde ſe dizia eſtar ſepultado o Corpo do Apoſtolo S. Thomé: que ao lado oppoſto ficava outra Capella, que tambem ſe affirmava ſer o lugar da ſepultura de hum Rei da terra, que o Apoſtolo convertêra: que o corpo da Igreja eſtava muito gaſtado dos combates dos Seculos, e nelle lavradas muitas Cruzes floreteadas na fórma da que

tra-

Era vulg. trazem os Pereiras no eſcudo das ſuas Armas: particularidades, e outras muitas, que Diogo Lopes communicava ao Governador D. Duarte para elle mandar examinar quanto havia de eſtimavel neſta Santa Caſa, aonde ſe conſervavaõ as memorias de hum Apoſtolo, que pregára na Aſia.

D. Duarte naõ ſe eſqueceo deſta inſtrucçaõ, e no anno de que tratamos, mandou a Manoel de Frias, ſeu criado, com huma caravella, e tres fuſtas á cóſta de Coromandel para vêr o modo, com que nella ſe conduziaõ os Portuguezes contratadores; fazer provimentos dos muitos generos, que naquelle Paiz ſe davaõ quaſi de graça, e ſobre tudo examinar quantas memorias, e veſtigios foſſem reſpectivos á Caſa do Santo Apoſtolo. Manoel de Frias tudo achou confórme á relaçaõ, que os dous Fernandes Portuguezes haviaõ dado na India, e o communicou ao Governador, que ſem demóra deſpedio ao Padre Alvaro Penteado com cartas ao Feitor, em que lhe ordenava que pela direcçaõ do meſmo

Pa-

Padre fizeſſe logo reparar com decencia a Caſa do Santo Apoſtolo. Como o Padre, naõ ſó queria reedificar o Templo, que achou bem confórme com as informações, mas edificar hum Moſteiro de Religioſos para ſua guarda, deſpezas em que o Feitor naõ convinha; elle ſe embarcou para Lisboa a dar parte de tudo a El-Rei, que o tornou a mandar á India. Era vulg.

Como a obra naõ teve effeito, o Governador no meſmo anno enviou em huma náo a Pedro Lopes de Sampayo com o Padre Antonio Gil, e na ſua companhia a Diogo Fernandes, que era hum dos que foraõ com os Armenios ao Templo, e informára a Diogo Lopes, e com elles varios Officiaes, que ſem perda de tempo trabalhaſſem na obra. Aſſeguraõ as memorias deſta jornada, que indo Pedro Lopes com a ſua comitiva caminhando as ſete legoas de Paleacate ao Templo nas demonſtrações da maior feſta, e prazer; que apenas o aviſtáraõ, de repente fora tal, e taõ geral a compunçaõ, as lembranças de Deos, a memoria dos

pec-

Era vulg. peccados, que nenhum fallára mais palavra; que chegados ao Templo se desfaziaõ em pranto taõ excessivo, mas de tanto jubilo, que naõ podiaõ, nem desejavaõ conter as lágrimas. Celebrou o Padre o Sacrificio Santo dos nossos Altares; entrou-se á obra; foraõ achados os ossos do Rei, que o Apostolo bautisára, e se conservava a tradiçaõ, de que se chamava Tanimoduliar, que queria dizer Thomaz servo de Deos; e debaixo delles huma pedra, que dizia: Eu dou os dizimos das rendas das mercadorias, assim do mar, como da terra, para esta Santa Casa, e mando aos meus descendentes que tambem os dem em quanto o Sol, e a Lua durarem, com grandes maldições aos que assim o naõ fizerem.

Naõ estava Africa ociosa, quando se trabalhava na India. He verdade que com a morte do Rei D. Manoel parecia, que espiravaõ as esperanças das nossas vantagens Africanas. Pouco antes della foraõ vistos acabar dous heróes invenciveis, terrores da Mauritania, os grandes Nuno Fernandes de

Atai-

Ataide, e Cide Haya Abentafut. Depois della viraõ todos perder-se o Cabo de Aguer, terrenos vastos, vassallos numerosos, em fim, Arzila, Alcacer Ceguer, Çafim, Azamor, monumentos eternos da corage Portugueza, aonde ella obrou os milagres, que pozeraõ em admiraçaõ o Mundo, agora abandonados com espanto maior do mesmo Mundo. Governava porém a Azamor o alentado Gonçalo Mendes Çacoto, que naõ pode soffrer a insolencia de Allimimero, Mouro taõ poderoso, que tendo effectivamente ás suas ordens cinco mil cavallos, negava a obediencia, que devia ao Rei de Fez, zombava das suas ordens, talava as nossas campanhas. O Çacoto o busca com 200 cavallos, 1$100 Infantes, e naõ o achando em tres dias de marcha, em Zalé se encontra com tres dos seus Xeques, que desafia, combate, e derrota. Era vulg.

As consequencias desta victoria foraõ gloriosas. Dos Mouros poucos escapáraõ vivos: os tres Xeques foraõ prezos com as suas familias, e huma

das

Era vulg. das mulheres de Allimimero: os captivos ordinarios paſſáraõ de 700: o deſpojo conſtou de 2⃠000 camellos, de 20⃠000 cabeças de gado miudo, grande quantidade de petrechos militares, que provêraõ a Praça. Da noſſa parte naõ tivemos mais perda, que a de dous cavallos, e na retirada o goſto de encontrarmos huns poucos de Almocadens, que acabavaõ de tomar na barra de Azamor hum patacho Caſtelhano, em que matáraõ nove homens. Os noſſos os prendêraõ, e querendo o Çacoto reſervallos para os reſgates, os ſoldados clamáraõ que naõ ſe concedeſſe a vida aos Barbaros, que ainda vinhaõ ſalpicados do ſangue quente dos Chriſtãos. Aſſim ſe executou, e os noſſos tiveraõ o entretenimento de lhes ir cortando as cabeças, ſem attençaõ a que eraõ Mouros diſtinctos.

CA-

CAPITULO V.

Continuaõ os ſucceſſos da India, e trata-ſe da jornada da Rainha D. Leonor para Caſtella.

SERIA a occurrencia dos negocios, que acompanhaõ os principios dos novos reinados, ou as mudanças da vigilancia, e da fortuna: ellas foraõ viſtas eſte anno no Téjo, quando houve de ſe apreſtar a primeira Fróta, que El-Rei D. Joaõ mandava á India. Tres náos ſe fizeraõ promptas, duas d'El-Rei, huma de Mercadores, todas com governo arbitrario á diſcriçaõ de cada hum dos ſeus Capitães, que eraõ Diogo de Mello, deſpachado com o Governo de Ormuz, D. Pedro de Caſtro, e D. Pedro de Caſtello-Branco. Deſtas tres náos ſó a de D. Pedro de Caſtro chegou á India eſte anno, e elle fez pública a mórte d'El-Rei D. Manoel, que cauſou nos ſeus vaſſallos dôr taõ extrema, que os corações tinhaõ por incompetentes as deviſas exteriores do Era vulg.

Era vulg. luto mais rigoroſo para marcarem as amarguras internas dos ſeus eſpiritos ternos, officioſos, fideliſſimos. Em Goa ſe lhe fizeraõ exequias ſolemnes; o meſmo praticáraõ todos os Chéfes das outras praças; depois ſe quebráraõ os eſcudos, e miſturadas as vozes das lágrimas com os gritos do alvoroço, foi acclamado na India o novo Rei.

Nos dias da pompa funebre chegou D. Luís de Menezes de Ormuz a Goa. Seu irmaõ o deſpedio logo para Cochim, aonde havia fazer celebrar as exequias do Rei defunto, e deſpachar a Fernaõ Gomes de Lémos para ir tomar poſſe do governo de Ceilaõ, que lhe havia entregar Lopo de Brito. De Cochim partio D. Luís em huma Armada de oito náos, e quatro caravelas para Maçua com ordem de conduzir a D. Rodrigo de Lima, que no anno de 1520 fora mandado por D. Manoel com o caracter de Embaixador ao Preſte Joaõ. Toda a tripulaçaõ ſahio do porto muito deſgoſtada da auſteridade de D. Luís, que tratava aos homens de guerra com a menos attençaõ, que naõ he tolera-

vel

vel á gente, que faz profiſſaõ da hon- Era vulg.
ra; que ſabe embotar as finezas no ſerviço, quando lhe amolgaõ os fios com groſſarias; e que nas occaſiões cuida mais em derrotar o crédito dos Chéfes, que a offendem, que em ſe arrojar aos perigos, que a illuſtraõ. Mas deixando a D. Luís neſta viagem, vamos acompanhar a ſeu irmaõ D. Duarte na de Ormuz, que lhe eſtivéra melhor naõ emprehendella.

Com a reſoluçaõ de invernar neſta 1523
Cidade, ſahio o Governador de Goa em Fevereiro com huma Armada de treze embarcações de todos os lotes, bem provida em Baticala do neceſſario para a viagem, e para a aſſiſtencia em Ormuz. Elle navegou com felicidade ao ſeu porto, aonde foi recebido com muito applauſo, eſpecialmente do Governador Joaõ Rodrigues de Noronha, que elle achou empenhado na ſoltura do trahidor Xarafo. Os motivos do empenho diziaõ entaõ com publicidade as linguas de Ormuz; e quando o Governador D. Duarte condeſcendeo com elle, reforçado pelo que lhe fez o Rei

Era vulg. minino, que naõ ſabia o que pedia, ſendo viſto Xarafo paſſear ſolto em Ormuz com a meſma arrogancia, que antes: a reputaçaõ de Joaõ Rodrigues de Noronha, de D. Duarte de Menezes, e do Rei de Ormuz, ella andava raza pela terra: vozes de hum Povo eſcandaliſado, que tomado da cólera a nada perdoa, nada reſpeita. Entaõ ſe diſſe, que o Governador D. Duarte quizéra outra vez prender a Xarafo; mas elle naõ o fez.

O Mouro Xemeſim, que tantos ſerviços nos fizéra na occaſiaõ da perfidia de Xarafo, e nós lho pagámos com lhe tirar a vida, como logo diremos; elle conſiderando-ſe perdido com a ſoltura deſte trahidor, buſcou a D. Duarte; fez-lhe as repreſentaçoẽs mais vivas, inſtou, perſuadio, expôz a perfidia de Xarafo, as ſuas extorsoẽs; quanto elle obrára neſtes caſos em ſerviço dos Portuguezes; mas tantas inſtancias, além das repulſas, encontráraõ ameaças; abríraõ o paſſo a Xarafo para lhe ſuppôr crimes, entre elles o de haver dado a mórte a tres Portu-

tuguezes; formárem-ſe proceſſos, tirarem-ſe devaças, e reſolver-ſe em hum Conſelho, que Xemeſim devia morrer; injuſtiça a que naõ pode conter-ſe a probidade de Lopo de Azevedo, que fiado no reſpeitavel dos annos, e do naſcimento, diſſe: Juſto he que ſe dê a Xameſim de ſobejo, o que Xarafo levou de menos: aquelle, porque dizem que matou tres, ha de ſer degollado; eſte que ſem dúvida tirou a vida a cento e tres, merece andar ſolto. Cuſtoſa foi de tragar eſta pilula; mas ella naõ evacuou os máos humores, como logo moſtraráõ os ſucceſſos. Era vulg.

Dos ajuſtes da paz com o Rei por intervençaõ do Xarafo naſcêraõ outros eſcandalos, que naõ ſó déraõ aſſumpto a vozes novas, ſenaõ que confirmáraõ verdadeiros os clamores paſſados. Com força ſe ſuſtentou nas primeiras ſeſsões: Que o Rei devia pagar as perdas, que ſe cauſáraõ nas ultimas revoltas: Que em pena da deſobediencia dobraria a quantia do tributo: Que na Alfandega haveria hum Eſcrivaõ do Rei de Portugal, que tomaſſe conta de todo

Era vulg. do o ſeu rendimento para pertencer ao meſmo Principe: Que ao Rei de Ormuz ficaſſe a liberdade de ir reſidir em Queixome, ou aonde bem lhe pareceſſe: Mas com pouco intervallo de tempo a força enfraqueceo tanto, que de todo o empenho ſe deſiſtio; as couſas ficáraõ como d'antes; a Alfandega para o Rei de Ormuz; o tributo o meſmo que era; e Xarafo, que tudo conſeguíra, amigo do Governador paſſado Joaõ Rodrigues de Noronha, introduzido com o preſente Diogo de Mello, bem viſto de D. Duarte de Menezes, na graça do Rei de Ormuz.

Em quanto o Governador D. Duarte ſe entretinha neſtes negocios, ſeu irmaõ D. Luís, que ſahíra com a Armada de Cochim para o Eſtreito, chegou a Çocotorá, e fazendo-ſe na volta de Adem, aonde tomou várias náos importantes de Cambaya, foi ter á rica Cidade de Xael, fórte, e bem preſidiada, que elle determinou inveſtir para enriquecer a todos os ſoldados com os ſeus conſideraveis deſpojos. Lo-

ge

gò que deo ferro no porto, elle mandou nos bateis assaltar as muitas náos, que nelle estavaõ; baldear os seus generos na Armada; pôr fogo á todas, como se executou com incrivel facilidade. No dia seguinte se postou em terra com setecentos homens, que elle commandava, e ás suas ordens, cobrindo as divisões dos corpos, Antonio de Lémos, Lopo de Azevedo, Jorge Barreto, e Ruy Vaz Pereira. Atropelando montes de perigos, desprezando o fogo contínuo da numerosa guarniçaõ com o seu Rei na tésta; os Portuguezes, ainda que perdêraõ 23 homens, montáraõ por escadas o muro, entráraõ a praça, degolláraõ gente innumeravel, pozeraõ ao Rei em fugida, déraõ fogo ao Palacio, gastáraõ o resto do dia em carregar a Armada de generos preciosos achados na desgraçada Xael, e por naõ passarem a noite em terra, se embarcáraõ sem susto ao esconder do dia. Era vulg.

Logo que a gente esteve a bórdo, a Armada se fez á véla para passar de longo sem ser vista de Adem, como le-

Era vulg. levava em regimento, e que eſta viſita a reſervaſſe D. Luís para a volta do Eſtreito. Chegando á ſua bocca, ferrou a Ilha de Camaraõ, aonde ſe deteve dous dias em fazer agoada. Daqui foi tomar o porto de Maçua, que era o termo da jornada, para ſe informar do Governador de Arquico, aonde eſtava o Embaixador D. Rodrigo de Lima, que hia conduzir. Como ſoube que o lugar da ſua reſidencia era ſete jornadas pela terra dentro, lhe fez aviſos repetidos, para que marchaſſe de fórte, que no dia 20 de Abril eſtiveſſe no porto, por lhe proteſtarem os Pilotos naõ poderem eſperar mais tempo: que ſe naõ fizeſſe aſſim a jornada, naõ ſe moveſſe, porque certamente o naõ achava: que lhe recommendava ſe chegaſſe para mais perto do mar, para na Armada do anno futuro ſer conduzido á India; e que em poder do Governador de Arquico acharia outra carta ſua, fardos de pimenta, outros generos para a ſua paſſagem, e roupas, de que ſe poderia veſtir. Com grande alvoroço recebeo D. Rodrigo eſtes aviſos;

ſos; mas ſentio logo o deſprazer de lhe naõ caber a jornada no tempo, tendo de ſe contentar com a reſidencia, e preſente, que eſtava prompto em Arquico, até ſer occaſiaõ de voltar á Patria. Era vulg.

D. Luís ſahio do Eſtreito com tempo feito, e veio amanhecer a Adem, aonde até a tarde eſteve mudo, e na Cidade ſem ſe fallar palavra. Na noite fez a deſpedida com a demonſtraçaõ cortez de mandar dar fogo a ſeis náos, que eſtavaõ no porto, e foi ſurgir no de Maſcate, aonde o informáraõ de quanto ſe havia paſſado em Ormuz a reſpeito de Xarafo, e Xemeſim; do muito que entre as gentes andava amolgado ſobre a liberdade de hum, e a deſgraça do outro, o credito dos dous Governadores da Fortaleza, Joaõ Rodrigues de Noronha, Diogo de Mello, e ſobre tudo o de ſeu irmaõ o Governador da India D. Duarte de Menezes: noticia infauſta, que penetrou até ao fundo o eſpirito honrado de D. Luís, que ſoube diſſimular, e ſentir. Como elle teve noticia, que ſeu irmaõ eſtava a partir de Ormuz para a India, e que havia

Era vulg. via vir a Mafcate, o efperou nefte porto, menos para ter o gofto de o vêr, que para com mais brevidade o arguir.

Corria o mez de Julho, quando o Governador fe havia levar de Ormuz. A bórdo da fua galé o mandou vifitar o Rei com hum grande refrefco para a viagem, que foi conduzido pelo Xarafo. O mefmo fez o infeliz Xemefim, que foi entretido até a noite, e querendo defpedir-fe, o Governador lhe diffe que tinha negocios de importancia, que lhe communicar; que mandaffe recolher a fua lancha para terra, e que em fendo tempo fe lhe daria avifo. Immediatamente a galé fe fez á véla; mas a pouca diftancia, por peffoas de confiança, que eftavaõ prevenidas, fem ninguem o fentir, foi o miferavel Xemefim lançado ao mar com hum pezo ao pefcoço por ordem do Governador. A fua familia, que via marchar a galé, a mandou feguir a Mafcate. Ninguem dava novas de Xemefim. Em Ormuz o fuppozeraõ logo morto, e crefcêraõ os clamores animando infamias

atro-

atrozes contra os Portuguezes. D. Luís penetrou a execuçaõ barbara, e rompeo todas as medidas da moderaçaõ contra D. Duarte em quanto seu irmaõ, e seu Chéfe. Elle o acompanhou para a India taõ esquivo no animo, como na viagem. Nesta recebeo D. Duarte a pena do crime no catastrophe, que vou a contar. Era vulg.

Na sua conserva navegava a galé de Sebastiaõ de Noronha, que por ser muito veleira se avançou tanto, que perdeo a Fróta de vista. Encontrou-se indo só com huma grande náo de Meca, que investio, fez amainar, e mandava abordalla. Os soldados velhos criados na India o advertíraõ naõ abordasse a náo, que ficava na altura muito superior á Galé, e podia lançar-lhe dentro tanto fogo, que a abrazasse: que fizesse ir o batel ao seu bórdo conduzir os Mouros rendidos, e depois entraria nella. Desprezou o Capitaõ bisonho o conselho prudente; abordou a náo, e pedio hum cabo aos Mouros, com que se amarrou do masto da náo ao da Galé. Os Barbaros, que víraõ es-

Era vulg. te desaccordo, e reconhecêraõ a sua superioridade, arrojáraõ tantas pedras, chuços, e armas de arremeço na galé preza, que matáraõ toda a gente sem escapar hum só homem; atáraõ-na por popa, e a leváraõ a Dio, aonde de Meliqueaz, e do Rei de Cambaya recebêraõ prémios, e louvores merecidos da sua corage.

Os attrevimentos escandalosos de Christovaõ Barroso com a Rainha viuva, que ficaõ referidos nos successos do anno passado, obrigáraõ esta Senhora, a que a sua audacia tocára com a maior sensibilidade, a naõ sahir de Mugem para Castella, em quanto plenamente se naõ justificava de tantas imposturas na presença do Imperador seu irmaõ. O tempo que lhe levou este justo dever do seu alto caracter, estiveraõ detidos em Badajoz o Conde de Cabra, e o Bispo de Cordova, que o Imperador nomeára por seus conductores. Neste intervallo, e para negociar a partida da Rainha mandou elle a Almeirim, aonde estava a Corte, o Embaixador Cabrero, do Conselho Real de Castella. Este

te Miniſtro foi o primeiro, com quem El-Rei alterou a fórma coſtumada de receber os Embaixadores daquella Monarquia para ſeguir o meſmo formulario, que o anno paſſado uſára o Imperador com D. Luís da Silveira. O coſtume antigo era levantar-ſe El-Rei, logo que o Embaixador entrava na ſala da audiencia; pôr a maõ, e mover a gorra, quando elle chegava junto á Peſſoa; paſſar com elle a outra antecamera, e ouvillo aſſentado em cadeira raza. Agora com o Doutor Cabrero, El-Rei o recebeo ſentado até lhe dar as Cartas Credenciaes, e principiar a Oraçaõ, levantando-ſe entaõ para a ouvir de pé. Era vulg.

A Rainha bem inſtruida das impreſſões, que os ſeus Officios cauſáraõ no Imperador; que elle formára o alto conceito, que devêra da probidade da ſua conducta; que caſtigára ao atrevido Barroſo com a pena vil, que merecia a ſua infamia: ella ſe poz prompta para ſe retirar a Caſtella, e El-Rei deo as ordens neceſſarias, para que a profuſaõ na jornada fizeſſe eviden-

Era vulg. dente o ſeu reſpeito, e a ſua liberalidade. Elle nomeou para a conduzirem os Infantes D. Luís, e D. Fernando, o Duque de Bragança, e grande número de Fidalgos. Em peſſoa veio a Mugem viſitalla, e a acompanhou até Pavia, ſeguindo a mais comitiva a marcha para a fronteira de Badajoz, aonde foi entregue ao Conde, e ao Biſpo, que a eſperavaõ. Eſta reſoluçaõ commua dos Principes intereſſados deſterrou de Portugal, e Caſtella as imaginações do caſamento d'El-Rei com a Rainha ſua Madraſta, que ſe a ponderaçaõ das Razões de Eſtado o propôz na idéa de alguns Politicos; a repugnancia da natureza o deſviava da do Rei, que naõ podia deſterrar della huma eſtranheza naõ vulgar.

Em quanto eſtas couſas ſe paſſavaõ na India, e em Portugal, os Xerifes em Africa, depois que ſe apoderáraõ do Reino de Marrocos, conſeguíraõ que lhes levaſſem á ſua preſença os Portuguezes captivos na occaſiaõ da derrota de Nuno Fernandes de Attaide. Hum delles era o memoravel Adail

Lo-

Lopo Barriga, que ſervindo carregado de ferros na cavalherice do Xerife, concorriaõ a vêllo Mouros de muitas partes attrahidos da fama do ſeu valor. Hum dos de Tremecem chamado Cide Hali, que no tempo de ſolto naõ teria para o Barriga mãos, nem lingua, agora que o vio prezo, ſoltou contra elle a lingua, e lhe poz as mãos. Pegando-lhe nas barbas, o Mouro lhe diſſe arrogante: És tu aquelle, de quem tantas façanhas ſe contaõ? Eu te affirmo, que ſe te encontraſſe ſolto no campo, te arrancaria eſtas barbas. O Heróe intrépido, no mais triſte abatimento da ſórte cheio de eſpiritos generoſos, lançando-ſe a hum páo, que acaſo lhe deparou o deſtino, deſcarregou com elle tal golpe na cabeça do Barbaro, que o deitou em terra morto. Os da ſua comitiva tomáraõ o expediente de fugir, antes que o Barriga os trataſſe com cortezia ſemelhante. Era vulg.

Huma tal acçaõ, que obrada entre gente culta, e civil, era merecedora de premios diſtinctos, de applau-

ſo

Era vulg. ſo que nada tiveſſe de commum, o barbaro Xerife a mandou caſtigar no ſeu author como crime, com a pena de dous mil açoutes. O homem ſuperior á humanidade no esforço, ſoffreo o martyrio com tal conſtancia, taõ mudo, tanto como inſenſivel, que parecia hum penhaſco, hum rochedo, hum promontorio. A camiſa deſpedaçada dos golpes, tinta no ſangue das feridas, nova Toga deſte Pompeo Luſitano, Lopo Barriga a mandou pouco depois apreſentar a El-Rei D. Joaõ, que movido da compaixaõ, antes da féra péſſima do odio acabar de devorar tal vaſſallo, que bem merecia o nome de filho, ordenou a Franciſco Mendes, Alcaide Mór de Çafim, reſgataſſe Lopo Barriga a todo o cuſto.

Para nós concluirmos o mais que pertence a eſte grande homem, ſe deve ſaber que naõ conſeguindo elle dos ſeus aſſignalados ſerviços outra recompenſa, que a de ſer reſgatado, eſte premio lhe aproveitou para mais depreſſa acabar a vida. Lopo Barriga reconhecido a eſta mercê, que acabava

de

de receber do ſeu Principe, quiz dar tantas próvas de agradecimento, como ſe entraſſe a ſervir de novo. Reſtituido a Çafim, no anno ſeguinte de 1524, ſe offereceo para ir viſitar os Mouros, e dar-lhes as graças da boa hoſpedagem, que lhe fizéraõ; mas indo na marcha por hum caminho fundo, da barreira oppoſta Azuago, Mouro de muitas forças, lhe arrojou huma lança de arremeço, que lhe atraveſſou a garganta, e com mórte ſemelhante á de Nuno Fernandes de Ataide acabou ás mãos dos meſmos Barbaros o ſeu famoſo Adail Lopo Barriga. Eſte homem, com tanto de merecimento, como de ſem fortuna, foi outro dos exemplares do valor Luſitano deſattendido, que achou todo o premio na heroicidade elegante das ſuas obras. Era vulg.

CAPITULO VI.

Trataõ-se os mais successos das nossas conquistas da India até ao fim do anno de 1523.

Era vulg. O GRANDE número de Capitães Portuguezes espalhados pela India se occupava em expedições differentes : huns já dominados do amor das riquezas, trabalhavaõ pelos interesses proprios : outros ainda discipulos dos amantes da glória, naõ se poupavaõ a fadigas para avançarem com a sua reputaçaõ a da Patria. Das tres náos, que dissemos sáhiraõ do Reino no anno passado, e que só a de D. Pedro de Castro chegára a Goa ; as duas de Diogo de Méllo, e de D. Pedro de Castello-Branco invernáraõ em Moçambique. A primeira resoluçaõ destes dous Chéfes foi a de irem cruzar no Cabo de Guardafú a aproveitar-se do interesse das prezas, mas ambos tiveraõ de mudar de intentos. Elles encontráraõ huma barca, em que vinhaõ Embaixadores dos

Reis

Reis de Zanzibar, e de Pomba pedir soccorros ao Commandante de Moçambique, como vassallos de Portugal, para recobrarem as Ilhas de Querimá, que o Rei de Mombaça lhes havia conquistado. A D. Pedro de Castello-Branco pareceo justa esta demanda, honrosa á Naçaõ Portugueza, e determinou-se a soccorrer os Reis amigos. Do mesmo parecer foi Christovaõ de Sousa, que hia na sua náo despachado com o governo de Chaul. Era vulg.

Diogo de Mello tinha outros designios no Cabo de Guardafú; apartou-se delles, e navegou a Çocotorá. Como elle vinha provido na Fortaleza de Ormuz, e aqui soube que o Governador da India partia para esta Cidade, houve de mudar de intenções, e o foi encontrar em Chaul. Ainda que o Governador sentio a sua chegada pelo prejuizo de Joaõ Rodrigues de Noronha, que pouco antes havia nomeado Governador de Ormuz; naõ pode escusar-se de o levar comsigo, e metello de posse da Fortaleza na fórma que El-Rei mandava, e como nós aca-

Era vulg. bamos de dizer. D. Pedro de Caſtello-Branco chegou á principal das Ilhas de Querimá, que achou bem fortificada, e por ſeu Commandante hum Principe de Mombaça. Sem mudar de conſelho á viſta do inimigo, poz em terra 200 homens em dous eſquadrões, o da vã-guarda, que mandava Chriſtovaõ de Souſa, elle no ſegundo, e ſe avançáraõ ao ataque. Depois de huma brava reſiſtencia, Antonio Galvaõ, filho de Duarte Galvaõ, o Embaixador da Abyſſinia, teve a felicidade de atraveſſar o Principe com huma lançada, de que cahio morto.

Entaõ ſe pozéraõ os Barbaros em fugida ſeguidos dos Portuguezes, que os degollavaõ ſem piedade. Rendeo-ſe eſta, e as mais Ilhas, que D. Pedro entregou a ſeus donos, e deo licença aos ſoldados para ſe aproveitarem dos copioſos deſpojos dos rendidos. Ainda que entrava o Inverno, elle atraveſſou o golfo, e chegou a Goa; mas com a não taõ aberta, que foi neceſſario varalla para ſe aproveitar a carga, a artelharia, todo o ſeu maçame, antes

que

que se fosse ao fundo. Naõ passou muito tempo, que este Fidalgo naõ fosse testemunha dos effeitos, que causava nos Christãos, e Gentios de Goa o desabrimento, com que a todos tratava o seu Governador Francisco Pereira Pestana. Do desagrado geral, e da ausencia de D. Duarte de Menezes, que tinha ido para Ormuz, se aproveitou o Hidalcaõ, mandando occupar as nossas terras firmes por hum dos seus Generaes com 700 cavallos, e 5000 infantes, que dos moradores escandalisados foraõ mui bem recebidos. O Tanadar Fernando Annes de Soto-Maior, duas vezes se oppoz ás correrias dos Barbaros; mas em ambas desbaratado, e naõ havendo gente na Cidade para poder ser soccorrido, teve de abandonar a Provincia de Bardez á discriçaõ dos inimigos, e recolher-se para Goa. Era vulg.

Pelo mesmo tempo se soffreo outra alteraçaõ naõ menos sensivel em Ternate, aonde Antonio de Brito ainda naõ acabára a Fortaleza; a gente lhe adoecia pela esterilidade dos mantimen-

tos;

Era vulg. tos ; faltavaõ-lhe generos na Feitoria para pagar aos homens da terra, que trabalhavaõ : tudo occurrencias, que demoravaõ a obra, que nos havia pôr a coberto dos infultos naõ previſtos. Acodio a Providencia neſte aperto com a chegada ás Molucas de D. Rodrigo da Silva, que trazia hum navio com muitos generos para cambear por cravo. Como ao meſmo tempo viéraõ embarcações de Malaca, e de Banda, Antonio de Brito para ſe prover com a ganancia dos cambios, mandou pedir aos Reis das outras Ilhas naõ vendeſſem cravo a ninguem; porque todo queria para o Rei de Portugal, de quem elles eraõ vaſſallos. O de Tidore naõ obedeceo ao recado. Antonio de Brito ſe eſtimula, e manda a Antonio Tavares em huma fuſta, armada com vinte homens, vá perſuadir ao Rei de Tidore, que lance do ſeu porto todas as embarcações, e que naõ o fazendo, elle o execute a tiros de canhaõ.

Cumprio o Tavares a ſegunda parte da commiſſaõ com deſembaraço; mas foi taõ infeliz, que na noite o aſ-

ſal-

ſaltou hum temporal, que varou a fuſta em terra deſtroçada, que os de Tidore aſſaltáraõ, tiráraõ a vida a vinte Portuguezes, e ſe fizéraõ ſenhores da artelharia. Com a fuſta reparada, e com as noſſas meſmas armas ſe prepa-ráraõ para nos fazer a guerra. De toda a preza pedio Antonio de Brito a reſtituiçaõ; mas o Rei ſe fez deſentendido a todas as propoſtas. A Rainha de Ternate, ſua filha, ſentio a revoluçaõ, e Cachildaroes, como neceſſaria para firmar o ſeu eſtabelecimento, a promove. Abertamente movia Cachildaroes a gente de Ternate para ſer a authora das hoſtilidades contra Tidore, naõ querendo o Brito arriſcar os Portuguezes, que ſobre ſerem poucos, os neceſſitava para a Fortaleza. O Cachil, que conhecia o genio do Povo barbaro, e temia a condiçaõ da Rainha, deo a ambos os reſpeitos dous conſelhos ao Brito naõ pouco vantajoſos: hum, que fizeſſe publicar na Ilha, que daria hum córte de panno a todo aquelle, que lhe apreſentaſſe em Ternate cabeças de homens de Tidore: outro,

Era vulg.

que

Era vulg. que recolhesse na Fortaleza a Rainha, e o Rei, seu filho, para naõ só deixar de lhes temer os intentos, mas para lhe ficarem os Póvos sobmettidos.

O primeiro destes pareceres produzio effeito taõ prompto, que chegáraõ a faltar pannos para pagar os serviços contínuos dos verdugos barbaros. No segundo, a Rainha, que o preveniо, se pôz em cobro fugindo para Tidore; mas ella se retirou com tanta pressa, que naõ pode levar o Rei minino. Antonio de Brito se encarregou delle, e o trouxe para a Fortaleza, aonde nas realidades de prezo, o fazia tratar com as honras devidas á Magestade. Estes successos estranhos affeáraõ o semblante da guerra de Tidore, que o Rei contumaz sustentou algum tempo perseguido sempre, já dos de Ternate, já dos moradores das Ilhas de Bachaõ, e de Geilolo, que invejosos de verem os seus nacionaes vestidos dos nossos pannos comprados na sua imaginaçaõ por preços taõ baixos, como eraõ as vidas dos homens de Tido-

dore, tomáraõ o noſſo partido, andavaõ á caça daquelles infelices, e ſe fizéraõ participantes da ventura dos Ternatezes. Era vulg.

Na Fortaleza de Pacem eraõ os infortunios maiores, que em Ternate, como naſcidos do vicio, que he raiz de todos os males. Nós diſſemos, que D. André Henriques fora para ſeu Governador, Fidalgo muito pobre de cabedaes, muito rico de avareza, que quanto mais tem menos poſſue; e D. André ſem nada, queria ſer em Pacem ſenhor de tudo. A naturaes, e eſtrangeiros eraõ intoleraveis as ſuas extorsões, de que ſe ſoube aproveitar o Rei Dachem para nos ganhar a Fortaleza a pouco cuſto. Elle apreſtou cincoenta lanchas de remo, que mandou pôr occultas na volta de hum rio naõ longe de Pacem. Á bocca do meſmo rio ordenou foſſem oito lanchas, como de contrabandiſtas, carregadas de boas mercadorias, para ſervirem de engodo á cubiça de D. André, e nas aguas envoltas da negociaçaõ, ou do combate, peſcar a Fortaleza. Os aſtu-

Era vulg. tutos contrabandiſtas bem enſaiados, mandáraõ offerecer a D. André a venda dos generos com cómmodo. Elle que os queria mais baratos, ordenou a ſeu irmaõ D. Manoel Henriques, que com 80 Portuguezes em doze lanchas foſſe repreſar o contrabando.

Os Achens, que eſperavaõ o meſmo, que lhes hia a ſucceder, apenas ſe víraõ atacados, a toda a força dos remos, ſervindo-lhes a maré, foraõ pelo rio a cima, até ſe incorporarem com as 50 fuſtas. Os noſſos os seguíraõ voga arrancada, taõ deſpedidas as lanchas, que quando aviſtáraõ a Frónta contraria, naõ podendo deter o impulſo impellido pela maré, a deixáraõ pela reta-guarda, ſem mais refugio, que o de vararem para combaterem os inimigos em terra. Os remeiros, que eraõ naturaes do Paiz, ſe embrenháraõ nos matos: os 80 Portuguezes em hum combate de deſeſperaçaõ pagáraõ o crime do Governador: vendêraõ cáras as vidas; mas todos as perdêraõ. A guarniçaõ, que ficava na Fortaleza, naõ igualava o número deſtes mórtos, e de-

devia juſtamente temer a ſua ruina, quando ſoube que o Rei de Dachem com 40000 homens vinha talando o Reino de Pacem com o deſignio de nos ſobprender. A Corte deſte Principe com elle na ſua téſta veio perſeguida accommodar-ſe em caſas de palha debaixo dos muros da Fortaleza, e D. André nem queria dar-lhe o terreno ſem foro, nem fazer fogo ſobre os inimigos ſem paga. Succedeo porém a afflicçaõ dar-lhe entendimento para ſe conduzir, e enviar aviſo ao Governador da India para o ſoccorrer, como veremos na Hiſtoria do anno ſeguinte. Era vulg.

Amontoavaõ-ſe na India as deſgraças para moſtrar a fortuna, que eſtava mudada. A de Pacem foi acompanhada por outra naõ menos ſenſivel em Malaca, que naõ ceſſava de perſeguir o Rei de Bintaõ noſſo inexoravel inimigo. Quando do ſeu porto ſahia Duarte Coelho encontrou huma Armada de 80 vélas, que aquelle Principe mandava ás ordens do ſeu General Laque Xemena inſultar os noſſos mares, impedir os man-

Era vulg. mantimentos, fazer cruel guerra a Malaca. Voltou Duarte Coelho a dar esta noticia ao Governador Jorge de Albuquerque, que mandou logo esquipar hum galeaõ, huma galeota, e seis fustas para irem observar os inimigos até ao rio de Muar. D. Sancho Henriques, que commandava este Fróta, sendo já noite, naõ pode com o tempo contrario tomar a barra com o galeaõ, e a galeota. Entráraõ as seis fustas, e as tres de Antonio Leme, de Diogo Fogaça, e de Francisco Lourenço se avançáraõ tanto, que sem o pensar se mettêraõ no centro da Armada inimiga. Em taõ grande desproporçaõ de nada valeo a resistencia briosa dos Portuguezes, que todos foraõ mórtos, menos Francisco Lourenço, qne a favor da noite pode escapar em hum pantano, e voltar a Malaca. As outras tres fustas com a luz da manhã sahiráõ do rio; mas taõ carregadas pelos Barbaros, que amontoadas as embarcaçőes, vieraõ cahir sobre a galeota sem lhes poderem valer D. Sancho Henriques, nem Duarte Coelho com a artelharia das

das ſuas náos. A maior parte das noſſas tripulações foi paſſada á eſpada, a galeota rendida, e levada para o Porto de Muar, cuſtando-nos eſta infelicidade, além dos Malaios, ſetenta Portuguezes mórtos. Era vulg.

Com o ſeu galeaõ, o navio de Duarte Coelho, e huma fuſta ſe recolheo D. Sancho Henriques para Malaca. Laque Xemena foi para Bintaõ receber os premios do ſeu triunfo novo, a que tambem ſe ſeguíraõ novas calamidades em Malaca, já attrevidos os que nos eraõ ſobordinados para promoverem contra nós eſcandalos. Veio a ſer hum deſtes o Rei de Paõ, que do tempo do Albuquerque atégora nos tratára com amizade taõ eſtreita, como alliança fiel. Caſou elle com huma filha do Rei de Bintaõ noſſo inimigo, e foi huma das primeiras condições do caſamento fazer-ſe verdugo dos Portuguezes, que entraſſem no porto da ſua Cidade. Elle deſcarregou o primeiro golpe da perfidia em Antonio de Pina, que Jorge de Albuquerque, Governador de Malaca, mandou com hum navio ao porto de

Paõ

Era vulg. Paõ pouco depois da derrota da Efquadra em Muar. Como as atrocidades fe haviaõ executar occultas para naõ chegarem as noticias a Malaca, nem affugentarem os Portuguezes daquelle porto. O barbaro Rei fez levar á fua prefença a Antonio de Pina com os feus camaradas, e os mandou de prefente ao Rei de Bintaõ, que os forçou com tormentos cruéis para fe tornarem Mouros. Todos permanecêraõ na Fé taõ firmes, que o impio Rei irritado da fua conftancia, mandou pôr a cada hum na bocca da fua bombarda, e dar-lhe fogo.

Pouco depois defte fucceffo ordenou Jorge de Albuquerque a D. Sancho Henriques, e a Ambrofio do Rego, em dous navios com 30 Portuguezes cada hum, que foffem correr a cófta de Patane. Na fua companhia leváraõ elles a André de Brito, que com huma náo fua hia commerciar a Siaõ; mas na volta da viagem entrando no porto de Paõ, o Rei fraudulento mandou fazer-lhe as offertas amigaveis, que praticára com o Pina para

ra laborar o engano. Na noite ſeguinte, quando eſtes hoſpedes dormiaõ deſcançados no ſeguro da boa fé, de repente foraõ aſſaltados por vinte fuſtas, e entrada a náo por todos os bórdos. Os Portuguezes, ainda que ſobprendidos, fizéraõ huma defenſa, em que cometteo temeridades o valor, até que opprimidos da multidaõ, morrêraõ todos, matando a muitos. Os Barbaros déraõ fogo á náo, para que viſta no porto naõ deſcobriſſe a tragedia. Era vulg.

D. Sancho Henriques, e Ambroſio do Rego, depois de fazerem prezas conſideraveis no ſeu corſo, recolhendo-ſe para Malaca os aſſaltou hum temporal, que naõ impedio a náo do Rego melhor mareada fazer-ſe ao largo. A de D. Sancho, que vinha mais no bórdo da terra, teve de entrar em Paõ, ignorando elle os dous ſucceſſos referidos. Como a ſua peſſoa naquellas Regiões era taõ conhecida, os cumprimentos do Rei para com elle foraõ mais raſgados; agora melhor tecidos pela aſtucia de Laque Xemena, o General de Bintaõ, que o combatêra em

Muar,

Era vulg. Muar, e no dia antes chegára a Paõ com trinta fuſtas do ſeu Rei para dar caça aos navios de commercio Portuguezes. Grande foi o ſeu alvoroço com eſta chegada de D. Sancho, que a fortuna lhe mettia nas mãos para deſaffogar nelle o ſeu odio; e ſem perder tempo, incorporando-ſe com outras trinta fuſtas do Rei de Paõ, com força deſcoberta veio a inveſtillo. D Sancho á viſta de tanta deſigualdade naõ perdeo o animo, antes esforçou, e repartio a ſua gente para a defenſa com a corage, de que ſe coſtumaõ ſervir os Heróes nos ultimos apertos.

Elle mandou ſubir huns marinheiros ás gaveas, e repartio outros pelos bórdos para arrojarem ſobre os inimigos armas de arremeço. Em cada hum dos meſmos bórdos poz ſeu pelotaõ de oito eſpingardeiros: no Caſtello de prôa a ſeu irmaõ D. Antonio Henriques com outros oito: elle com o reſto da gente montou o de poppa, donde dava as ordens aos que laboravaõ com a artelharia. Neſta fórma eſperou D. Sancho por hum dos combates mais viſ-

viſtoſos, mais deſigual, mais horrendo, que as noſſas armas tivéraõ no Oriente: combate cheio de glória; porque todos os Portuguezes ſoubéraõ morrer por ella; nada ſenſiveis á mórte, todos penetrados, cheios, occupados da honra. Foi atacado hum navio por ſeſſenta fuſtas. Na primeira deſcarga metteo elle quinze no fundo. Todas as mais, para naõ darem tempo de atacar, o abordáraõ, e as ſuas tripulações numeroſas, ſem fazerem caſo de mórtos, e feridos em grande cópia, atropellando a mais dura reſiſtencia, entráraõ de tropel por todos os bórdos. Entaõ foi a peleija hum aſſombro de valor inaudito nos poucos defenſores, e os primeiros, que a enſanguentáraõ, foraõ os marinheiros das gaveas, que como incommodavaõ muito os inimigos, diſparáraõ ſobre elles tantos tiros de eſpingarda, que todos viéraõ rodando pelos ares. Era vulg.

O convéz eſtava cheio de montes de inimigos mórtos; os noſſos cançados de matar; elles revezando-ſe com gente de refreſco, fizéraõ que os noſ-

Era vulg. ſos ſentiſſem laſſas as forças. D. Antonio Henriques, e os ſeus oito camaradas, cahindo enfraquecidos, foraõ degollados. Hia ſuccedendo o meſmo aos que defendiaõ o convéz, aonde ſó treze vivos ſe contavaõ já no número dos mórtos. D. Sancho lhes ordenou ſe encorporaſſem com elle no caſtello de pôppa para morrerem todos em hum corpo depois de bem vingados. No calor deſte ultimo avance ſe redobráraõ os eſpectaculos da carnagem, do horror, ingratos á humanidade. Acabou em fim D. Sancho com todos os Portuguezes, ſem eſcapar hum ſó, depois de tirarem a vida a innumeraveis Barbaros. Nada ficou devendo á honra quem deo tudo por ella: os inimigos da victoria recolhêraõ deſpojos, mas naõ acháraõ captivos.

Eſte ſucceſſo deſcobrio a perfidia até entaõ occulta do Rei de Paõ. Elle, e todos os antecedentes penetráraõ o eſpirito de Jorge de Albuquerque, juſtamente temeroſo, de que o Rei de Bintaõ ſabedor das noſſas perdas, e principal inſtrumento dellas, aprovei-

vei-

veitaſſe as ſuas vantagens em damno de Malaca. Eſtas conſiderações o obrigáraõ a requerer com inſtancia ao Governador da India o ſoccorreſſe com gente, e navios ſem demora: requerimento, que foi acompanhado de outro ſemelhante, que Antonio de Brito mandava fazer de Ternate por D. Garcia Henriques, que ao meſmo tempo chegava das Molucas a Malaca, e deo noticia das revoluções daquellas Ilhas, que referiremos no ſeu devido tempo. Era vulg.

CAPITULO VII.

Referem-ſe os ultimos ſucceſſos da India no anno de 1523, e principiaõ os de 1524.

MAIS cuidadoſo eſte anno, que o paſſado, o Miniſterio de Portugal a reſpeito do Eſtado da India, elle deſpachou ſete náos ás ordens de Diogo da Silveira com os Capitães D. Antonio de Almeida, Heitor da Silveira, Manoel de Macedo, Pedro da Fonſe-

Era vulg. ca, Antonio de Abreo, e Ayres da Cunha. Excepto a ultima deſtas náos, que naufragou á entrada de Moçambique, ſalvando-ſe quanto ella levava, as mais chegáraõ á India com feliz viagem. Ainda o Governador D. Duarte ſe achava em Chaul da volta de Ormuz, donde veio a Goa dar expediçaõ ás que haviaõ voltar para o Reino, e logo paſſar a Calecut, que neceſſitava da ſua preſença para moderar os exceſſos de D. Joaõ de Lima, Governador da Fortaleza, que fazia muito por deſmerecer as attenções dos Portuguezes, e dava motivos aos Mouros de queixar-ſe, ao Rei de Calecut para ſentir-ſe. Como o Governador nada obrou do que ſe eſperava a reſpeito dos deſmanchos de D. Joaõ, creſcêraõ os eſcandalos, que origináraõ á Naçaõ grandes prejuizos no commercio, que ſe via roto, e roubado pelos muitos coſſarios, que armáraõ os Mouros dos pórtos de Calecut offendidos.

A todos ſe fazia notavel a frouxidaõ de D. Duarte de Menezes em naõ refrear eſtes inſultos, e todos reparavaõ

na

na diligencia, que elle applicava á expediçaõ das náos para o Reino: dous extremos, a que a gente naõ duvidava descobrir a causa, dizendo que este D. Duarte na India era nella hum, em Tangere outro: na Africa soldado, na Asia contratador: que embaraçar-se com os attrevimentos dos pyratas, e naõ despedir depressa as náos do Reino, lhe retardavaõ outra jornada para Ormuz com huma Fróta, que levava carregada por sua conta das muitas mercadorias, que ajuntára em Cananor, Coulaõ, e Baticala: que para cobrir os seus tratos, franqueava o commercio a todo o genero de gentes, vendo-se grande diminuiçaõ na trópa por haverem os militares degenerado em tratantes: que mandando El-Rei nestas náos pelas informaçoes, que lhe déra o Padre Penteado respectivas á Casa de S. Thomé, a Joaõ de Flores encarregado da pescaria do aljofar entre Ceilaõ, e o Cabo de Comorim; para elle se aproveitar, naõ cumprio com o Flores o que El-Rei mandava, e deo esta commissaõ ao seu criado Era vulg.

Era vulg. do Manoel de Frias, que tambem nomeou Capitaõ, e Feitor da Cósta de Coromandel, como bom agente dos seus interesses.

Estando os negocios na India com esta figura, Ambrosio do Rego chegou de Malaca a Cochim, e informou a D. Duarte das infelicidades, que deixo referidas: pedio da parte de Jorge de Albuquerque, e de Antonio de Brito soccorros effectivos para Malaca, e para as Molucas, a tempo que de Pacem chegava o navio mandado pelo opprimido D. André Henriques a fazer requerimentos semelhantes. Com a promptidaõ possivel despachou D. Duarte para Malaca a Martim Affonso de Sousa com huma Armada bem provida; para Governador de Pacem, como D. André lhe pedia, a Lopo de Azevedo no mesmo navio, em que viera, com 80 homens, e muitos provimentos, que se alijáraõ ao mar em huma tormenta; para Maçua mandou a Heitor da Silveira com oito náos para conduzir o Embaixador D. Rodrigo de Lima, que El-Rei naõ cessava de lhe recommendar;

pa-

para ficar com o governo da India nomeou a ſeu irmaõ D. Luís de Menezes; e dadas eſtas providencias, elle com a ſua Armada foi de Cochim a Goa para navegar a Ormuz, como tanto deſejava. Era vulg.

Ora nós ſeguiremos as marchas deſtes Chéfes deſtacados na ſua ordem no anno de 1524, a que pertencem os ſucceſſos dos ſeus deſtinos, e lhes daremos principio pelos da viagem de Heitor da Silveira ao eſtreito do mar Roxo. No fim de Janeiro ſahio elle de Goa com a ſua Eſquadra, em que embarcáraõ 700 homens, e navegou felizmente a Çocotorá, aonde ſe proveo do neceſſario. Na derrota até Adem fez elle prezas de grande importancia em náos, que hiaõ de Cambaya para Meca, e lhe carregáraõ a Fróta de generos de valor; mandando abrazar com toda a gente as náos ſaqueadas. A noticia deſte rigor uſado com os noſſos antigos contrarios, que chegou a Adem antes de Heitor da Silveira, rodeou de tal conſternaçaõ aos donos dos muitos navios, que eſtavaõ no porto, e já naõ po- 1524

Era vulg. podiaõ fugir, que recorrêraõ ao Rei para os livrar do perigo, que viaõ eminente. Elle lhes affegurou naõ se pouparia ás diligencias, que podessem contribuir para a sua segurança; e apenas Heitor da Silveira chegou ao porto, lhe mandou hum refresco taõ copioso, que forneceo bem toda a Armada, e com elle o recado: De que o desejo que sempre tivera de ser vassallo d'El-Rei de Portugal, o conservava no mesmo vigor; que se algumas vezes as obras desmentíraõ estas palavras, a culpa era dos Portuguezes, que com as suas desordens irritavaõ o Povo: que, se elle vinha de paz, acharia acolhimento em Adem, como em qualquer das Cidades de Portugal; mas que se trazia intençaõ de fazer a guerra, naõ lhe estranharia a opposiçaõ, sendo a defensa natural aos homens.

Heitor da Silveira sensivel aos estimulos gloriosos de deixar a Adem tributaria, respondeo ao seu Rei: Que elle naõ podia ter pensamentos de se declarar inimigo de hum Soberano, que queria ser tributario do Rei de Portugal;

gal ; que lhe acceitava , e agradecia a Era vulg. offerta , offerecendo-lhe toda a Armada para o que foſſe do ſeu ſerviço. Com eſta reſpoſta o Rei , o Povo , e os mercadores , que eſtavaõ em Adem ficáraõ ſatisfeitos : continuáraõ de ambas as partes os prezentes : veio hum dos Regedores da Cidade aſſignar os Artigos , em que Adem ſe fez tributaria de Portugal em dous mil xerafins , que ſe pagariaõ cada anno em huma coroa lavrada , e que os Portuguezes no porto ſatisfariaõ ſó a metade dos tributos impoſtos ás mais Nações ; e outras vantagens mutuas , que fizeraõ o goſto reciproco. O Rei pedio a Heitor da Silveira lhe deixaſſe ao ſeu ſoldo hum bergantim , que trazia na Fróta com 20 Portuguezes para guarda do ſeu porto , e para obrigar os navios , que paſſavaõ de largo , a virem pagar nelle os direitos devidos. A tudo condeſcendeo Heitor da Silveira ; e ſatisfeito de conſeguir ſemelhante vantagem da Adem contumaz , navegou para Maçua inconſideradamente ſatisfeito.

Aqui lhe ſuccedeo com o Embaixador

Era vulg. dor D. Rodrigo de Lima o mesmo, que a D. Luís de Menezes o anno passado. Aquelle Fidalgo deixando de observar as ordens, que este lhe mandou de Arquico, tornou para a Corte do Preste Joaõ, donde era impossivel chegar a tempo, que os nossos naõ perdessem a monçaõ de navegar. Heitor da Silveira lhe fez avisos semelhantes aos de D. Luís de Menezes; accrescentando, que pela sua impaciencia de esperar nos portos de mar, naõ mallograsse as despezas, e trabalho das Armadas, que de ordem d'El-Rei, o vinhaõ conduzir, como a elle, e a D. Luís tinha succedido. Na volta por Adem vio os Portuguezes taõ favorecidos do Rei, que lhe deixou o mesmo brigantim com 20 homens escolhidos; por seu Capitaõ a Fernaõ de Carvalho, e navegando pela Cósta de Fartaque, fez escala em Curia Muria para passar á India sem tocar em Ormuz; mas na Cósta de Dio se encontrou com o Governador D. Duarte, que já se recolhia desta Cidade para Goa.

Lopo de Azevedo chegou a Pacem

com

com o navio deſtroçado da tormenta, Era vulg.
que diſſemos; achou a D. André reſtituido á ſua ſaude, e encontrou nelle, e em ſeu cunhado Ayres Coelho, que era Alcaide-Mór da Fortaleza, tanta repugnancia na entrega do ſeu governo, que com a meſma gente do ſoccorro tornou a voltar para a India. Pouco depois o ſeguio neſta viagem D. André, novamente recahido, e incapaz do governo, que encarregou a Ayres Coelho. Os Achens ſuppondo a Praça mais fraca com a falta da gente, que leváraõ eſtes dous Cabos, aſſaltáraõ a povoaçaõ do Rei de Pacem, aonde os poucos, que eſcapáraõ com vida, ſe refugiáraõ na Fortaleza para augmentarem a fome. Ella eſtava neſta triſte figura, quando D. André ſe encontrou no mar com Sebaſtiaõ de Souſa, que ſahíra de Cochim com alguns navios, e lhe pedio a ſoccorreſſe. Elle o fez com tanto vigor, que os inimigos ſe retiráraõ para o interior do paiz; deſaffogou-ſe o animo dos noſſos, e reſpirou, mas por pouco tempo, o afflicto Rei de Pacem.

Suc-

Era vulg. Succedeo aſſaltar a D. André hum temporal, que o fez arribar á Fortaleza. O ſeu genio vario, inquieto, e ambicioſo, vendo-a em ſoccego, e eſperando reſtabelecer os intereſſes, o metteo em tal deſordem com Sebaſtiaõ de Souſa, que elle eſcandaliſado ſe retirou para Malaca. D. André, que ſem elle naõ podia ſobſiſtir, abandonou a Fortaleza aos inimigos, embarcou-ſe com o Rei, e a gente da guarniçaõ, e ſeguio o meſmo rumo. A perda deſta praça, e a da reputaçaõ das noſſas armas tiveraõ por conſequencia conquiſtar o Rei de Achem todo o Reino de Pacem, e logo o de Darú, obrigando o ſeu Soberano a refugiar-ſe taõ bem em Malaca, que alimentou eſtes dous Principes infelices, por noſſa cauſa arruinados, vivos, e mórtos com miſeria nas mãos da enganoſa eſperança.

Juſtamente temeo Jorge de Albuquerque, que eſta perda de Pacem animaſſe o Rei de Bintaõ para continuar as ſuas tentativas contra Malaca. Ainda naõ era chegado Martim Affonſo com a Fróta, que lhe trazia de ſoc-

cor-

corro; mas Jorge de Albuquerque para dissimular o seu pouco poder, para prevenir as resultas do seu temor, aprestou duas náos, e duas caravellas, que entregou a D. Garcia Henriques, e a Ayres Coelho para irem pairar na barra de Bintaõ, e impedirem a sahida da sua Armada. Ella estava no porto ás ordens de Laque Xemena, que esperou occasiaõ de sobprender as caravellas sem se expôr aos riscos de huma batalha. Ella se lhe offereceo favoravel com a marcha dos dous Chéfes a fazerem aguada a huma Ilha meia legoa distante, deixando as caravellas sobre ferro na bocca da barra. Na enchente da maré sahio Laque Xemena com poucas fustas; humas para entreterem a fórma do combate; outras para cortarem os cabos, quando os Portuguezes estivessem occupados na defensa, de sórte que a corrente mettesse as caravellas no rio, além dos baixos, aonde naõ podiaõ chegar as náos por alterosas, e deste modo as sobprender. Era vulg.

Como Laque o pensou, lhe succedeo. Os Portuguezes empenhados na

ba-

Era vulg. batalha apparente, naõ ſentíraõ cortar as amarras, nem entrarem as caravellas no rio, ſenaõ a tempo que eſtavaõ rodeados por toda a Armada de Bintaõ, ſem poderem ſer ſoccorridos pelos Chéfes das náos, que na bocca do rio ficáraõ em inacçaõ. Trinta Portuguezes, e os Malaios morrêraõ abrazados no incendio das duas caravellas, depois de fazerem huma defenſa biſarra: D. Garcia, e Ayres Coelho voltáraõ melancolicos para Malaca, e o Rei de Bintaõ ficou taõ ſoberbo com as victorias repetidas, que reſolveo ſitiar a reſpeitavel Praça. Elle o executou por terra com hum Exercito de 12000 homens, e por mar com huma Eſquadra de 80 fuſtas ás ordens de Laque Xemena, que em todo o Inverno fez os maiores esforços para o Rei de Bintaõ reentrar na poſſe da ſua ſuſpirada Malaca. Mas em 80 Portuguezes, de que entaõ ſe compunha a guarniçaõ, ſem outros Officiaes, que o Governador, D. Garcia Henriques, Ayres Coelho, e o Feitor Garcia Chainho, os Barbaros encontráraõ huma co-

corage taõ impávida, huma oppoſiçaõ taõ dura, que chegado o tempo de poderem vir ſoccorros da India, naõ ſe attrevêraõ a eſperallos, e ignominioſamente levantáraõ o ſitio contra toda a eſperança. Era vulg.

Pouco depois chegou Martim Affonſo com a ſua Fróta de cinco náos, 200 homens, artelharia, munições, e viveres, com que recobrou alentos a vexada, e faminta Malaca. Jorge de Albuquerque o mandou logo impedir a entrada dos mantimentos em Bintaõ, por ſer a guerra mais crúa, que ſe podia fazer áquelles Barbaros. Elle os reduzio ao maior aperto da fome, ſem que o arrogante Laque Xemena tiveſſe a confiança de ſahir ao mar para o combater. Daqui foi ao porto de Paõ agradecer ao ſeu Rei ímpio com diluvios de ſangue, e incendio de muitas náos o ſerviço, que nos havia feito. A nada perdoou a cólera juſtamente eſtimulada, para ſentir aquelle Rei pérfido que nós naõ lhe faziamos a guerra, que tomavamos vingança. Em Patane fez eſtragos iguaes por cauſas ſeme-

Era vulg. melhantes; e porque os moradores, aterrados do medo, abandonáraõ a Cidade, Martim Affonſo ſaltou em terra, e mandando-lhe dar fogo por todas as partes, naõ ficáraõ de Patane mais que as cinzas. Renovou eſte Chéfe as glórias de Malaca com os triunfos, as ſuas riquezas com huma Armada carregada de deſpojos.

Apenas Martim Affonſo levantou o bloqueio de Bintaõ, e foi aos dous pórtos de Patane, e de Paõ, Laque Xemena partio para o do Rei de Linga, noſſo alliado, que reduzio ao ultimo aperto. Elle pedio ſoccorros a Malaca. Jorge de Albuquerque lhe mandou dous navios bem artilhados com 40 homens cada hum, commandados por Alvaro de Brito, e por Jorge Correa. O Rei de Linga acabou de perder o animo com a viſta de auxilio na ſua imaginaçaõ inefficaz para o ſalvar do perigo. Laque Xemena já mettia a acçaõ futura no número das ſuas victorias, e com 40 fuſtas ſe avançou a atacallos. Os Capitães atáraõ os navios hum ao outro; fizéraõ carregar

os canhões, huns de metralha, outros de balla grossa; escondêraõ a gente debaixo das cobertas para esperarem a primeira descarga dos inimigos, promptos os artilheiros para fazerem fogo, quando se lhes ordenasse. Os Barbaros vendo os navios presos, suppozéraõ os animos cahidos, e seguros da victoria vinhaõ apinhados. Fizéraõ fogo sem damno nosso, e balroáraõ para abordar; mas a nossa artilharia os servio de modo, que mettidas doze fustas a pique, mórta nas outras muita gente, ellas retrocedêraõ no avance. Fra vulg.

Os Officiaes inimigos á força de golpes violentáraõ os remeiros para tornarem á carga. Os nossos lha déraõ taõ bem servida, que dobrada a perda nas embarcações, e nos homens, as que escapáraõ, humas fugíraõ com Laque Xemena pela barra fóra, outras com o Renegado, que entre nós se chamou Martim de Avelar, foraõ a toda a voga varar em terra, desamparando-as a gente, que se refugiou na montanha. O Rei, e o seu Povo atonitos com taõ grande triunfo ganhado

Era vulg. em hum intervallo breve de tempo, viérão a bórdo dos navios admirar nos seus Capitães dous milagres de sciencia militar, nos seus soldados outros tantos prodigios do valor. Das fustas rendidas dos contrarios fez o Rei carregar algumas dos generos mais estimaveis do Paiz, que mandou na companhia de Alvaro de Brito a Jorge de Albuquerque, como agradecimento devido ao obsequio, que acabava de lhe render. Esta victoria taõ fóra da ordem vulgar, que recahia sobre as de Martim Affonso, pouco depois chegado a Malaca, restabeleceo o crédito das nossas armas, derrotou o de Laque Xemena, mereceo aos seus authores universaes applausos dos Principes visinhos.

Nas Molucas sustentava a guerra com succeſſos vários Antonio de Brito contra o Rei de Tidore, sempre ajudado de Cachildaroes, como alliado fiel, com a gente de Ternate. Quando chegáraõ a esta Ilha os soccorros, que leváraõ Martim Affonso de Mello Zuzarte, e Martim Correa da Ilha

de

de Banda, os meſmos ſucceſſos foraõ pouco vantajoſos, e a todos ſenſivel a deſgraça de Jorge Pinto, que varando com a ſua lancha em hum baixo, aonde Leonel de Lima o naõ pode ſoccorrer; elle, e doze Portuguezes foraõ paſſados á eſpada pelas tripulações dos paráos de Tidore. Depois mudou tanto de face a fortuna pelas gentilezas do meſmo Leonel de Lima, de Martim Correa, e de Cachildaroes, que abrazados os lugares principaes da Ilha, morto grande número de inimigos, o Rei de Tidore pedio a paz, que Antonio de Brito naõ ſó deixou de lhe conceder, mas havendo ás mãos 300 dos ſeus vaſſallos priſioneiros, os mandou aſſar vivos para atemoriſar os ſeus Póvos com eſta atrocidade indigna, ás gentes eſcandaloſa, á Religiaõ Chriſtã abominavel. Era vulg.

D. Luís de Menezes, que ficára governando a India na auſencia de ſeu irmaõ, com a obſervaçaõ dos exemplos, de tal ſórte mudou a condiçaõ, que fazendo-ſe lugar diſtincto na acceitaçaõ dos homens, todos debaixo

Era vulg. do ſeu mando ſerviaõ goſtoſos. Elle andou no mar todo o Veraõ com huma groſſa Armada domando o attrevimento dos pyratas, e no Inverno foi para Cochim fazer trabalhar nos eſtaleiros com tanta actividade, animada da ſua preſença, que concertou todos os navios, e teve o goſto de vêr lançar no mar hum galeaõ novo, huma galé, e huma galeaça. No ſeu tempo ſe acabou a obra da Igreja de S. Thomé em Meliapor pelas diligencias do Padre Antonio Gil, e de Manoel de Frias, que merecêraõ gozar a felicidade de deſcobrir na terra a 15 palmos de fundo as Reliquias adoraveis do Apoſtolo S. Thomé, que guardáraõ com ſumma reverencia no meſmo Templo. Mas vindo do Reino o Padre Penteado provido por El-Rei no cargo de ſeu Vigario, eſcondeo as ſantas Reliquias no fundo do Altar ſem mais teſtemunha, juramentada para naõ as deſcobrir, que hum Rodrigo Alvares, bom Chriſtaõ, e honrado homem. Naõ ſabemos qual foſſe o deſignio do Penteado em tornar a eſconder no campo

po o thesouro precioso, que a Providencia depois quiz se descobrisse, como em seu lugar se dirá. Era vulg.

CAPITULO VIII.

Da segunda viagem do Governador D. Duarte de Menezes a Ormuz. Trata se do casamento d'El-Rei D. Joaõ, e da vinda do Viso-Rei D. Vasco da Gama á India.

O GOVERNADOR D. Duarte de Menezes em Ormuz deo boa expediçaõ ás muitas fazendas, que levava, recebeo de Raiz Xarafo repetidos, e importantes presentes; mas em quanto aos negocios públicos, nada mais sabemos que serem entaõ chegadas para elle cartas do Embaixador D. Rodrigo de Lima, que já soffria sem paciencia a sua demora nos Estados do Preste Joaõ; e mandar o mesmo D. Duarte outro Embaixador á Persia a promover os interesses de Xarafo cobertos com o nome do Rei de Ormuz. D. Rodrigo

de

Era vulg. de Lima lhe pedia, com expressões de enternecer, se compadecesse dos seus trabalhos; que mandasse sem demora conduzillo, e que ordenasse á Armada, que fosse a esta diligencia, naõ se dilatasse em outras partes, como fizéraõ seu irmaõ D. Luís, e Heitor da Silveira; mas que fosse logo a Maçua, aonde devia chegar em Março para elle ter tempo de receber os avisos, e vir embarcar-se.

Para a Embaixada da Persia déraõ causa as instancias de Xarafo, que representou ao Governador, como os Capitães de Sophi Ismael rompiaõ o commercio, impediaõ a introducçaõ dos generos, com grande detrimento das rendas de Ormuz; e que elle devia interpôr a sua authoridade para conseguir do Sophi, que as Cafilas se desembaraçassem para o Rei cobrar os direitos, com que pagava os tributos a Portugal. Balthasar Pessoa foi encarregado da Embaixada da Persia, bem instruido nas formalidades destes Officios; mas pouco depois da sua chegada morreo o Sophi Ismael, e Xatamas seu

so-

ſobrinho, que lhe ſuccedeo, naõ fazendo caſo de requerimentos ſemelhantes, Balthaſar Peſſoa voltou para Ormuz, como fora, naõ achando já o Governador, que partíra para Maſcate, donde ſeguio a viagem de Dio. Era vulg.

Na altura deſta Cidade dividio elle a Armada para dar caça ás náos de Meca, que eſperava em Chaul. Chriſtovaõ de Souſa, que governava a Fortaleza, lhe mandou a bórdo com hum refreſco o recado, de que eſtava para o ſervir como a D. Duarte de Menezes; mas que como a Governador da India naõ podia obedecer-lhe, por ter ordens em contrario do Viſo-Rei Conde da Vidigueira. O meſmo cumprimento lhe fizeraõ em Goa, donde foi a Baticala para ſe prover do neceſſario para a viagem do Reino. Heitor da Silveira, que até aqui o acompanhára, vendo os vagares, com que ſe entretinha nos portos até eſtarem as náos promptas para ſe embarcar, e evitar o encontro com o Viſo-Rei, ſe deſpedio delle, e com o groſſo da Armada entrou em Cochim, e deo parte ao Viſo-Rei da ſatisfaçaõ

com

Era vulg. com que vinha das vantagens, que conſeguíra em Adem. Ellas naõ foraõ approvadas, e muito menos haver deixado o brigantim com 20 homens no ſerviço do Rei infiel, que os faria victimas do odio, ou da cubiça para ſe ſatisfazer do valor da coroa de dous mil Xerafins, que pagára por primeiro tributo. Heitor da Silveira com cortezias officioſas, e obediencia prompta ſoube aplacar o Viſo-Rei, como bem inſtruido em que eſtes ſaõ os meios de fazer propricios os que eſtaõ no gráo de ſuperiores.

Em quanto eſtas couſas ſe paſſavaõ na India, El-Rei D. Joaõ cuidava no ſeu caſamento em Caſtella. Para pedirem a Carlos V. ſua irmã a Princeza D. Catharina, mandou elle por Embaixadores a Pedro Correa, ſenhor de Bellas, e a Joaõ de Faria, ambos do ſeu Conſelho, que acháraõ ao Imperador em Burgos. Acceitou o Ceſar as propoſtas, e para tratarem as Capitulações nomeou com os ſeus plenos poderes a Mercurino de Gatinara, grande Chanceller, e a D. Fernando da Veiga,

Com-

Commendador-Mór da Ordem de Sant- Era vulg.
Iago. Aſſentou-ſe que El-Rei pagaſſe a Diſpenſa; que o Imperador faria os gaſtos do tranſporte da Rainha até a fronteira; que eſte lhe daria 200$000 dóbras Caſtelhanas por huma vez, e 50$000 cada anno, e ſobre iſto os veſtidos, os adornos, as joias; que El-Rei faria de arrhas á futura Eſpoſa a terça parte do dote, cada anno dez mil ducados, e as terras, que compunhaõ o Eſtado da Rainha, quando vagaſſem por mórte de D. Leonor, viuva d'El-Rei D. Joaõ II. Pelo meſmo tratado ſe confirmáraõ as pazes antigas; ſe promettêraõ os dous Monarcas contratantes a ajudar-ſe mutuamente para a defenſa dos Eſtados, que tinhaõ nas Heſpanhas, e em Africa des de Oraõ até ao Cabo de Aguer, e mais naõ.

Na India tinhaõ tomado huma triſte figura os negocios de Calecut pelas tentativas dos Mouros, inimigos declarados de D. Joaõ de Lima, Governador da Fortaleza, e que naõ perdoavaõ a diligencia, para que o Rei lhe declaraſſe a guerra. Já os dous partidos

co-

Era vulg. comettiaõ hoſtilidades, quando chegou com o caracter de Viſo-Rei o grande Vaſco da Gama condecorado com o titulo de Conde da Vidigueira. Entendeo El-Rei que lhe era neceſſaria para a conſervaçaõ, e augmento da India a experiencia, o reſpeito, a dexteridade do famoſo D. Vaſco, ſeu deſcobridor, e ſobre o titulo, que já tinha de Almirante dos ſeus mares, lhe conferio agora o de Viſo-Rei, lhe fez mercê da Fortaleza de Malaca para todos os ſeus filhos, entre elles nomeou para Capitaõ-Mór do mar a D. Eſtevaõ da Gama, e com outras beneficencias Reaes fez, que pela terceira vez appareceſſe reſpeitavel D. Vaſco da Gama na India.

Sahio elle de Lisboa a 9 de Abril com huma groſſa Armada de quinze náos, em que levava por Capitães a Affonſo Mexia deſpachado Védor da Fazenda, a D. Henrique de Menezes provido no governo de Goa, Pedro Maſcarenhas no de Malaca, Lopo Vaz de Sampayo no de Cochim, Franciſco de Sá de Menezes, que havia fazer a For-

Fortaleza de Sunda, D. Simaõ de Menezes para a de Cananor, Antonio da Silveira para a de Çofala, D. Fernando de Monrroy, e Francisco de Brito para Capitaõ-Mór das náos do trato de Goa para Ormuz. Levava o Viso-Rei a seus dous filhos Estevaõ, e Paulo da Gama, e muita da mais luzida gente do Reino, que até entaõ animada pelas attençóes, e despachos com que sahia delle, e depois encontrava na India, naõ duvidava abandonar o descanço das proprias casas, a sociedade das suas familias, arrojar-se aos perigos, buscar as honras, que a distinguiaõ. Corrêraõ as idades; mudaraõ-se os tempos, e as configuraçóes; os Portuguezes naõ se mudáraõ, ellas os fizeraõ mudaveis. Era vulg.

Com pouca demóra em Moçambique, o Viso-Rei se fez na volta de Melinde, aonde desappareceo a náo de Francisco de Brito sem já mais haver novas della. A de D. Fernando de Monrroy varou em hum dos baixos das Ilhas daquelles mares; mas salvou-se a gente. Successo semelhante teve a caravella de Christovaõ Rosado; e Mossem

Gas-

Era vulg. Gaſpar, que mandava outra, e era de condiçaõ ſoberbo, a tripulaçaõ naõ quiz ſoffrello; matou-o, e foi-ſe a piratear no Cabo de Guardafú, donde foi trazida á India para pagar com a pena de mórte o crime da rebeldia. Com eſtes vaſos de menos o Viſo-Rei chegou ao mar alto de Dabul, aonde ſe naõ achava fundo; mas todas as náos entráraõ a tremer com impulſos taõ violentos, eſtando o mar em calma, que todos ficáraõ atonitos. Succedeo ir a bórdo da Capitania hum bom Phyſico, que advertio ao Viſo-Rei, que aquelle phenomeno era cauſado por hum marimoto. Entaõ ſubio eſte Chéfe ao convéz, e com ſemblante jucundo diſſe á ſua gente: Alegrai-vos, camaradas, que o mar treme de nós: Ceſar Luſitano, que ſemelhante ao de Roma em deſterrar agouros, quando indo a conquiſtalla, ao ſaltar em terra cahio na praia de Africa, abraçando-ſe com ella, exclamou: És minha, ó Africa.

Socegada a agitaçaõ das aguas, o Viſo-Rei ferrou o porto de Chaul, aonde o Governador Simaõ de Andrade o

re-

recebeo com as honras devidas ao ſeu caracter. Elle entregou a Fortaleza a Chriſtovaõ de Souſa, que eſtava provido por El-Rei; deixando-lhe ordem, que ſe por alli paſſaſſe o Governador D. Duarte de Menezes, quando voltaſſe de Ormuz, em nada lhe obedeceſſe do que elle lhe mandaſſe. De Chaul partio para Goa, aonde chegou a 11 de Setembro, e aonde a ſua peſſoa por todas as circunſtancias veneravel, foi recebida pelo alvoroço dos corações no ſeu fundo officioſos, e reverentes. Sem demora ſuſpendeo elle do governo a Franciſco Pereira Peſtana, e o entregou a D. Henrique de Menezes; diſpondo que da fazenda do primeiro ſe ſatisfizeſſem os prejuizos, que cauſára ás partes queixoſas. Dadas outras providencias na Cidade, o Viſo-Rei foi cuidar nas de Cochim, e na expediçaõ das náos para o Reino, naõ lhe tardando o goſto da boa eſtrea de D. Henrique de Menezes nas novas da grande victoria naval, que pelas ſuas diſpoſições acabavaõ de ganhar os Portuguezes. Era vulg.

Era vulg. O novo Governador de Goa ſoube que do rio de Dabul ſahíraõ nove fuſtas grandes bem armadas, guarnecidas de muita gente, que acabavaõ de apreſar huma náo, que vinha de Ormuz com cavallos. Elle as mandou atacar por Chriſtovaõ de Brito, hum Fidalgo moço de grande valor, como moſtrou no combate, em que glorioſamente perdeo a vida. Levava eſte tres fuſtas, e quatro catures, que os Barbaros depois de deſcarregarem a preza em Dabul, viéraõ inveſtir fóra da embocadura do ſeu rio. Tres dos catures temeroſos da deſigualdade das forças, ſe fizéraõ ao largo para verem a batalha de longe. Chriſtovaõ de Brito ſe avançou á capitania; o meſmo fizéraõ os Commandantes dos tres vaſos ſobre outras das fuſtas dos inimigos. Tanto foi o furor na refrega, que os Portuguezes naõ reparáraõ no ſeu Capitaõ, que cahio morto atraveſſado com huma flecha pela garganta. Ao meſmo tempo huma das noſſas ballas derrubou o Chéfe dos inimigos, e foi entrada a capitania com mórte de todos. En-

fra-

fraquecêraõ os Capitães das mais fustas com este golpe; e voltando á carga os tres catures medrosos, consummáraõ a victoria, em que morrêraõ trinta dos nossos, dos contrarios 400, e tomamos sete fustas, que levamos a Goa em triunfo. Era vulg.

Foi acompanhado este júbilo da victoria na India, do prazer do Reino de Portugal, pela entrada nelle da sua Rainha D. Catharina, huma das Princezas mais admiraveis, que teve o mundo. Ella veio conduzida com pompa magnifica á Fronteira de Badajoz, e Elvas pelo Bispo de Siguença, e pelo Duque de Bejar; recebida com apparato em nada inferior pelos Infantes D. Luís, e D. Fernando, que a conduzíraõ á Villa do Crato, aonde El-Rei a esperava. Este matrimonio foi dos mais felices, naõ só pela copiosa geraçaõ, que fica dita, ainda que mallograda, mas pelas qualidades pessoaes da Rainha, como por muitos annos experimentáraõ os Póvos na brandura da sua condiçaõ, nos effeitos da sua clemencia, caridade, beneficencia, e ou-

Era vulg. tras muitas virtudes, de que a dotou com liberalidade o Ceo, e ella soube exercitar na terra.

Apreſtava-ſe o Viſo-Rei da India em Cochim para a guerra de Calecut, que ſe eſperava, quando á barra daquella Cidade chegava de Chaul o Governador D. Duarte de Menezes, que vinha embarcar-ſe para o Reino. O Viſo-Rei com o rigor ſummo, em que ſempre permaneceo conſtante, o mandou notificar por Lopo Vaz de Sampayo, que naõ vieſſe a terra; mas logo entraſſe prezo ſobre homenagem na náo Caſtello, donde naõ ſahiria ſem ordem d'El-Rei em chegando a Liſboa. Sobprendeo-ſe, mas obedeceo D. Duarte, menos na acceitaçaõ da náo, e ſe foi embarcar na que chamavaõ S. Jorge. Tres vezes foraõ reiteradas as ordens do Viſo-Rei, para que elle obſervaſſe a primeira, e que ſe ainda teimaſſe, toda a gente ſahiſſe da náo, e duas que ella tinha pelo coſtado, a metteſſem a golpes de canhaõ com D. Duarte no fundo. D. Luís de Menezes até entaõ bem viſto do Viſo-

Rei,

Rei, quiz remediar estes desconcertos; Era vulg.
mas da prática resultou esquentarem-se os animos, ser D. Luís mandado embarcar sem companhia, e elle dando o devido uso á sua prudencia, reduzio seu irmaõ a mudar-se da náo S. Jorge, trazendo-o comsigo para a que lhes estava destinada, sobmettidos ambos, ou á mudança do tempo, ou á observancia da ordem.

Muito pouco foi o que lhe restou de vida para o Viso-Rei encher as esperanças, que se tinhaõ nelle. Ainda estavaõ no porto as náos do Reino, que tambem servíraõ para voltarem nellas seus filhos D. Estevaõ, e D. Paulo, quando elle principiou a sentir a doença, que foi a ultima para a mórte nas Regiões da Asia, que lhe leváraõ os annos mais robustos da vida. No dia 24 de Dezembro morreo em Cochim, pio como Catholico, intrépido como Herói, o grande D. Vasco da Gama, a quem deve Portugal no descobrimento da India a posse de hum Imperio, entaõ respeitavel, e grande, hoje abatido, e desmembra-

Era vulg. do, por conſequencia da noſſa ſujeiçaõ de 60 annos a dominio eſtranho.

Immediatamente ſe abríraõ com as formalidades, que ficáraõ em coſtumes, as primeiras vias da ſucceſſaõ do governo da India, que o Viſo-Rei levára do Reino, concebidas nos proprios termos, e com a ordem, que hoje ſe pratíca. Eraõ tres as vias, e aberta a primeira, ſe achou nomeado Governador D. Henrique de Menezes, que o era de Goa. Antonio de Lemos foi o Fidalgo deſtinado para lhe levar o aviſo; mas hum André Gil ſeu officioſo ſe aproveitou da noite para marchar em huma barca ligeira, que chegou a Goa antes de Antonio de Lemos. Como eſtavaõ quaſi expeditos negocios, que naõ podiaõ eſperar pela vinda do Governador a Cochim, Lopo Vaz de Sampayo, e Affonſo Mexia ordenáraõ a Diogo de Miranda, que foſſe levar tres navios de carga a Melinde, donde havia trazer materiaes neceſſarios para a Armada; a Lopo de Azevedo, que marchaſſe com quatro navios de provimentos para Ormuz;

a

a Antonio de Miranda, que com tres galeões, e oito velas menores partiſſe para Maçua a buſcar D. Rodrigo de Lima, e cobraſſe de caminho a coroa de ouro, que Heitor da Silveira pozéra de tributo ao Rei de Adem. Era vulg.

Eſta viagem de Antonio de Miranda a reſpeito da conducçaõ do Embaixador, teve o ſucceſſo das paſſadas. No caminho tomou elle huma náo de Cambaya; mas ſabendo que os mercadores eraõ de Adem, a tratou de paz, e a quiz levar na ſua companhia. Eſtando ella amainada á falla com a capitania, hum negro a nado a abordou, e deo parte a Antonio de Miranda, como o Rei de Adem, logo que Heitor da Silveira ſahíra do ſeu porto, mettêra a tormento os vinte Portuguezes do brigantim, que elle lhe deixára, para ſe tornarem Mouros: que hum deſtes fora ſeu ſenhor, e elle víra o fim de todos: que quatorze, animados pela conſtancia do ſeu Capitaõ Fernaõ Carvalho, ſoffrêraõ o tormento exquiſito de cada dia lhes ſer aſſada huma parte do corpo, até que déraõ a vida pela con-

Era vulg. fiffaõ de fua Fé, acompanhando-os nefta felicidade o mefmo Capitaõ : que cinco enfraquecêraõ, e fe fizéraõ Mouros, que ferviaõ no brigantim acompanhados de outros para lhes naõ fugirem. Com efta noticia confirmada pelos Mouros da náo, que guardou com cautéla, Antonio de Miranda chegou a Adem, e mandou feguro á Cidade por hum delles ás familias dos mercadores prezos para virem tratar do feu refgate.

Como os mercadores eraõ muitos, foraõ muitos os parentes, que chegáraõ a bórdo, e que entregáraõ 30$000 xerafins pelo feu refgate. Entaõ Antonio de Miranda com mais captivos, e mais dinheiro, baldeadas as fazendas da náo na Armada, mettidos nella prezos todos os Mouros, rodeada dos batéis, para que nenhum efcapaffe, mandou dar fogo á nao, aonde foraõ queimados vivos. Depois enviou dous dos Mouros, que viéraõ de terra dizer ao Rei : Que como elle o enfinára a faltar á palavra, feguíra as fuas doutrinas em fazer aos feus vaffallos o mef-

mo

mo, que elle fizéra aos Portuguezes. He verdade que o barbaro Rei pouco depois teve occasiaõ de vingar esta injúria; porque vindo de Ceilaõ ao seu porto, fiada na paz, huma nao de Garcia de Sá com fazendas de muito valor, e doze Portuguezes; a fazenda foi roubada, elles martyres gloriosos, que com o preço do sangue derramado pelo Redemptor, que confessáraõ firmes, fizéraõ em Adem hum cambio de preço infinito. Antonio de Miranda chegou á Ilha de Camaraõ, e sabendo que em Juda havia huma grossa Armada de Rumes, naõ se atreveo a entrar no Estreito; voltou para a India, veio por Adem, e achando no porto duas náos de Cambaia, tomou-lhes a fazenda, poz-lhes fogo, cortou as mãos aos Mouros, e os mandou a terra de presente ao Rei tyranno. Era vulg.

O Governador D. Henrique naõ podendo ainda deixar Goa, ordenou a Lopo Vaz de Sampayo, e a Affonso Mexia, que expedissem as náos do Reino; e pelo que pertencia a D. Duarte, e a seu irmaõ D. Luís, se obser-

vas-

Era vulg. vasse quanto o Viso-Rei tinha dispos-
to, menos o que respeitava ás náos da viagem, que elles poderiaõ eleger ao seu arbitrio. Ambos estes Fidalgos foraõ infelices. D. Luís já quasi nas cóstas de Portugal, vindo a náo com huma agua aberta, o assaltou hum cossario Francez, que o roubou, e deo fogo á nao, aonde todos se queimáraõ vivos para se naõ saber o seu insulto, que muito tempo esteve occulto. D. Duarte contra os protestos dos Pilotos, quiz ir desembarcar a Cesimbra com a sua fazenda, e despedida a náo, que vinha riquissima, para entrar em Lisboa, hum temporal furioso deo com ella á cósta, aonde tudo se perdeo. El-Rei informado desta desgraça, e do desembarque de D. Duarte, o mandou vir á sua presença, deo-lhe a maõ a beijar, e della foi levado a prisões differentes, que povoou alguns annos: fins das glórias do mundo, que ordinariamente se tragaõ como as doçuras do mel na ponta da lauça de Jonathas.

LI-

LIVRO XLIV.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Successos da India no tempo do Governador D. Henrique de Menezes.

DOM Henrique de Menezes era hum Fidalgo de qualidades taõ excellentes, que elle deixaria na India completas as vastas idéas, que tinha concebido o Viso-Rei Conde da Vidigueira, se a mórte, que rompe as medidas humanas, naõ as atalhára. Como a primeira daquellas idéas tinha por objecto, naõ só a guerra de Calecut; mas a de toda a cósta do Malabar para abater a devacidaõ audaciosa dos piratas, que com grossas forças estragavaõ o nosso commercio; logo que elle tomou posse do governo, cuidou em aprestar a Armada para a execuçaõ prom-

Era vulg. 1525

Era vulg. prompta defte defignio. Nelle fe occupava o Governador, quando chegou a Goa com feis embarcações o Mouro Cide Ale, bem conhecido dos Portuguezes, e mandado de Dio por Meliqueaz com cartas, e prefentes para o Vifo-Rei D. Vafco da Gama. O fim defta deputaçaõ era defculpar-fe aquelle Chéfe dos infultos comettidos contra os Portuguezes em tempo do Governador Diogo Lopes de Siqueira: damnos, que elle promettia fatisfazer, como preliminares para a renovaçaõ da paz, que mandava propôr.

O Governador recebeo as cartas, e diffe ao Emiffario: Que como Meliqueaz eftava de taõ bom animo, elle lhe daria refpofta confórme ás fuas intenções; que o prefente, como naõ vinha para elle, o tornaffe a levar; muito menos o acceitaria, fendo parte delle compofto de armas, que os Portuguezes naõ coftumavaõ receber das mãos dos Mouros, fenaõ quando lhas arrancavaõ dellas nos combates. Cide Ale, ainda que defgoftado defta refpofta, acompanhou até Baticala

ao

ao Governador, que ſahio de Goa com a conſideravel Armada de treze náos, varias galéz, muitas fuſtas, e catures guarnecidos de gente deſejoſa da guerra, ambicioſa da honra. Aqui ſoube elle que os paráos dos rios do Malabar depois da mórte do Viſo-Rei tinhaõ ſahido para as ſuas reſpectivas viagens; que o grande número dos outros, que os guardavaõ, haviaõ ſido taõ confiados, que viéraõ dar de ſi huma viſta arrogante á noſſa Fortaleza de Cochim; e que Meliqueaz, pedindo pazes, tinha promptos alguns navios carregados de madeira, que determinava mandar a Juda para a fabrica da Armada, que os Rumes conſtruiaõ para virem expulſar os Portuguezes da India. Era vulg.

A ambos os projectos dos noſſos contrarios ocorreo a actividade do Governador. Elle deſtacou para irem tomar os navios de madeira aos Capitães Joaõ Pereira de La-Cerda, Manoel de Moura, e Manoel de Macedo; mas elles ſe conduzíraõ na viagem com tanta lentidaõ, que quando chegáraõ a

Dio,

Era vulg. Dio, já os navios tinhaõ partido para o Eſtreito. Porque os paráos do Malabar lhe naõ eſcapaſſem, mandou diante os catures ao longo da cóſta para os eſpiarem; elle com as embarcações ligeiras foi navegando coſido com a terra, e ordenou ás náos foſſem ſempre na volta do mar. Eſtas foraõ as primeiras, que aviſtáraõ a Fróta inimiga de mais de 40 paráos bem armados, e guarnecidos, que vinhaõ no bórdo da terra, e tambem ſe coſeraõ com ella vendo a Armada do mar, naõ deſcobrindo a do Governador, que eſtava occulta junto ao Ilheo de Baticala. As noſſas fuſtas, e galeotas ao ſignal, que ſe lhes fez das náos, advertíraõ na viſinhança dos inimigos; dobráraõ o Ilheo, e a toda a voga vieraõ ganhar-lhes o barlavento por terra. Ellas o conſeguíraõ felizmente, ficando os inimigos por ambos os bórdos de mar, e terra mettidos entre os noſſos fogos, de que foraõ bem ſervidos.

O ſeu Chéfe, que era irmaõ de Mamale, Regedor de Cananor, animado com as vantagens, que tinha ganha-

nhado sobre nós, naõ perdeo o animo, antes se avançou intrépido a forçar as nossas embarcações ligeiras. Ellas sustentáraõ a peleija com tal vigor, que foraõ levando os paráos até ao Ilheo, aonde rendêraõ doze desamparados da gente, que se salvou a nado. Este bom principio augmentou de fórte a nossa corage, que dobrando o fogo, e o vigor, as nossas fustas á vista do seu Chéfe ganháraõ a gloriosa victoria, em que os inimigos perdêraõ trinta e oito paráos, desoito rendidos, e vinte despedaçados nas rochas. O seu General com o favor da noite quiz fugir para Cananor; mas chegando ao monte de Dely, e vendo huma fusta nossa, que fora fazer agoada, naõ lhe descobrindo a pouca gente, que dormia, a entrou sem resistencia. Ao ruido despertáraõ os Portuguezes defendendo-se; aos primeiros impulsos arrojáraõ o General por huma escotilha ao fundo do poraõ; lançáraõ os Mouros fóra, abordáraõ, e rendêraõ ao seu paráo, que trouxeraõ a Cananor, aonde acháraõ no poraõ da fusta escondido ao irmaõ de Era vulg.

Era vulg. de Mamale, que dava pelo ſeu reſgate 20000 pardaos ao Governador da Fortaleza D. Simaõ de Menezes, e elle generoſo naõ quiz acceitar ſem ordem do Governador da India.

Ainda que o Rei de Baticala era noſſo amigo, eſta victoria o ſobmetteo tanto, que a nada teve reſiſtencia de quanto o Governador pretendeo delle. Bem provída a Armada de mantimentos em pena de conſentir, que os inimigos os levaſſem a Calecut; elle veio a Cananor, aonde mandou cortar as mãos, e enforcar nas ameias da Fortaleza ao General captivo; deſpreſando magnanimo as grandes promeſſas, que Mamale, e o Rei de Cananor lhe mandáraõ fazer pelo ſeu reſgate, e acompanhando a execuçaõ da reſpoſta, de que era Governador da India com os olhos abertos para a juſtiça, com o coraçaõ fechado aos intereſſes. Depois proveo a Fortaleza em Heitor da Silveira; nomeou a D. Simaõ de Menezes para Capitaõ-Mór do mar da India em lugar de D. Eſtevaõ da Gama, que voltára para o Reino, e elle o fez

com

com a Armada para Cochim, resoluto a continuar a guerra pela cósta do Malabar. Era vulg.

Naõ tardou muito a proposta, que Heitor da Silveira lhe mandou fazer da necessidade, que havia de se queimar a povoaçaõ de Marabia, que sendo do Rei de Cananor, este sentia considerall-la o refugio dos piratas de Calecut. Condescendeo o Governador com a proposta, e lhe mandou huma galeota com dez fustas para o ajudarem na empreza. Heitor da Silveira foi a ella em pessoa como varaõ magnanimo, que naõ queria deixar passar na India occasiaõ de assignalar o seu valor. Á vista de Marabia entendeo elle que bastava fiar a expediçaõ á corage de seu parente Joaõ Fernandes da Silveira na tésta de 140 homens: mas attento ao combate, e ao grande número de inimigos, que de muitas partes vinhaõ a darlhe calor, julgando-o entaõ digno da sua presença, saltou em terra com o resto da gente, e á maneira de turbilhaõ rápido, que no ar enrola o pó, elle foi dobrando os esquadrões contra-

rios,

Era vulg. rios, parte desfeitos, muitos fugindo, todos derrotados. Seguio-se o incendio da povoaçaõ, de todas as embarcações; e a prizaõ das mulheres, e mininos, que entregou ao Rei de Cananor por serem seus vassallos.

Se este estrago tocou com sensibilidade ao Çamorim para desejar a paz, as instancias dos Mouros foraõ tantas, e taõ persuasivas, que lhe irritáraõ o animo para naõ pretender menos despique, que a conquista da nossa Fortaleza de Calecut. D. Joaõ de Lima, que a governava, foi logo avisado, como da Serra, aonde o Rei tinha entaõ a sua Corte, baixavaõ 15ϕ000 Nayres ás ordens de tres Chéfes, que se haviaõ unir ao Catual, que estava reforçado com 40ϕ000 Mouros. D. Joaõ se dispoz para receber estes hospedes, naõ dentro dos muros; mas além das obras exteriores, só com a companhia de 40 homens, em que entravaõ D. Miguel de Castro, Leonel, e Fernando de Lima com outros bravos aventureiros costumados a desprezar perigos. Elles se avançáraõ aos Mouros, que ou atoni-

tos

tos da audacia, ou temerosos de que fosse vã-guarda de maior número de trópas, paráraõ circunspectos. De tal sórte os carregou D. Joaõ, que elles tiveraõ de defender-se, quando D. Vasco de Lima, Artur de Mello, Joaõ Rodrigues Pereira, Antonio de Sá, Mem de Lima, e Ruy Dias da Silveira com outros 40 homens os atacavaõ por hum dos flancos. Era vulg.

Entaõ a refrega pareceo batalha; mas succedendo attravessar Mem de Lima com huma lança a hum dos tres Generaes inimigos, que logo cahio morto, os Mouros corrêraõ de tropel a vingallo, e os Portuguezes opprimidos da multidaõ, sem a menor perda, e em boa ordem, se retiráraõ para a Fortaleza, aonde apparecêraõ coroando os muros. Como os Barbaros vinhaõ apinhados, e furiosos, elles se mettèraõ sem accordo debaixo do nosso fogo, que entrou a varejallos com a artilharia carregada a cartuxo, com toda a fuzilaria sem perder balla; ficando mais de mil despedaçados. Tanto se apertáraõ os espiritos do Çamorim com esta

se-

Era vulg. ſegundo revéz da fortuna, que immediatamente mandou hum Embaixador a Cochim para pedir a paz ao Governador. Eſte lhe reſpondeo: Que ſeu amo fora quem declarára a guerra ſem razaõ na fórma do ſeu coſtume, e por iſſo naõ devia ſentir a pena da injuſtiça: que elle mandaria ao Commandante da Fortaleza as inſtrucções neceſſarias para o ajuſte, ſe o Çamorim quizeſſe eſtar por ellas. Ouvido D. Joaõ de Lima, que eſtava menos ſoberbo com a ſua victoria, que bem inſtruido nos inconvenientes de ſe fazer entaõ a paz, reſpondeo ao Çamorim que á viſta de huma rotura de guerra taõ injuſta, os Portuguezes naõ metteriaõ as eſpadas na bainha ſem as condições ſeguintes.

Que no ſeu Reino naõ ſe haviaõ fabricar paráos, e elle entregaria quantos eſtiveſſem nos ſeus portos: Que logo poria nas noſſas mãos a Patecamar, rebelde de Cochim, que ſe refugiára nos ſeus Eſtados para nos fazer a guerra, e com elle todos os Portuguezes, que tinha priſioneiros, com os ſeus eſcra-

cravos: Que havia pagar toda a fazenda, que os Mouros nos tinhaõ roubado depois da declaraçaõ de guerra, e entregar-nos toda a artilharia grossa, que tivesse. O Çamorim, ainda que dissimulou, naõ pode soffrer a arrogancia destas propostas, que resolveo castigar com outro sitio da Fortaleza na entrada do Inverno, que lhe impossibilitaria os soccorros. Porém o Governador primeiro se approveitou do Veraõ, sahindo de Cochim com a gróssa Armada de oito náos, 40 fustas, oito galés, galeotas, e alguns brigantins para derramar o terror no rio, e Cidade de Panane, escala principal do commercio de Calecut. Erá vulg.

O seu Governador enviou logo recado á Armada, insinuando a ordem, que tinha do Çamorim para lhe entregar treze paráos, que estavaõ naquelle porto; que lhe desse tempo para o avisar da sua chegada, e receber nova ordem para fazer a entrega. A fórma do recado descobria o artificio para entreter; mas o Governador, que com o pretexto de fazer agua, queria obser-

Era vulg. var as defenſas do rio, mandou huma das ſuas lanchas com os Emiſſarios, que leváraõ huma reſpoſta ſem ſentido; vio as trincheiras, que os inimigos tinhaõ no lugar do deſembarque: querendo chegar-ſe á Cidade, a ſerviraõ com muitas ballas, e voltou a informar o Governador do que víra no rio, e na Praça. Reſolveo-ſe o ataque da trincheira, que o Governador havia inveſtir pela vã-guarda, D. Simaõ de Menezes pela reta-guarda, e entre eſtes dous Chéfes foi neceſſario dividir-ſe a Armada para cada hum delles na enchente da maré buſcar o lugar do ſeu reſpectivo deſembarque.

Ao romper do dia entrava pelo porto D. Henrique de Menezes para ſaltar em terra com 300 homens, em que entravaõ muitos Fidalgos, entre elles Pedro de Maſcarenhas, D. Affonſo, e D. Pedro de Menezes, Ayres da Silva, Joaõ de Mello da Silva, D. Jorge Maſcarenhas, e Ayres da Cunha. D. Simaõ de Menezes por outra parte havia deſembarcar com 800 homens, que levavaõ na ſua frente a Nuno Fernandes

Frei-

Freire, a Gomes Martins de Lémos, a D. Jorge Telo, a Jeronymo de Sousa, a Jorge Cabral, a D. Jorge de Menezes, a Antonio da Silveira, a Francisco de Vasconcellos, e a outros Fidalgos de conhecido valor. Todos o mosstráraõ no desembarque, atropellando o fogo dos inimigos; no avance da trincheira pelos lugares destinados, aonde cada hum delles queria ser o primeiro nos perigos, assim como eraõ émulos da glória. D. Simaõ já andava a braços com os Mouros pela sua parte, quando o Governador atacava outro corpo, que o esperava fóra da trincheira; mas naõ lhe podendo soffrer os golpes se poz em fugida, deixando-nos a victoria rubricada com o sangue illustre de Pedro Mascarenhas, de Gomes Martins de Lémos, e de Ruy Dias Pereira, que ficáraõ feridos. Era vulg.

Como o Governador estava descoberto ao fogo de trincheira, amparado a favor de huns penedos, que tinha ao lado, pode cobrir-se, e avançalla; em quanto D. Simaõ combatia no campo. Elle acometteo com tanto impe-

Era vulg. to, que a forçou degollando muitos Barbaros. Os que escapárao se forao incorporar com os seus camaradas, que ainda disputavaõ a D. Simaõ a victoria. Tanto era o seu número, que a cada passo lhe punhaõ tropeços; mas seguindo-os o Governador, e passando a estrago a que era peleija, elles se foraõ retirando até ganharem as boccas das ruas da Cidade, aonde se fizeraõ fortes. Entaõ se mandáraõ formar em pelotões os espingardeiros de ambos os corpos, que pelas mesmas ruas os foraõ perseguindo com grande mortandade, e os mettêraõ em hum denso palmar, aonde o Governador mandou tocar a retirada. Depois de saqueada a infeliz Panane, que nos forneceo hum riquissimo despojo, foi queimada até os fundamentos; abrazados os navios, que estavaõ no porto; deitados a terra os seus frondosos palmares; Panane hum espectaculo da miseria, sem mais perda nossa, que a de oito homens mórtos.

O Governador D. Henrique vendo-se taõ favorecido da fortuna, naõ quiz perder occasiaõ de se fazer glorioso, repu-

putadas as armas, ao ſeu Rei reſpeitado. Elle ſe fez logo na volta de Calecut para ſe empenhar em acções novas, que ſe reſolveo a conferir com D. Joaõ de Lima, mandando-o vir da Fortaleza ao mar. Na conferencia foraõ mutuos os arbitrios. D. Joaõ propoz ao Governador, quanto lhe ſeria vantajoſo render o porto de Coulete, aonde eſteve a força principal de Calecut, quando D. Vaſco da Gama chegou a elle na primeira viagem da India, e aonde entaõ eſtavaõ 50 paráos, que vieraõ de Cambaya com cargas importantes. O Governador inſinuou a D. Joaõ o grande crédito, que elle adquiriria, ſe por alguma indúſtria, e por acçaõ, que pareceſſe ſua, como ſe elle naõ lha inſinuára, fizeſſe pôr o fogo á Cidade viſinha da Fortaleza, que nos arrabaldes tinha muitas caſas de madeira, e feno, aonde ſería facil atear-ſe o incendio. Ouvidos os arbitrios, D. Joaõ prometteo executar hum, o Governador partio á execuçaõ do outro, ambos com feliz ſucceſſo. Era vulg.

Reparou D. Joaõ no deſembaraço

de

Era vulg. de hum Malabar de Calecut, bom christaõ, que vivia na noſſa Fortaleza, e ſe chamava Duarte Fernandes. Elle lhe deſcobrio o projecto de queimar a Cidade por alguma das ſuas invectivas, dando-lhe logo 200 pardaos para ſoccorrer as neceſſidades da ſua familia, e eſperanças de maior ganancia. Huma noite bem disfarçado em Jogue, ou Santaõ do paiz, com huma pouca de polvora, e pontas de murraõ eſcondidas, ſahio da Fortaleza o aſtuto Duarte, e como ſolitario vindo do hermo, andou alguns dias pela Cidade roubando eſmólas, attrahindo venerações, inculcando penitencias, dormindo aonde lhe anoitecia. Em huma das noites eſcura, e ventoſa, envolveo em trapos varias porções de polvora; quando todos dormiaõ lhes accendeo os murrões; foi-as lançando pelos tectos das caſas, e veio marchando para a Fortaleza. Pegou o fogo no feno; com o vento laborou o incendio, communicou-ſe á Cidade, morrêraõ abrazadas muitas peſſoas, a Fortaleza augmentou o horror com hum chuveiro de ballas, e o fingi-

gido Jogue entrou nella levado em braços pelo Capitaõ, que dalli em diante lhe deo a ſua propria meza, conſeguio de D. Henrique huma penſaõ annual de cem pardaos, e lhe ordenou que ſe chamaſſe Duarte Fernandes de Lima em merecido premio de reduzir Calecut a cinzas. Era vulg.

CAPITULO II.

Da expediçaõ do Governador D. Henrique ſobre Coulete, e outros ſucceſſos do ſeu tempo.

QUANDO D. Joaõ de Lima fazia arder Calecut, D. Henrique de Menezes abrazava Coulete. Na entrada do ſeu porto, aonde ſe receava a ſua vinda, notou elle grande número de paráos, e embarcações, promptos a defender-ſe, amarrados huns aos outros, com os maſtos abatidos, as poppas ao mar, as prôas em terra; eminente a elles huma alta ribanceira bem entrincheirada com groſſas traves, cortaduras, fachinas, e numeroſa arti-

lha-

Era vulg. lharia ; a gente em quantidade , bem armada , e expedita para o combate. Efte theatro horrivel no mar , e na terra , capaz de atemorifar os efpiritos intrépidos , fervio de defafiar a corage dos Portuguezes. Na terra , e no mar difpoz o Governador , que foffem os inimigos atacallos ao mefmo tempo : elle com 600 homens tomou á fua conta inveftir os paráos encadeados : a D. Simaõ de Menezes , e a Pedro Mafcarenhas com 300 homens cada hum encarregou a avançada da ribanceira pelos feus flancos. Ao romper da manhã fe fez o defembarque , D. Simaõ no lado direito , Pedro Mafcarenhas no efquerdo , o Governador no centro ; e como na fórma defta divifaõ o ataque foraõ tres choques , eu vou affim a referillos.

Com conftancia inalteravel foffreo o Efquadraõ do Governador o fogo dos paráos , e paffada a primeira rociada , em que perdeo alguns homens , quatro intrépidos os abordáraõ , e á força de golpes efpantofos abríraõ lugar para entrarem vinte camaradas. Ef-

tes ſuſtentáraõ largo tempo todo o pe- Era vulg.
zo do mais deſigual combate, até ſe-
rem ſoccorridos por mais duzentos,
animados por Gomes Freire, Nuno
Fernandes Freire, Antonio de Azeve-
do, e o bravo Joaõ Pouſado, que en-
trára primeiro, e déra principio á ac-
çaõ. Tantos foraõ os exemplos deſtes
poucos homens, que communicando-
ſe os eſpiritos do valor, obravaõ proe-
zas incriveis com tanto terror dos Bar-
baros, que de tropel ſe lançavaõ ao
mar. O Governador vendo a vantagem
da ſua trópa, fez vogar para terra, e
deſcarregar a artilharia ſobre os mui-
tos Mouros, que deſciaõ das trinchei-
ras a ſoccorrer os paráos, fazendo nel-
les conſideravel eſtrago. Como deſta
parte a victoria eſtava conſeguida, o
Governador ficou deſembaraçado pa-
ra occorrer, aonde a neceſſidade o pe-
diſſe.

D. Simaõ de Menezes encontrou
muita difficuldade no deſembarque, aſ-
ſim pela oppoſiçaõ dos Mouros, que
deſcêraõ áquella parte, como pelos
golpes do mar, que batia com gran-
de

Era vulg. de força. Mas arrojando-se a ambos os perigos impavidos Gomes Martins de Lemos seguido de Ayres da Silva, de Fernaõ Gomes de Lemos, de Jeronymo de Sousa, estes quatro homens resolutos foraõ desviando os Mouros, fazendo lugar aos companheiros, e dando tempo a D. Simaõ para em terra se formar em batalha. O Governador via do seu posto esta arriscada manobra; mandou remar para aquella parte, pojou em terra, e carregando os Mouros, elle, e D. Simaõ os mettêraõ ás cutiladas nas trincheiras. Aqui fizéraõ elles huma gentil defensa; mas chegando os nossos marinheiros, que lhes arrojáraõ quantidade de lanças de fogo, e panellas de polvora, que abrazavaõ os Barbaros, elles entráraõ em desordem.

Pedro Mascarenhas no lado esquerdo encontrou maior perigo para o desembarque na opposiçaõ, e no mar. Os soldados sahiaõ a terra aos mergulhos; alguns se affogáraõ; os inimigos nos matáraõ onze, feríraõ alguns; mas Jorge Cabral atropellando valente tantas

tas difficuldades, fez caminho a cincoenta camaradas, que sustentáraõ todo o pezo do choque, em quanto desembarcou o resto da gente. Entaõ Pedro Mascarenhas com os seus valerosos Capitães, reparando nos paráos já rendidos, no Governador, em D. Simaõ, que montavaõ a trincheira; elle carregou os Barbaros com tanta fúria, que os levou pela ribanceira acima, até os metter na trincheira daquelle lado. Neste avance das trincheiras já os nossos Esquadrões mutuamente se soccorriaõ, e davaõ as mãos, todos em competencia de qual as havia montar primeiro. Conseguio esta felicidade Artur Ferreira, logo Antonio de Lemos, e outros bravos homens, que desfizéraõ parte das fachinas, por onde os nossos foraõ entrando, e levando os Mouros igualmente cortados do temor, e do ferro. Era vulg.

Declarada a victoria, os nossos seguíraõ os fugitivos, que degollavaõ sem piedade, mas taõ desmandados, e furiosos, que naõ ouvíraõ o toque da retirada. O Governador na mesma trincheichei-

Era vulg. cheira armou Cavalleiros muitos Officiaes, que se distinguíraõ na acçaõ: acháraõ-se nella cem canhões de ferro: conduzíraõ-se para a Armada 38 paráos novos: outros muitos, e grande número de embarcações foraõ pasto do fogo: em fim, com glória estimavel rendemos Coulete, que nos custou o preço de trinta mórtos, e mais de 200 feridos, que foraõ mandados curar a Cananor. D. Henrique triunfante se fez á véla para Cochim, deixando naquelles mares a D. Simaõ com algumas galés, e 30 fustas para continuar a guerra de Calecut.

Cumprio este Fidalgo os seus deveres com o costumado valor. Sabendo que no rio de Barcelor estavaõ vinte paráos, dos que vieraõ de Cambaia, refugiados com medo da Armada, entrou no porto, e lhes poz o fogo: o mesmo fez á povoaçaõ, e aos navios, que estavaõ nella. Daqui marchou para Baticala, e tomou no caminho muitas prezas carregadas de mantimentos, com que forneceo a sua Fróta. Pelos mais rios daquella cósta andou o furor

der-

derramado, naõ havendo lugar ſeguro para as embarcações perſeguidas dos contrarios. Mas no de Marabia a temeridade de Domingos Fernandes o Rume, que mandava hum brigantim, e pelo rio a cima foi ſó perſeguindo muitos paráos, D. Simaõ mandando-o ſoccorrer em hum eſquife por Gomes Martins de Lémos: nos foi cauſa eſte homem de huma perda bem ſenſivel. Varou em hum baixo o eſquife, quando a maré deſcia, e ſervido de muito fogo por ambas as margens do rio, foraõ mortos os oito Portuguezes, todos os remeiros, entrando no ſeu número tres Fidalgos taõ cheios de valor, e carregados de ſerviços, como eraõ Gomes Martins de Lémos, D. Fernando de Lima, e Artur de Caſtro. Quando voltou o temerario Rume achou nùs, e eſpoliados os illuſtres cadaveres, que D. Simaõ com lágrimas commuas levou a ſepultar em Cananor, aonde a pompa funebre correſpondeo á grandeza da alma de Heitor da Silveira, que a mandou fazer. Era vulg.

Vantajoſo corria na India eſte anno,

Era vulg. no, que em Portugal entrára feliz pela celebraçaõ do casamento do Rei com a Rainha D. Catharina, que no fim do passado chegára á nossa fronteira, e pelo ajuste do da Infante D. Isabel, que occupou o maior throno do Mundo, como Esposa do Imperador Carlos V. Admittidas as práticas para este consorcio augusto, vieraõ a Portugal com o caracter de Embaixadores o mesmo Carlos Popeto de La-Chaulx, em que já fallamos, e D. Joaõ de Zuniga da Ordem de Sant-Iago, que tiveraõ as suas conferencias com D. Antonio de Noronha, Escrivaõ da Puridade, e com Pedro Correa, Senhor de Bellas, nomeados por El-Rei. Assentáraõ estes quatro Ministros, que o Imperador pagaria a dispensa, El-Rei o transpórte da Imperatriz a Castella, para nestas condições se igualar El-Rei no ajuste de sua irmã com o Imperador, que assim o fizera no da sua. No dote porém houve desigualdade; porque o Imperador recebeo hum milhaõ, e El-Rei 200$000 dóbras. O Cesar arbitrou de arrhas á futura Esposa a terça parte do dote, e

45ↀ000 ducados por anno. Como na impetra para a diſpenſa naõ ſe eſpecificáraõ todos os parenteſcos, foi neceſſario pedir ſupplemento a Roma, e naõ paſſou a Imperatriz para Caſtella, ſenaõ em Janeiro do anno ſeguinte, como diremos. Era vulg.

O aſſumpto das converſações da India por eſte tempo era ſobre o grande ſitio, que ſe eſperava pozeſſe o Çamorim á noſſa Fortaleza de Calecut na entrada do Inverno. Quando D. Simaõ de Menezes chegou a ella na volta de Marabia, andava eſta voz taõ válida, que elle teve de ſoccorrer a D. Joaõ de Lima, Governador da Fortaleza, com a maior parte dos viveres, munições, alguma artilharia, e 120 homens dos que levava na Armada. Com a publicidade das meſmas vozes em Cochim, o Governador mandou prover a Fortaleza de polvora, e balla; e para companheiros dos trabalhos, que D. Joaõ eſperava, vieraõ ſeu irmaõ D. Chriſtovaõ de Lima, ſeu primo Leonel de Lima, outros doze Fidalgos ſeus parentes, e amigos, que na Aula de hum Profeſſor taõ

ju-

Era vulg. jubilado na milicia da India, vinhaõ á fazer oſtentações públicas do ſeu valor. Mas em quanto naõ nos deſperta o eſtrondo das armas de Calecut, ouçamos o de Malaca, e das Molucas.

Com a partida de D. Garcia Henriques para eſtas Ilhas a render o Capitaõ Antonio de Brito, entendeo o noſſo implacavel inimigo o Rei de Bintaõ, que o poder de Manoel de Souſa, Capitaõ-Mór do mar de Malaca, e ainda o de Jorge de Albuquerque na Fortaleza, ficariaõ taõ enfraquecidos, que as ſuas armas poderiaõ conſeguir alguma vantagem. Com eſte deſignio appareceo de repente em Malaca o arrojado Laque Xemena com 30 fuſtas cheias de bravos Bintamezes, que pojou em terra, quando a gente no Templo aſſiſtia á Miſſa. Elle entrou a povoaçaõ dos Quelins matando, e ferindo ſem reſiſtencia. Ao eſtrondo do rebate ſahíraõ da Igreja Jorge de Albuquerque, e Manoel de Souſa, que mandáraõ hum reforço de 80 homens acudir aos Quelins, que animados com o ſoccorro fizeraõ volta face, e obrigáraõ o Laque

a embarcar-ſe. O meſmo executou Manoel de Souſa com 70 ſoldados em tres fuſtas, e foi ſeguindo com temeridade ao mar alto o General aſtuto, que ſe fingia fugindo. Manoel de Mattos, e Manoel Falcaõ, Officiaes práticos na guerra, gritáraõ a Manoel de Souſa advertiſſe que a retirada do Laque era indúſtria; que naõ ſe engolfaſſe tanto, porque havia virar ſobre elle, e que todos ſe perderiaõ. Era vulg.

Deſpreſou Manoel de Souſa o conſelho ſaudavel; ſeguio os impulſos da temeridade, e a pagou com a perda da vida, acompanhando-o na deſgraça 50 camaradas. Nenhum delles eſcaparia da mórte rodeados de 30 embarcações inimigas, ſe huma balla perdida naõ derrubaſſe o maſto da fuſta do Laque, que dando-lhe na cabeça, o deixou como morto. Acudíraõ todos os Mouros ao perigo do ſeu Chéfe, e neſta revolta foi tal a corage do Capitaõ Manoel Falcaõ, unico Official, que ficára vivo, e dos vinte Portuguezes, que eſcapáraõ de mórtos, que deo cabo ás duas fuſtas, e pela popa da ſua as trouſ-

Era vulg. ſe de reboque a Malaca carregadas de cadaveres. Laque Xemena, reſtituidos os ſentidos, veio no dia ſeguinte com a Fróta embandeirada, dando ſalvas, e tocando trombetas, celebrar-lhe exequias plauſiveis á viſta da opprimida Malaca.

Nas Molucas naõ ceſſava Antonio de Brito de fazer a guerra ao Rei de Tidore com ſucceſſos varios. O meſmo fazia Martim Affonſo de Mello Zuzarte em Banda, quando o ſeu deſtino era vir a Malaca, como Antonio de Brito lhe ordenára. Eſte Chéfe, quando ſe ſentio enfermo, pedio ſucceſſor a D. Duarte de Menezes, que eſtava naquella Cidade. Elle nomeou a D. Sancho Henriques; mas ſendo eſte morto no porto de Paõ, como fica dito: Jorge de Albuquerque mandou agora ás Molucas com o meſmo emprego a D. Garcia Henriques, que ſe encontrou com o Zuzarte em Banda. Elle lhe pedio o ſoccorreſſe para ſe vingar dos moradores da terra, que o haviaõ tratado mal, deixando hum exemplo em Lotir, Capital daquellas Ilhas, para ſaberem os

Ilheos,

Ilheos, que os Portuguezes eraő incapazes de ſoffrer attrevimentos. Ambos os Cabos ſaltáraő em Lotir com cem homens; mas como elles na guerra buſcavaő a vingança, naő os ajudou o movel da Fortuna, e tiveraő de ſe embarcar diminuidos. O Zuzarte continuou a viagem de Malaca para vender o ſeu cravo, e D. Garcia a das Molucas para as governar. Era vulg.

Eſte Fidalgo chegou a tempo, que Antonio de Brito ſaő, e robuſto, mandava atacar huma povoaçaó do Rei de Tidore, e naő o achou diſpoſto para lhe fazer entrega da Fortaleza com a promptidaő, que elle queria. D. Garcia determinava embarcar-ſe, e retroceder; mas o Brito, que era prudente, o entreteve, e lhe rogou quizeſſe ficar com elle no ſeu meſmo apoſento como bom amigo, até que ſe acabaſſe hum Junco, que mandára fazer para a ſua viagem, e que entaő lhe entregaria a Fortaleza. Acceitou D. Garcia eſta offerta, que evitou as deſordens, em que ſe podiaő intereſſar dous partidos. E porque para o futuro temos

Era vulg. de vêr huma conteſtaçaõ pezada entre Pedro Maſcarenhas, e Lopo Vaz de Sampayo ſobre o governo da India; conteſtaçaõ, em que fez a primeira figura o Védor da Fazenda Affonſo Mexia; devemos ſaber, que eſtando agora a partir o primeiro daquelles Fidalgos para o governo de Malaca, em que viera provido do Reino, ſobre deſpejar, ou naõ deſpejar hum paiol de popa da náo, que Pedro Maſcarenhas queria para recolher os mantimentos, e o Védor para levar fazenda d'El-Rei; elles diſputáraõ a queſtaõ, ambos taõ azedos, que perturbados os humores, revolvêraõ a harmonia dos negocios de Eſtado. Mas chega o Inverno, e os de Calecut deſafiaõ a noſſa attençaõ.

CA-

CAPITULO III.

O Çamorim de Calecut põe sitio á nossa Fortaleza, que D. João de Lima defende com corage generosa.

SE D. Joaõ de Lima naõ fora taõ grande pelos memoraveis feitos, que em tantos annos obrou na India, especialmente na tomada de Goa, como nós temos visto nesta Historia, que tantas vezes se ennobrece com a repetiçaõ do seu illustre nome: bastavaõ os que elle executou na defensa da Fortaleza de Calecut, que eu passo a referir, para ser digno entre nós de immortal memoria. A soberba dos Çamorins de Calecut, que do tempo da entrada dos Portuguezes na India sempre foi rival arrogante da sua felicidade, agora estimulada, menos das perdas, que da quebra da reputaçaõ das armas, determinou tomar de tudo vingança, e desafogar a cólera nas paredes fracas de huma Fortaleza, que o seu espirito abatido pelas nossas victorias nos havia Era vulg.

an-

Era vulg.

antes offerecido nas ſuas terras. Corria o mez de Junho do anno que tratamos, quando as ſuas trópas em grande número vieraõ poſtar-ſe em torno da Fortaleza, reſolutas, ou a ſepultar-ſe nos ſeus foſſos, ou a arrancar nella o padraõ injurioſo á independencia dos Monarcas de Calecut.

D. Joaõ de Lima obſervando na entrada do Inverno, que o impoſſibilitava a ſer ſoccorrido, a longa duraçaõ da tempeſtade, que o ameaçava; elle ſe preparou para ſe conduzir de modo, que todo o furor ſe desfizeſſe no rochedo da ſua conſtancia; que tendo elle de ſer dalli em diante o objecto de tantos Expectadores amigos, e contrarios, a eſtes ſerviſſe de eſcandalo, aos outros de exemplo. Occupado de idéas ſublimes, que naſciaõ do eſpirito magnanimo, rodeado de circunſpecções, que traziaõ a origem da ſciencia militar adquirida em tantos annos de ſerviço; elle diſpoz o animo para a tolerancia do trabalho; elle regulou os expedientes para naõ desfalecer a defenſa. A ſua primeira acçaõ foi arrecadar com vigilan-

çia os mantimentos, e munições para se gaſtarem ſem deſperdicio: reparar as obras interiores, e exteriores da praça, que neceſſitavaõ fortalecidas: pôr em bom eſtado a artilharia com o número de gente habil para ſer bem ſervida: nomear os Officiaes, e ſoldados, que haviaõ defender cada hum dos baluartes; reſervando duas patrulhas, huma para o acompanhar, quando acudiſſe aos lugares, em que houveſſe maior aperto; outra para D. Vaſco de Lima fazer ſahidas ao campo, e o inquietar com rebates repetidos. Era vulg.

Eſte Fidalgo na téſta de trinta homens, que elle medio pela eſtatura do ſeu valor, ſahindo todos os dias a obſervar as manobras do inimigo, foi o primeiro, que enſanguentou a guerra; atacando-o com tanto vigor, que os magotes diſperſos eraõ levados a golpes até os metter na Cidade, ou no groſſo do acampamento. Como eſtas invasões furtivas de D. Vaſco incommodavaõ aos Barbaros, hum Italiano renegado, que ſervíra aos Turcos na tomada de Rhodes, e agora gover-

Era vulg. vernava os ataques por ser Engenheiro de profissaõ, reparando que D. Vasco tinha segura a retirada por baixo do fogo da Praça, que varejava a Cidade; mandou levantar de huma ponta do mar até a outra, linhas de circumvallaçaõ taõ altas, e taõ grossas, que a Cidade, e o campo naõ só ficavaõ cobertos aos tiros da nossa artilharia; mas á Praça inhabilitada para receber soccorros por aquella parte: inconveniente, a que occorreo a vigilancia de D. Joaõ, mandando fazer huma trincheira de pipas cheias de areia da pórta da trahiçaõ até ao mar, que os inimigos naõ podéraõ impedir, e sustentou aquelle lugar destinado para os desembarques, que depois se fizéraõ nelle com valor, e fortuna.

Ainda que o déstro Italiano se naõ descuidou de levantar todos os reparos para cobrir as suas batarias, e a muita gente, que trabalhava nellas; a nossa artilharia laborava com effeitos maravilhosos no estrago das vidas, e das obras. O renegado Portuguez Sebastiaõ de Sousa, de que já fallamos; que

que servia em Calecut, e que sempre se mostrou grato aos favores, que devia a D. Joaõ de Lima; para o informar dos designios do Italiano, fez lugar na sua boa graça, acompanhava-o sempre, e elle como a seu imitador abominavel na apostasia, todos os intentos lhe communicava. D. Joaõ para se aproveitar das boas vontades do renegado, persuadio ao Malabar Duarte Fernandes de Lima, o incendiario de Calecut, que segunda vez se fizesse Jogue; passasse ao campo contrario; conferisse com o renegado, e de noite viesse pelo lado do mar á Fortaleza, aonde acharia hum fio para atar as cartas: indústria, que nos servio de grande proveito todo o tempo, que durou o sitio. Era vulg.

Por esta via soubemos que hum grande reparo, em que trabalhavaõ os Mouros, era para se plantar hum formidavel trabuco, que o Italiano tinha fundido na Cidade de muitas peças de artilharia, e havia lançar bollas de pedra de vinte quintaes de pezo. Naõ pode deixar o Governador de assustar-

se

Era vulg. se com esta invençaõ, que arrazaria todo o interior da Praça, e dando parte della só aos Fidalgos, assentáraõ em fazer huma sahida para arruinar o reparo. Elles a executáraõ no quarto d'alva com tanta felicidade, que demolíraõ a obra, e degolláraõ quantidade de inimigos. Como estes eraõ muitos, facilmente renováraõ os aproches, que os nossos em outras duas sahidas naõ podéraõ impedir pela grande vigilancia, com que os acháraõ guardados. Montou-se o trabuco; poz-se prompta para laborar a numerosa artilharia; mas o Italiano jactancioso protestou ao Rei, que naõ desparava tiro, em quanto elle em pessoa naõ viesse vêr, como elle em huma hora arrazava a Fortaleza, e abatia a arrogancia dos soberbos Portuguezes seus inexoraveis inimigos.

Da vinda do Rei, e do ataque, que estava preparado, teve D. Joaõ aviso pelo disfarçado Jogue, e se preveniо para huma resistencia, que fizesse mentirosas as promessas do apostata. Amanheceo o dia destinado para

o

o formidavel avance, e D. Joaõ par- *Era vulg.*
moſtrar, ou que celebrava a vinda do Rei ao campo, ou que feſtejava a guerra, mandou embandeirar a Fortaleza, e que a guarniçaõ de galla coroaſſe o muro. Ás oito horas do dia ſe deo o ſignal para diſpararem as batarias com hum alarido barbaro, a que ſe ſeguio o fogo horroroſo de cem canhões, que por eſpaço de mais de huma hora tiveraõ extacticos ſem acçaõ os ſentidos de vêr, e ouvir. Calláraõ-ſe as boccas de bronze, diſſipou-ſe o fumo, vio o Rei a Fortaleza em pé como d'antes, e ſahirem entaõ della chuveiros de ballas de 40 canhões, que pelo ſeu campo foraõ fazendo em pedaços a artilharia, os reparos, as trincheiras, grande número de homens, naõ havendo nós perdido mais de tres. Tomado o Rei da cólera á viſta da noſſa pouca ruina nos muros, e do ſeu grande eſtrago no campo, reprehendeo os que o enganáraõ; mas o Italiano mudou de eſtylo, e lhe diſſe que elle hia a trabalhar em huma mina, que abriria nos muros, para o aſſalto,

a

Era vulg. entrada, que naõ rompêraõ as balas. Os Portuguezes com felicidade a contraminárаõ, abrazáraõ as mantas, fizeraõ retirar os picadores depois de muitos mórtos, e naõ teve o Italiano por entaõ outro expediente, que o de apellar para as obras do decantado trabuco.

Poz-ſe fogo a eſte monſtro de bronze, e viſto, e ouvido no ar o zunido da mole de pedra, que elle deſpedio, deixou ſuſpenſos os eſpiritos valentes, ſem alentos os covardes. Oito deſtas pedras cahíraõ no primeiro dia na Fortaleza, e ainda que naõ matáraõ mais que cinco peſſoas, o effeito nas ameias, nas torres, e nas paredes era taõ prompto, e taõ horrivel, que a continuarem os golpes, era inevitavel a ruina. No meio deſta conſternaçaõ o memoravel Fernaõ Pires, Condeſtavel da artilharia, invocando com fé viva o patrocinio da Senhora, correo ao alto da torre, apontou humas peças ao braço do trabuco, que ſe deixava vêr quando acabava de arrojar a pedra, e foi taõ evidente a protecçaõ da Sobe-

berana Auxiliatriz dos Chriſtãos, que da primeira balla o rompeo, cahio ſobre o reparo, e o desfez, ficando o trabuco todo deſcoberto. Entaõ o meſmo Condeſtavel, deſcendo á bataria baixa, lhe apontou o mais groſſo dos canhões com tanta certeza, que deitou o trabuco a terra, e desfez os reparos em tantos haſtilhaços, que matou cem homens dos muitos, que trabalhavaõ com o deſmarcado trabuco. Era vulg.

Mudou-ſe a conſternaçaõ em vivas de ſucceſſo taõ feliz; o Condeſtavel foi levado nos braços dos Fidalgos, por todos bem remunerado, e o Governador com toda a gente correo ao Templo a dar graças á admiravel Authora da maravilha. Os Barbaros naõ perdêraõ com ella os eſpiritos animados pela preſença do ſeu Rei, que os fez trabalhar em novas minas, redobrar o fogo, pôr a Fortaleza em eſtado de ſe lhe dar hum aſſalto, em quanto o Italiano trabalhava na fundiçaõ de tres trabucos novos. A fábrica das minas derrotámos nós com a repetiçaõ das ſahidas, queimando as mantas, e degol-

lan-

Era vulg. lando os trabalhadores: a continuaçaõ do fogo arruinou os armazens, de que resultou corromperem as chuvas os mantimentos, e seguir-se extrema fome: da fabrica dos trabucos avisou D. Joaõ ao Governador, e que se com tempo naõ mandasse embarcações pela parte do mar a fulminarem o campo dos inimigos, que ficava descoberto, e elles entrassem a laborar, que a ruina da Praça era infallivel, a sua defensa muito difficultosa.

Além deste aviso, o Governador em Cochim, e Heitor da Silveira em Cananor sabiaõ que o Exercito de Calecut já passava de 60ϕ000 homens; que a quantidade da sua artilharia era prodigiosa; que o Rei em pessoa dava grande vigor ao sitio; que a Fortaleza ficava no ultimo aperto da fome, inimigo mais inexoravel, que os Barbaros. Heitor da Silveira, que estava mais perto, a soccorreo com dous catures de mantimentos: o Governador despedio duas caravellas ás ordens de Christovaõ Jusarte, e de Duarte da Fonseca com a mesma carga, grossa artilharia,

e 40 homens cada huma para fazerem fogo do mar ſobre os inimigos. O Juſarte com a ſua companhia, ſem que o ſeguiſſe o Fonſeca, reſolveo metterſe na Praça, que tinha falta de gente; porque para acanhoar o campo baſtava a marinhagem com os artilheiros. O ſeu deſembarque foi huma das acções mais glorioſas. Mouros innumeraveis o rodeáraõ; e ſuſtentando hum choque incrivel, depois de matar a muitos, ainda que perdeo 15 homens, com os mais cobertos de honra, entrou na Fortaleza. Era vulg.

Os Barbaros por eſtes pequenos ſoccorros entendêraõ, que naõ tardariaõ os maiores; reforçáraõ os ataques; creſceo o fogo; já o fazia hum dos trabucos; os repelões eraõ continuos; nos defenſores augmentava-ſe a conſternaçaõ, e a miſeria. No meio della hum Flamengo, e o Condeſtavel Diogo Pires inventáraõ huma eſpecie de bombas, que deſpediaõ da bocca dos canhões com a eſpeleta acceſa, e hiaõ rebentar nas trincheiras dos inimigos. Ellas produziraõ taõ bom effeito, que ſo-

Era vulg. ſobre tirarem a vida a muitos, queimáraõ o reparo do trabuco, quantidade de madeiras, e fachinas, que cobriaõ o campo. Duarte da Fonſeca, ou porque via do mar o aperto da praça, e as gentilezas, que os noſſos obravaõ, ou corrido da que obrára o ſeu camarada Chriſtovaõ Juſarte, que elle naõ acompanhou; agora quiz imitallo deſembarcando com os outros 40 homens, que para iſſo o inſtavaõ reſolutos. D. Joaõ de Lima o naõ quiz conſentir, e lhe enviou huma carta para a mandar logo da caravella do Juſarte ao Governador, pedindo-lhe gente para ir atacar aos inimigos nas trincheiras, antes que o fogo, e a fome o conſumiſſem.

Ao meſmo tempo deſcobrio o Fonſeca huma galeota, e demandando-a ſe encontrou com Franciſco de Vaſconcellos, que na fórma das ordens, que trazia, determinou que o Fonſeca foſſe a Cochim levar a carta ao Governador, e elle com a caravella do Juſarte partio para Cananor, a receber ſoccorros de Heitor da Silveira. Era en-

entrado o mez de Agosto, quando o Fonseca chegou a Cochim, e o Governador sem perda de tempo aprompto algumas embarcações, que foraõ a do mesmo Fonseca, a de D. Affonso de Menezes, as de Antonio da Silveira, Pedro Velho, e Gonçalo Paes. Entaõ se offereceo o generoso Francisco Pereira Pestana, que fora Governador de Goa, e sahio em huma náo com 200 homens sustentados á sua custa: generosidade, que depois lhe servio no Reino para avançar a reputaçaõ, e os despachos. Era vulg.

Entre tanto naõ estavaõ ociosos os sitiadores, e sitiados. Aquelles trabalhavaõ de dia, e de noite na construcçaõ de novas obras, em reforçar o fogo, em arruinar a Praça, que já se via rota, pósta por terra: estes sem descanço reparavaõ as ruinas, resistiaõ á fome, aos inimigos, á natureza, á mórte, á tudo conjurado no seu destroço, elles a nada rendidos. Entre tanto aperto acudíraõ os auxilios do Ceo, e os soccorros da terra a remunerar os esforços da constancia. Quan-

Era vulg. do a firmeza dos eſpiritos competia com todas as fúrias, que os atormentavaõ; appareceo em peſſoa o bravo Heitor da Silveira, e Franciſco de Vaſconcellos com a maior parte dos ſoldados de Cananor, muitos paráos carregados de mantimentos, e tudo por baixo do fogo dos inimigos, elle metteo na Praça, e ſe recolheo para a ſua, que deixára encarregada ao Alcaide Mór. Franciſco de Vaſconcellos ficou no mar para com o ſeu navio fazer fogo ſobre o campo: exercicio, em que o achou occupado Franciſco Pereira Peſtana, chegado ao porto depois de correr huma grande tormenta, que fez arribar a Cochim os outros navios da ſua conſerva, com impaciencia dos ſoldados.

Sem embargo do Vaſconcellos o informar do ſoccorro, que Heitor da Silveira mettêra na Fortaleza, elle lhe quiz mandar hum paráo, que conduzíraõ ſeis homens. Tinha elle poſto em terra metade da carga, quando acudíraõ os Mouros, e tomáraõ o paráo com o reſto della. Eſta preza deo occa-

casiaõ á mais vistosa de todas as gentilezas, que se obráraõ neste sitio. Sahio D. Joaõ de Lima com parte da guarniçaõ a castigar o attrevimento dos Barbaros, e a salvar os mantimentos, que estavaõ em terra. Acudio a sustentar o campo hum dos Generaes inimigos com o grosso do Exercito, que pôz o fogo á nossa trincheira do mar. Nós o apagámos, e depois de servidos os Barbaros com huma descarga da nossa artilharia, nos avançamos ao combate. Na duraçaõ delle se foraõ recolhendo os mantimentos, e apertando os inimigos com tal esforço, que mórtos 300, e entre elles o seu General, os mais abandonáraõ o empenho. D. Joaõ de Lima ferido, e victorioso, com tres homens menos, entrou na Fortaleza, que entregou a D. Vasco de Lima em quanto se curava. Era vulg.

Pouco depois foraõ apparecendo os navios de Cochim, mandados por Antonio de Miranda, e na sua reta-guarda D. Simaõ de Menezes com huma Fróta de desasseis vélas, que o Gover-

Era vulg. nador enviava a devaſtar os pórtos de Calecut, em quanto elle ajuntava o poder da India para vir dar huma batalha ao Çamorim, que proteſtava render a Praça, ou morrer na empreza. Com eſtes ſoccorros, quando declinava o mez de Setembro, a guerra mudava de ſemblante, os Mouros deſconfiavaõ do projecto, o Italiano apoſtata tinha eſgotado as indúſtrias; os noſſos embandeiravaõ as poſtradas ruinas para moſtrarem, que em quanto nellas houveſſem pedras, e elles tiveſſem peitos, havia ſer incontraſtavel a defenſa. Creſceo o júbilo com a chegada de Franciſco de Faria, que Franciſco de Sá, Governador de Goa, mandava com vinte fuſtas carregadas de gente, munições, e viveres, que pozéraõ a Fortaleza em eſtado de foffrer hum novo ſitio. Ora em quanto o Governador ſe prepara para a ſua viagem, e os valeroſos ſitiados continuaõ a ſua defenſa, vamos nós á narraçaõ de outros ſucceſſos, depois concluiremos eſte no ſeu tempo.

CA-

CAPITULO IV.

Trataõ-se vários successos da India no tempo do sitio da Fortaleza de Calecut, e o fim do mesmo sitio.

GRANDES embaraços á tranquillidade antiga, e amigavel com a Corte de Cochim nos hia causando o espirito de inteireza do Governador D. Henrique de Menezes, senaõ a atalhára a fidelidade provada do Rei para com os Portuguezes, a instancia dos Fidalgos, e ceder o Governador da sua teima. Tres Naires de hum General muito poderoso, senhor de hum grande partido em Cochim, foraõ prezos innocentes pelo crime de hum furto taõ ridiculo como o de hum pedreiro, que certos marinheiros da terra fizéraõ em huma embarcaçaõ nossa. Sem mais exame quiz o Governador justiçallos, naõ admittindo o empenho dos Fidalgos, do General, do mesmo Rei para a sua soltura. Em huma representaçaõ, que lhe fez o mesmo General, o Gover- Era vulg.

na-

Era vulg.

nador fazendo huma acçaõ com violencia, ferio-o na bocca com o caſtaõ da bengala. O Barbaro, que a teve por huma injúria enorme, convoca o ſeu numeroſo partido, e reſolve naquella noite degollar a todos os Portuguezes em Cochim, aſſaltar a Fortaleza, e atacar o meſmo Rei, ſe ſe oppozeſſe ao ſeu deſpique.

Eſte ſabedor da reſoluçaõ do General, põe a ſua gente em armas, aviſa aos Portuguezes, e ao Governador, poſta-ſe na frente dos revoltoſos, e já com branduras, já com ameaços os faz por entaõ reentrar nos ſeus deveres. Os Fidalgos ſentidos, de que huma pequena faiſca foſſe ateando tal incendio, fizéraõ ao Governador repreſentações taõ vivas, que elle teve de ſoltar os Naires, levallos em peſſoa ao Rei, dar ſatisfações ao General, que as eſtava pedindo ao meſmo Rei. Eſtes paſſos ſuſpendèraõ o tumulto; mas o Governador entrou em outro muito mais perigoſo. Elle ſe queixou dos ſeus predeceſſores naõ terem levantado hum muro, que cortaſſe a commu-

municaçaõ com a Cidade, e pozesse a Fortaleza a coberto destas, e outras semelhantes invasões. Determina elle fazello, e quando demarcava o terreno contra todos os votos dos Portuguezes; o Rei, que sentia houvesse esta desconfiança da sua antiga amizade, busca o Governador no campo, no principio com vozes brandas, logo com ellas bem duras o argue, o accusa, o reprehende da sua resoluçaõ inconsiderada, injusta, offensiva da sua boa fé, que poderia ter consequencias funestas. O Governador o satisfez, suspendeo a resoluçaõ, e continuou inalteravel a amizade. Era vulg.

Por estes tempos chegava Pedro Mascarenhas a Malaca para receber de Jorge de Albuquerque a posse do seu governo, em que vinha provido. O Rei de Bintaõ lhe quiz provar o caracter, e o mandou visitar por dous Exercitos naval, e terrestre, que ou naõ quizeraõ empenhar-se nos cumprimentos, ou temêraõ duras as respostas. O novo Governador naõ perdeo tempo em lhe mandar agradecer a visi-

Era vulg. sita por Ayres da Cunha com huma Esquadra, que tomando o porto de Bintaõ para lhe impedir os mantimentos, fez prezas, e a perseguio com a fome. Á Cidade de Patane, que tambem devia conhecer a Pedro Mascarenhas, enviou elle a Martim Affonso de Mello Zuzarte, pouco antes chegado das Molucas, com outra Fróta, para lhe agradecer os serviços, que nos fizéra. Por alguns dias naõ vio Patane no seu porto mais que o horror da pilhagem, dos incendios, das mórtes, e depois sê sentio a Cidade arrazada por huma innundaçaõ de ballas: terror, que abateo o Rei até entaõ soberbo para nos pedir a paz humilde.

Do Reino navegavaõ para a India cinco náos mandadas por Filippe de Castro, que levava ás suas ordens os Capitães Diogo de Mello, Antonio de Abreo, D. Lopo de Almeida, e Vicente Gil. Tres destas náos chegáraõ á India em Setembro. A do Commandante, indo na volta de Ormuz, naufragou no Cabo de Rosalgate; mas algun-

vando tudo, fretou outra náo em Calaiate, e veio a Calecut, aonde soube, que Antonio de Abreo invernára em Moçambique, e alli achou as outras tres náos, que com a noticia do sitio, mudáraõ o rumo para irem soccorrer a Fortaleza. O Governador, que só esperava este reforço do Reino para fazer a viagem de Calecut, com a noticia da sua chegada sahio de Cochim a dar de si huma vista aos sitiados alegre, aos sitiadores terrivel na poderosa Armada de mais de cem vélas, que empavezadas, e guerreiras, apparecêraõ entrado Novembro. Os merecimentos de Heitor da Silveira o distinguíraõ para ser nomeado seu Capitaõ-Mór, que mandou responder á salva da Fortaleza com o fogo de toda ella na duraçaõ de huma tarde sobre as trincheiras dos inimigos, deitando-as a terra. Era vulg.

Levava esta Armada 2400 Portuguezes, 4000 escravos valerosos, e bem armados, 1000 Canarins de Goa, e 800 Malabares do Cochim. O campo contrario, ainda que na continuaçaõ do sitio, tinha perdido muita gen-

te,

Era vulg. te, como eſta cada dia ſe reclutava, o ſeu número paſſava de 50000 homens. O Governador mettido na occaſiaõ de ſublimar a honra propria, de dar hum alto tom á reputaçaõ das armas, de ſubir á eminencia do reſpeito o nome auguſto do novo Rei de Portugal; elle chama prudente toda a Nobreza da India, que o acompanhava, e lhe pede conſelho á viſta do inimigo, do que deve obrar contra elle. A maior parte dos votos ſe conformou, em que era temeridade atacar hum dos Reis mais poderoſos da Aſia entrincheirado em hum campo impoſſivel de romper: que elle ſe jactava de ter juntos todos os Portuguezes para os degollar de hum golpe, e que eſperava com as noſſas bandeiras varrer os veſtibulos dos ſeus Pagodes: que a gente da Fortaleza ſe devia recolher na Armada, depois fazella voar, e moſtrarmos o noſſo reſentimento na continuaçaõ da guerra pelos portos maritimos de Calecut. O Governador ſem ſe declarar, deſpedio a todos, dizendolhes que penſaſſem bem a importancia da materia para na tarde os tornar a ouvir.

No

No ſegundo conſelho naõ houve mudança nos primeiros ſentimentos. Entaõ o Governador, chamando ao ſemblante todo o pezo da authoridade do cargo, declarou os ſeus neſte eſtylo ſevéro: Que Portuguez rodeado das imagens da honra, nas occaſiões de adquirir medio proporções? Que dirá a Aſia, ſabendo que o Governador da India ajuntou todo o ſeu poder para vir, como quem furta, roubar da Fortaleza os noſſos ſoldados, abandonar aos inimigos a artilharia, e munições, fazer a Calecut a guerra defenſiva? Que culpa ſe nos formará no Reino do deſcredito das armas? Em que conta nos teráõ os Reis tributarios, e alliados? Que figura repreſentaremos, que ſe pareça com a dos noſſos paſſados na India? Com que ſemblante nos deixaremos vêr nella? Ah! Senhores, já naõ vos peço conſelho ſobre ſe havemos acometter o inimigo, ſenaõ ſobre o modo, com que o havemos acometter. Franciſco Pereira Peſtana abraçou o parecer do Governador, fallou, diſſe, perſuadio, ficou reſoluta a batalha, e ſe Era vulg.

Era vulg. ſe tratáraõ os expedientes, com que ſe havia fazer o deſembarque.

O intrépido Heitor da Silveira ſe offerece para o executar; para ſe metter aquella noite na Fortaleza com 400 homens; para depois ſahir com elles, e a mais gente da ſua guarniçaõ eſcaramuçar no campo para o Governador ter tempo de deſembarcar com o groſſo do Exercito. Elle fez eſte aviſo a D. Joaõ de Lima para o eſperar fóra da porta no ponto deſtinado, que havia ſer no maior ſilencio da noite futura. Para enganar os inimigos ſe déraõ muitos rebates falſos, e quando ſe havia executar o verdadeiro, ſahio D. Vaſco de Lima com alguns Fidalgos, e 50 homens atacar os poſtos avançados dos inimigos, que corrêraõ a repelir os noſſos. D. Joaõ de Lima ſe havia poſtado em fórma de receber na retirada eſte pequeno corpo, e facilitar o deſembarque de Heitor da Silveira, que ſem os Barbaros o advertirem, ſe metteo com os 400 homens na Praça. Elle, e D. Joaõ aſſentáraõ, que quando déſſe o Governador o ſignal para deſembarcar,

ſa-

ſahiriaõ ao inimigo com toda a gente, cada qual por ſeu lado; que na Fortaleza ſó ficaria o Alcaide-Mór com vinte homens, e que as mulheres veſtidas de Soldados bordariaõ os muros. Era vulg.

Amanheceo o fauſto dia de ſeis de Novembro, em que o Governador da India diſpoz a gente da ſua Armada para dar huma batallha campal ao Rei de Calecut. Cobria o lado direito das lanchas, e fuſtas promptas para o deſembarque D. Simaõ de Menezes, o Governador o centro, e Franciſco Pereira Peſtana o lado eſquerdo. Ao ſignal, que fez a Capitanea ſahíraõ da Fortaleza com 600 homens D. Joaõ de Lima, e Heitor da Silveira a entrar em novos trabalhos, que haviaõ pôr fim glorioſo aos de taõ prolongado cerco. Fernaõ de Moraes, que levava a vãguarda com 50 fuzileiros carregados de panelas de polvora, ao romper o dia marchou á ſordina ſobre a trincheira mais avançada dos inimigos, e os foi ſervindo com hum diluvio de fogo. Elles eſtavaõ conſtantes, em que o Governador, tendo bem ſoccorrida a For-

ta-

Era vulg. taleza, naõ se exporia a huma batalha, e que este repelaõ era das costumadas sobprezas de Joaõ de Lima. Vendo porém que este marchava por hum lado, e Heitor da Silveira por outro com maior número de gente, que elles podiaõ esperar, todo o campo se poz em armas, e huma grande multidaõ acudio a rodear a Fernaõ de Moraes para castigar nelle os golpes descarregados em tantos dos seus camaradas agonisantes.

Com valor, que se naõ concebe, os bravos Moraes, Jorge de Lima, e Antonio de Sá sustentavaõ o pezo de tantos Barbaros para darem lugar a que chegasse Heitor da Silveira, que corria a soccorrellos. Com impeto todo de magnanimidade entrou este Fidalgo a cortar pelos Barbaros, taõ empenhado na refrega, como se quizesse para si só toda a glória de taõ formoso dia. D. Joaõ de Lima, que se occupava de idéas naõ menos sublimes, buscou pela sua parte o flanco dos inimigos, que o foraõ atacando vantajosamente com hum corpo de espingardeiros. Déraõ estes a primeira carga, em que lhe matáraõ

tres

tres homens; mas arremettendo-os, entre outros ſoldados de valor, D. Vaſco, e Fernando de Lima, Duarte de Faria, Henrique da Silva, Chriſtovaõ Juſarte, Ruy Freire, Fernaõ Furtado, André Peſſanha, e Artur de Caſtro; elles foraõ deſviando os inimigos para D. Joaõ ſe incorporar com Heitor da Silveira, que cercado da maior parte do Exercito, obrava ultimas gentilezas em aperto extremo. Era vulg.

Já a eſte tempo o Governador tinha poſto toda a gente em terra ſem oppoſiçaõ, aſſim por naõ eſperarem os Barbaros o deſembarque, como por eſtarem entretidos no combate com os noſſos dous Chéfes, que provocavaõ as ſuas attenções. Ao romper o Governador a marcha, a artilharia das lanchas, das fuſtas, da Fortaleza deo huma ſalva real ſobre os inimigos, que lhe juncou o campo de cadaveres. Elle lhes foi fazendo face para os empenhar na peleija, divertindo os que andavaõ ás mãos com D. Joaõ de Lima, e Heitor da Silveira. Unidos em hum corpo D. Triſtaõ de

No-

Era vulg. Noronha, D. Diogo de Lima, D. Jorge de Menezes, Rui Dias Pereira, Diniz Fernandes de Mello, Francisco de Vasconcellos, e outros bravos imitadores da sua corage, obravaõ tantas maravilhas, que os Mouros por aquelle lado, naõ podendo soster-se, hiaõ abandonando o campo, as trincheiras, e a victoria. Por outra parte se conduziaõ com igual intrepidez D. Simaõ de Menezes, Antonio da Silveira, D. Jorge Telo, os dous irmãos D. Affonso, e D. Pedro de Menezes, Jorge Cabral, Antonio de Lémos, D. Fernando de Monrroy, outros Fidalgos, e Soldados, recebendo constantes o fogo, que os Barbaros lhes faziaõ de cima das mesmas trincheiras.

O Governador deixando o seu posto, queria acudir em pessoa a esta refrega, que era a mais perigosa; mas detido por Francisco Pereira Pestana, e por Joaõ de Mello da Silva, elles soccorrêraõ aos camaradas com tanto esforço, que póstos os inimigos em derrota por todas as partes, perdendo terreno fugiaõ para a Cidade. Entaõ o Go-

Governador, aclamando-se victorioso, entrou nas linhas abandonadas pelos vencidos, e fez tocar a retirada sobre os nossos, que os perseguiaõ pela Cidade, naõ succedesse que desmandados com a arrogancia de vencedores, fizessem mudar a scena de dia taõ plausivel. Quando Heitor da Silveira, D. Joaõ, e D. Vasco de Lima se congratulavaõ da victoria, e repartiaõ entre si a guarda do arraial, advertindo que os Mouros, ainda que destroçados, se retiravaõ inteiros. O Rei de Calecut affrontado de huma quebra taõ injuriosa, tornou a apparecer na tésta de 40000 Nayres resolutos, e seguido de outras trópas, naõ só para pôr tropeços á victoria, mas para principiar nova batalha. Os Portuguezes com as armas ainda quentes, e o mesmo ardor nos espiritos, esperáraõ a pé firme o repelaõ dos Barbaros, que elles tiveraõ a felicidade de desconcertar com huma carga cerrada do seu fogo. Era vulg.

Na tésta de mil homens se avançáraõ entaõ a espetallos nas lanças Heitor da Silveira, Simaõ de Andrade,

Era vulg. Antonio de Miranda, Fernaõ Gomes de Lémos, D. Miguel, D. Simaõ, D. Affonſo de Menezes, e outros Fidalgos, que obſervavaõ aonde o perigo era mais enorme para ſe lançarem a elle, e moſtrarem, que davaõ á mórte o nome de Deſprezada. O memoravel Condeſtavel da artilharia, que neſte ſitio fizera o ſeu nome celebre, notando o lugar aonde vinha El-Rei, correo á Fortaleza, apontou-lhe hum groſſo canhaõ, que lhe levou a zunir a balla pela cabeça. Antes que vieſſe outra, elle ſe poz em fugida precipitada com o ſeu grande Exercito, naõ apparecendo hum ſó homem de tantos mil no campo em pouco tempo. Os Portuguezes ſenhores da victoria, dos deſpojos, do acampamento, jantáraõ nelle eſte dia; e recobradas as forças laſſas de taõ continuadas fadigas, deraõ graças ao Todo-Poderoſo por tamanho triunfo, que o Governador authoriſou armando na tarde muitos Cavalleiros aos Officiaes, e ſoldados, que mais ſe haviaõ diſtinguido em acções façanhoſas.

O eſtrondo deſta grande victoria fez tre-

tremer as Regiões visinhas. Nós perdemos nella 60 homens mórtos, e tivemos 200 feridos. Os mórtos dos inimigos passáraõ de 30000, grande número de feridos, e muitos prisioneiros: os despojos foraõ á proporçaõ da grandeza do Exercito, que mandava hum Rei de Calecut em pessoa. Este Monarca arrependido de se deixar sobprender das sugestões dos Mouros, estando o Governador ainda no campo; mandou a elle o nosso antigo conhecido o Mouro Cogebique fazer-lhe propóstas de paz com estes Artigos á sua reputaçaõ vergonhosos: Que elle pagaria toda a perda, que os Portuguezes tinhaõ tido nesta guerra: Que entregaria todos os captivos, artilharia, e paráos, que houvessem no seu Reino, e naõ consentiria nelle as pessoas, que os armavaõ. A estas condições taõ abatidas queria o Governador ajuntar outra impracticavel, que era a da expulsaõ dos Mouros de todos os seus Estados. Era vulg.

Concluida a paz, o Governador concebeo a idéa desacordada, depois

Era vulg. muito mal recebida no Reino, de recolher na Armada quanto havia na Fortaleza, depois minalla, e fazella voar. Todos os Fidalgos, que antes eraõ deste voto, agora vencedores se oppozeraõ a huma resoluçaõ arbitraria sem ordem d'El-Rei; mas o Governador incapaz de ceder, levou avante o projecto, e estando ainda no mar, e os Mouros dentro da Fortaleza, pegou o fogo nas minas, de que elles naõ sabiaõ, e com estampido horroroso voou ella pelos ares com mórte de 300. O Rei de Calecut desaffogou a cólera, que lhe agitou este successo com mandar cortar a cabeça a Cogebique, que reputou Emissario fraudulento no ajuste da paz, que veio a naõ ter observancia. Daqui se originou o abatimento da reputaçaõ da passada victoria, que veio a ficar huma acçaõ sem fructo, nem consequencias; ella hum parto da vaidade, a ruina da Fortaleza hum aborto da inconsideraçaõ.

Os Principes nossos desinclinados a estimáraõ por huma grande victoria do Çamorim, e se congratuláraõ com elle,

le, de que ſó o ſeu esforço na Aſia era o que abatia a arrogancia Portugueza: aromas derretidos para elle de vapores taõ agradaveis, que mandou logo preparar Exercitos, e Armadas para nos fazer crúa oppoſiçaõ por mar, e terra. Eſte foi o exito de tantos trabalhos, tantas deſpezas, tantas mórtes, tantas façanhas, que poderiaõ fazer glorioſo o nome Portuguez, e o deprimíraõ; que eraõ capazes de exaltar o Imperio, e o deſmembráraõ. O Governador ſe recolheo para Cochim a curar-ſe de huma chaga antiga em huma perna, donde ſe lhe originou a mórte: ſe he que o pezo dos cuidados, ou a ſenſibilidade do arrependimento lhe naõ abreviou a vida. Era vulg.

CA-

CAPITULO V.

Concluem-se os succeſſos da India no tempo do Governador D. Henrique de Menezes, e ſe trataõ os do Reino até ao fim deſte anno de 1525, juntamente com os de Africa.

Era vulg. PARA continuar a guerra pelos pórtos de Calecut, que pela ruina da Fortaleza a declarou, quando acabava de firmar a paz, o Governador deixou com a Armada ligeira a D. Simaõ de Menezes, que executou as ordens com o ſeu valor ordinario. Pelo meſmo tempo chegou a Cochim Jorge de Albuquerque, que vinha de Malaca, aonde entregou o governo ao ſeu Succeſſor Pedro Maſcarenhas. Por elle ſe ſoubéraõ as deſavenças peſadas, que houvéra nas Molucas entre Antonio de Brito, e D. Garcia Henriques ſobre a entrega da Fortaleza, e modo da embarcaçaõ do primeiro. Mas que como eſtes dous Fidalgos eraõ prudentes, mediando Cachildaroes, elles ſe deſpe-

pedíraõ em paz, e Antonio de Brito ficava prestes para se recolher a Malaca. O Governador estimou estas noticias; e porque a molestia da perna se lhe engravecia, determinou ir-se curar a Cananor. Na viagem se encontrou com huns paráos de Calecut, que teve de investir, e mandando safar a náo para o combate, deo huma canelada sobre a chaga com golpe taõ sensivel, que lhe apressou a mórte em Cananor, como diremos. Era vulg.

Agora concluindo os successos deste anno, lembramos como os Xerifes em Africa, depois de estarem senhores de Marrocos, e de haverem derrotado o Rei de Féz, o irmaõ do segundo, que com permissaõ do primeiro se intitulava Rei de Sus, foi dar huma vista a este Reino para visitar as fabricas de Tarudante. Ajuntando aqui cópia de gente, voltou a Marrocos, e achou a seu irmaõ posto em campo com os designios sobre a Cidade de Çafim, que já palpitava, como quem queria dar os ultimos arrancos. Era entaõ seu Governador Garcia de Mello,

Era vulg. lo, que avifado pelos batedores da invafaõ dos Xerifes, animou a gente da Praça, e a dos Mouros alliados para fazerem femblante á audacia de dous Tyrannos, que entrando na Mauritania em tom de Miffionarios do Alcoraõ, fe hiaõ fazendo fenhores de toda ella: que pertencia á honra dos Portuguezes, e dos Mouros feus amigos moftrar-lhes no campo, que Çafim era o freio, que fazia parar o curfo da fua ambiçaõ desbocada. Sahíraõ todos a combater dous homens, que levavaõ a fortuna ao lado, quando a noffa, já fentida de a querermos abandonar em Africa, nos abandonava. Antes elles naõ fahiffem, efcufariaõ de entrar em Çafim diminuidos, com muitos camaradas mórtos, e captivos Antonio de Mello, filho do Governador, Lopo Peixoto, Francifco Machado, e outros Fidalgos, que conduzidos ao Caftello de Tiut no Reino de Sus, carregados de ferros foffrêraõ tempo longo tratamentos barbaros.

Com efta victoria os Xerifes naõ fe moftráraõ foberbos, antes deixando-

do-ſe vêr moderados, ſe affectárão juſ- Era vulg.
tos para cobrirem com a formoſura da juſtiça apparente o horror da tyrannia verdadeira. Porque o Rei de Féz quiz deſaggravar a ſua injúria atacando-os com hum corpo de vinte mil cavallos: os Xerifes o derrotárão, tirárão a vida a hum filho do ultimo Rei de Granada: victoria, de que recolhêrão deſpojos immenſos, e com que augmentárão os Eſtados pela ſujeição de muitos Póvos, que ſe lhes ſobmettêrão voluntarios. Depois ganhárão a Cidade de Tafilete em Numidia, de que era ſenhor o Xeque Amar: Outra victoria, que nos Reinos de Marrocos, e de Sus lhes não deixou oppoſitores, ſenão os Portuguezes, que daqui em diante parecia haverem perdido os alentos na face da ſua fortuna, ou á viſta do ſemblante da ſua corage.

Eſtes forão os ultimos acontecimen- 1526
tos do anno de 1525, e entrou o ſeguinte em Portugal com a chegada do Supplemento da diſpenſa para o matrimonio da Infante D. Iſabel com o Imperador Carlos V. Reiteradas as ce-

re-

Era vulg. remonías do recebimento na presença de D. Fernando de Vasconcellos, Capellaõ Mór, e Bispo de Lamego, a Imperatriz se pôz em marcha para Castella acompanhada dos Infantes D. Luís, e D. Fernando, do Duque de Bragança D. Jayme, de D. Pedro de Menezes, Marquez de Villa Real, de outros muitos Grandes, e Fidalgos, e em poucos dias fez a jornada de Almeirim a Elvas. Vieraõ esperalla á fronteira o Duque de Calabria D. Fernando de Aragaõ, o Arcebispo de Toledo D. Affonso da Fonseca, D. Alvaro de Zuniga, Duque de Bejar, o Bispo de Placencia, D. Joaõ Affonso de Gusmaõ, Duque de Medina Sidonia, D. Francisco de Zuniga e Soto-Maior, Marquez de Ayamonte, com grande número da Nobreza de Hespanha. A nossa comitiva chegou á raia com a Imperatriz, que ao haver de passalla se poz a cavallo, e depois dos Castelhanos lhe beijarem a maõ, o Infante D. Luís pegou na redea da faca, e os Fidalgos de ambas as Nações formáraõ hum circulo, de que a Impera-

triz

triz occupava o centro. Entaõ os Duques de Calabria, e de Bejar, e o Arcebiſpo de Toledo ſe pozéraõ ao lado do Infante D. Luís. O primeiro daquelles Duques mandou lêr os plenos poderes, que trazia do Imperador para receber a Imperatriz, e feita eſta ceremonia, o Duque lhe perguntou que mandava Sua Mageſtade do ſeu serviço. Era vulg.

A Imperatriz com ſemblante grave, e alegre ſe callou; porque ao Infante D. Luís pertencia reſponder: Eu entrego a Voſſa Excellencia a Imperatriz, minha Senhora, em nome d'El-Rei de Portugal, meu Senhor, e Irmaõ, como Eſpoſa do Imperador Carlos. E dando eſta reſpoſta, paſſou da ſua maõ a redea da faca para a do Duque de Calabria. Chegáraõ entaõ ambos os Infantes a beijar-lhe a maõ, e ella lhes lançou os braços com ternura. Deſpedíraõ-ſe os Portuguezes, excepto o Marquez de Villa Real, que levava ordem de a ſeguir, até onde eſtiveſſe o Imperador para cobrar as cedulas da ſatisfaçaõ do dote, e tomar poſſe das

ter-

Era vulg. terras, e das Villas, que o Imperador obrigava á ſatisfaçaõ dos 45ↀ000 ducados annuaes; levando o Marquez por ſeus aſſiſtentes o Theſoureiro Mór, Fernando Alvares de Andrade, e os Doutores Antonio de Azevedo, e Lourenço Gomes. Chegou a auguſta comitiva á Cidade de Sevilha, aonde a Imperatriz foi recebida no meio das magnificencias do maior Monarca do Univerſo, e já entrado o mez de Março ſe conſummáraõ as vodas, que largos annos foraõ para Heſpanha felices.

Em Cananor a dous de Fevereiro acabou a vida com todas as demonſtrações de Catholico fervoroſo o Governador da India D. Henrique de Menezes. Na Capella da Igreja, aonde eſtava o ſeu cadaver, e preſente D. Simaõ de Menezes com todos os Fidalgos, o Vedor da Fazenda Affonſo Mexia abrio a ſegunda das vias, que trouxéra o Conde Almirante, e nella ſe achou nomeado para o governo da India Pedro Maſcarenhas, que entaõ eſtava governando Malaca. A ſua auſen-

ſencia, e a demora indiſpenſavel da ſua vinda foi aſſumpto da diviſaõ dos pareceres; mas o Védor Mexia, que a tinha no animo para com o Governador nomeado, ſahio com hum arbitrio bem retratado pelas ſuas cores. Elle propoz que ſe abriſſe a terceira via, e que todos obedeceſſem á peſſoa, que nella eſtiveſſe nomeada até vir de Malaca Pedro Maſcarenhas para ſe encarregar do Governo: clauſula bem advertida para maſcarar as intenções do eſpirito proprio, e naõ perturbar os alheios, que com uniformidade tiveraõ por ſaudavel o arbitrio. Era vulg.

Dados os juramentos de obedecerem todos a Lopo Vaz de Sampaio, e eſte a Pedro Maſcarenhas quando vieſſe de Malaca; o novo Governador com a actividade natural do ſeu eſpirito ſe applicou a expedir os negocios para todas as partes da India. A ſeu cunhado D. Vaſco Deça fez Governador de Cochim; criou Capitaõ Mór do mar a Antonio de Miranda; deſpedio com tres náos a Heitor da Silveira para ir

a

Era vulg. a Maçua conduzir o Embaixador D. Rodrigo de Lima ; ordenou a Jorge Cabral que com huma Fróta foſſe cruzar na altura das Maldivas para dar caça a todas as náos inimigas , eſpecialmente as de Meca ; deſpachou para Malaca a Duarte Coelho , que levou a Pedro Maſcarenhas a noticia de eſtar reconhecido Governador da India ; enviou á Coſta de Coromandel outra Fróta ás ordens de Manoel da Gama para fazer guerra aos paráos de Calecut ; deo duas náos a Franciſco de Sá para ir fundar a Fortaleza de Sunda ; deſpachou para Governador das Molucas a D. Jorge de Menezes , que levou para Capitaõ do mar a Simaõ Galvaõ ; e elle deſpedindo-ſe do Rei de Cochim , partio para Goa com o groſſo da Armada , que naõ havia eſtar muito tempo ocioſa.

Com o deſignio de renovar a Fortaleza de Cananor , elle navegou logo para eſta praça , aonde o aviſáraõ D. Jorge Telo , e Pedro de Faria , como elles com as ſuas duas náos ficavaõ poſtados na embocadura do rio Bacanor im-

impedindo a ſahida a huma Armada de 70 vélas, que o Çamorim tinha naquelle porto guarnecida de mais de tres mil homens, e amparada por hum Capitaõ do Rei de Narſinga com a eſcólta de vinte mil. Reſolveo Lopo Vaz ir atacar os inimigos; mas como na Armada naõ tinha mais de 700 homens, em quanto aviſava a Chriſtovaõ de Souſa, e a Antonio da Silveira para virem incorporar-ſe com as embarcações, que eſtavaõ em Goa, mandou com huma náo a Manoel de Brito reforçar o bloqueio do rio de Bacanor. Já elle havia ferrado o meſmo porto, quando vieraõ os navios de Goa; e os inimigos naõ ſe attrevendo a peleijar no mar, determinárаõ eſperar a invaſaõ perto da terra, que fortificáraõ de trincheiras com muita artilharia, attraveſſando com eſtacadas o rio para difficultarem a paſſagem. Era vulg.

Naõ quiz o Governador uſar da força ſem enviar primeiro huma Deputaçaõ ao Rei de Biſnaga, em que lhe repreſentava que aquella Armada era do Rei de Calecut, inimigo dos Portuguezes;

Era vulg. zes; que elle como ſeu amigo devia entregar-lha; e que ſe o naõ fizeſſe, era impoſſivel deixarem elles de a irem inveſtir ſem injúria da ſua reputaçaõ. Porque o Rei de Biſnaga naõ attendeo a eſte requerimento, o ataque ficou reſoluto para o dia ſeguinte, que era o de 25 de Fevereiro. Ao romper da manhã eſtavaõ póſtos os batéis na ordem para o deſembarque, levando a vã-guarda D. Vaſco de Lima, Manoel de Brito, e Payo Rodrigues de Araujo; o centro D. Jorge Telo com os navios de remo, e os Capitães das náos nos ſeus batéis; na reta-guarda o Governador com os Officiaes velhos, e a maior parte dos Fidalgos. Neſta fórma entráraõ pelo rio, foraõ cortando os cabos, que ſuſtentavaõ as eſtacadas, e paſſando, até pojarem a gente em terra.

O primeiro, que a piſou deſpreſando, como diz o noſſo Couto, a *infernalidade* do fogo dos inimigos, foi D. Jorge Telo ſeguido do Brito, e do Araujo com huma companhia, que deo principio á acçaõ, em quanto D. Jorge deſembarcava 500 homens. Eſtes ſe avan-

avançáraõ ás trincheiras com hum furor derramado, que buſcava a victoria ſem fazer caſo de perigos, nem eſperarem o Governador, que ſe occupava em romper a eſtacada. Elle o conſegue; ſalta em terra; pelo ſeu lado ſe avança á trincheira, e paſſa a ſer carnagem a que era batalha. Todas as trincheiras foraõ montadas com mórte de 800 Barbaros, e de quatro Portuguezes; os mais levados a golpes até a Cidade, aonde eſtava o Capitaõ do Rei de Narſinga formado em batalha pela ſua retaguarda ſem ſe mover. O Governador ordenou aos Fidalgos guardaſſem as pórtas, que hiaõ ao campo para ninguem ſahir; que á Cidade ſe naõ fizeſſe damno por ſer do Rei de Biſnaga; fez tocar a retirada nas trincheiras, e mandou que ſe lhes déſſe fogo. Era vulg.

Antonio de Miranda, que ficára no mar com as embarcaçóes ligeiras, vendo a victoria declarada em terra, elle ſe avançou a inveſtir a Fróta de Calecut, que achou encadeada na figura de hum formidavel entrincheiramento. O horror do noſſo fogo, junto ao deſtro-

Era vulg. ço, que os Barbaros viaõ em terra, os metteo em tanto desacordo, que sem valor para a defensa, se botáraõ ao mar. Á sua fugida se seguio o incendio, que consumio com horror 70 navios em poucas horas, e hum armazem, em que os inimigos tinhaõ recolhido preciosidades, que podendo desafiar a cobiça dos Diogenes, os nossos para ella se mostráraõ insensiveis. Unicamente nos aproveitamos de 80 peças de artilharia; as mais foraõ lançadas ao mar; e conseguida esta grande victoria, huma das mais gloriosas, que as nossas armas ganháraõ na India, o Governador se recolheo para Goa, aonde deo muitas providencias respectivas ao governo, e com huma Armada de doze náos partio pouco depois para Ormuz.

Como a Nobreza lhe contrariava esta jornada com os fundamentos da guerra do Malabar, e do receio que havia da vinda dos Rumes; Lopo Vaz, que queria occorrer aos grandes embaraços, em que seu tio Diogo de Mello, Governàdor da Praça, se mettêra com o Rei de Ormuz, e com

Xa-

Xarafo, que tinha prezo com rigor, Era vulg.
sem o deixar depois exposto á justiça de Pedro Mascarenhas; elle cortou todos os obstaculos com encarregar huma grossa Armada a Antonio de Miranda de Azevedo, acompanhado de muitos Fidalgos, para sustentar a primeira guerra, e prevenir a segunda. Chegado a Ormuz, satisfez plenamente a El-Rei, soltou o Xarafo, proveo em tudo confórme á configuraçaõ dos negocios civis, e militares; e fazendose prestes para voltar á India, o veio encontrar Heitor da Silveira, que dissemos fora ao Estreito conduzir o Embaixador D. Rodrigo de Lima: viagem, que nós agora vamos a escrever.

CAPITULO VI.

Viagens de Heitor da Silveira ao Eſtreito, e de Pedro Maſcarenhas para a India, com os ſucceſſos de Bintaõ.

Era vulg. AS recommendações effectivas d'El-Rei, para que D. Rodrigo de Lima ſe mandaſſe conduzir da Embaixada, que levára ao Preſte Joaõ da Ethiopia, reiteradas a todos os Governadores, e que deraõ cauſa ás tres viagens, que ficaõ referidas nos ſeus lugares proprios; ellas meſmas obrigáraõ Lopo Vaz de Sampayo a mandar Heitor da Silveira com ordem de chegar mais cedo a Maçua, poder eſperar D. Rodrigo, e naõ ſe mallograrem tantas jornadas. Eſte Fidalgo chegou com felicidade a Adem, aonde naõ teve mais demora, que a de queimar as poucas náos, que achou no porto, e embocou o Eſtreito. No fim de Março chegou a Maçua, e achou dous caminheiros de D. Rodrigo, que eſperavaõ a

Armada, e deraõ noticia, de que elle ficava a quatro dias de caminho. Heitor da Silveira os despedio com cartas, que movêraõ o natural alvoroço dos que em ausencia longa suspíraõ saudosos pela Patria. Chegou D. Rodrigo na companhia de outro Embaixador Abexim, que havia passar a Lisboa; ambos entregues pelo Governador de Arquico ao nosso Chéfe com as demonstrações da mutua, e mais sincéra amizade. Com viagem trabalhosa por tormentas, e falta de agua, chegáraõ elles a Ormuz, aonde estava o Governador Lopo Vaz, que os recebeo cheio de ternura com a maior honra. Era vulg.

O Vedor da Fazenda Affonso Mexia quiz cumprir com a obrigaçaõ do seu cargo, mandando hum galeaõ a Malaca com aviso a Pedro Mascarenhas do que se tinha passado a respeito do Governador da India, em que elle vinha nomeado. Mas Jorge Cabral, que dissemos sahíra a cruzar a cósta das Maldivas; como bom amigo de Pedro Mascarenhas, sem fazer

Era vulg. caſo das ordens de Lopo Vaz, entregou a Fróta a Gomes de Souto-Maior, adiantou-ſe na ſua náo, e em poucos dias ferrou Malaca. Elle deo a agradavel noticia a Pedro Maſcarenhas, que a recebeo com huns tranſportes de prazer, que naõ pareciaõ producções de taõ grande alma, na infelicidade, e na fortuna ſempre a meſma. Reconheceo-ſe Governador no juramento, que deo logo ſegundo o coſtume, e para ſe moſtrar reconhecido ao ſeu amigo, inſtou, perſuadio ao illuſtre Franciſco de Sá quizeſſe fazer com Jorge Cabral o cambio de lhe delegar a viagem para a fabrica da Fortaleza do Sunda pelo governo, que elle lhe conferia de Malaca; mas porque o Sá naõ conveio, ſervio o governo para premio do Cabral.

Embarcou-ſe Pedro Maſcarenhas para a India com o contratempo de arribar a Malaca depois de poucos dias, trazido por huma tormenta furioſa, em que eſteve perdido. Porque paſſára a monçaõ, que o detinha mais ſeis mezes, e ainda achou na Praça a Fran-

ciſ-

ciſco de Sá com a ſua Fróta, a D. Jorge de Menezes, que hia governar Maluco, e o ſeu Capitaõ do mar Simaõ de Souſa Galvaõ; elle os convidou para com as forças unidas deſcarregarem hum golpe mortal ſobre o Rei de Bintaõ, que ſe envelhecia na idade, cada vez inveterava mais o odio contra os Portuguezes de Malaca. Ainda que Franciſco de Sá por enfermo naõ pode achar-ſe neſta expediçaõ, foraõ a ella 400 Portuguezes da ſua Fróta, 150 da Praça, e 400 Malayos ás ordens de Sina Raja, e de Tuaõ Maſamede. Compunha-ſe a Armada de muitas embarcaçóes de todos os lotes, na qual além do Governador, foraõ Franciſco de Sá enfermo para ſer teſtemunha do ſucceſſo, o Galvaõ, Ayres da Cunha, Fernaõ Serraõ, Duarte Coelho, com outros valeroſos Cavalleiros, e bravos particulares. Era vulg.

O Rei tinha taõ fortificada a Ilha de Bintaõ, e o ſeu rio com tantas eſtacadas, que mar, e terra pareciaõ inacceſſiveis ao atrevimento mais audacioſo. A façanha de desfazer a eſta-

ca-

Era vulg. cada do rio para as embarcações entrarem, foi encarregada ao impávido Fernaõ Serraõ, que gaſtou oito dias na empreza, ſoffrendo ſem alteraçaõ o fogo dos inimigos. Vencida eſta primeira oppoſiçaõ, faltava ganhar huma grande ponte com duas trincheiras nas cabeças guarnecidas por 6⊕000 homens, e que hia de hum braço do rio parar perto da Cidade. Como ella tinha muito maior altura, que os noſſos navios, o ſeu fogo nos incommodava muito; mas Pedro Maſcarenhas aſſeſtando-lhe os canhões groſſos da ſua galé, a fez em pedaços; e deſcoberta a gente aos tiros de metralha, depois de ſoffrer muito eſtrago, ſe poz em fugida vergonhoſa antes de tempo.

Neſta figura eſtava o ataque, quando appareceo na barra huma Fróta de 30 fuſtas com 2⊕000 homens, que o Rei de Paõ mandava de ſoccorro ao de Bintaõ ſeu Sogro. Antes que ella entraſſe para ſe unir no porto á deſte Rei, Pedro Maſcarenhas deſtacou os navios de Franciſco de Vaſconcellos,

de

de João Pacheco, de Diogo Soares, Era vulg.
e a Tuão Mafamede com as ſuas fuſtas para irem inveſtir a Fróta fóra da barra. Elles o fizérão tão façanhoſos, que os Barbaros perdida a corage, forão varar em huma Ilha pouco diſtante, aonde lhe tomárão 18 fuſtas, que trouxérão a Bintão atoadas. O ſeu Rei atonito com eſtas gentilezas, que na ſua idéa nem erão para penſadas, ainda que reputava inacceſſivel o lugar da ſua reſidencia, que eſtava rodeado de 18$000 dos ſeus vaſſallos, ſoccorrido por outro Rei alliado com 12$000; elle ſe teve por tão pouco ſeguro, que mandou fazer muitas pontes levadiças da Ilha para a terra firme, que lhe podeſſem ſegurar a retirada no horror das brenhas, aonde havia marcado o lugar de refugio.

Quando elle ſe occupava neſtas manobras, ſoube que os noſſos havião ganhado a ponte do rio, e tomado da cólera, ou poſſuido do medo, arguio a cobardia dos ſeus Chéfes, que tão facilmente cedião vantagens aos Portuguezes. O famoſo Laque Xemena ſe

of-

Era vulg. offereceo para o defpique; e embarcado em vinte fuftas com gente efcolhida, veio a favor da maré dar de repente nos navios de Fernaõ Serraõ, e de Joaõ Moreno, que eftavaõ bem defcuidados de femelhante vifita. Elle os entrou com tal preffa, que quando os noffos fe pozéraõ em tom de defenfa, tinhaõ ganhado os convezes. Ao eftrondo da briga acudíraõ Tuaõ Mafamede, Joaõ Pacheco, Simaõ, e Pedro Mafcarenhas com vinte homens nas fuas refpectivas lanchas. Os vinte homens com Pedro Mafcarenhas entráraõ o navio de Fernaõ Serraõ, que acháraõ cahido, e aberto em feridas. Elles fe lançáraõ aos Barbaros, e os fizéraõ em póftas. Succeffo femelhante tiveraõ os que abordáraõ o navio do Moreno; e chegando os batéis das outras náos forçando a maré contraria, os inimigos foraõ póftos em derrota, muitas fuftas tomadas, e Laque Xemena ferido fugio apreffadamente para naõ faltar ao feu Rei hum Emiffario, que lhe levaffe a nova defte deftroço.

Para Pedro Mafcarenhas coroar em-

pre-

preza taõ gloriosa naõ lhe restava mais, Era vulg. que conquistar a fórte Cidade de Bintaõ. Elle se occupava nestes pensamentos, generosos só concebidos, quando hum escravo Portuguez teve a felicidade de se escapar, vir a bórdo da sua náo, e informallo da consternaçaõ, em que estava toda a Ilha. Este aviso determinou o ataque, e ponderado o modo se resolveo que para chamar os inimigos á defensa do porto, e se descuidarem da da Cidade, nelle fariaõ os navios ligeiros fogo toda a noite, como disposições para o avance: que no silencio della, guiado pelo Portuguez escravo, Pedro Mascarenhas marcharia com 700 homens o quarto de legoa, que a Cidade ficava longe do porto para a atacar na madrugada. A este tempo, ainda que o Rei de nada se temia nella taõ guarnecida, já havia mandado para a terra firme os seus thesouros, as suas mulheres, e familia: Capitaõ prudente, que se escusou á nota do *Naõ cuidei*, reprehendida pelo Principe dos nossos Poetas Lusitanos.

Tu-

Era vulg. Tudo ſe executou como fora diſpoſto; e arremettendo os noſſos com intrepidez, fingindo o deſembarque no porto, acudírao os inimigos em grande número a defendello, laborando o noſſo fogo com admiravel effeito. Da ſua parte o Governador no quarto d'Alva fez avançar com parte do corpo alguns Officiaes, que ſendo ſentidos, ſahírao contra elles os Barbaros com o deſignio de os bater pelas eſpaldas para os atracarem entre o ſeu fogo, e a Cidade. Entao o Governador ſe fez ſentir pela reta-guarda; mandando tocar todos os inſtrumentos a avançar. Intrépidos ſoffrêrao os Barbaros a primeira deſcarga, em quanto nao conhecêrao a noſſa vantagem; mas ſentindo-ſe atacados pelos flancos, e reta-guarda, forao abandonando o campo. Ao meſmo tempo ſe encontrárao fugindo os que defendiao o porto, e os que combatiao o Governador, que já endireitava a marcha ao Paço do Rei, para que hum deſpojo Real lhe nao eſcapaſſe. A embaraçar eſta marcha acudio Laque Xemena com toda a gente, que o meſmo

Prin-

Principe tinha na guarda do outeiro, Era vulg.
aonde ſe via o Paço em fórma de Caſtello. Começou de novo a batalha, arroſtando os inimigos pela frente com impulſo do raio o Governador em peſſoa, aos ſeus lados Ayres da Cunha, Franciſco de Vaſconcellos, Duarte Coelho, Joaõ Pacheco, e outros Fidalgos.

Já o Laque perdia o terreno a palmos, quando chegavaõ Leonel de Ataide, e Alvaro Ferreira com hum Eſquadraõ de gente da Armada, que forçára o porto, e muitos marinheiros carregados de panelas de polvora, que entre os inimigos ateáraõ hum incendio. Eſte ſoccorro obrigou o Laque a virar as cóſtas para acompanhar o ſeu Rei na fugida para a montanha eſpeſſa da terra firme, aonde ſe pozeraõ em cobro. Os noſſos ſeguíraõ o alcance até as pontes, aonde encontráraõ occupada na paſſagem muita gente da Cidade, que foi degollada ſem piedade, excepto hum bom número de Damas eſpecioſas, ás quaes a gentileza, ainda que amargurada, ſervio de carta de

ſe-

Era vulg. seguro para a vida. Quando celebravamos o triunfo, chegou em nosso soccorro o Rei de Linga com varias fustas carregadas de gente, e mantimentos. O Governador se aquartelou com elle no Paço do Rei, e o regalou com o mimoso presente de algumas das Damas captivas, que para ser bem acceito levava a recomendaçaõ em si mesmo. Em quanto se recolhiaõ despojos immensos, Ayres da Cunha, Duarte Coelho, e Tuaõ Mafamede seguíraõ ao soberbo Rei de Bintaõ já posto em fugida, até darem de face com a espessura intractavel do bosque, donde se retiráraõ. Aquelle Principe fez romper por elle novos caminhos, que o conduzíraõ ao lugar de Viantana para passar nelle o resto da vida, sempre perseguidor de Malaca, sempre inimigo dos Portuguezes. O Rei verdadeiro de Bintaõ, a quem Alodin a conquistára quando perdeo Malaca, e andava desterrado com o patrimonio perdido, nós o chamamos, e lhe restituimos a Ilha com o justo reconhecimento a taõ grande beneficio. Pedro Mascarenhas depois

de

de eſtar nella quinze dias para dar expediçaõ aos ſeus negocios, voltou a Malaca com reputaçaõ nova ſobre a primeira. Era vulg.

Chegado a eſta Cidade cuidou elle nas ſuas providencias, que naõ lhe embaraçaſſem a viagem da India. O ſeu governo o encarregou a Jorge Cabral, e deſpedio Franciſco de Sá com a Armada, em que levava 300 homens para ir edificar a Fortaleza de Sunda. Eſte Fidalgo foi mal ſuccedido na ſua expediçaõ; porque achou morto ao Rei noſſo amigo, que nos promettêra a Fortaleza, e o ſucceſſor tanto ſeu opoſto nos ſentimentos, que eſtava declarado noſſo contrario; que recebeo de guerra a Franciſco de Sá; que lhe degolou a gente de huma lancha, que mandou a terra; e que o ſeu poder era tanto, que Franciſco de Sá naõ tendo forças para o combater, veio a Malaca pedir ſoccorros. Quando elle voltou, já Pedro Maſcarenhas tinha partido para a India, e Jorge Cabral naõ ſe via em eſtado de diminuir a guarniçaõ, com que ficou por entaõ mallograda a em-

pre-

Era vulg. preza de Sunda pela falta da gente, que D. Jorge de Menezes levava para Maluco, e pela que pouco depois conduzio Gonçalo Gomes de Azevedo em seu soccorro.

Pedro Mascarenhas deixou Malaca taõ enfraquecida, advertindo que a derrota do Rei de Bintaõ lhe firmava a paz para muitos annos, de que já via os indicios na sobmissaõ, com que os Reis comarcãos lha pediaõ, e se congratulavaõ com elle pela ruina daquelle Tyranno. Firme nesta idéa, reforçou os tres Officiaes nomeados para as expedições de Sunda, e das Molucas, proveo as duas náos, em que elle, e Antonio da Silva navegáraõ para a India; mas como a sua chegada a Coulaõ foi já no anno seguinte de 1527, nós a trataremos nelle, e agora continuamos com o Governador Lopo Vaz de Sampayo, que sahio de Ormuz para voltar á India na companhia de Heitor da Silveira, que viera de Malaca com o Embaixador D. Rodrigo de Lima.

Chegáraõ ambos a Mascate no princi-

cipio de Agosto, donde Lopo Vaz despedio a Heitor da Silveira com quatro náos, e duas caravellas para esperar na cósta de Dio as embarcações de Meca. Neste tempo governava a Cidade Melique Saca, filho de Meliqueaz, que temeroso da crueldade do Soltaõ Mamud, Rei de Cambaya, para segurar a vida negociou entregar a Fortaleza aos Portuguezes. Tratava-se esta negociaçaõ com Christovaõ de Sousa, Governador de Chaul, e nesta Praça estava o Emissario de Melique Saca, quando chegou a ella Lopo Vaz de Sampayo, que do mesmo Emissario soube as intenções de Melique. Veio pouco depois Heitor da Silveira apresentar-lhe tres náos de Meca taõ importantes, que só o quinto d'El-Rei chegou a 60$000 pardaos. Lopo Vaz teve por digna da pessoa de Heitor da Silveira a commissaõ de ir a Dio tratar o modo da entrega da Fortaleza, que deixou ajustado á satisfaçaõ de ambas as partes. Em quanto elle voltou a Chaul para instruir o Governador, que havia dar as providencias para se tomar posse da dita Praça, o Mou- Era vulg.

Era vulg. ro Hag Mamud, parente de Melique, o divertio do projecto, tomou-lhe por trahiçaõ a Praça, entregou-a ao Rei de Cambaya, e Melique teve a felicidade de poder escapar com toda a sua familia em Jaquete.

CAPITULO VII.

Da discordia entre Pedro Mascarenhas, e Lopo Vaz de Sampayo sobre o governo da India, e os acontecimentos succedidos no tempo della.

NÓS entramos na narraçaõ da rotura, de hum scisma politico na India, bem capaz de transtornar a firmeza do estabelecimento Portuguez naquelle Estado, se a Providencia naõ acudíra com o reparo ao golpe mortal, que o ameaçava. Pozéraõ-se em campo dous ambiciosos, naõ sei se ambos da honra, se da fazenda, ou se cada qual attento, e dividido entre estes dous objectos; na sua tésta com hum intrigante déstro, para hum, officioso, para o outro,

apai-

apaixonado; e começáraõ a separar os animos, que se inclináraõ, e dividíraõ entre os partidos, que lhes eraõ mais interessantes. Chegáraõ este anno á India cinco náos do Reino, de que eraõ Capitães Francisco de Anhaia, Tristaõ Vaz da Veiga, Vicente Gil, Antonio de Abreo, e Antonio Galvaõ. Logo se fez público, que El-Rei nomeava Governador a D. Henrique de Menezes já morto: que ordenava ao Vedor Affonso Mexia lhe remetesse fechadas, sem lhes dar algum uso, as vias, que levára o Conde Viso-Rei: que vinhaõ outras novas; mas além dellas remettida ao mesmo Vedor huma Provisaõ, se he que naõ foi fabricada na India a influencias suas, na qual El-Rei mandava, que fallecendo D. Henrique de Menezes, o mesmo Mexia nomeasse Governador a Lopo Vaz de Sampayo. Era vulg.

Estas vozes vagas se acompanhavaõ da certeza constante da boa acceitaçaõ, que o Vedor tinha na Corte de Lisboa; que El-Rei lhe agradecia as dexteridades, com que se havia condu-

Era vulg. zido; que o encarregava de negocios importantes: acceitaçaõ, que achando lugar em hum eſpirito vivo para a ſaber aproveitar, encheo de corage o façanhoſo Vedor para tirar a cára a público contra Pedro Maſcarenhas a favor de Lopo Vaz, que entaõ tinha chegado a Goa da viagem de Ormuz. Poſto nas mãos do Patrono, e nas do ſeu Conſelho, Lopo Vaz veio a Cochim, deſpedio as náos para o Reino, e vendo a Cidade dividida em bandos públicos, degradou os Chéfes do partido contrario, e mandou pôr aviſos em Coulaõ para Pedro Maſcarenhas ſaber, quando alli chegaſſe, como naõ vinha governar a India, por ſer elle o nomeado pela nova Proviſaõ do Rei remettida ao Mexia. Nas náos, que partíraõ para o Reino embarcáraõ D. Rodrigo de Lima, e o Embaixador, que com elle viera da Ethiopia, ambos recebidos por El-Rei em Coimbra com as demonſtrações do maior prazer, da mais diſtincta honra.

Lopo Vaz bem inſtruido, ou foſſe porque na realidade quiz ir atacar

os

os Rumes, que eſtavaõ na Ilha de Camaraõ, como elle jurou em público na preſença de huma Hoſtia conſagrada, ou foſſe por evitar o encontro com Pedro Maſcarenhas, como dizia a gente da India; elle ſahio de Cochim com huma Armada na volta de Goa, deixando em regimento, que ſe alli chegaſſe o ſeu rival, ninguem lhe obedeceſſe. Ordem ſemelhante ficou em Cananor; e chegado a Goa, a viagem de Camaraõ foi revogada, e tomado o acordo, de que a ſeu tempo ſe eſperaſſem os Rumes na ponta de Dio, aonde podiaõ ſer atacados com maior vantagem: mudança de idéa, que confirmou a todos na que primeiro haviaõ concebido ſobre a retirada de Cochim. Finalmente, Pedro Maſcarenhas chegou de Malaca a Coulaõ correndo o mez de Fevereiro de 1527, e foi logo mandado viſitar do Vedor com muitos refreſcos, com huma carta de tantas civilidades, como indúſtrias, em que lhe recommendava naõ vieſſe a Cochim; mas partiſſe para Goa, aonde o Governador o eſperava com

Era vulg. 1527

o

Era vulg. o alvoroço merecido das ſuas qualidades, da grande victoria, que acabára de ganhar ſobre o Rei de Bintaõ.

Pedro Maſcarenhas entende o eſtratagema, e o deſpreza; apreſenta-ſe em Cochim, e o reſoluto Mexia o notifica para naõ ſaltar em terra; elle intenta fazello, e ſe encontra na Praia com aquelle emulo acompanhado de gente armada, que eſpanqueia, fére a hum homem como Pedro Maſcarenhas, a ſeu ſobrinho Jorge Maſcarenhas, a outros Fidalgos, e homens da ſua comitiva: atrevimento, que naõ ſem grande nota da inteireza da juſtiça, ficou impunido, ſem hum exemplar de ſeveridade para conter audacias deſcommedidas. Cede o Varaõ conſtante á maior força; entrega as náos; reſolve-ſe ir a Goa para ſer requerente no Juizo cégo de Lopo Vaz de Sampayo; ſoffre em Cananor as repulſas forçadas da obediencia ſem olhos de hum amigo tanto do ſeu ſeio, como era D. Simaõ de Menezes, que lhe fornece embarcaçaõ para paſſar a Goa. O deſpotico Mexia avança os arrojos, de-

degrada, e remete Jorge Maſcarenhas prezo para Coulaõ; aos mais Fidalgos prende em ferros; e eſte particular ſe arroga a authoridade de arbitrio abſoluto no provimento do Governo da India: flatos de valîdo em Lisboa ſem recurſo contra elle em Cochim. Era vulg.

Ayres da Cunha, que preſenciára todas as deſordens neſta Cidade, e foi mandado a Goa levar cartas do Vedor, e de Pedro Maſcarenhas a Lopo Vaz; eſte conſulta com os ſeus amigos a ſituaçaõ crítica dos negocios, e todos aſſentaõ, que ao ſeu Competidor por caſo algum deve naõ o conſentir em Goa. Em reſulta deſte conſelho mandou Lopo Vaz tomar as embocaduras dos rios, que entraõ em Goa, por ſeu ſobrinho Simaõ de Mello, e por Antonio da Silveira, que eſtava para ſer ſeu genro, com ordem de prenderem a Pedro Maſcarenhas, e Simaõ de Mello o levar a Cananor. Appareceo na barra o infeliz Fidalgo em hum catur, ſem mais companhia, que a de dous pagens. Foi logo obrigado a amainar, e intimada a ordem reſpondeo:

Era vulg. deo: Que hum homem provido por El-Rei no governo da India, que vinha em tom de particular requerer a sua justiça perante Lopo Vaz, que occupava o seu cargo, nem comettia crime, nem merecia pena: que o deixassem entrar para fazer os seus requerimentos, a que Lopo Vaz deferiria como bem lhe parecesse. Ouvindo esta resposta taõ comedida, Antonio da Silveira se arrojou ao descomedimento de fazer a hum homem do tamanho de Pedro Mascarenhas a honra de lhe deitar dous pares de grilhões aos pés, e entregallo a Simaõ de Mello para o levar a Cananor.

Como se fossem réos, as pessoas, que vinhaõ com elle se trouxeraõ para o tronco de Goa carregados de ferros. Entaõ cresceo o escandalo até aos ultimos pontos do desconcerto, que contra Lopo Vaz desentoava as vozes pelas ruas, e praças públicas. Quiz prevenir as consequencias a santa simplicidade do Guardiaõ dos Franciscanos, que entre outras passagens célebres, com que teceo hum Sermaõ de concordia, te-

teve a bondade de deitar do pulpito abaixo hum requerimento ao Vigario Geral, em que lhe pedia da parte do Papa condemnasse em déz marcos de prata para a Sé, e fulminasse pena de excommunhaõ contra todos aquelles, que dissessem que Lopo Vaz de Sampayo naõ era verdadeiro Governador da India. Em estylo mais concertado, e mais pathetico, em tom mais sólido, e mais tocante escreveo a Lopo Vaz Christovaõ de Sousa, Governador de Chaul, que pelas suas altas qualidades attrahia as gentes, e no espirito de Lopo Vaz fez impressões bem sensiveis. Elle lhe representou a enormidade da rotura civil abominavel em todos os Estados, agora muito mais no da India ameaçado da invasaõ dos Rumes, que faziaõ necessaria a concordia para a resistencia: que entregasse o governo a seu domno; ou entrasse com Pedro Mascarenhas em juizo, para nelle se dar a justiça a quem a tivesse; ficando certo, que elle naõ obedeceria a algum dos pretendidos Governadores, em quanto naõ fosse declarado le- Era vulg.

Era vulg. legitimo por Juizes arbitros menos apaixonados, que o Vedor Mexia, taõ parcial como todos ſabiaõ.

O Xarafo de Ormuz por ordem de Lopo Vaz veio prezo para Goa, quando nella tomavaõ novo corpo os deſconcertos. Heitor da Silveira até entaõ partidario daquelle Governador, juſtamente eſcandaliſado ſe poz na téſta dos Fidalgos para lhe requererem apreſentaſſe em juizo as Provisões, que dizia, e ninguem víra; que Pedro Maſcarenhas eſtava prompto para fazer o meſmo, e que ſe daria a juſtiça a quem a tiveſſe. Ferviaõ os requerimentos deſte Fidalgo, e de outros do ſeu partido; mas quem os apreſentava hia povoar o tronco de Goa carregado de ferros. Todos vacillavaõ, e Lopo Vaz mais que todos ſentia a mudança de Heitor da Silveira, que determinou caſtigar arrogante, aſſaltando-o em caſa com gente armada para o prender, e a muitos Fidalgos, que eſtavaõ nella, com ignominia. Sem ſoçobro do ſeu animo intrépido, Heitor da Silveira cedeo ao tempo; deixou-ſe prender

com outros, entre elles ſeus parentes Era vulg.
Diogo, e D. Antonio da Silveira, D. Triſtaõ de Noronha, D. Jorge de Caſtro, Nuno Fernandes Freire, e Jorge da Silveira. D. Simaõ de Menezes em Cananor deſpicou eſta affronta, entregando as chaves da Fortaleza a Pedro Maſcarenhas, reconhecendo-o Governador da India.

Finalmente, para naõ allongarmos eſta narraçaõ, ainda que recopilemos o eſtylo difuſo, e impertinente com que o fazem os noſſos Chroniſtas mais chegados á idade, em que ſuccedeo eſta memoravel diſcordia, nós concluiremos com dizer, que depois de requerimentos multiplicados, de prizões innumeraveis, de odios, de inimiſades, de todos os effeitos, que coſtuma cauſar hum ſciſma teimoſo; os dous competidores Lopo Vaz de Sampayo, e Pedro Maſcarenhas vieraõ a comprometter-ſe em Juizes arbitros, que decidíraõ a cauſa a favor do primeiro, e que o ſegundo, conformando-ſe com a ſentença, ſe embarcou para o Reino, como diremos no ſeu lugar proprio;

Era vulg. prio ; porque o devem agora ter os acontecimentos das Molucas.

Nós deixámos estas Ilhas entregues por Antonio de Brito a D. Garcia Henriques, que achando a Fortaleza em necessidade de tudo, teve de ordenar a Martim Correa viesse a Banda prover-se dos generos, que lhe faltavaõ. Fez elle a jornada a taõ bom tempo, que naõ só achou ainda a Antonio de Brito ; naõ só se encontrou com os navios de Manoel Falcaõ, que Pedro Mascarenhas mandára de Malaca áquellas Ilhas, mas soube que nellas se avistáraõ duas náos, que pela figura se entendeo seriaõ de alguma Fortaleza Castelhana, que nos fosse inquietar a Ternate. Por esta causa aquelles dous Capitães soccorrêraõ com gente, munições, e viveres ao Correia, que sem demóra voltou para Maluco. Por este tempo D. Garcia com o Rei Almançor de Tidore andava em ajustes de paz, que Cachildaroes, já Tutor do minino Rei Bohat, desejava impedir, como prejudiciaes á sua conservaçaõ. A paz se concluio, e o Rei para adoçar

o

o desgosto do Cachil lhe offereceo huma filha em casamento, que D. Garcia tambem quiz, e naõ pode embaraçar, como pernicioso aos nossos interesses. Era vulg.

Tinha Almançor concluido estes grandes negocios, quando lhe sobreveio huma grave doença, que o obrigou a pedir a D. Garcia hum Medico, para o curar. Elle lhe enviou hum Boticario, disse-se, que bom fabricador de veneno, que o matou. A tempo, que a sua Corte estava para dar sepultura ao cadaver, D. Garcia com o pretexto da falta de cumprimento a alguns dos Artigos da paz, entrou nella sem ser sentido, levou-a a ferro, e fogo, reduzio-a a hum monte de cinzas, e cheio de vaidade por esta façanha víl, se embarcou mui satisfeito. Os Tidorezes recobrados acclamáraõ por seu Rei a Cachil Raxamira, filho do defunto, que nos declarou viva guerra; e os barbaros das Ilhas visinhas concebêraõ tal horror da perfidia de D. Garcia, que os seus Reis ouviaõ com escandalo o nome Portuguez, fugiaõ, e abominavaõ o seu commercio.

Pe-

Era vulg. Pelo meſmo tempo D. Jorge de Menezes, que diſſemos ſahíra de Malaca provido na Fortaleza de Ternate, levava hum regulamento de Pedro Maſcarenhas para deſcobrir aquella navegaçaõ pela via de Borneo, que encurtava os ſeis mezes da monçaõ, que ſe gaſtavaõ pela de Banda. Eſte Fidalgo ſeguindo rumos differentes foi dar a travéz das Ilhas do Morro ſetenta legoas da noſſa Fortaleza. Daqui eſcorreo tanto com as correntes, que ſe vio mettido no grande golfo do Eſtreito de Magalhães, aonde atoado por huma tormenta horrivel, foi parar á terra dos Papoûs, a que hum Geografo chama Lochac; que a conſidéra riquiſſima, que a colloca além do Tropico, que diz eſtar 200 legoas apartada da Jaoa; e que na ſua circunferencia tem as Ilhas de Sodur, Pentan, Malayur, e outras. Aqui eſperou D. Jorge a monçaõ em trato franco com os moradores, que eraõ brancos, e louros como os Flamengos, e em Maio deſte anno chegou ás Molucas com a maior parte da gente mórta em trabalhos taõ penoſos.

Em

Em quanto ás náos Caſtelhanas, de que Martim Correia achou noticia na Ilha de Banda, a Tidore ſó chegou huma, que eſcapou da deſgraçada Fróta de ſete navios gróſſos, que o Imperador Carlos no anno de 1525 mandára ás Molucas, depois que a celebre náo Victoria da Fróta de Fernaõ de Magalhães chegou a Heſpanha, e os ſeus Officiaes fizeraõ crêr ao Imperador, que as Molucas eſtavaõ na repartiçaõ da ſua conquiſta. Deſta náo era Capitaõ Martim Inhegues, e levava 300 homens, que deraõ alentos novos ao Rei de Tidore, aonde elles ſe fortificáraõ para eſperar as determinações dos Portuguezes. D. Garcia lhes mandou fazer varios requerimentos para deſpejarem aquellas Ilhas, que eraõ da coroa de Portugal; e porque ſe conſerváraõ contumazes, em que pertenciaõ á de Caſtella, os tratou como inimigos, declarando-lhes a guerra. O meſmo ſuccedeo no novo governo de D. Jorge de Menezes; mas como eſte Fidalgo chegou a Ternate mui deſtroçado da ſua viagem, naõ teve por entaõ

Era vulg.

for-

Era vulg. forças baſtantes para lançar de Tidore aos intruſos Caſtelhanos, nem ſuſtentou a primeira guerra.

Os ſucceſſos deſte anno nós os concluimos com a ſentença, que a 23 de Dezembro deraõ em Cochim os doze Juizes nomeados para reſolverem as pretençoes de Lopo Vaz de Sampayo, e de Pedro Maſcarenhas a reſpeito do governo da India. Cada hum dos pretendentes nomeou tres Juizes, o corpo da Nobreza outros ſeis, que primeiro ſe empatáraõ nos votos, e depois julgáraõ a cauſa a favor de Lopo Vaz. Pedro Maſcarenhas apellou para El-Rei, e ſem ſahir da náo, em que eſtava, ſe preparou para a viagem do Reino, a que deo principio no dia 15 de Ja-
1528 neiro do anno ſeguinte, acompanhado de Antonio de Brito, que fora Governador de Ternate. El-Rei o recebeo com muito agrado, reconheceo a ſua juſtiça, remunerou-a com lhe dar o governo de Azamor, aonde eſteve alguns annos, e recolhendo-ſe a Lisboa, ſe perdeo em huma caravella. A Corte para evitar na India outros ſucceſſos

desta natureza, ordenou hum regulamento, em que mandava: Que abrindo-se as vias das successões, se a pessoa nomeada nellas naõ estivesse do Cabo de Comorim até a ponta de Dio, naõ se esperasse por ella, e se abrisse outra successaõ. Era vulg.

CAPITULO VIII.

Do que obrou Lopo Vaz de Sampayo depois de reconhecido legitimo Governador da India, e os successos das Molucas neste anno.

A CONDIÇAÕ sevéra de Lopo Vaz de Sampayo se vio mudada na India, quando elle foi julgado em Cochim por seu Governador legitimo. Se os Fidalgos do seu partido, mais que todos o determinado Védor Mexia, se entretinhaõ em festejos, que marcavaõ o alvoroço dos espiritos nesta occasiaõ do seu triunfo; elle se occupava em attrahir com benevolencias, com civilidades, com cortezias a Nobreza, que até entaõ seguíra a Pedro Mascarenhas, ou para

Era vulg. que ella temeroſa de alguma indignaçaõ futura naõ o abandonaſſe, e com elle partiſſe para o Reino, ou para lhe moſtrar, que o meſmo Lopo Vaz ſabia ſer affavel, e rigoroſo, depois de Governador benigno, quando pretendente ſevéro. Foſſe qualquer dos dous o motivo da mudança das ſuas exterioridades, elle conſeguio o fim da idéa, e vio ſobmettidos ás ſuas ordens os Fidalgos mais direitos, que elle mal podia eſperar ter inclinados. He partido vantajoſo em quem governa ſaber mudar de affectos, reveſtillos da côr propria das conjunturas, e os que ſe deſcobrem ornados da lenidade, da condeſcendencia, da brandnra, da attençaõ, ſempre ſaõ agradaveis ás viſtas, magnetes das vontades, Abſalões officioſos ás portas da Cidade, ladrões de toda a qualidade de eſpiritos.

Sem perder tempo Lopo Vaz ſe empregou nos expedientes ſérios do governo. Elle quiz partir logo para a Ilha de Camaraõ a queimar a Armada dos Rumes, approveitando-ſe da ſua deſordem ſediciosa, que havia tirado a vi-

da

da ao Chéfe Solimaõ; mas a Nobreza com o fundamento da guerra de Calecut, e com o dos animos dos Portuguezes, ainda naõ bem concordes, o impedio. Ordenou porém que fizesse esta viagem de observaçaõ Antonio de Miranda de Azevedo com huma Fróta de treze náos, e mil homens, de que nomeou Capitães alguns dos que seguíraõ a voz de Pedro Mascarenhas. Porque Christovaõ de Sousa embarcára para o Reino, proveo no governo de Chaul a Francisco Pereira Pestana em premio dos seus relevantes serviços. Remunerou os que fizera Ayres da Cunha na ultima guerra de Bintaõ com a Fortaleza de Coulaõ. Mandou a Simaõ de Mello, que com huma náo, e huma caravella cruzasse os mares das Maldivas; e em Cananor proveo a D. Joaõ Deça para fazer a guerra no Malabar com onze navios. Era vulg.

Despachou a Martim Affonso de Mello Zuzarte com onze vélas para Ceilaõ em soccorro do Rei de Cota, com ordem de passar a Malaca, e entregar esta Fróta a Francisco de Sá e Mene-

Era vulg. zes para ir fundar a Fortaleza de Sunda. Para Governador de Malaca despedio a Pedro de Faria, que levou comsigo a Simaõ de Sousa Galvaõ, que hia render a D. Jorge de Menezes no governo das Molucas. Proveo a Christovaõ de Mendoça na Fortaleza de Ormuz, e com elle foi solto, e livre o célebre Xarafo para ainda ir molestar os infelices Reis daquelle Estado. Dadas estas providencias, o Governador se embarcou na Armada para Goa; mas sabendo no caminho, que em Bacanor estavaõ 30 paráos armados para escoltarem a Calecut outros 50 carregados de arroz; elle investio a entrada do lugar, que segunda vez reduzio a cinzas, tomou todos os paráos, os bons que trousse para Goa, os mais inferiores que foraõ queimados por Antonio da Silveira.

Na cósta do Malabar D. Joaõ Deça cumpria bem os seus deveres. Avisando-o que em Mangalor estava huma Armada do Çamorim, foi a este porto, e naõ a achando arrasou a povoaçaõ. Na volta para o Malabar en-

con-

controu a Armada, que ſe compunha de 60 paráos ás ordens do bravo Mouro China Cotiale, que vinha em noſſa demanda para nos atacar. A deſigualdade de déz embarcações para cada huma das noſſas, obrigou D. Joaõ a encadear a ſua galé com algumas fuſtas, e eſperar os Barbaros neſta fórma. Á primeira deſcarga mettemos no fundo alguns paráos. Seguio-ſe a abordagem, a que os Portuguezes ſe arrojáraõ com o ſeu valor ordinario. A eſte cedeo o número; e entrado Cotiale, deitado no convéz aberto em feridas, arreado o ſeu pavilhaõ de Almirante, enfraquecem as tripulações para a reſiſtencia; rendemos 40 paráos; degollamos 1U500 Barbaros; quaſi outros tantos fizemos captivos; perdemos vinte homens; porque Cotiale ainda eſtava vivo o fizemos curar; e D. Joaõ cheio de gloria entrou em Cananor a encarregar-ſe da Fortaleza, entregue por D. Simaõ de Menezes, que ſe embarcou para Cochim. Era vulg.

O Governador, que ſe achava em Angediva, na viagem para Goa, naõ ſof-

Era vulg. ſoffria o reſentimento, que lhe moſtrava hum Fidalgo da reputaçaõ de Heitor da Silveira, taõ bem viſto em Lisboa, como na India. Elle o buſca, o ſatisfaz, derrama ſobre elle todos os perfumes de delicadeza, que naõ pódem deixar de produzir cheiro de ſuavidade. Ainda o Silveira quizéra reſiſtir; mas já naõ era facil a hum eſpirito de tanta generoſidade contrariar officioſas rogativas. Elle ſe rende, e apoz o ſeu exemplo todos os mais, que olhavaõ a Lopo Vaz, como hum intruſo. A offerta de huma groſſa Armada para a cóſta de Cambaia foi o primeiro effeito da gratidaõ do Governador, que a entregou a Heitor da Silveira logo que chegou a Goa. Conſtava ella de quatorze navios com 400 homens, taõ independente o ſeu Chéfe por graça eſpecial, que Commandante algum das Praças, aonde entraſſe lhe poderia dar ordens, nem elle teria obrigaçaõ de as obſervar, ſe para iſſo foſſe inſtado.

Incançavel no governo Lopo Vaz, mandou a Manoel da Silva com huma

Fró-

Fróta de ſeis fuſtas guardar os mares de Goa até Chaul: a Manoel da Gama com quatro fuſtas, e huma náo a correr a cóſta de Coromandel, que elle deixou limpa de pyratas: a Joaõ de Flores para a Feitoria do aljofar com huma caravella, huma barca, e tres fuſtas. Eſte foi infeliz na arrecadaçaõ da renda da peſcaria, em que andava ſó com as duas primeiras embarcações; porque encontrando vinte navios dos piratas de Ceilaõ, o abordáraõ, e ſem dar quartel lhe paſſáraõ á eſpada 26 homens da ſua companhia depois de vendêrem as vidas por alto preço. As tres fuſtas da ſua conſerva, ſabendo a mórte do Flores, antes que os piratas viraſſem ſobre ellas, ſe foraõ incorporar com Manoel da Gama. Era vulg.

Nas Molucas atiçou todo o ſeu furor o eſpirito da diſcordia, que derramou indomavel nos dous genios duros de D. Garcia Henriques, do ſeu ſucceſſor D. Jorge de Menezes, nos dous partidos de hum, e outro Fidalgo: rotura, que hia ſendo cauſa do noſſo dominio naquellas Ilhas ficar em pre-

Era vulg. za aos Caſtelhanos vigilantes em Tidore para ſe aproveitarem de taõ favoravel conjunctura. Queria D. Jorge, que D. Garcia ſe recolheſſe a Malaca pelo rumo de Borneo, como lhe ordenára Pedro Maſcarenhas: D. Garcia determinava fazer a jornada pelo caminho de Banda, aonde tinha prevenidos intereſſes avultados. Do quero, e naõ quero deſtes dous Chéfes reſultou tomarem as armas os ſeus partidos, e tambem os Caſtelhanos para diſſiparem o que ficaſſe victorioſo. Inſtado D. Garcia por homens prudentes, que víraõ canhões aſſeſtados contra a ſua caſa, fizéraõ com elle, que cedeſſe ao tempo; que ſe foſſe metter voluntario na priſaõ, como executou; mas encontrou hum par de grilhões, com que o odio fulminante, ſem attençaõ ao naſcimento, lhe abateo a authoridade.

Eſte proceder eſcandaloſo irritou aos Caſtelhanos, e ao Rei de Geilolo para tomarem o partido de D. Garcia, e declararem a guerra a D. Jorge. O meſmo intentáraõ os ſeus amigos, que buſcáraõ no Sertaõ a Cachildaroes para

ra com as ſuas forças deſcarregarem o golpe mais pezado ſobre a inſolencia. Para que appareceſſe Iris no meio da tempeſtade, naõ teve D. Jorge mais remedio, que ſoltar a D. Garcia, e tratallo em tom de amigo. Naõ podia elle imprimir boa harmonia no ouvido delicado de D. Garcia, que em nada cuidava tanto como em correſponder a D. Jorge com outro ſom igualmente diſſonante. Elle tomou taõ bem as medidas, que quando eſte Fidalgo menos o penſava; quando Cachildaroes, e o Rei de Bachaõ eſtavaõ em Ternate declarados contra elle; quando por inſtancia do Alcaide Mór elle permittio a Franciſco de Caſtro, que levaſſe boa parte da gente jantar ao campo em diſtancia de huma legoa; D. Garcia com os ſeus amigos entra pela Fortaleza, toma poſſe della, prende a D. Jorge, mette-o em huma maſmorra carregado de ferros, e o mandou atar a huma peça de canhaõ. Era vulg.

A eſte impeto de atrevimento, que foi deſpique de outro ſemelhante; ao rebate, que tocáraõ os amigos do

pre-

Era vulg. prezo, acudio o Alcaide Mór com a gente, que eſtava no campo; mas vendo a D. Garcia ſenhor da Fortaleza, ſocegado ſobre o muro, naõ pode executar mais acçaõ, que deſaffogar em improperios contra elle. Como entaõ houve huma revolta geral, em que ſe intereſſáraõ os naturaes do Paiz, Cachildaroes, os Caſtelhanos, o Rei de Tidore; foi D. Garcia perſuadido naõ quizeſſe arriſcar a Fortaleza d'El-Rei, que com a pouca gente, que tinha, naõ poderia defender; que ſoltaſſe a D. Jorge, lhe entregaſſe o governo, e que ſem ſe vêr com elle fizeſſe a ſua jornada. Como no tempo da prizaõ de D. Jorge os Caſtelhanos ſe apoderáraõ da Ilha de Macuuſe, D. Garcia quiz evitar outras reſultas mais perniciosas; tomou a reſoluçaõ de ſeguir a ſua jornada para a India no navio de Pedro Botelho, com condiçaõ, que depois delle eſtar embarcado, o Alcaide Mór Simaõ de Vera ſoltaria a D. Jorge; mas antes de ſahir da Fortaleza mandou encravar toda a artilharia; naõ ſuccedeſſe D. Jorge de-

pois

pois de ſolto fazer-lhe fogo ſobre o navio. Era vulg.

Chegou D. Garcia a Banda, quando ferrava o meſmo porto Gonçalo Gomes de Azevedo, que Jorge Cabral, Governador de Malaca, mandava de ſoccorro a Ternate, como fica dito. Pouco depois veio Vicente da Fonſeca, que como fora teſtemunha das deſordens referidas, e era creatura de D. Jorge de Menezes, logo D. Garcia ſe receou, que elle negociaſſe com Gonçalo Gomes em ſeu prejuizo. Ainda que naõ conſeguio a priſaõ de D. Garcia, logrou tomar-lhe o navio com o pretexto de engroſſar o ſoccorro para Ternate, deixando-o naquella Ilha. Elle chegou no tempo mais opportuno para ſe ſuſtentar a guerra com os Caſtelhanos, que eſtavaõ arrogantes com o reforço vindo da nova Heſpanha ás ordens de Alvaro de Savedra, que perturbou por muito tempo o noſſo ſocego em Ternate, e em todas as Molucas.

Em quanto ſe paſſavaõ eſtas couſas, Chriſtovaõ de Souſa tomava poſ-

ſe

Era vulg. ſe do governo de Ormuz, e reſtituia aos ſeus empregos o Raix Xarafo, que indo para Goa com figura de criminoſo, elle deſcobrio meios para voltar a Ormuz como huma imagem da innocencia. Nós veremos a ſeu tempo ter elle a meſma habilidade em Lisboa, quando nella fervia a juſtiça ſem excepçaõ de peſſoas. O novo Governador quiz aviſar a El-Rei da mórte de Solimaõ, General dos Turcos; da deſordem da ſua Armada; como ſe lhe deſconcertáraõ os projectos ſobre a India; e encarregou eſta jornada a Antonio Tenreiro. Elle a emprehendeo por terra. Foi a Baçorá; naõ achou a caravana de Damaſco; toma huma nova corage até entaõ naõ viſta; attraveſſa com huma buſſola o eſpantoſo deſerto da Arabia ſem mais ſociedade, que a de hum guia; com felicidade incrivel chega a Alepo, aonde ſe embarca para a Ilha de Chypre; paſſa a Italia, a Genova, a Marſelha, entra em Liſboa. O Rei, a gente, o Povo o recebe com applauſos; e feita a ſupputaçaõ das ſuas jornadas, ſe demonſtrou que

a

a haver em Portugal muitos Tenreiros, cada tres mezes ſaberia novas da India. Era vulg.

Martim Affonſo de Mello Zuzarte, que nas ordens públicas hia encarregado de ſoccorrer o Rei de Cota contra Pate Marcar, General do Çamorim, e nas particulares ſe lhe incumbia ir fazer a Fortaleza de Sunda, para que eſtava deſtinado Franciſco de Sá e Menezes, como nós deixamos dito; baſtou a fama da ſua vinda para aquelle General ſe pôr em retirada. De Ceilaõ foi elle a Paleacate a invernar. Aqui pode a gente penetrar o deſignio occulto da viagem do Sunda, e ſe queixou altamente deſte engano pouco toleravel ao genio Portuguez. Parte della lhe fugio, outra quiz queimar as nove náos da Armada, e para a ſocegar foi neceſſario a Martim Affonſo prometter, e jurar que a ſua derrota naõ paſſaria de fazer o corſo nos mares de Bengala. Cruzando os de Arracaõ lhe ſobreveio huma tempeſtade, que ſeparou todas as náos. A de Martim Affonſo ſe desfez na cóſta; ſalvou-ſe elle no batel com

Era vulg. 60 homens, que depois de soffrerem grandes penalidades, cahíraõ nas mãos de Codevascaõ, vassallo do Rei de Bengala, e Governador de Chatigaõ, que os tratou com humanidade. Acabado o temporal, Duarte Mendes de Vasconcellos, e Joaõ Coelho, dous dos seus Capitães, que os buscavaõ por aquelles portos, os vieraõ achar em Chatigaõ. O seu Governador naõ os deixou embarcar para se servir delles em huma guerra, em que o fizeraõ victorioso. Os navios, que os esperaraõ, tornáraõ sem elles; porque o Barbaro queria resgate, que Lopo Vaz de Sampaio lhe mandou, e elles chegáraõ a India governando já Nuno da Cunha.

Na narraçaõ dos successos dos Capitães, que aquelle Gvernador despachou, e que nós vamos seguindo, nenhum delles foi taõ gloriosamente infeliz, como Simaõ de Sousa Galvaõ, que nevegava para Maluco. Hum temporal furioso o apartou da conserva de Pedro de Faria, que hia nomeado Governador de Malaca, e o levou ao porto de Achem, naõ lhe sendo possivel forçar

os mares para deixar de entrar nelle. O Rei perfido o quiz enganar com os cumprimentos, que lhe mandou fazer por vinte fuſtas com mil homens; e porque elle naõ os acceitou, a ſua galé foi inveſtida, entrando a ſuſtentar hum dos combates mais glorioſos, que ſe víraõ no mundo. Poucos Portuguezes cançados das fadigas de tormenta taõ longa, neſta primeira reſiſtencia mettêraõ alguns vaſos no fundo, degoláraõ 300 Barbaros, fugíraõ os mais. O Rei, que de terra via o combate, e o deſtroço, entrou em furor, que os ſeus lhe moderáraõ ateſtando, que os Portuguezes combatiaõ naõ como homens, mas como féras, á maneira dellas derramados, e indomitos. Era vulg.

Deſpede elle outras cincoenta fuſtas com 2ↀ000 homens de refreſco para renovarem os cumprimentos, perſuadirem a Simaõ de Souſa o affecto do Principe aos Portuguezes, e que naõ lhe permittindo a tempeſtade ſahir do porto, vieſſe a terra receber os Reaes favores. Segunda vez regeita Simaõ de Souſa as offertas fraudulentas; começa

ſe-

Era vulg. ſegunda batalha. Por todas as partes he entrada a galé ; mas o valor ſobre a multidaõ logra tantas vantagens , que coberto o mar de mórtos dos muitos vivos , que ſe reveſavaõ , tintas as aguas do ſangue Barbaro , e Chriſtaõ indiſtinctamente miſturado , tanta fuſta , tantos homens bem cortados por taõ poucos , fogem , retiraõ-ſe , dentro do ſeu meſmo porto deſmaiaõ. Permittio entaõ o Juizo Supremo , e ineſcrutavel , que hum Mouro , noſſo eſcravo , ſe lançaſſe ao mar , e foſſe nadando reprehender os inimigos por abandonarem o combate , quando a maior parte dos Portuguezes eſtava mórta , o reſto delles ferido , incapaz de mais reſiſtencia.

A eſte tempo vinhaõ de terra novos reforços , com que os inimigos voltáraõ com a confiança de quem hia dar á galé hum reboque para a vararem em terra. Elles encontráraõ os animos taõ inteiros em corpos deſpedaçados , que tiveraõ de ſuſtentar nova batalha. Com o pezo della foraõ cahindo os feridos como mórtos , os poucos ſãos ſem vida. Morrêraõ os bravos Fidalgos Simaõ

de

de Sousa Galvaõ attravessado de huma setta pelos peitos, D. Antonio de Castro, Manoel de Sousa, Antonio Caldeira, e Jorge de Castro. Aqui acabáraõ quatro filhos do memoravel Duarte Galvaõ, que tambem deo a vida no serviço do Rei na Ilha de Camaraõ em idade de 80 annos, vindo da Embaixada da Ethiopia, como se disse em seu lugar. Além do Simaõ de Sousa, os outros alentados moços se chamavaõ Jorge, Manoel, e Rui Galvaõ. Vinte e cinco Portuguezes foraõ levados semivivos ao impio Rei, que lhes disse: Eu vos mando curar; em estando sãos, elegei entre vós hum, que vá a Malaca dizer ao Governador mande buscar a galé, e os mais companheiros, porque quero paz com os Portuguezes: engodo infame, com que este Barbaro queria pescar outros para multiplicar a horribilidade dos massacros. Era vulg.

Ultimamente, Antonio de Miranda fez ao Estreito huma viagem mais esteril de gloria, que de proveito, mais interessante, que famosa. Chegando á altura do seu regimento dividio a Esqua-

Era vulg. dra em tres para nada paſſar por aquelles mares, que naõ foſſe preza. Vinte náos grandes carregadas com fazendas de valor ineſtimavel deixáraõ ricos do General até ao grumete mais vil. Os ventos contrarios lhe embaraçáraõ chegar á Ilha de Camaraõ, que era o deſtino da ſua jornada; mas em Cayxem ſoube a ſediçaõ dos Turcos, a mórte do Baxá Solimaõ, das cinco galés, que ſe levantáraõ; que o groſſo da Armada ſe havia retirado para Suez. Elle queimou a Cidade de Zeila, cujos habitantes a tinhaõ deſamparado, naõ deixando nella peſſoa, que combater, nada para pilhar. O Inverno elle o paſſou em Ormuz; e na volta huma tempeſtade violenta lhe diſſipou a Eſquadra na altura de Dio. Henrique de Macedo, e Antonio da Silva ſoffrêraõ o tempo ſobre ferro. Lopo de Meſquita encontrou hum grande galeaõ com 200 Mouros, que o abordou. Elle, e ſeu irmaõ Diogo de Meſquita com 20 ſoldados o entráraõ; mas com o golpe das ondas, e arfar dos navios, elles abríraõ por muitas partes, rompêraõ

os

os cabos, apartáraõ-se, e estavaõ nos termos de ir ambos ao fundo. Era vulg.

A gente, que ficou na náo do Mesquita, antes que se alagasse, velejou para Chaul, aonde chegou a salvamento. Os dous irmãos Mesquitas com os vinte soldados no galeaõ dos Mouros, vendo-se desamparados pozéraõ nos braços a salvaçaõ da liberdade, e entráraõ a peleijar, naõ como homens, como monstros. Acçaõ incrivel; mas verdadeira. Vinte e dous homens contra 200 mataõ a maior parte, e o resto que escapa, levado do amor da vida, que se lhes promette, ajuda os Portuguezes a tomar as muitas aguas, que o galeaõ fazia. Lopo de Mesquita para aproveitar os caixões de ouro, que vinhaõ nelle, os mette no batel com seu irmaõ, e alguns Portuguezes para esperar a hum dos bórdos o successo. Elles que temêraõ ir a pique com o galeaõ, quando se sobmergisse, apartáraõ-se, seguíraõ a sua derrota triste; sem que os podessem deter as vozes de Lopo de Mesquita. Este foi taõ feliz no seu trabalho, ajuda-

Era vulg. do dos Mouros rendidos, que metteo o galeaõ em Chaul, aonde já achou a Antonio de Miranda. O batel foi tomado por Alixa, General da Armada de Cambaia, que o apresentou ao seu Rei. Elle quiz obrigar os Portuguezes a abjurar a sua Religiaõ: o Mesquita se lhe mostrou sempre firme, e immovel. Sultaõ Badur o manda metter em huma grossa bombarda para o fazer voar em peças; mas o Mesquita entra nella com hum ar taõ deliberado, que o Rei se assombra; manda-o recolher com os companheiros da sua constancia, que todos depois foraõ resgatados.

Henrique de Macedo tambem se separou com a tempestade, e foi investido pelo mesmo Alixa com 33 galeotas, que rodeáraõ a náo. Os nossos fizeraõ nella outra defensa monstruosa com perda de várias embarcações, e muita gente de Alixa. Como as ballas choviaõ, a náo perdeo todos os mastos, as obras mórtas, e naõ se via mais que o casco sobre as aguas, taõ respeitoso aos Barbaros, que naõ se atreviaõ

viaõ a abordallo. Hum dia inteiro tinha durado o porfioſo combate, quando para livrar a Henrique de Macedo appareceo felizmente com a ſua náo Antonio da Silva, deſgraçadamente para elle meſmo, porque foi o unico que morreo de huma balla pela cabeça. Os ſoldados naõ ſe embaraçáraõ com a mórte do Chéfe para deixarem de continuar a peleija, até fazerem fugir Alixa. Depois deraõ hum cabo á náo, e a mettêraõ em Chaul taõ crivada por ambos os coſtados, o Macedo taõ deſfigurado, que ſe teve por hum milagre ſuſtentar-ſe ella ſobre as aguas; elle apenas havia quem o conheceſſe por homem. Era vulg.

LIVRO XLV.

Da Hiſtoria Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

El-Rei nomeia Nuno da Cunha para Governador da India, e eſcrevem-ſe as acções de Lopo Vaz de Sampayo até á ſua chegada.

Era vulg. O Écco da diſcordia entre Pedro Maſcarenhas, e Lopo Vaz de Sampayo, que no fim do anno paſſado chegou ao Reino; o eſtrondo da Armada dos Turcos no Eſtreito, que diſſemos ſe desfez pela revolta dos ſeus Officiaes; fizeraõ nelle huma harmonia taõ diſſonante, que El-Rei cuidou em prevenir as conſequencias funeſtas com que a India eſtava ameaçada. Sem demora mandou apreſtar huma groſſa Armada de onze náos, em que embarcáraõ

raõ quasi 4000 homens, de que hia por Chéfe o novo Governador da India Nuno da Cunha, filho de Tristaõ da Cunha, e com elle os Capitães seus irmãos, Simaõ da Cunha, e Pedro Vaz da Cunha, D. Fernando de Lima, Francisco de Mendoça, Antonio de Saldanha, Garcia de Sá, D. Francisco Deça, Joaõ Freire, Bernardim da Silveira, e Affonso Vaz Zambujo. Sahio Nuno da Cunha de Lisboa em Abril do anno precedente, e levava em regimento: Que a toda a despeza fizesse huma Fortaleza em Dio para refrear a insolencia dos Turcos, que por aquella parte invadiaõ a India: que em Calecut edificasse outra em lugar da que arrazára D. Henrique de Menezes, para conter a falta de persistencia do Çamorim: que lhe remettesse prezo a Lopo Vaz com toda a sua fazenda confiscada; e que se os Turcos viessem aos nossos mares, com todo o poder da India fosse atacallos sem temer as contingencias. Era vulg.

Em quanto esta Esquadra navega, nós iremos encontrar-nos com o Go-

Era vulg. vernador Lopo Vaz de Sampayo, que havendo eſtado em Goa até agora, tambem quiz tentar a ſua fortuna na guerra, e buſcar os inimigos na propria caſa. Informado pelo Vedor Mexia, de que em Calecut ſe carregavaõ náos para Meca, mandou treze navios de remo impedir-lhes a ſahida. Elles foraõ taõ deſgraçados com hum temporal, que ſe desfizéraõ na cóſta de Chatúa, aonde os poucos homens, que eſcapáraõ das ondas, em terra foraõ barbaramente deſpedaçados. Á ſoberba, que eſte ſucceſſo cauſou no Çamorim correſpondeo o ardor, com que Lopo Vaz ſe preparou para a vingança. Em ſeis dias partio com a Armada para Cochim, deixando no governo de Goa a Antonio de Miranda, e bem depreſſa ſe encontrou com o meſmo, que buſcava. Simaõ de Mello, que ſe havia avançado até o monte Deli, aviſou ao Governador, que o Cutiale de Tanor ſahíra com huma Fróta de 150 vélas, que naõ tardou em apparecer, quando Simaõ de Mello acabava de ſe incorporar na noſſa Armada.

Lo-

Lopo Vaz naõ pôz em dúvida lançar-se aos inimigos com treze fustas, huma das quaes montou elle mesmo. Á vista de Cananor se atacou o combate, que durou duas horas espantoso. Já a victoria se declarava pelos Portuguezes, mettidos a pique muitos navios contrarios, morta innumeravel gente, quando chegáraõ as nossas náos, que entrando pelo meio da Armada, a foi servindo por ambos os costados com hum fogo horrivel. Entaõ passou a ser geral a derrota dos inimigos, que se pozéraõ em fugida depois de lhes mettermos a fundo 18 navios, tomado 22, peças de artilharia 50, degollado, e cativado 2000 Mouros, sem que da nossa parte houvesse mais que alguns feridos: accidente, que unido á desigualdade das forças, e ao rápido da batalha fez estimar na India a victoria por hum milagre. Depois della foi Simaõ de Mello devaçar os rios daquella cósta, aonde queimou outros 26 navios, reduzio a cinzas a Cidade de Chatúa, poz o fogo a outros muitos lugares até Cranganor. Era vulg.

Aqui

Era vulg. Aqui o encontrou o Governador, e lembrando-ſe das inſolencias, que o Arel tinha feito aos Portuguezes, reſolveo ir caſtigallo na ſua Cidade de Porcá. Em vaõ pretendêraõ defender-ſe os moradores: aquelles, que naõ fugíraõ, foraõ paſſados aos fios das eſpadas. Entregue a Cidade á pilhagem das trópas, acháraõ deſpojos immenſos, muita artilharia, treze navios, que foraõ preza dos vencedores. O Arel, que eſtava auſente, teve o deſgoſto de lhe ficarem captivas a mulher, e a irmã, que elle reſgatou pelo preço de huma humilde paz. A eſte porto chegáraõ entaõ as náos de Garcia de Sá, e de Antonio de Saldanha, que déraõ a Lopo Vaz a noticia da vinda de Nuno da Cunha para Governador da India; mas que naõ ſendo chegado até aquelle tempo, provavelmente invernaria em Moçambique: o que Lopo Vaz mandou examinar por Sebaſtiaõ Freire. Elle continuou a derrota pela cóſta do Malabar, e recolhido a Goa, a mandou ſeguir por Antonio de Miranda com huma boa Eſquadra.

Sem

Sem despir as armas, Francisco Pereira de Berredo, Governador de Chaul, empenhou a Lopo Vaz em outra nova guerra. Elle lhe representou que Alixa, General de Cambaya, estava senhor dos mares com 80 náos, a Fortaleza necessitada de tudo, e que havendo aquelle Soberano atacado ao Nizamaluco, este Principe lhe mandava pedir soccorro. Lopo Vaz armou logo 52 navios de todos os lotes para ir encontrar Alixa, que soube em Chaul naõ lhe ficava longe. Elles se encontráraõ sobre a tarde, e para o outro dia ficou determinada a batalha, que se deo á vista de Bombaim. Heitor da Silveira levava a vã-guarda com os navios ligeiros, e o Governador commandava as náos de alto bórdo com os Capitães Antonio de Saldanha, Garcia de Sá, que quizeraõ ter este descanço na sua chegada, Antonio de Lemos, Lopo de Mesquita, Simaõ de Mello, e Henrique de Macedo. Ambos os Chéfes se dividíraõ para metterem os inimigos entre dous fógos. Heitor da Silveira se coseo com a terra

Era vulg. 1529

Era vulg. ra o mais que pode, e elle só combateo com o pequeno destacamento de oito navios, que se lhe destinárao para guardar a embocadura do rio Maim. Alixa postou a sua Armada em tres linhas, cobrindo elle a ultima.

Elle rompeo a batalha dando a primeira descarga ao longe com mais de ostentaçaõ, que de effeito. Os nossos se chegáraõ, e estando a tiro certo, o estrondo fez tremer os mares, e assustar a terra. Francisco de Barros de Paiva foi o primeiro, que entrou huma galé, aonde peleijou só largo tempo, e teve tal fortuna, que pegando nella o fogo, cahio dentro de huma fusta nossa ligeiramente ferido. Heitor da Silveira trabalhou por se ferrar com Alixa; mas ficando-lhe muito pela reta-guarda, foi axorando quanto lhe fazia resistencia por diante. Naõ tardou em se declarar a victoria á vista do estrago, taõ horroroso para Alixa, que foi o primeiro em romper a fugida, assim como o fora em atacar a batalha. Os seus Officiaes, que naõ tinhaõ obrigaçaõ de ser mais valentes, o seguí-

guíraõ, e poderaõ salvar sete galés em Tanã. Outras entráraõ em Nagotana, em nosso poder ficáraõ 46, queimadas tres, tomamos 80 canhões grossos, e muitos miudos, entre mórtos, e captivos 800 Turcos, 200 Bombardeiros, mais de 2ↀ000 de Cambaya. Haverá quem creia, que em tamanha victoria naõ perdemos mais que hum homem, que nos cahio no mar? Assim o dizem todos os nossos Historiadores, e naõ he esta a primeira occasiaõ na India, em que contra inimigos cheios de valor nos succedêraõ casos para milagres opportunos, para accidentes raros. Era vulg.

Na consternaçaõ, em que ficou Cambaya com esta derrota, era infallivel a entrega de Dio, como o pensou Lopo Vaz. Ou fosse o rancor occulto de alguns dos seus Officiaes, ou em attençaõ ao novo Governador, que esperavaõ; elles lhe impedíraõ a gloria desta vantagem, que tanto se desejava em Portugal. Elle se fez na volta de Goa, sentindo já nos que o serviaõ officiosos as vesperas da falta de respeito,

Era vulg. to, que vio depois consummadas, como Heróe Portuguez, em premio de tantos assignalados serviços. Heitor da Silveira ficou naquelles mares para se aproveitar do bom semblante da guerra. A sua primeira invasaõ foi no rio de Nagotana, aonde queimou cinco Lugares. Depois do estrago acudio o Governador da Praça ao campo com 600 cavallos, e 2000 Infantes. Heitor da Silveira, que se embarcava, lhe fez rosto, combateo por necessidade, e triunfou por fortune. Hum bravo soldado, sem outro nome, esperou hum Mouro, que o buscava com a lança enristada, atravessou-o por hum braço, deitou-o a terra, montou no seu cavallo, foi a outro, metteo-lhe a lança pelos peitos, tomou o cavallo de redea, e veio offerecer ambos ao seu Chéfe, pedindo-lhe o armasse cavalleiro. Elle lhe fez a graça; mas este homem, que só se chama soldado antes da heroicidade, soldado ficou depois della. Só Lopo Vaz o honrou como pode, trazendo-o ao seu lado em quanto esteve na India.

In-

Incançavel o intrépido Silveira, entrou por Baçaim, ganhou as trincheiras, e quando perſeguia os fugitivos, Alixa lhe ſahe ao encontro com tres mil homens de cavallaria, e infantaria. Bem penſou o Silveira, que elle hia atacar em terra o meſmo General, com quem ſe batêra no mar. Feita a ſua gente em peças, elle deixando-ſe vêr pelas cóſtas, Heitor da Silveira entra na Cidade, e a queima. O Rei de Taná prevenio ſucceſſo ſemelhante com o tributo annual de 4000 pardaos. Por outros lugares da cóſta correo eſte raio devorante levantando incendios, que a gravaſſem a viſta do Rei de Cambaya. Alguns dos ſeus camaradas naõ ſe moſtráraõ menos ardentes por diverſas partes. O alentado Joaõ do Avelar, que o Governador mandára com hum corpo de trópas em ſoccorro ao Nizamaluco, tomou por eſcalada huma praça de Cambaya, que entregou áquelle Principe. Era vulg.

Antonio de Miranda no Malabar entrou em Chael, tirou do porto huma náo muito importante, e deo fogo á Ci-

Era vulg. Cidade. Succedeo, indo elle ao largo, vir por terra Chriſtovaõ de Mello com huma galé, e ſeis fuſtas, que foraõ acomettidas na meſma cóſta por 50 paráos. Fez elle que fugia para o mar até aviſtar o Miranda, e virou de bórdo carregando os inimigos. O Miranda veio ſobre elles, que ſó cuidavaõ em ſalvar-ſe; mas na fugida lhe tomáraõ quatorze paráos. O Governador Lopo Vaz, ſe da ſua parte tinha as armas penduradas em Goa, naõ ſe poupava na applicaçaõ dos meios, que fazem hum Eſtado floreſcente. Elle ſe occupava em reſtabelecer a policia, em reformar os abuſos, em corrigir as intrigas dos Officiaes da Fazenda, em reparar os armazens, em renovar algumas fortificações, em eſquipar muitos navios, em fazer brilhantes os Templos, para que chegando o ſucceſſor, que eſperava, em tudo achaſſe que Lopo Vaz ſe conduzíra em hum governo de empreſtimo, como ſe foſſe ſeu de propriedade.

Eſte ſucceſſor, como fica dito, era Nuno da Cunha, que ſahindo tarde de

Lis-

Lisboa, a ſua jornada foi huma das mais infelices. Tres das ſuas náos naufragáraõ, outras ſe dividíraõ com tormentas; duas, que diſſemos, chegáraõ á India com Garcia de Sá, e Antonio de Saldanha; as mais invernáraõ em differentes partes; a do Governador varou na cóſta de S. Lourenço; mas tudo ſe ſalvou, e recolheo na náo de ſeu irmaõ Pedro Vaz da Cunha. Elle invernou com tres náos em Mombaça, donde fez retirar o Rei, e os moradores por força a embrenhar-ſe nos boſques. Depois ſe nos ſobmettêraõ tributarios; mas ſobrevindo huma epidemia, que tirou a vida a muitos Portuguezes, entre elles a Pedro Vaz da Cunha, os Barbaros rompêraõ o tratado, o Governador mandou dar fogo á Cidade, que ardeo em incendio laſtimoſo. No ſeu porto ſe lhe uníraõ as náos, que invernáraõ em Moçambique, e de conſerva com ellas navega para Ormuz com 400 homens menos, que lhe morrêraõ de enfermidade. Eſtando a partir chegou Sebaſtiaõ Freire com as cartas de Lopo Vaz de Sampayo, e logo foi deſ- Era vulg.

Era vulg. pedido para eſtar a Armada prompta na India, quando elle chegaſſe de Ormuz.

Chegou Nuno da Cunha a eſta Cidade, e pouco depois Manoel de Macedo, que El-Rei mandava de Portugal prender o Xarafo, e levallo a Lisboa. O Macedo ſaltou em terra incognito, foi ao Paço do Rei, aonde entaõ eſtava o Xarafo, e o prendeo. O Governador eſtimulado de ſe lhe naõ dar parte deſta diligencia, mandou tirar o prezo das mãos do Macedo, e o poz na Fortaleza com reſguardo. Depois applacou o Rei irritado da pouca attençaõ, que ſe tivera com a ſua peſſoa, conſeguindo no meſmo acto caſtigar a imprudencia do Official, e ſatisfazer o Principe offendido. Como eſte homem em Ormuz era tamanho, a prizaõ fez écco igual á ſua eſtatura. Em quanto elle chega a Baharem, aonde era General Raix Bardadim, cunhado do Xarafo, Belchior de Souſa Tavares mandado pelo Governador com 40 Portuguezes, ſoccorria ao Xeque de Baçorá, que com eſte reforço obrigou os inimigos a pedir a paz. Baçorá he

hu-

huma Cidade situada no fundo do golfo Persico, a cima da embocadura do Tigres, e do Euphrates, que naõ chegou á noticia dos conquistadores antigos. Já mais os Portuguezes chegáraõ taõ longe; e foi tanta a felicidade do Tavares, que com hum punhado de Lusitanos penetrou, e se fez respeitar em hum paiz longo tempo inaccessivel ás quilhas, e aos pés, que pizáraõ, que devaçáraõ o mundo. Era vulg.

Bardadim, que pagava ao Rei de Ormuz 40₵000 xerafins pelo dominio de Baharem, com a noticia da prizaõ de Xarafo, se levantou com o tributo. O Rei, que nos satisfazia 60₵000, pedio-nos lhe rebaixassemos a quantia, que Bardadim lhe negava, ou lhe restituissemos Baharem. O Governador tomou este segundo expediente, que encarregou a seu irmaõ Simaõ da Cunha com huma Esquadra de oito navios. Bardadim mandou logo a bórdo representar-lhe, que elle só se queixava do Rei de Ormuz, e naõ dos Portuguezes; mas que como elles faziaõ seu este negocio, lhe permittissem retirar-se com

Era vulg. a ſua fazenda, que elle lhes largava tudo. Bem inſtou Simaõ da Cunha, para que a offerta de Bardadim ſe acceitaſſe; mas a Nobreza de pouca idade recem-chegada do Reino, com os olhos na cubiça fez taes extremos, que Simaõ da Cunha foi forçado a reſponder, naõ conſentiria a ſahida da gente de Baharem com mais traſtes, que aquelles que tiveſſe no corpo. Naõ eſperou mais Bardadim para arrear a bandeira branca, que tinha arvorada, e içar outra vermelha. Rompeo-ſe a guerra infeliz, em que os noſſos gaſtáraõ todas as munições ſem effeito, e entráraõ as doenças a devorallos. Apenas eſcapáraõ 30 homens, que com a Fróta deſtruida, quaſi reduzida a nada, entráraõ em Ormuz cobertos do pejo de ſucceſſo taõ infauſto, da magoa de naõ apreſentarem ao Governador a ſeu irmaõ Simaõ da Cunha, que foi huma das victimas de contagio taõ fatal.

Nuno da Cunha, que ſó eſperava a vinda da Fróta para ſeguir a viagem da India, entregou o Xarafo prezo a Manoel de Macedo, que ſe embarcou pa-

para Lisboa: proveo o ſeu emprego no Xeque Raxete: deixou em ſegredo huma provizaõ ao Capitaõ-Mór do Eſtreito Belchior de Souſa para ſucceder na Fortaleza ao Governador ſe morreſſe: embarcou-ſe, levou na ſua conſerva as náos de D. Fernando de Lima, D. Franciſco Deça, de Franciſco de Mendoça, de Jorge Gomes: veio a Maſcate, aonde ſe incorporou com outras náos, que alli invernáraõ; e ſe fez na volta de Goa, aonde encontrou quatro náos vindas eſte anno do Reino com viagem taõ feliz, que de 500 homens, que traziaõ, naõ lhe morreo hum ſó. Os ſeus Capitães eraõ Diogo da Silveira, que vinha provído na Fortaleza de Ormuz, Ruy Gomes da Gran, Ruy Mendes de Meſquita, e Henrique Moniz Barreto, que trazia a ſeus filhos Ayres, e Antonio Moniz Bárreto depois Governador da India. Era vulg.

CA-

CAPITULO II.

Trataõ-se alguns successos antes da chegada de Nuno da Cunha, e os acontecimentos depois della.

Era vulg.

EM quanto Nuno da Cunha seguia as differentes derrotas, que temos visto na sua viagem, e Lopo Vaz de Sampayo trabalhava por lhe entregar a India em estado florescente; o impio Achem com fraudulentas negociações, e com o pretexto da guerra de Aru, trabalhava em Malaca para conseguir de Pedro de Faria mandasse buscar a galé de Simaõ de Sousa Galvaõ, e os Portuguezes captivos, como preliminares da paz, que lhe propunha. Que de Capitães Portuguezes illuminados, cheios de experiencias, se deixáraõ cahir nos laços, que lhes armou este pérfido! Pedro de Faria abandonou por sua causa a amizade do Rei de Aru; mandou-lhe hum Embaixador, que foi morto em segredo, e como este naõ apparecia, fingindo-o

af-

affogado, pedio outro ao Faria incauto. A eſte ſuccedeo no governo Garcia de Sá ainda mais crédulo, que lhe mandou a Manoel Pacheco em hum galeaõ com a melhor gente de Malaca para ajuſtar com elle o tratado da paz. Era vulg.

Na entrada do porto de Achem foi eſte infeliz homem recebido por huma Armada de feſta, que elle recebeo de galhofa, ſem ſaber o a que vinha, ſenaõ quando ſe ſentio matar, e quaſi toda a gente ſem defenſa. Os poucos, que ficáraõ vivos foraõ levados a terra, e juntos aos outros, que lá eſtavaõ, o barbaro Rei tomou por divertimento vellos fazer em pedaços. Depois teve a confiança de mandar dizer a Garcia de Sá, que elle já eſtava ſenhor de huma galé, de hum galeaõ; que lhe faltava hum brigantim, e que eſte brevemente o iria buſcar a Malaca. O noſſo Bandorá Sina Raja era o trahidor, que mandava ao Achem todos os aviſos. Agora lhe fez o de que vieſſe tomar Malaca, que elle lhe entregaria, por ficar com pouca guarnição.

Era vulg. çaõ. O Barbaro mandou huma Armada com tres mil homens, a esperar a palavra cumprida do Sina, que tinha determinado esconder hum canhaõ carregado a cartuxo para o disparar, quando os Portuguezes estivessem á Missa, embocar as ballas pela pórta da Igreja, matallos a todos, e entregar a Fortaleza aos Achens.

Soccorreo-nos a Maõ Omnipotente, que no seu esforço nos sustentava entre os Póvos barbaros, permittindo que os Achens em hum festim, tomados do vinho, declarassem a alguns Malayos da terra toda a ordem da trahiçaõ. Hum delles superiormente tocado, a veio descobrir ao Governador. Elle se sobprende, conhece o seu erro, e ainda que tarde, remedeia a mais fatal de todas as consequencias. Manda logo chamar o Sina, que veio acompanhado de seu enteado Tuaõ Mafamede, que em muitas occasiões nos fizéra serviços relevantes. Garcia de Sá os recebe affavel; sóbe só com Sina ao ultimo andar das casas, aonde estava prevenida gente, que o arroja

de

de huma janella, e rebenta na quéda. Era vulg.
Ao eſtrondo della, e da ſua cauſa fugíraõ os Achens: o Tuaõ he perſuadido pelo Governador continúe a ſervir El-Rei com a ſua coſtumada fidelidade; mas elle temeroſo de ſer victima dos crimes do padraſto, fugio para Viantana, aonde eſtava o Rei, que Pedro Maſcarenhas deſtruio em Bintaõ.

Navegava Nuno da Cunha, que ferrou Cananor, e com o pretexto do ceremonial ſe eſcuſou de fallar ao Rei. Como elle era hum Fidalgo da tempera antiga, ou dos humores de D. Henrique de Menezes, offerecendo-lhe o primeiro Miniſtro daquelle Rei hum preſente de precioſos brilhantes, elle o recambiou com eſte recado: Os diamantes, que quero me mandeis, ſaõ as próvas da voſſa fidelidade no ſerviço do meu, e voſſo Rei. Chegou depois a Goa, aonde achou detido por Lopo Vaz o Embaixador, que Melique Saca lhe mandára de Jaquete, offerecendo-ſe com 15ↀ000 cavallos para o ajudar na conquiſta de Dio. O Gover-

Era vulg. vernador o despedio em huma galé para conduzir Melique a Goa. A este tempo sabia elle o que se passára com o Xarafo em Ormuz, e quando o Capitaõ lhe deo o aviso para se embarcar, lhe disse: Ide vós só, que eu naõ quero que os Portuguezes me levem, para onde conduzem a Xarafo. Depois despachou Antonio da Silveira com 53 fustas, e 900 homens para continuar a guerra de Cambaya: a Heitor da Silveira com déz náos para ir ao Estreito, e elle veio a Cananor.

D. Joaõ Deça, Governador da Fortaleza, mandado por Lopo Vaz, que estava nella, visitou da sua parte a Nuno da Cunha, e lhe representou viesse a terra receber o governo da India, que elle tinha de lhe ceder. Como tratava com hum desvalido, Nuno da Cunha se picou do cumprimento, e lhe mandou viesse ao seu bórdo fazer a renúncia com as formalidades ordinarias. Obedeceo Lopo Vaz para naõ voltar mais a terra; mas soube do pregaõ público, que avisava a todos os que tivessem que requerer contra elle,

o

o fossem fazer a Cochim, para onde ambos partíraõ. Aqui foi prezo Lopo Vaz, que em tom quasi profetico disse ao Ouvidor, que fez a diligencia: Represental a Nuno da Cunha, que eu prendí, que elle me prende, que lá virá quem o prenda a elle. Assim havia ser na realidade se chegasse com vida ás Ilhas Terceiras, aonde estavaõ promptos os ferros para hum Heróe, cujo cadaver já tinha sido pasto dos peixes, como se o espirito presago naõ quizesse, que a Patria ingrata lhe apontasse com o dedo o lugar da sepultura. Era vulg.

Nada foi para Lopo Vaz a prisaõ: as suas resultas para qualquer homem de mediana consideraçaõ seriaõ muito. O Povo suscitou entaõ o antigo odio, insultou o seu abatimento, entoou opprobrios, desentoou letras injuriosas, que se hiaõ cantar como Psalmos triunfaes debaixo das suas janellas. Os que naõ eraõ Povo obravaõ peior: destináraõ-lhe para a viagem o navio mais ruim, hum casco quasi podre, apenas dous moços para o servirem, tudo rigor,

Era vulg. gor, tudo injúria contra o homem, que acabava de fazer tremer os mares de Calecut, de Cambaia, de inclinar as Coroas, de aballar os Sceptros. Peiores que na India foraõ os tratamentos em Portugal. Nas Ilhas Terceiras achou promptos os ferros, com que havia desembarcar em Lisboa. Nella fez a sua entrada da ribeira até ao carcere montado em hum jumento, que foi o seu carro triunfal, rodeado da baixa plebe, que o tratava com correspondencia á figura, em que o via. Mettido em hum carcere escuro, e sobterraneo este terror de tantos Barbaros, até se lhe negou o alivio de vêr sua mulher; nelle passou dous annos em miserias extremas com a constancia de huma montanha.

Por empenho do Duque de Bragança, seu parente, obteve elle huma audiencia d'El-Rei. Nella, naõ a lingoa de Lopo Vaz, mas todos os affectos do homem, sem esquecer a sua dignidade, falláraõ, disséraõ vivos, fórtes, patheticos quantos sentimentos cabem na vastidaõ da alma para justificar

car

car acções, mover espiritos, abrandar inflexibilidades, attrahir corações. Naõ se esqueceo a sua illuminaçaõ de se confrontar com Duarte Pacheco Pereira, com o grande Affonso de Albuquerque, com Diogo Lopes de Siqueira, com outros Heróes do seu tamanho, que fizéraõ o que elle fez, e se víraõ no estado, em que elle se via. Elle respondeo prompto, judicioso, e concludente a quarenta e tres artigos, com que o arguio o mesmo Rei em pessoa, quasi todos respectivos a Pedro Mascarenhas, e escritos pelo nosso Couto. Da audiencia foi reconduzido á prisaõ com o despacho de ser ouvido em juizo para allegar a sua defensa. A sentença foi taõ rigorosa, que depois de o declarar intruso no governo da India, o degradava para Ultramar, e lhe mandava pagar a Pedro Mascarenhas o ordenado annual de déz mil cruzados. O Varaõ resentido se retirou a servir em Castella, donde se desculpou com os motivos da sua evasaõ, se queixou do rigor, que com elle se usava, e o Rei clemente, mais bem Era vulg.

Era vulg. bem informado, lhe perdoou todas as penas, o mandou vir para a Patria com honra; mas elle como ſimples particular ſe retirou para as terras, de que era ſenhor, aonde paſſou o reſto dos ſeus dias até o ultimo no anno de 1538.

Tudo era juſtiça em Portugal na época de Lopo Vaz. Só o célebre Raix Xarafo, que preſenciou a ſua entrada em Lisboa; que naõ havia perdido todo o ſeu cabedal; que era habil intrigante, teve maneiras de a illudir. Elle fez bem vêr que os Miniſtros, com que tratára em Lisboa, naõ eraõ Portuguezes differentes dos outros, com que elle corrêra os officios na India. Elle lavou até a ultima nodoa do ſeu crime, foi reſtituido com diſtinçaõ ao ſeu cargo, levando carta de ſeguro para cometter outros de novo. O contrario ſuccedeo ao memoravel Vedor Affonſo Mexia, aos orgulhoſos D. Garcia Henriques, D. Jorge de Menezes, ambos Governadores das Molucas, e a Diogo de Mello, que o fora de Ormuz. Pouco depois de Lopo Vaz entrá-

tráraõ elles em Portugal arrastando gri- Era vulg.
lhões, e cadeias, e havendo apodrecido com o tempo nas masmorras, foraõ confiscados, e banidos: castigo bem ligeiro á enormidade dos seus insultos. He verdade que D. Garcia teve pouco que perder em terra, porque o mar o confiscou primeiro, que os homens. D. Jorge morto no desterro do Brasil, passaria a vida menos pobre. O Mexia, sem disputa mais culpado, que todos, as suas riquezas immensas, á força de rapinas amontoadas, eraõ as próvas mais terminantes para a sentença de hum garrote; quando naõ bastassem os módos indignos, com que tratára o Rei de Cochim com o ponto fixo em se enriquecer por meio dos roubos, e injustiças, como altamente se queixou o mesmo Principe a Nuno da Cunha.

Por activas, que foraõ as diligen- 1530
cias de Lopo Vaz para deixar na India huma Armada respeitavel, todas as suas idéas illudio aquelle Ministro, mais attento ao seu interesse, que ao bem público. Naõ achou Nuno da Cunha

Era vulg. nha o que penſava, quando houve de deſpedir para os ſeus deſtinos com tres Eſquadras os tres Silveiras Antonio, Heitor, e Diogo da Silveira, e foi neceſſario para elles metter em uſo a ſua grande actividade. Reconhecendo que o Mexia desbocado neceſſitava freio, lho deitou no reſpeito de Antonio de Saldanha, que nomeou Governador de Cochim com poderes amplos nas fabricas da ribeira, armazens, e em quanto era relativo á factura, e conſervaçaõ das Armadas. Por meio deſte expediente ſe deſembaraçou o Governador para a applicaçaõ dos negocios do Eſtado, viſitas das Praças, communicaçaõ com os Reis amigos, que ſe pagáraõ tanto do ſeu deſintereſſe, e affabilidade, quanto ſe empenháraõ em reſentir a dureza, o amor da ganancia de alguns dos ſeus predeceſſores.

Diogo da Silveira, bem inſtruido, foi mandado com vinte vélas continuar a guerra de Calecut, até obrigar o Çamorim a pedir a paz. Elle fez hum fogo taõ vivo ſobre a Cidade, ateou nel-

nella tal incendio, que se o vento lhe dura mais algum espaço, Calecut seria hum monte de cinzas. Depois guardou as bocas dos rios com tanta vigilancia, que rompeo todo o commercio, empobreceo as alfandegas do Çamorim, fez que as náos de Meca criassem raizes nos pórtos. Reforçado de Goa com mais vélas, entrou em Mangalor para render as graças a hum Mercador potentissimo de Narsinga, que esquecendo-se de ser o seu Rei nosso aliado, buscára este refugio para perseguir os Portuguezes. Elle o buscou no centro da mesma Cidade, aonde se defendeo com muitos, até que morreo com todos. Da immensidade das prezas se carregárao os vasos, entre ellas 60 canhões: o mais foi consummido pelo fogo. Pate Marcar, General do Çamorim, que vinha com 50 paráos soccorrer este poderoso tratante, á vista do estrago mudou de rumo; mas o Silveira o seguio até o monte Deli, aonde o bateo, e voltou a Cochim para gostar a doçura das victorias.

Era vulg.

Era vulg.

Os ſucceſſos de Antonio da Silveira, que ſe enſaiava para expedições ſublimes, ainda tiveraõ mais de brilhantes. Appreſentou-ſe eſte gigante de valor ſobre a Cidade de Surrate, Emporio do Commercio de Cambaya, e para a render naõ teve mais trabalho, que deſembarcar. Os moradores ſe refugiáraõ na de Reynel, que ficava pelo rio a cima quatro legoas. Imitador da ſua rapidez, Antonio da Silveira tocou nas ſuas praias, aonde o eſperavaõ 400 cavallos, e 6ↀooo infantes para lhe diſputarem o deſembarque. Elle na téſta de hum Eſquadraõ, e Manoel de Souſa na de outro, leváraõ de tropel os inimigos, forçáraõ as trincheiras; fizeraõ-ſe ſenhores de Reynel. Ainda que ſe viaõ os inimigos ir com precipitaçaõ buſcando o aſylo dos boſques, o Chéfe prudente mandou tocar a retirada para ſe naõ deſmandarem os ſoldados. Para a quarta parte do deſpojo naõ baſtáraõ 53 navios da Armada. Para que a ſua monſtruoſidade, deſpertando a cubiça, naõ foſſe tropeço da victoria, o General lhe mandou pôr

o fogo: ardêraõ thesouros, a Cidade, e a campanha com assombro geral daquellas Regiões: tomáraõ-se quantidade de navios, e muita artilharia, que foi lançada no rio. Era vulg.

Com celeridade extrema Antonio da Silveira passando a Damaõ, e a Agaçaim, as tratou como a Surrate, e a Reynel. Naõ lhe ficando povoaçaõ por toda a cósta, que naõ pilhasse, naõ destruisse, elle foi descançar hum pouco em Bombaim para obrigar o Rei de Taná, espantado da rapidez deste turbilhaõ, a pagar os tributos, que devia. Daqui foi elle acudir a Francisco Pereira de Berredo, Governador de Chaul, que sahindo imprudente com poucos a soccorrer o Tanadar da Cidade na guerra, que tinha com os Capitães de Cambaya, naõ lhe valeo o esforço em partido taõ desigual para deixar de sentir a derrota, quando o Tanadar o desamparou covarde. Appareceo Antonio da Silveira, e os inimigos se sumíraõ.

Heitor da Silveira chegou ao Estreito, e na sua boca espalhou os na-

Era vulg. vios da Armada em fórma, que nada entrava, nem sahia. Os seus Capitães fizéraõ prezas importantes, captiváraõ, e matáraõ muitos Mouros. Como a reputaçaõ de Heitor da Silveira nestas partes era do tamanho das suas acções, ella bastou para Mustafá, e Çofar, assassinos do Sultaõ Commandante da Armada Turca, levantarem o sitio de Adem, que batiaõ havia cinco mezes. O Silveira com politica sem escrupulo veio a esta Cidade para mandar dizer ao seu Rei, que elle sabendo o aperto, em que os Turcos o tinhaõ posto, voára para o soccorrer, determinado a investir aquelles adversarios communs, se elles tivessem cára para o esperar. A ficçaõ deste cumprimento em situaçaõ de tanto susto negociou taõ diligente com o Rei consternado, que elle se sobmetteo vassallo de Portugal com o tributo de 10$000 xerafins por anno: Tratado para Heitor da Silveira mais glorioso, que sólido; porque o Barbaro depois da sua partida, para se aproveitar dos interesses de huma náo nossa, que foi

ao ſeu porto, matou os Portuguezes com os mais, que o Silveira deixára nelle. Em fim, eſte grande homem, excepto em Meca, achou francas as entradas em todos os pórtos do Eſtreiro do mar Roxo, ſem mais trabalho, que o de lhes prometter a protecçaõ do reſpeitavel Portugal. Era vulg.

CAPITULO III.

Continuaõ os ſucceſſos da India neſte anno de 1530.

EM quanto os tres Heróes Silveiras obravaõ as acções ſublimes, que acabo de referir, o Governador empenhado por El-Rei na fabrica de huma Fortaleza em Dio, negociava com Melique Tucaõ, que o de Cambaya fizera Governador daquella Cidade. Era Tucaõ filho de Meliqueaz, e irmaõ de Melique Saca, que ſe havia refugiado em Jaquete, como fica dito. Gaſpar Paes, homem antigo na India, que muitas vezes tratára em Dio com os tres Meliques Pai, e irmãos, foi eleito pelo

Era vulg. Governador para ir agora fondar os fundos da fidelidade de Tucaõ, se achava nelles aberta para lhe introduzir o temor das tyrannias de Badur, e para segurança da pessoa inclinallo aos nossos interesses. O Paes foi excellentemente recebido, isseparavel, officiosamente tratado por Tucaõ; mas no ponto das negociações, elle encontrou hum promontorio de constancia na fidelidade reconhecida a Badur, por fiar delle praça de tanta importancia á face da traição de seu irmaõ Melique Saca. Nada concluindo, o Paes se recolheo a Goa com as mãos taõ cheias de davidas, como o animo vazio de esperanças.

Pelo mesmo tempo nas Molucas se soffriaõ grandes trabalhos agitados pelos Castelhanos, e pelo seu aliado o Rei de Tidore. Quando se pediaõ soccorros a Banda, aquelles aliados com o Rei de Geilolo nos invadiaõ Ternate. D. Jorge de Menezes no meio das suas desordens foi taõ feliz, que os derrotou; que fez retirar a Fernaõ de La-Torre com os Castelhanos para a Ilha de Camasco; que forçou o Rei de Tido-

dore a reconhecer-se nosso tributario. Era vulg.
Depois morreo o de Ternate naõ sem suspeita de veneno propinado por Cachildaroes, e foi reconhecido Cachil Ayalo, irmaõ do defunto. Cresceraõ entaõ as revoltas, que hiaõ chegando aos ultimos termos da nossa ruina, e da dos Castelhanos, conjurados os Reis de todas as Ilhas para degolarem os individuos de huma, e outra Naçaõ a favor de Cachildaroes, que queria dethronar o novo Principe, e fazer-se Rei. D. Jorge informado bem a miudo da conjuraçaõ, mandou vir Cachildaroes á Fortaleza com o Regedor, e Almirante de Ternate, que todos a confessáraõ de plano. Estes dous Officiaes foraõ soltos por equidade, e o Cachil pagou com a cabeça os flatos de reinar depois de tantos annos nos servir.

Leonel de Lima, chegado das Molucas a Cochim, deo parte das desordens infernaes, em que ellas ardiaõ, ao Governador, que sem demóra despedio a Gonçalo Pereira para depôr, e prender o turbulento D. Jorge de Menezes. Elle fez a viagem por Borneo; Ilha das maio-

Era vulg. maiores do Sunda entre as dos Célebes, de Çamatra, de Java, das Filippinas; Ilha, que tem 400 legoas de circunferencia, fertil de quanto a vida necessita, rica de diamantes, de alcanfor, de bezoarticos, de especiarias immensas, que a fazem hum abórdo frequentado das Nações commerciantes; Ilha povoada de grandes Cidades, regada de rios, que se esgotaõ nas embocaduras de quatro pórtos caudalosos, rota em canaes, com facilidade para os transpórtes, habitada de Mouros dominantes, de alguns Gentios sobordinados; Ilha em fim sugeita a hum Rei com governo Genocratico, que segundo as Leis, se lhe communica pela parte materna, na qual os naturaes reconhecem a soberania. Do Principe, que entaõ reinava, foi Gonçalo Pereira muito bem recebido, e reguladas as condições de commercio mutuo, elle navegou para as Molucas.

De nada importou a probidade do novo Chéfe para deixarem de renascer novas Tragedias das mesmas cinzas dos espectaculos precedentes. D. Jorge, depos-

posto do governo, e mettido em fer- ros, foi hum dos poucos homens felices, que confessárao no mundo serem os seus crimes merecedores dos tratamentos duros. Respirou a Rainha de Ternate, fugida na terra de Turuto, que mandou logo Embaixadores ao Pereira, pedindo justiça contra a impiedade dos seus injustos perseguidores, e a restituiçaõ dos Principes seus filhos, que estavaõ como prisioneiros em Ternate. Tudo elle promette á Rainha, logo que acabe de reparar as ruinas da Fortaleza. Ao Rei de Tidore por impeto de generosidade propria o absolve do tributo odioso, que naõ podia pagar, e adquire nelle hum bom amigo. As Ilhas respiravaõ a aura benigna da paz; os Portuguezes ao contrario se soffocaõ com ella: criados no centro da insolencia se lhes fazia intoleravel a equidade. Contra o honrado Chéfe levantava clamores a calumnia; mas elle se fazia surdo aos éccos. Nada o abalava, porque deixou que a rectidaõ tomasse posse de todos os fundos da sua alma. Era vulg.

Co-

Erá vulg. Como naõ approveitou a calumnia, a ſua praça foi occupada pelo tumulto. O meſmo Vigario, que pela ſua dignidade do ſacerdocio havia promover a paz, unido com Vicente da Fonſeca, homem ſediciofo, trabalhou por azedar os eſpiritos, e por avivar a guerra. Prezo o Fonſeca, e amotinado o povo, foraõ acções indiſtinctas, e o Pereira ameaçado, de que a Fortaleza ſeria entregue aos Caſtelhanos. Os amotinados eſtimariaõ mais, que eſte paſſo, o de tirar a vida ao Governador. Como a Rainha já eſtava em Ternate, elles a quizeraõ trazer ao ſeu partido por meio das ſuggeſtões, com que lhe fizeraõ crer que na entrega de Ayalo, ſeu filho, elle a enganava, antes para reinar ſó intentava matallo. Ouvio ella os do ſeu conſelho, que approváraõ o inſulto; marcou-ſe o dia, em que parte dos conjurados eſtaria occulta eſperando o ſignal da outra parte, que havia ſer a authora do maſſacro geral dos Portuguezes, para ella depois correr a ſenhorear a Fortaleza. Intentáraõ os revoltoſos, que ſó morreſſe o ſeu Go-

ver-

vernador Gonçalo Pereira; elle só mor- Era vulg.
reo: mas a intençaõ da Rainha foi matallos a todos.

Entráraõ os poucos conjurados até o quarto, aonde o seu Rei Ayalo dormia a sésta. Vicente da Fonseca, percebendo nos seus semblantes que hiaõ executar o golpe, para que elle ministrára as forças, os animou; e o illustre Gonçalo Pereira naõ pode escusar-se de ser a victima dos seus nacionaes criminosos, sacrificada pelas mãos dos Barbaros. Os que estavaõ de emboscada para se avançarem á Fortaleza, vendo passar hum Portuguez, que se recolhia, sem esperarem o signal corrêraõ a elle. O miseravel perseguido pode chegar á praça, dar aviso, fechar as pórtas, pegar a guarniçaõ nas armas, e voar intrépida á defensa. Os conjurados descobertos, naõ cuidáraõ mais que em salvar-se, sem colherem de todo este apparato mais fructo, que tirarem a vida a Gonçalo Pereira, já com arrependimento de alguns dos que lhe maquináraõ a mórte.

O monstruoso Vicente da Fonseca,

Era vulg. paſſando de réo infame a Governador abſoluto, arrojou-ſe á temeridade de carregar de ferros a Braz Pereira, digno irmaõ de Gonçalo Pereira, e a quantos homens de probidade havia em Ternate, e remettellos para a India carregados de calumnias, e de opprobrios. Adiantou as perfidias com a Rainha, que elle havia animado para ſe desfazer do Governador benemerito com o fim da liberdade do Rei ſeu filho, naõ ſó deixando de lho entregar, e apertando-lhe a prizaõ, mas deſcobrindo indicios, de que os ſeus intentos eraõ mais perniciosos. Ella eſcandaliſada, com toda a ſua gente outra vez abandona Ternate, que bloqueia, e reduz a tal aperto de fome, que o Fonſeca teve de comprar os viveres pelo preço da liberdade do Rei Ayalo.

Com a ſua ſoltura appareceo em hemisferio taõ eſcuro hum ar ſereno de tranquillidade, mas momentaneo. Quando para ella concorriaõ na Europa o Rei de Portugal, e o Imperador, formando Tratados, que de hum golpe cortaſſem nas Molucas as pretenções in-

inquietas de Portuguezes, e Castelhanos; entaõ bastava haver nellas hum turbulento Vicente da Fonseca para os fazer infructuosos, para as perturbar, para as metter em ruina. Ayalo já homem, e já livre, entendeo que podia reinar por si mesmo. Paté Sarangue, que no tempo da sua prizaõ tinha sobre elle authoridade despotica, sentio perdella, e se conjurou infame com o Fonseca para unidos o dethronarem. As vozes calumniosas de ambos foraõ a disposiçaõ previa dos designios; depois se seguíraõ os movimentos do Fonseca para o tornar a haver ás mãos, e encarcerallo. Penetra o Principe a conjuraçaõ, e segurou a pessoa no fundo dos desertos, aonde podia bem defender-se do barbaro Fonseca, que nelles o persegue. Hum resto de inclinaçaõ aos Portuguezes lhe impede derramar o sangue de muitos por causa de hum, e quer antes parecer que foge, retirando-se com a Rainha sua Mãi para Tidore. Era vulg.

A fugida de Ayalo foi no juizo do Fonseca huma sentença de inhabilida-

de

Era vulg. de para reinar. Elle a faz paſſar em julgado, e ſobre eſte fundamento, de que acabava de ſer a cauſa motiva, eſtabeleceo o delicado eſcrupulo de naõ o declarar decahido do Throno. Elle faz a declaraçaõ ſolemne, e manda a Tabarija, filho do Rei de Boleifa, e de huma concubina, que occupe o Solio de Ayalo. Já plantado na téſta do Povo de Ternate eſte fantaſma da Mageſtade, o grande Fonſeca ſe póſta na das trópas, e entra por Tidore a fogo, e ſangue para ſe vingar de dous Reis; de hum porque lhe fugíra, do outro porque o amparava. Foi taõ feliz o intruſo uſurpador da authoridade Portugueza, que os dous Soberanos naõ ſe attrevêraõ a vêr-lhe a cára, buſcando o eſcondrijo das cavernas para naõ ſe porem na preſença do aſpecto, que deſcobria o terror na inſolencia.

Na volta deſta victoria infame, o Fonſeca ſe encontra com o cadaver de hum dos ſeus filhos baſtardos, que hum vaſſallo fiel de Ayalo degollára; que fizéra o meſmo ao chamado Rei Tabari-

rija, se este lhe naõ fugíra: espectaculo triste, que pelo que tinha de honrado, foi novo objecto de cólera, de odio, de furor do Fonseca contra Ayalo. Outra vez manda trópas, que o persigaõ; e porque o afflicto Rei naõ póde resistir-lhe, se retira para Geilolo. A Rainha sua Mãi lhe cahe nas mãos; e hum homem Christaõ no nome, nas acções barbaro, amontoando á tantas atrocidades o desprezo das nossas Leis santas, que nos impedem os matrimonios incestuosos; o Fonseca como se fosse hum Papa, dispensou a infeliz Rainha para casar com seu amigo Paté Sarangue, e a mulher do Rei Ayalo para se receber com seu cunhado Tabarija. Daqui em diante Vicente da Fonseca, naõ só começou a ser o escandalo dos homens, mas elle abominavel a si mesmo. Innexoraveis os remorsos já o atormentavaõ, como verdugos. Desconfiado de si, de tudo, e de todos, temia as sombras, espantava-se dos homens, de dia, e de noite naõ despia as armas, perdia o somno, assustava-se de comer, buscava as solidões; Era vulg.

Era vulg. dões; entaõ lhe gritava mais alto a consciencia, e sem lugar de tranquillidade, parece que só o tinha para a desesperaçaõ. O certo he, que de tantos crimes, se elle naõ os expiou, só de Deos receberia o castigo; que quanto dos homens naõ teve outro, mais que ir de Ternate prezo para a India, aonde logo foi visto solto, livre, e honrado, occupando empregos.

Para concluirmos neste lugar com os successos das Molucas até a entrada do anno futuro, se deve saber: Que informado o Governador da India da mórte de Gonçalo Pereira, do estado das Ilhas, chegados á India os prezos, que mandára Vicente da Fonseca, elle nomeou a Tristaõ de Ataide para ir sem demora pacificar as desordens. Naõ era o Ataide homem de caracter para o fim a que o destináraõ, e foi muito que hum espirito taõ illuminado, como o de Nuno da Cunha, naõ o conhecesse. Nós vamos a vêr nelle outra imagem quasi semelhante aos originaes, que deixamos retratados. Entrou Tristaõ de Ataide em Ternate prendendo

Vicente da Fonſeca, que havia ſer remettido para a India com D. Fernando de la Torre, e os mais Caſtelhanos, que eſtavaõ em Geilolo para dahi ſerem mandados a Heſpanha nas noſſas náos, confórme os ajuſtes feitos entre El-Rei, e o Imperador. Juſtamente receáraõ elles, que o Rei de Geilolo naõ os deixaſſe ſahir, e tiveraõ neceſſidade de ſe valer da indúſtria para eſcapar ſem maior perigo. Era vulg.

Mutuamente ſe ajuſtáraõ os dous Chéfes, e reſolveo o Caſtelhano, que Triſtaõ de Ataide os mandaſſe pedir áquelle Rei; que elles fingiriaõ naõ querer eſtar pela ordem; que a publicariaõ huma idéa dos Portuguezes para os fazerem priſioneiros; que á viſta da repugnancia entraſſe elle com trópas em Geilolo; que os Caſtelhanos ſe offereciaõ ao Rei para os combater; que no principio da refega ſe lançariaõ da parte dos Portuguezes; logo unidos dariaõ ſobre os Barbaros, os deſtruiriaõ, e viriaõ com elles para Ternate. Em tudo correſpondeo o ſucceſſo ao ajuſte. Foi deſtruido o Rei

Era vulg. enganado, conſtrangido a eſconder-ſe nos boſques, e ficando a ſua Corte ao deſamparo, os Caſtelhanos em reconhecimento de lhes ter ſervido de aſylo, com ajuda dos Portuguezes a reduzíraõ a cinzas. Elles viéraõ para Ternate, aonde embarcáraõ para a India com Vicente da Fonſeca, que foi entregue a Fernando de la Torre para o apreſentar prezo ao Governador Nuno da Cunha.

Os genios libertinos, que naõ ſe refreavaõ com a continuaçaõ das deſgraças, ſoubéraõ aproveitar-ſe do de Triſtaõ de Ataide para continuarem na ſoltura. Elles eſcolhêraõ para ſua cabeça a Camarraõ, hum Mouro, que D. Jorge de Menezes deſterrára por complice na conjuraçaõ de Cachildaroes, e agora pelo Ataide fora reſtituido a Ternate, tratado como bom amigo. Era elle hum emulo inexoravel de Paté Sarangue, homem intrigante, de quem ſe valêraõ os ſedicioſos para perſuadir ao Ataide, que El-Rei Tabarija intentava matallo. Sem mais exame, o triſte Rei, o Paté,

to-

todos os ſeus amigos foraõ prezos, e mandados innocentes para a India com figura de réos. Elegêraõ os conjurados novo Rei a Cachil Aeiro, ultimo filho de Boleifa, e da ſua concubina, que naõ queria largar dos braços ao tenro Infante para ir ſer victima da ambiçaõ dos Portuguezes. Elles lho arrancáraõ por força, arrojando-a a ella de huma torre á rua para pagar com a vida o crime da repugnancia. Era vulg.

Parece que o clima peſtilente das Molucas infeſtou a condiçaõ dos Portuguezes, que nellas reſpiráraõ halitos venenoſos, ou que os Governadores da India eſcolhiaõ para mandar a ellas a eſcoria da plebe, os homens infames, que em Portugal ſe tiravaõ dos carceres para em Regiões taõ remotas tiſnarem o crédito da Naçaõ, e mancharem a probidade natural dos Portuguezes honrados. A maior parte dos antigos moradores de Ternate, cançados de ſopportar tantas tyrannias, abandonáraõ neſta occaſiaõ a Patria, e pedíraõ o amparo dos Póvos viſinhos. Eſtes naõ os queriaõ receber, diziaõ

Era vulg. que em pena de haverem confentido na fua terra os monftros da humanidade, que eraõ o horror, o efcandalo de toda a natureza, féras merecedoras de fer affogadas no berço. Por outra parte o mefmo Ataide unido com Camarraõ, naõ cuidava em mais expedientes, que enriquecer-fe por meios iniquos com huma total derrota do Commercio.

Naõ pode foffrer tantas extorsões o Rei de Bachaõ, e clamou contra ellas; mas a refpofta foi entrar Camarraõ a fogo, e fangue pela Ilha ajudado pelos feus amigos de Tidore, e forçar o miferavel Rei a comprar a paz por hum alto preço. Ao mefmo tempo mandou o Ataide, para ajuftar alliança com hum Rei das Ilhas de Moro, certo Emiffario taõ pouco efcrupulofo, que para fe conformar com os eftylos daquelles Barbaros, bebia com elles o fangue humano fem horror. Elle o naõ teve, quando tratava de paz, de roubar ao Rei alguns vaffallos, e efcondellos no fundo do navio; mas hum falvando-fe a nado, deo

par-

parte da perfidia, que ſoblevou o Povo para correr á vingança. Com trabalho ſe pode eſcapar o Emiſſario, que encontrou no mar outro verdugo, que parecia querer vingar alterado tantas atrocidades. Em fim, todos os Reis das Molucas ſe conjurárao para a noſſa ruina. Reſolvêrao deſpovoar toda a Ilha de Ternate, dar fogo aos ſeus boſques, deixar-nos ſós na terra calva, perſeguir-nos até aniquilar-nos: Cataſtrophes horrendos, que duráraõ todo o tempo de Triſtaõ de Ataide, até chegar o ſanto Governador Antonio Galvaõ, filho do grande Pai Duarte Galvaõ, que mudou a face dos negocios. Era vulg.

CA-

CAPITULO IV.

Continua-se com outros successos do anno de 1530, e os de 1531.

Era vulg.

QUANDO em Ternate aconteciaõ as calamidades referidas, que tiveraõ por effeito a decadencia lastimosa da Christandade recem-nascida nas Ilhas de Moro, plantada pelos esforços incançaveis dos Veneraveis Padres Simaõ Vaz, nunca acabado de louvar nas nossas Historias, Francisco Alvares, e Gonçalo Velloso; chegavaõ á India cinco náos do Reino, de que eraõ Capitães Pedro Lopes de Sampayo, que vinha provído Governador de Goa; Francisco de Sousa Tavares em Cananor; Manoel de Brito; Luís Alvares de Payva, e Fernaõ Camello. Diogo da Silveira andando na cósta do Malabar foi o remedio da náo de Pedro Lopes, que encontrou á discriçaõ dos mares, sem trazer hum só homem saõ, que a governasse. Elle a metteo em Cananor, e continuando a guerra de

Ca-

Calecut, reduzio os pórtos maritimos a tal extremidade de miſeria, que o Çamorim movido dos ſeus clamores, pedio a paz, que o Governador lhe concedeo com as condições, que quiz. Nuno da Cunha as eſtimou pelo deixarem deſembaraçado para a expediçaõ de Dio, a que já a Hiſtoria nos convida. Era vulg.

Todo o inverno foi de apreſtos para a poderoſa Armada, que ſe deſtinava a empreza taõ importante. Com a chegada de 2ↀ000 homens nas cinco náos do Reino ſe engroſſou o poder. Depois de carregadas as que haviaõ voltar, e aonde embarcou por ordem d'El-Rei o famoſo Védor Mexia com os ſeus bens confiſcados, taõ copioſos, que ſe repartíraõ em porções avultadas por todas as náos; o Governador ſe applicou a ajuntar as da ſua Armada, que eſtavaõ diſperſas por differentes partes da India. Toda a Nobreza, que entaõ era muita, acompanhou ao Governador neſta jornada, e feita a reviſta geral da gente, que havia embarcar em mais de 200 vélas

de

Era vulg. de todas as qualidades, que estavaõ prestes em Cochim, e Goa, se acháraõ 3ϕ500 Portuguezes destinados para o desembarque; 1ϕ400 para a equipagem dos navios; 2ϕ000 Canarins; 8ϕ000 escravos armados, e quasi 5ϕ000 remeiros: poder, que até áquelle tempo naõ fora visto na India debaixo das nossas bandeiras outro igual.

1531 Sahio a Armada; e devendo endireitar as prôas para o lugar do seu destino, perdeo o principal por se occupar inutilmente no accessorio. Soube Nuno da Cunha, que na Ilha de Beth, oito legoas distante de Dio, estava hum Capitaõ de Badur com 2ϕ000 homens Turcos, e Arabes. A natureza a defendia com rochedos eminentes, a arte com artilharia taõ numerosa, que Nuno da Cunha crêo que era tanta, quando a vio. Inconsideradamente se resolveo o ataque desta Ilha, como se da sua tomada dependesse a conquista de Dio. Avançou-se a inconsideraçaõ naõ querendo acceitar o rendimento voluntario dos inimigos, que se resolveo deviaõ

viaõ ser passados á espada. Á vista da Armada todo o coraçaõ desamparou os Barbaros, que pedíraõ hum Salvo-conduto a Nuno da Cunha para o seu Governador vir em pessoa tratar com elle o rendimento, que se reduzia ás condições de deixar sahir a todos com os seus effeitos. Demasiadamente féro o nosso Chéfe, por confiado no seu poder, elle regeita as propóstas, e determina o ataque. Era vulg.

De hum para outro extremo passáraõ os Turcos. O que nelles havia ser valor, foi desesperaçaõ. Resolutos a morrer vingados, a maior parte delles, ao exemplo do seu Chéfe, degolaõ as mulheres, e os filhos, rapaõ as barbas, e as cabeças, entre elles devisa dos Amoucos, que se conjuraõ para morrer matando, e se põe habeis, para que nada os embarace em huma defensa, que havia passar além da ultima extremidade. O ataque se fez por seis partes differentes por outros tantos córpos commandados por Heitor da Silveira, Antonio de Saldanha, Diogo da Silveira, Garcia de Sá, Antonio da Silvei-

Era vulg. veira, e o Governador na reta-guarda. De huma, e outra parte se derramou a cólera, obrando em lugar do valor verdadeiro o terror, os transportes dos espiritos. A corpo perdido se lançavaõ os Barbaros aos nossos, contentes de morrer, com tanto que matassem. Houve entre elles hum Turco, que buscando-o hum soldado nosso com a lança enristada, elle lhe offereceo o ventre, correo pela lança até chegar a postura, em que lhe descarregasse o golpe, com que o derrubou morto.

Pizando espectaculos ingratos á humanidade, os Portuguezes chegáraõ aos muros da Fortaleza, que leváraõ de escalada. Morreo nella o Chéfe Turco com toda a guarniçaõ da Ilha sem escapar hum só homem. Nós perdemos 17; mas que caro foi o preço desta victoria sem consequencias, deste triunfo da vaidade? Ella nos custou, entre aquellas vidas quasi todas de Fidalgos, a do famoso Heitor da Silveira, que valia mais que muitas Ilhas de Beth, mais que a mórte de muitos mil Turcos. Perdemos nelle hum dos Heróes, que

se

ſe criaõ tarde, e de vagar. Tudo acabado, ſe deo buſca á Ilha, e ſe acháraõ riquezas conſummidas, dous mil cadaveres, as cinzas quentes dos que elles queimáraõ quando vivos. Para que ſe naõ diſſeſſe que fora victoria ſem deſpojos, recolhemos a artilharia, que era muita. Perdemos neſta dilaçaõ a conjunctura, e Nuno da Cunha ſentio com experiencia fatal, quanto ella he perniciosa na guerra. Era vulg.

Mal empregados os dias em arrazar paredes em Beth, com o fructo da victoria perdemos a occaſiaõ de tomar Dio, que eſtava determinada a renderſe pela conſternaçaõ geral, que na Cidade derramára o terror da noſſa Armada. Naquelle intervallo, que ſeria precioſo ſe a noſſa confiança naõ o mallográra, Melique Tocaõ cobrou alentos com a chegada a Dio do Baxá Muſtapha, e de Coge Çofar, que traziaõ em duas náos 600 Turcos, e 1ↀ300 Arabes, reliquias da grande Fróta, com que o aſſaſſinado Baxá Raiz Solimaõ pretendeo inutilmente conquiſtar a Adem. Eſtes homens criados na guerra tomáraõ

Era vulg. raõ á ſua conta a defenſa de Dio: elles diſtribuíraõ déz mil ſoldados pelos póſtos, que podiaõ ſer invadidos: reparáraõ a toda a preſſa os muros, e baluartes, em que plantáraõ quantidade de artilharia: fizeraõ muitas minas na circunferencia da praça, e dobráraõ a cadêa, com que Melique fechava a entrada do porto: ultimamente, como homens, que fugiaõ da indignaçaõ do Graõ Turco para eſtabelecerem a ſua fortuna em Cambaya, com diſcurſos vivos, e fórtes animáraõ a gente para ſe arrojar intrépida aos perigos, mais facil a perder as vidas, que a praça, para com hum ſerviço de tanta relevancia merecerem a protecçaõ de Badur.

No dia quatro de Fevereiro appareceo a noſſa Armada ſobre a praça. Ella metteo a Dio em aſſombro; mas o do Governador naõ foi menor, quando contra toda a eſperança, deſmentidos os infórmes, a vio fortificada pelos lados de mar, e terra. Elle ignorava a cauſa deſtes effeitos, e naõ podia deixar de conceber ſuſpensões no animo, lembrado de que vinha buſcar a

Dio

Dio desprevenida, e encontrava Dio apresentando-lhe nos seus muros huma multidaõ de combatentes determinada a soffrer os ultimos revezes da fortuna. A opiniaõ resolveo o ataque, que se havia fazer no dia seis, dando-lhe principio pelo baluarte do mar. Dispoz-se a fórma delle, e foi encarregado a Francisco de Sá o dos oculos, a Antonio de Sá o Rume, a Nuno Fernandes Pereira, que haviaõ ser sustentados por D. Vasco, e Jorge de Lima com Tristaõ Homem. Para combaterem o baluarte de Diogo Lopes de Siqueira foraõ nomeados Manoel de Albuquerque, Jorge Cabral, Manoel de Sousa, Martim Affonso de Mello Zuzarte, e Francisco de Vasconcellos. O baluarte sobre a barra tocou a Miguel Carvalho, a Vasco Pires de Sampayo, a Henrique de Macedo, e a Martim de Freitas. Era vulg.

Ao romper do dia fez o Governador signal para o avance, a que partíraõ intrépidos os Officiaes nomeados. Elle durou até ao pôr do Sol, sempre imagem do Inferno. Naõ cessava hum ponto o

fo-

Era vulg. fogo de ambos os partidos com eſtrondo horroroſo, que parecia confundir os elementos; mas com a differença, de que os Turcos o faziaõ com pontaria fixa, os Portuguezes com ella vaga, e incerta. O bravo D. Vaſco de Lima, que havia aſſignalado o ſeu valor em tantas occaſiões illuſtres; fazendo remar para o baluarte por baixo de diluvios de ballas, huma dellas lhe levou a cabeça. O Governador girava por todas as partes para ſe moſtrar em todas mettido entre os horrores da mórte, taõ inalteravel no meio dos perigos, que fazia hum entretenimento do zunido das ballas, quanto mais perto lhe paſſavaõ dos ouvidos. Os mais Capitães nos ſeus lugares reſpectivos trabalhavaõ valentes por avançar-ſe; mas arrombados os navios, mórtos, e feridos os homens, ou paravaõ, ou retrocediaõ. A artilharia gróſſa, que eraõ as noſſas eſperanças, com o fogo contínuo rebentou, e ſem termos com que dar golpes, os recebiamos.

Foi neceſſario hum dia inteiro de combate para o Governador conhecer

o erro, de que só elle foi causa. Entaõ Era vulg.
mandou retirar os navios destroçados, e naõ pode escusar-se ao pejo, quando os inimigos sãos, e inteiros com gritos affrontosos nos tratavaõ de covardes, com o som dos seus instrumentos celebravaõ a victoria. Na noite chamou a conselho os Capitães, que se deixáraõ vêr circunspectos, e concluíraõ se desistisse da empreza, que a primeira resistencia deixava vêr impossivel; que era temeridade querer levar a golpe de maõ huma praça bem fortificada, e bem defendida. Tomada esta resoluçaõ, se soltáraõ as vélas na volta de Chaul. Do caminho despedio o Governador a Antonio de Saldanha com alguns navios para continuar a guerra pelas cóstas de Cambaya. De Chaul mandou a Antonio da Silveira para o seu governo de Ormuz, e chegado a Goa despachou a Garcia de Sá para o de Malaca. Nelle tudo era tristeza, imagens melancolicas, que lhe representavaõ vergonhosa a sua retirada, quando ao contrario Mustapha, e Çofar recebiaõ as congratulações faustas de vencedores unicos

Era vulg. cos dos confiados Portuguezes, que ſó elles podéraõ abater.

Elles marcháraõ em triunfo a Amadabá, Corte de Sultaõ Badur, acompanhados da confiança, que inſpira a victoria, cheios da preſumpçaõ do ſerviço, que acabavaõ de fazer; naõ vexados da idéa de fugitivos, que buſcavaõ hum amparo; mas eſtimando-ſe homens neceſſarios, que hiaõ pedir a recompenſa, e eſperavaõ encontralla nos braços, e mãos abertas de Badur. Tudo lhes ſuccedeo como elles o penſáraõ, e criados Generaes dos ſeus Exercitos, aquelle Principe preſumia, naõ ſó expulſar os Portuguezes dos ſeus Eſtados, mas ſe lhe foſſe poſſivel de toda a India. Muſtapha ſe avançou ao ſeu camarada nos preſentes magnificos, que offereceo a Badur, e lhe ajudáraõ a merecer o governo de Baroche, o ſenhorio de muitas terras, e o nome novo de Rume Caõ, que lhe denunciava a Patria, e a Dignidade. Mas as expedições rápidas de Antonio de Saldanha pela cóſta impedíraõ, que foſſe completo o prazer de Cambaya.

So-

Sobre todos os pórtos daquelles mares desaffogou Antonio de Saldanha a cólera, que lhe trazia agitada a nossa quebra em Dio. Sem perdoar a vivente sensitivo, e racional, correrão dilluvios de sangue em Madrefaval, em Taloja, e em Gergimel. A famosa Cidade de Goga, Emporio riquissimo do commercio mais grosso de Cambaya, se entendia segura, não só por ficar pela terra dentro, mas pelo gyro dos seus estreitos em muitas partes cortados, que ella tinha por hum muro de divisão impenetravel a qualquer atrevimento. Antonio de Saldanha buscou Pilotos práticos, entrou affouto, fez os Barbaros em póstas resoluto; e para mostrar a Badur que vinha a vingar, não a enriquecer, com alto desprezo de cabedaes immensos os involveo no incendio espantoso, que abrazou a Cidade, e 25 navios, que estavão no porto. Era vulg...

Destino semelhante com igual estrago sentírão Balsar, Terapór, May, Quelme, Agaçaim, e os mais lugares até ao rio de Bandora. Os clamores

Era vulg. de tantos Póvos afflictos imprimíraõ éccos tristes na Corte de Badur, que perturbáraõ a harmonia deleitavel da victoria de Dio. Recolheo-se o Saldanha a Goa, e deixou por seu substituto até ao fim do veraõ, a Diogo da Silveira, que com espirito igual se occupou em expediçóes semelhantes. Por outra parte Nuno da Cunha encontrava motivos para se consolar na sua infelicidade. Elle sabia que Badur quando sobio ao Throno havia tirado a vida a alguns de seus irmãos: que dous destes infelices se haviaõ refugiado nos Estados do Nizamaluco, que se determinava entregallos ao Tyranno: que hum delles advertindo no fim, que o esperava, se fez hum suicida, hum verdugo de si mesmo: que o outro pedíra o amparo do Hidalcaõ, que naõ o queria em casa, nem entregallo, e o deixou sahir dos seus Dominios: que o desgraçado Principe vindo a Dabul, os seus criados dando-lhe veneno, o deixáraõ por morto; mas que elle recobrára a saude. Entaõ o Governador lhe offereceo na India hum asylo para

ra inquietar a Badur com este Princi- Era vulg.
pe, que era hum penhor precioso para se servir delle confórme a conjunctura dos tempos.

Além disto o Çamorim suspirava pelo estabelecimento de huma paz firme, e pedio ao Governador lhe mandasse pessoa, com quem elle houvesse de a tratar. Foi escolhido o habil Diogo Pereira, que levava plenos poderes, e instrucções para a fabrica de nova Fortaleza em Calecut. Nuno da Cunha trazia os intentos em Chale, que ficava tres legoas distante; mas naõ queria que o Çamorim os penetrasse. Para os cobrir a indústria, ordenou ao Pereira pedisse o mesmo lugar, donde D. Henrique de Menezes fez voar a outra, na certeza de que o Çamorim de sórte alguma o consentiria. Ella produzio hum effeito bem contrario á idéa, porque o Çamorim conveio na proposta, quando parecia que o Pereira desistia do empenho. Já a este tempo o Rei da Ilha de Chale havia em segredo ajustado com o Governador a construcçaõ da Fortaleza, ligado para es-

Era vulg. eſte fim com os Reis de Tanor, e de Caramanca, todos tres vaſſallos do Çamorim, que deſejavaõ a amizade dos Portuguezes, como hum apoio ſeguro contra os projectos do ſeu meſmo Soberano. Nós veremos logo o modo deſta fundaçaõ, e as conſequencias vantajoſas, que della reſultáraõ ao Eſtado da India.

No tempo deſta negociaçaõ o Governador entrou em outra com o Mouro Cufo Larim, que nos Eſtados do Hidalcaõ occupava o emprego de Accedecaõ: aquelle Mouro, que no tempo de Affonſo de Albuquerque veio ſobre Goa a ſegunda vez, que elle a tomou. Larim deſgoſtado com o Hidalcaõ quiz ſegurar a peſſoa na Fortaleza de Ponda, e para ter certo o refugio de Goa ſe foſſe atacado, com eſta condiçaõ nos entregou as terras firmes de Bardez, e Salcete, que haviaõ ſido noſſas pela doaçaõ, que nos fizera dellas o Rei de Biſnaga em tempo do Governador Diogo Lopes de Siqueira. Nuno da Cunha as mandou fortificar, quando Larim fazia o meſ-

mo

mo em Ponda: manobra, em que gaſtou o Inverno, para ficar expedito, e continuar a guerra de Cambaya, por ſe haver aſſentado que nós nos haviamos fazer ſenhores de Dio dominando os mares, rompendo-lhe o commercio, cortando-lhe a navegaçaõ, e ao meſmo tempo empregar-nos na fabrica da Fortaleza de Chale para ſujeitarmos o Malabar, poſſuirmos o ſeu grande trafico, e termos hum porto capaz de recolher as noſſas Armadas, que navegavaõ aquellas cóſtas. Era vulg.

Quando na India ſuccediaõ eſtas couſas, Portugal, que havia baſtantes annos gozava huma tranquillidade profunda recoſtado nos braços das delicias, da profuſaõ, da ocioſidade; neſte foi flagellado com o fenomeno eſpantoſo de repetidos terremotos, de que reſultáraõ em todo o Reino ruinas de edificios, mortes de gente, eſpecialmente na Corte, e nos ſeus contornos. Como neſtes abalos a concuſſaõ do mar correſponde á da terra, nelle ſe levantou huma tormenta horrivel, que deſtroçou a maior parte dos navios, que eſ-

Era vulg. estavaõ em Lisboa; e se assegura que o Téjo se abríra pelo meio deixando vêr o seu fundo com assombro das gentes.

Tambem neste anno teve principio o estabelecimento do Tribunal do Santo Officio. El-Rei alcançou a concessaõ delle primeira vez do Papa Clemente VII., e foi reduzido a melhor fórma, ou á que hoje tem, pelo Summo Pontifice Paulo III., em 1536 á instancia do mesmo Rei. O primeiro Inquisidor foi D. Diogo da Silva, Bispo de Ceuta, a quem succedeo o Cardeal Infante D. Henrique. Ha em Portugal tres Tribunaes da Inquisiçaõ, em Lisboa, Evora, e Coimbra. Nelles se inquire sobre os erros na Fé Catholica, e sobre a corrupçaõ dos costumes: freio potentissimo para conter a pravidade Judaica, a introducçaõ das Seitas, a libertinage dos homens corruptos, o Fanatismo dos Hypocritas, que em todas as idades foraõ a peste dos Estados, monstros devorantes das mais sólidas sociedades.

CA-

CAPITULO V.

Trataõ-se os ultimos successos do anno de 1531, e principiaõ os de 1532.

NAõ obstando as calamidades, que se padeciaõ em Portugal, El-Rei fez promptas seis náos, que este anno partíraõ para a India. Huma arribou a Lisboa: as cinco, de que eraõ Capitães Achilles Godinho, Diogo Botelho Pereira, Joaõ Guedes, Manoel Botelho, e Manoel de Macedo, que levára o Xarafo de Ormuz a Lisboa, com viagem feliz ferráraõ Goa em quatro mezes. Nuno da Cunha, que as esperava para partir á fundaçaõ da Fortaleza de Chale, se fez ao mar com huma Armada de 150 vélas, que enchêraõ de terror a todos os Reis do Malabar. Chegou elle em Novembro a Chale, aonde já achou a Antonio de Saldanha, que com outra Esquadra o esperava. Feitas as convenções amigaveis com o Rei, como os materiaes estavaõ promptos, se entrou á obra com ardor vivo, Era vulg.

Era vulg. vo, animado pelo exemplo dos Fidalgos, que trabalhavaõ ſem diſtinçaõ entre os ſerventes humildes. No eſpaço de vinte dias já os muros da Fortaleza com doze pés de largura, os baluartes, a torre da homenagem, a caſa do Governador, os quarteis da guarniçaõ, os armazens, e a Igreja ſe viaõ em eſtado de naõ temer qualquer inſulto.

Foſſe a vantagem deſta fundaçaõ, ou o temor do noſſo poder em Chale, o Çamorim, como que eſquecia a injúria, que lhe faziaõ os Reis ſeus vaſſallos, pedio a confirmaçaõ da paz, que Nuno da Cunha lhe concedeo. Já em eſtado de defenſa a Fortaleza, elle proveo o governo em Diogo Pereira com 250 homens de guarniçaõ, e deſpedio a Antonio de Saldanha com huma Eſquadra para o Eſtreito de Meca a eſperar as náos de Cambaya. D. Antonio da Silveira, que o anno paſſado fora á meſma paragem com igual deſtino, fez algumas prezas; deixou-ſe vêr de Adem ſem acçaõ pelo ſeu pouco poder; veio a Ormuz, aonde eſteve

ve até Abril deſte anno, e paſſando a Maſcate lhe ſobreveio a doença, de que morreo. Fidalgo benemerito, que deixou no Oriente bem eſtabelecida a reputaçaõ das ſuas virtudes, e talentos militares. Era vulg.

Depois que o Governador ſahio de Chale, o Çamorim naõ pode ſupprimir os impetos da cólera, irritado contra os tres Reis ſeus vaſſallos, que á ſombra da protecçaõ da noſſa Fortaleza lhe negavaõ a ſoluçaõ dos tributos. Elle determina vingar-ſe; mas hum Gentio poderoſo daquelles contornos, que punha 20$000 homens em armas, unindo-ſe aos tres Principes, fez infructuoſas todas as tentativas do Çamorim. A ſua deſeſperaçaõ foi tal em tantas deſgraças, que abandonado a huma melancolia profunda, chegou aos termos de perder a vida. Pelo contrario ſeu ſobrinho, o Principe, que lhe havia ſucceder, cujo Pai tratára amizade em Chale com o Governador, melhor advertido nas conſequencias da nova fundaçaõ, lhe eſcreveo dizendo: Que no caſo de ſeu Tio fal-

Era vulg. fallecer, deſde já lhe promettia ſer amigo fiel dos Portuguezes, e que naõ trataria commercio, ſenaõ por Cochim para ſe eſcuſar á introducçaõ dos contrabandos, que tinhaõ ſido a cauſa de todas as inquietações do Eſtado, em que elle eſperava ſucceder.

Naõ impedio a obra de Chale a guerra de Cambaya. Em Agoſto foi mandado o bravo Diogo da Silveira com vinte navios a infeſtar as ſuas cóſtas. Por ellas paſſou o Silveira como fogo devorante, que reduzio a cinzas a Taná, a Bandorá, a quanto vai deſtas Cidades até Surrate. Paſſando ao lado de Dio deo o meſmo tratamento a Paté, Patane, Mangalor, Caſtelete, Taloja, derramando tal eſpanto, que os moradores das Cidades maritimas ſe eſcondiaõ nas cavernas dos montes, eſperando que paſſaſſe a torrente inflammada, que conſumia caſas, e navios. Na meſma Dio ſoberba foi taõ grande o medo, que devaçando o ſeu porto os pequenos catures de Diogo da Silveira, naõ havia quem ſahiſſe a elles para

ra

ra lhes castigarem o atrevimento. Nes- Era vulg.
tas emprezas se occupou elle até o mez de Abril do anno seguinte de 1532, em que voltou a Goa com cada qual dos seus navios huma náo Argos, e mais de 4$000 escravos para forçados das fustas, e galés.

Antonio de Saldanha na sua expediçaõ ao Estreito tambem teve a mesma falta de poder de D. Antonio da Silveira para castigar a rebelde Adem. Mas em quanto elle na bocca do mesmo Estreito esperava as náos de Meca, mandou a Manoel de Vasconcellos com par- 1532
te da Esquadra sobre a Cidade de Xael, que elle pilhou, consummio, e se apoderou da carga dos navios, que tambem foraõ abrazados. Deixando em Mascate a Manoel de Vasconcellos com os navios ligeiros, elle partio com as náos gróssas para a cósta de Dio, aonde tomou as de Meca taõ ricas, que dos quintos para El-Rei entregou ao Governador em Goa 200$000 cruzados. Nestes mares encontrou Antonio de Saldanha a Diogo da Silveira occupado na terrivel expediçaõ, que acabei de re-

Era vulg. referir, e lhe entregou o commandamento da Fróta para ſe ir encarregar do das náos de carga, que haviaõ voltar para o Reino.

Occupava-ſe o Governador Nuno da Cunha em excogitar meios de forçar o Rei de Cambaya para lhe permittir a fabrica de huma Fortaleza em Dio, quando recebeo em Goa hum novo hoſpede. Era eſte Raix Chale, irmaõ do Rei de Ormuz, que querendo occuparlhe a praça, intentou tirar-lhe a vida. O Rei ſe queixou deſte attentado a Antonio da Silveira, que acabava de tomar póſſe da Fortaleza; que o prendeo, e enviou a Goa, aonde foi tratado como Principe. Em quanto aos penſamentos do Governador, Diogo da Silveira lhe trouxe da cóſta de Cambaya outro aſſumpto de inquietaçaõ. Elle lhe repreſentou, que Melique Tucaõ ſe fortificava em Baçaim, e ſe eſta obra ſe lhe conſentiſſe, faria huma praça taõ fórte, como Dio: que ſe os Rumes ſe eſtabeleceſſem nella, ſeria para nós huma eſcala temivel pela grande cópia de madeiras, de que ſe ſerviria o Graõ Tur-

Turco para a fabrica de grandes Armadas, ſem a enorme deſpeza, que fazia na ſua conſtrucçaõ dentro do Eſtreito de Meca: que em pouco tempo a Cidade ſe veria reſpeitavel pela affluencia das gentes, que de todas as partes concorriaõ a habitalla; e que eſte damno ſe devia atalhar quando previſto, antes de vir a ſer experimentado. Era vulg.

Propôz-ſe o negocio em Conſelho, e ficou decidido, que Baçaim ſe devia conquiſtar. Tiradas as informações neceſſarias ſe ſoube, que Melique tinha edificado huma Cidadela com foſſo profundo, aonde mettêra a agua do mar, com a guarniçaõ de 15$000 homens entre Cavallaria, e Infantaria. Nuno da Cunha ſe preparava para a execuçaõ deſte projecto, a tempo que chegavaõ as náos, que eſte anno ſahíraõ de Portugal. Ellas eraõ cinco, que vinhaõ mandadas por Pedro Vaz do Amaral provido no governo de Cochim, no emprego de Védor da Fazenda, e que na monçaõ do anno paſſado arribára a Lisboa; por D. Eſtevaõ, e D. Paulo da Gama, ambos filhos do Conde Almirante, deſpa-

Era vulg. pachados hum a pôz o outro no governo de Malaca; por Vicente Gil, e Antonio Carvalho. Tomáraõ calor as providencias com a chegada destas náos; e despedido Diogo da Silveira para ir cruzar na ponta de Dio, o Governador se fez á véla com huma Armada de 150 navios, em que levava mais de 3ȹ000 Portuguezes, 1ȹ500 Malabares, e tomou porto em Chaul.

Desta Cidade despedio o Governador a Manoel de Albuquerque com quinze navios para ir fechar a barra de Baçaim ás entradas, e sahidas: mandou aviso a Diogo da Silveira para vir ajuntar-se com elle na mesma praça, enviando-lhe o Alvará de Capitaõ-Mór do mar da India, que viera de Lisboa, e no
1533 fim de Dezembro se deixou vêr de Melique Tucaõ, que agora estava em Baçaim mais soberbo, do que estivera algum tempo em Dio. Diogo da Silveira entrou a examinar as defensas por baixo de chuveiros de ballas: recolheo-se á Armada a dar parte do que víra, e destinado para o dia seguinte o ataque, elle foi encarregado de cobrir a

vá-

vã-guarda do desembarque, D. Fernando Deça o centro, o Governador a reta-guarda. Ao romper o dia entrárão a barra de Baçaim 120 navios dos mais ligeiros, ficando de guarda della as náos de alto bórdo, dando, e recebendo hum fogo enorme, até que o impavido Diogo da Silveira poz pé em terra para a pizar triunfante. Era vulg.

Elle, e Manoel de Macedo, dous corações superiores ao medo, quasi sem temor nos perigos, se avançárão ao longo dos fossos da Cidadela, e ganhárão a cabeça da trincheira. Na frente do seu campo descobrírão a Melique Tucaõ plantado na tésta de 10000 homens, que ainda soberbos com a victoria de Dio, parecia celebravaõ o triunfo antes da batalha. Como quem naõ faz caso, os dous Chéfes, naõ sei se intrépidos, se temerarios, elles voltaõ a marcha sobre os inimigos só com o corpo da nossa vã-guarda, para lhe mostrarem, que ao valor Portuguez nada o reprime. Na impetuosidade do primeiro repelaõ elles derrubaõ 400 Barbaros. Cresce o impeto, derrama-se o fu-

Era vulg. furor, vai avante a mortandade, perdem os Barbaros os alentos, daõ as cóſtas, ſalvaõ-ſe na montanha. Com tanta agilidade como eu o digo o Silveira, e o Macedo derrotaõ a Tucaõ. Os que eſtavaõ na Cidadela, á viſta do deſtroço, correm a incorporar-ſe com os fugitivos. Quando chegou o Governador eſtava Diogo da Silveira encoſtado ao muro deſcançando da refega. Elle o levou nos braços como a unico inſtrumento da victoria, e o metteo na Cidadela com ordem de entregar o ſaque aos ſeus ſoldados. Foi eſte hum triunfo milagroſo quaſi ſem perda noſſa, e com mórte de mais de 500 Barbaros.

Muitos petrechos de guerra, e 400 canhões foi o deſpojo deſta victoria; mas Nuno da Cunha teve nella o diſſabor de ſer forçado pelos do Conſelho a fazer voar a Cidadela de Baçaim, por cauſa da viſinhança de Chaul. Elle partio para eſta Cidade, donde em premio de tantos ſerviços, quantos nos fazia Cambaya, mandou arrazar Taná, Carapuſa, Brundim, Caranjá, Galiana,

Bombaim, e mais lugares da Cósta. Em attençaõ aos altos merecimentos de Diogo da Silveira o despachou com huma Esquadra poderosa para cruzar no Estreito do Mar Roxo: deixou a Manoel de Albuquerque com outra Esquadra nos mares de Cambaya, e elle se fez na volta de Goa. Apenas chegou a esta Capital, mandou a Gonçalo Pereira para Maluco render a Tristaõ de Ataide, e para Malaca a D. Paulo da Gama, em quanto naõ chegava seu irmaõ D. Estevaõ, que invernára em Moçambique. Os dous Officiaes destacados para Cambaya, e para o Estreito cumpríraõ os seus deveres, fazendo prezas de grande consideraçaõ; mas he digno da lembrança hum lance de Diogo da Silveira, filho bem legitimo da dilataçaõ da sua alma. Elle fez amainar huma formosa náo de Meca carregada com generos de extraordinario valor. O Capitaõ com confiança lhe apresentou o passaporte de hum miseravel Portuguez captivo em Juda, que dizia: Os Capitães, que encontrarem este Mouro, lhe tomem a náo; porque Era vulg.

Era vulg. elle he o maior inimigo dos Portuguezes. O famoſo Silveira, para que naõ ſe deſcobriſſe o engano de hum individuo da ſua Naçaõ, raſgou o paſſaporte falſo, paſſou ao Mouro outro verdadeiro com o ſeu nome, e o deixou ir em paz.

Nós temos atégora paſſado em ſilencio os ſucceſſos de Africa pela eſterilidade delles; mas em quanto o grande Nuno da Cunha ſe diſpõe na India para maiores emprezas, vamos nós a referir a que intentou o Xerife na noſſa Villa de Santa Cruz do Cabo de Aguer. Como ella eſtava nos confins de Tarudante, aonde havia abundancia de aſſucar, aquelle novo Rei a entendeo neceſſaria para a ſua fabrica, e determinou conquiſtalla. Com Exercito numeroſo, grande cópia de artilharia, e munições ſe apreſentou ſobre ella o Xerife, rompendo-a por muitas partes, e dando aos muros temeroſos aſſaltos, que ſempre encontráraõ nos Portuguezes hum valor igual. A fama deſte ſitio foi ouvida na Ilha da Madeira pelo ſeu Capitaõ Simaõ Gonçalves

da

da Camara, que para ſe moſtrar no ſerviço de Africa filho generoſo de Joaõ Gonçalves da Camara, partio em ſoccorro dos ſitiados com ſeis navios ſeus, e 600 homens pagos a ſua cuſta. A ſua chegada alentou os eſpiritos cahidos; o ſeu esforço aterrou de ſórte os Mouros, que levantáraõ o ſitio. Era vulg

Para concluirmos neſte lugar tudo o que pertence ao Cabo de Aguer, devemos ſaber que elle depois foi duas vezes ſoccorrido com igual zelo pelo meſmo Simaõ Gonçalves, ainda que inutilmente na terceira vez correndo o anno de 1536, por nos terem os Mouros tomado já a Praça. Foi author deſta perda laſtimoſa o menor dos Xerifes, Rei de Sus, que indignado dos eſtragos contínuos, com que os Portuguezes talavaõ os campos, reſolveo-ſe a applicar os ultimos esforços para nos tirar do poder a Villa de Santa Cruz. Seu irmaõ o Rei de Marrocos o influia para a expediçaõ, que elle encarregou com 50𐆆000 homens a ſeu filho Mulei Mahamet, e ao habil Mamen, Ge-

 no-

Era vulg. novez renegado. Governava entaõ à Praça D. Guterre de Monroy, que com valor incrivel degolou em poucos dias mais de 7000 Barbaros. Ganhar huma Collina, que descobria o centro da Praça, e a deixava expósta a todo o fogo, era o ultimo refugio do Xerife. Elle o conseguio com felicidade; e estando as bréchas em termos, moveó todo o campo a hum assalto geral. Elle foi formidavel; mas havendo chegado do Reino sete caravellas com gente de soccorro, a defensa foi taõ gentil, que degolamos 6000 homens; successo, que provocou mais o furor barbaro. Desesperado com tanta perda, o Xerife arroja o turbante contra a Praça, correndo no seu alcance, como signal que dava aos Mouros, para que todos se movessem a morrer com elle. Entaõ succedeo a infelicidade casual de pegar o fogo em huma pouca de polvora, que fez voar a muralha de hum baluarte com 60 homens, que o guarneciaõ, abrindo larga bocca para a entrada dos inimigos. Todo o pezo do campo carregou áquella parte, aonde

a-

a confusaõ dos nossos era tanta, que fez de desesperados a defensa, que devia ser de valerosos. Morrer, e matar eraõ os officios dos valentes: arrojar dos muros para embarcar nas caravellas foi todo o empenho dos covardes. Espada em maõ entráraõ a Praça muitos Barbaros, que com furor irracional naõ perdoavaõ a genero algum de vivente. Assombrou a todos neste lance Joaõ de Carvalho, genro do Governador, marido da célebre D. Mecia, que com huma alabarda impedio aos Mouros a entrada em huma torre matando 30, sem lhe poderem chegar, nem obrigarem a retroceder. A tiros de arremeço matáraõ este bravo Fidalgo, que vive immortal na fama. Era vulg.

Foi necessaria a authoridade do segundo General para cessar a carnagem. Entre muitos captivos tiveraõ esta triste sórte o Governador, e seus filhos D. Luís, e D. Mecia, monstro igual de formosura, e de resoluçaõ. Ella captivou o Xerife, que a tratava em Palacio com caricias de amante para a gozar mulher, se se fizesse Moura. Porque

Era vulg. que ſe moſtrou conſtante, os tormentos occupáraõ a praça das meiguices; foi levada do brilhante do Paço para a eſcuridade das maſmorras. Nellas ſe achava D. Mecia, quando chegou a Tarudante hum Religioſo, que levava ordem da Rainha D. Catharina para a reſgatar a todo o preço. A opprimida Fidalga lhe requereo com toda a inſtancia executaſſe as ordens Reaes, de que vinha encarregado. O Frade groſſeiro, e imprudente lhe responde: Que por ella lhe pedíaõ o preço de cem homens, e que primeiro eſtava reſgatar cem almas, que huma mulher. Generoſamente impia ſe eſcandaliſa D. Mecia; declara-ſe Moura; caſa com o Xerife, que a diſtingue ſobre todas as ſuas mulheres; a conſente veſtida á Heſpanhola; come com ella em meza alta a deſprezo da Lei de Mafamede: ella morre do primeiro parto, e antes de eſpirar chama a todos os Chriſtãos, e lhes diz: Até aqui vos tenho parecido Moura; na voſſa preſença tomo a Deos por teſtemunha, de que no fundo da minha alma ſempre fui Chriſtã; que morro

na

na Fé de Jesus Christo, e com a honra de filha de meus Pais. Era vulg.

O Xerife depois da victoria, a primeira de consequencias, que os Mouros conseguíraõ dos Portuguezes em Africa, como presagios, já do nosso abatimento, annos depois da nossa ruina; elle se recolheo com todos os nossos despojos, e captivos á sua Corte de Tarudante, aonde foi recebido em triunfo. Para testemunhas delle mandou ao Rei de Marrocos, seu irmaõ, 400 Portuguezes escravos, parte dos despojos, e alguma artilharia. Elle namorado pela fama, parece que desejava mais D. Mecia, que todas as outras riquezas. Daqui nasceo a austeridade, com que elle lhe ordenou fosse em pessoa a Marrocos dar-lhe conta do sitio, da victoria, e dos despojos: ordem dura, que encontrou na obediencia repugnancias seccas, como veremos.

CA-

CAPITULO VI.

Escrevem-se os progressos de Nuno da Cunha a respeito de Dio, e outros acontecimentos.

Era vulg. TANTOS successos felices conseguidos contra Cambaya, tantas victorias illustres na India, Nuno da Cunha nada tinha por vantagem, em quanto naõ executava as ordens d'El-Rei na conquista de Dio. Em Portugal eraõ os mesmos os cuidados d'El-Rei, que sabendo pelas náos do anno passado, como Nuno da Cunha ficava a partir para aquella Praça; com o fim de o prevenir para qualquer dos successos, mandou neste anno duas Armadas para a India. A primeira era de onze náos, que sahio na monçaõ ordinaria ás ordens de D. Joaõ Pereira, e tres dellas ás de D. Gonçalo Coutinho. A segunda, que partio depois de se saber que o projecto de Dio se naõ lográra, e levava ordem para novamente se emprehender, era de déz caravel-

vellas, e hum galeaõ, em que embarcáraõ 2ↀ000 homens, commandados por D. Pedro de Caſtello-Branco. A primeira Armada fez viagem taõ feliz, que chegou em Setembro á barra de Goa com D. Eſtevaõ da Gama, que diſſemos invernára em Moçambique. Da ſegunda fallaremos a ſeu tempo; que agora temos de vêr as reſoluções de Nuno da Cunha depois da vinda das primeiras náos. Era vulg.

Elle picado de novos eſtimulos na preciſaõ das novas ordens, quando excogitava arbitrios para as executar ſem lhe eſcapar algum, a fortuna quaſi ao meſmo tempo lhe apreſenta dous. Melique Tucaõ vivia em huma extrema deſconfiança das tyrannias de Badur, que obſervava inflexivel na injuſtiça de deſpojar a ſua familia das terras, e rendas, que o Rei, ſeu Pai, dera em remuneraçaõ de ſerviços a Meliqueaz, de quem elle, e Melique Saca, já proſcripto, eraõ filhos. O novo Rume Caõ Muſtapha dava agora mais calor a Badur, que fez conceber a Tucaõ os deſignios de ſe vingar. Com eſte in-

ten-

Era vulg. tento manda Vaſco da Cunha com cartas ao Governador offerecendo a entrega de Dio; e elle para cobrir a negociaçaõ, o torna a enviar acompanhado de Triſtaõ de Ga, que com o caracter de Embaixador foſſe pedir a Badur lugar para a Fortaleza. Entendeo o Rei, que neſtes officios ſe intereſſava Melique Tucaõ, e ſuggerido pelo Muſtapha Rume Caõ, lhe mandou cortar a cabeça.

Ainda que abortou eſte primeiro deſignio, contra as intençóes de Badur, ſe logrou o ſegundo por cauſa dos ſeus apertos, que o forçáraõ ao meſmo que naõ queria. Elle eſtava empenhado em guerras ſanguinolentas com os ſeus poderoſos viſinhos; e naõ lhe convindo na conjunctura receber com dureza os requerimentos de Triſtaõ de Ga, lhe reſpondeo: Que diſſeſſe ao Governador da India, como aquella materia ſó elles a deviaõ tratar em peſſoa; que quizeſſe vir a Dio, aonde o encontraria para conferirem ambos. Com eſte aviſo preparou Nuno da Cunha o poder da India, que em-

embarcou em 200 vélas, e veio a Dio esperar o cumprimento da palavra de Badur. Em quanto se tratava da fórma, e lugar para as vistas, os Grandes de Cambaya vinhaõ a bórdo da nossa Armada, e os nossos Fidalgos hiaõ a vêr o Exercito, que o Rei tinha em terra. Succedeo em huma destas visitas passar por Manoel de Macedo o famoso Rume Caõ, já conhecido em Cambaya pelo nome de Tigre do Mundo, e por modo de desprezo o olhou sobranceiro torcendo os bigodes em acçaõ de valeroso. O Macedo se recolhe picado: pede licença ao Governador para desafiar o Tigre; e obtida ella, lhe manda o cartaz para se baterem de pessoa a pessoa, ou tantos a tantos. O Tigre Rume Caõ acceita o convite, e o mar foi assignado para campo da batalha entre fusta, e fusta. Tres dias successivos esperou o Macedo o seu rival defronte de Dio; mas o Tigre medroso metteo-se na cova. Como naõ appareceo, o Macedo mandou salvar a Cidade com a artilharia, tocar os instrumentos; os nossos o rece- Era vulg.

ce-

Era vulg. cebêraõ nos braços, e entre as gentes de Cambaya ficou reſpeitavel o ſeu nome.

Rume Caõ conſiderava arruinada a ſua fortuna no meſmo Reino, ſe ſe ajuſtaſſe a concordia entre Nuno da Cunha, e Badur; e naõ ſó fez naſcer muitos incidentes ſobre o ceremonial, para impedir as viſtas, naõ ſó conſeguio romper a negociaçaõ, mas capacitou a Badur, que elle trataria com Omaum Patcha, Rei dos Mogores, huma alliança taõ firme, que lhe ficaſſe bem facil expulſar os Portuguezes da India. Para mais o capacitar, elle meſmo eſcreveo a Omaum, que por modo gracioſo ſe lhe moſtrou agradecido á correſpondencia, que com elle deſejava ter, e ás vantagens, que da alliança com Cambaya lhe promettia tirar. Entre tanto Nuno da Cunha, ſem perder as eſperanças, ſe retirava para Chaul, donde tornou a mandar Diogo da Silveira ao Eſtreito ás prezas, que entaõ na India enriqueciaõ os homens, e nos ſuſtentavaõ as Armadas. Deſpedio tambem a Antonio da Silva de

de Menezes para o Malabar a dar caça Era vulg.
aos pyratas, que infestavaõ aquellas cóstas, aonde derrotou a Marcar Cutial de Calecut.

Entrou o novo anno de 1534, que 1534
na India foi taõ memoravel em successos felices, como na Africa sensivel por elles desgraçados. Já nós vimos, como neste tempo fluctuava a Villa de Santa Cruz no Cabo de Aguer, tantas vezes assaltada pelo Xerife de Tarudante, e que dous annos depois a viemos a perder. Agora o Xerife de Marrocos se apresentou na Praça de Çafim, cobrindo hum Exercito de 120$000 homens, com que a poz em apertado cerco. Como ella era huma das mais importantes do Dominio, que usurpára, naõ soffria a sua soberba, que estivesse no poder dos Portuguezes. Era já tanto o descuido na conservaçaõ dos respeitaveis lugares da Mauritania, que Historiador algum dos nossos sabe com certeza quem era o Governador de Çafim na occasiaõ deste sitio. Presume-se que seria o bravo Luís de Loureiro, talvez

sem

Era vulg. ſem mais fundamento, que o da biſarria da defenſa, de que ſó imaginariaõ capaz aquelle grande homem. A corage deſte Official foi tanta, que reſiſtindo nos muros, debaixo da terra aos minadores, rebentando aos Barbaros o célebre trabuco chamado Maymona; elle teve a glória de obrigar o Xerife a levantar affrontoſamente o ſitio: mas foi pouco duravel a felicidade.

Do anno, em que eſtamos até o de 1539, ſegundo ſe entende, os noſſos Eſcritores com credulidade, naõ ſó facil, mas indigna, nos põe á face a decantada fabula do falſo Nuncio, que veio eſtabelecer a Inquiſiçeõ em Portugal. Elles tecem eſta novella dizendo, que Pedro de Savedra, moço attrevido de Cordova, ou de Jaem, habil em furtar letras, mettendo em uſo a ſua prenda ordinariamente criminoſa, fingíra Decretos Reaes, deſpachos dos Conſelhos de Caſtella, que lhe ſervíraõ para tirar dos Erarios cópias de dinheiro, pôr o habito de S. Tiago, fazer-ſe hum homem gran-

de:

de: homem com dinheiro, que cresce a covados, de repente sahe do nada da terra, corre com as moedas, ellas o sobem ás alturas. Tal se quiz fazer o célebre Savedra, tanto que se vio com dinheiro, ainda que roubado; hum grande homem todo de apparencias, cheio de luzes todas furtadas. Dizem mais, que encontrando-se acaso com certo Religioso, que trazia Bullas de Roma para El-Rei, elle lhas fiou para as vêr: que levantando altos os pensamentos, depois de imitar as letras, e o estylo, formára para si hum Breve de Nuncio: que com elle entrára em Portugal, confiado em que a grandeza da obra desculparia a enormidade do crime, com que hia a fazer-se célebre, quando elle se descobrisse: que enganou aos Portuguezes, como se elles fossem os homens mais insensatos do mundo; e que em seis mezes de mascarado o grande Nuncio estabelecêra a Santa Inquisiçaõ. Os mesmos Escritores trataõ as outras circunstancias desta fabula, que estando convencida em si mesma, o Padre Feijó Era vulg.

jó

Era vulg. jó tomou á ſua conta moſtralla como tal, deſaffrontando-nos da calúmnia, que nos repreſentava credulos, como ſe Manoel de Faria e Souſa naõ fora hum delles.

Em Malaca naõ tinhamos ocioſas as armas. D. Eſtevaõ da Gama chegou a eſta Cidade, e ſeu irmaõ D. Paulo lhe entregou o governo, em que elle tinha preferencia, a tempo que o Rei, que fora de Bintaõ, ſe havia fortificado, e eſtava poderoſo em Viantana, para onde o expulſára Pedro Maſcarenhas. Sobre o novo Governador quiz elle provar as ſuas tentativas por meio de Laque Xemena, que mandou dar a Malaca huma viſta faſtoſa com 70 fuſtas. Elle as emboſcou em huma ponta da Ilha de Pongor, duas leguas de Malaca, e deſtacou humas poucas a provocar as noſſas, até as levar aonde o laço eſtava armado. D. Paulo da Gama ſahio a ellas com 15 lanchas, que as foraõ ſeguindo ao lugar da emboſcada. Aqui as rodeáraõ os inimigos, ſendo já difficultoſa a retirada, certa a ruina, a que naõ valeo a cora-

rage empenhada em combate taõ desigual. Nós sim mettemos no fundo muitas fustas; naõ perdemos alguma das nossas, matamos bastantes inimigos; mas faltáraõ-nos 60 homens, entre elles D. Paulo da Gama, Joaõ Rodrigues de Sousa, irmaõ de Martim Affonso de Sousa, outros Fidalgos, e Cavalleiros de qualidades distinctas. Era vulg.

Naõ pode D. Estevaõ da Gama dissimular sem vingança a mórte de seu irmaõ. Elle determina descarregar o golpe na mesma Cidade de Viantana, para onde partio com toda a Fróta de Malaca, em que embarcáraõ elle, seu irmaõ D. Christovaõ, toda a Nobreza, e hum corpo de 200 Malayos escolhidos, com 500 Portuguezes. Tinha o Rei bem fortificada a sua Corte, e nella de guarniçaõ 8 ₵ 000 homens; mas nem as forças, nem a resistencia podéraõ conter os impulsos do valor sentido, generosamente estimulado. Por todos os obstaculos rompeo D. Estevaõ, que como raio rompendo a nuvem, debandou os Barbaros, passou-os aos fios da espada, obrigou o Rei a

Era vulg. ſalvar-ſe nos montes, a Cidade toda de madeira foi paſto do fogo, todos os navios abrazados, o Rei de todo deſtruido, Malaca livre deſte flagello, os noſſos ricos com os deſpojos de Viantana.

A guerra de Cambaya nada a fazia eſquecer a Nuno da Cunha, nem a El-Rei os deſejos de dominar Dio. Elles o obrigavaõ a deſpachar as Armadas humas apoz outras, e a buſcar expedientes para ſe fazer na India ſenhor dos mares: deſejos, que outra vez trouxeraõ a ella a Martim Affonſo de Souſa, para General das Armadas com cinco náos, que levavaõ 2$000 homens ás ſuas ordens, e dos Capitães Diogo Lopes de Souſa, Antonio de Brito, Simaõ Guedes, e Triſtaõ Gomes da Mina. Eſta Eſquadra chegou á India a tempo, que Badur tinha perdido a eſperança de concluir o Tratado, que propozéra ao Graõ Mogor; que eſte grande Monarca, e outros inimigos poderoſos ſe faziaõ preſtes para lhe invadirem os ſeus Eſtados; e que elle naõ tinha mais remedio,

que o de se compôr com os Portuguezes para se naõ vêr mettido entre muitos fógos: consternaçaõ, que o forçou a enviar hum Embaixador a Nuno da Cunha, offerecendo-lhe o domínio das terras de Baçaim por preliminares da paz, que pretendia. O Governador acceitou a proposta, e despachou o com a promessa, de que elle em pessoa iria ao Nórte formar o Tratado. Na sua companhía mandou a Martim Affonso com 40 navios para a cósta de Cambaya, donde iria ajuntar-se com elle em Baçaim; e enviou espias a Amadabá, e a Dio, que depois o informáraõ das formidaveis forças de Badur em huma, e outra parte. Era vulg.

Na Armada numerosa de mais de cem vélas veio o Governador a Baçaim, aonde o buscou o Embaixador Xacoez, que trazia os plenos poderes do Rei de Cambaya para formar o Tratado da paz, que se ajustou a bórdo da Capitania. Nelle foi estipulado: Que Sultaõ Badur cedia ao Rei de Portugal para sempre a Baçaim, e suas dependencias com toda a Soberania:

Era vulg. Que os navios, que dalli em diante sahissem dos Estados de Cambaya para o mar Roxo, viriaõ tomar carga a Baçaim, e alli tornariaõ na volta a pagar os direitos: Que as mais embarcações destinadas para outras partes, naõ poderiaõ navegar sem passaporte da Coroa de Portugal: Que em cada hum dos seus pórtos Badur naõ poderia armar navios de guerra, e todos os que nelles houvessem se desarmariaõ, e ficariaõ inuteis: Que elle naõ daria já mais a sua protecçaõ aos Rumes, e que entregaria a Diogo de Mesquita com todos os Portuguezes, que tinha captivos. O Governador Nuno da Cunha adoçou estas condições com algumas vantagens; mas quaesquer que as condições fossem, ellas pozéraõ a Badur na situaçaõ de fazer face a todos os outros inimigos, que estavaõ a ponto de o atacar. E porque o Secretario Simaõ Ferreira havia ir á Corte de Badur a confirmar o Tratado, Nuno da Cunha trouxe ao Embaixador em refens para Goa a esperar a sua chegada.

Pa-

Para naõ truncarmos efte fio, antes que efcrevamos a expediçaõ de Badur contra o Mogor, que foi caufa de nos conceder a Fortaleza em Dio, ainda que as circunftancias, que vamos a referir pertençaõ já ao anno de 1535, fe deve faber que Simaõ Ferreira na Corte de Amadabá foi recebido de Badur com grandes honras; que confirmou o Tratado, e lhe entregou a Diogo de Mefquita com os mais Portuguezes, que eftavaõ prezos na ferra de Champanel para virem embarcar a Cambayete. Nuno da Cunha fazia trabalhar na Cidadela de Baçaim com todo o vigor, quando recebeo cartas de D. Joaõ Pereira, Governador de Goa, que o avifava dos intentos do Hidalcaõ fobre as terras firmes de Salcete, animado com a fua aufencia, e que era precifo recolher-fe para lhe defconcertar os projectos antes de executados. Era vulg.

Como a Cidadela já podia defender-fe, o Governador a fortaleceo com muita artilharia, proveo com abundancia os armazens; e quando difcorria

Era vulg. ria sobre a pessoa, que havia nomear para Governador, chegou a Baçaim seu Cunhado Antonio da Silveira, que vinha de Ormuz, tendo acabado o governo daquella Praça, em que lhe succedeo D. Pedro de Castello-Branco. Nuno da Cunha menos attento ás razões do sangue, que ás altas qualidades de Antonio da Silveira, lhe entregou o commandamento de Baçaim, e se fez na volta de Goa. Apenas chegou este grande homem sempre incançavel, elle proveo os negocios de Malaca, e das Molucas, que necessitavaõ da sua circunspecçaõ, sem o embaraçarem os de Goa. Depois chegou o Secretario Simaõ Ferreira com o Tratado confirmado por Badur, e com os Portuguezes de Cambaya, que elle naõ pode deixar de receber com alvoroço. Os reflexos delle se imprimíraõ no Embaixador de Badur, que despedio para a Corte de seu Amo taõ satisfeito de honras, taõ cheio de beneficencias, que daqui em diante foi hum fiel amigo do Estado.

CA-

CAPITULO VII.

Eſcreve-ſe a guerra de Badur, Rei de Cambaya, com o Graõ Mogor, de que reſultou conceder a Portugal a Fortaleza em Dio.

SULTAÕ Badur, Rei de Cambaya, Era vulg.
era hum dos Soberanos mais podero- 1535
ſos da Aſia, entre elles feliz até a preſente época, em que além do Reino de Guzarate, ou de Cambaya, que herdára de ſeus pais, á força de armas havia conquiſtado o de Mandou, cujo Rei tinha em ferros, e rendido tributario o de Chitor: Reino conſideravel, que corria parelhas com o de Narſinga, e o de Calecut. Nelle dominava hum Principe minino de baixo da tutela de Crementina ſua Mãi, que tinha o mais moço em refens na Corte de Badur. Eſta Princeza toda eſpiritos lhe havia rendido grandes obſequios, e ſuſtentado a guerra contra Babor, Pai de Omaum, actual Graõ Mogor, para lhe impedir nos ſeus Eſtados a paſ-

ſa

Era vulg. ſagem para os de Cambaya. Badur, de condiçaõ tyranno, a todos lhe correſpondeo ingrato; mas Crementina magnanima ſoffria com conſtancia eſperando conjunctura para ſe vingar animoſa. A nova guerra entre Badur, e Onaum lha offerece, e ella ſe conduz politica, porque naõ a perca inconſiderada, como veremos.

Como nós na India tivemos occaſiões de tratar os Mogores em differentes qualidades de negocios; devemos ſaber que elles ſaõ huns póvos originarios das Provincias, que os antigos chamáraõ Ariana, Bactriana, e Sogdiana: homens aguerridos, que fizeraõ conquiſtas vaſtas no reinado do famoſo Tamorlaõ; que levando com marcha rápida todo o Reino de Delli, elles abríraõ firmes os fundamentos para a grande Monarquia, que hoje poſſuem no Indoſtaõ, ainda que nas noſſas idades baſtantemente deſmembrada pelas conquiſtas do memoravel Thamaz Kouli Kan. Entre os Mogores Babor Patcha foi o primeiro, que ſe moſtrou máo viſinho de Badur, inſtando-o lhe ren-

rendeſſe as homenagens, que lhe devia como a Rei de Delli Omaum, filho de Babor, além deſta pretençaõ, teve outra queixa de Badur conſentir refugiado em Cambaya a ſeu cunhado Mir Zamaõ, que Omaum queria lhe reſtituiſſe, e Badur duvidava entregar. Como as negociações naõ produziaõ effeito, ambos os Principes ſe preveníraõ para decidirem a queſtaõ com as armas. Badur abrio a pórta para a rotura, mandando a Omaum por deſprezo hum veſtido de mulher: Omaum mais arrogante ſe deſpicou, enviando a Badur hum caõ, e hum zurrague: inſtrumento, que ameaça caſtigar o perro, que ladra, antes que morda. Era vulg.

Eſta foi a conjunctura, em que a illuminada Crementina metteo em uſo as ſuas dexteridades com os Principes belligerantes para avançar os intereſſes de ſeu filho no Reino de Chitor. Pedia Badur a ſua alliança com inſtancia, quando ella com o maior ſegredo a ajuſtava com Omaum. Com eſte negociou; ao outro reſpondeo: Que ella eſtava prompta para pôr a ſeu filho na téſta

das

Era vulg. das ſuas trópas em ſoccorro de Cambaya; mas que quando ella no ſeu ſerviço hia arriſcar eſte pedaço da alma, Badur lhe devia reſtituir a outra porçaõ, que lhe arrancára do peito, e entregar-lhe o ſeu Infante. Seguio-ſe á propoſta hum formidavel apreſto de guerra em Chitor; e Badur, que a teve por juſta, e a liga por certa, mandou o Principe com comitiva luminoſa á Corte de ſua Mãi. Inſtavaõ os Emiſſarios, para que ſem perda de tempo o Rei de Chitor ſahiſſe a campo; Crementina, que lográra a liberdade do filho, lhes reſpondia, que eſtava enfermo; que em tendo ſaude ella cuidaría na ſua marcha. Porque elles reforçáraõ as inſtancias, a ouvíraõ dizer a altas vozes: Que ſahiſſem depreſſa dos ſeus Eſtados, antes que ella os obrigaſſe por força.

Naõ podia a ſoberba de Badur diſſimular eſta zombaria, toleralla como acçaõ mulheril, quando ella naſcia de hum eſpirito de virilidade, digamos que de hum eſpirito macho da Heroina, que a Aſia celebrava pelas ſuas victo-

rias

rias ſobre os Mogores, e os Perſas. Era vulg.
Contra os primeiros havia elle já mandado com hum poderoſo Exercito a Tzerca-Caõ, filho do Principe, que Babor dethronára. Agora contra Crementina, e a ſitiar Chitor marchou elle em peſſoa com o apparato eſpantoſo de 500$000 Infantes, 150$000 cavallos, hum trem de artilharia ſem número, bravos homens das Nações mais ferozes da Aſia, e Europa. A toda eſta monſtruoſidade era ſuperior a covardia monſtruoſa de Badur, que huma mulher com o dizimo do ſeu poder principiou a confundir; que os Mogores acabáraõ de abyſmar. Quando elle ſitiava Chitor já Tzerca-Caõ hia perdendo as vantagens, com que principiára a guerra. Elle perdeo a vida em huma refega, e Badur com eſta nova toda a corage do eſpirito. Os ſeus Officiaes o animáraõ para dar o ultimo aſſalto a Chitor. A Rainha Crementina, para ſe naõ expôr ás contingencias, ſahio da Cidade com ſeus filhos. Badur a entrou, e lhe pôz o fogo, que conſumio 60$000 vidas.

A

Era vulg. A felicidade deſte ſucceſſo animou a Badur para buſcar os Mogores, que em duas batalhas o derrotaõ. As riquezas, que os vencedores achárão no campo, foraõ tantas, que fizeraõ eſquecer a lembrança das que Alexandre encontrou no de Dario. Entendeo Badur, que na ſerra de Mandou ficava inacceſſivel aos atrevimentos dos ſeus inimigos. Mas elles ſem deſcanço o perſeguem, quando o ſeu favorecido o Muſtafá Rume Caõ, e Melique Liaz, ultimo filho de Meliqueaz, tratavaõ de o entregar aos Mogores. Já deſamparado de todos, ſem mais eſcólta que a de 10$000 cavallos, elle buſca a eminente montanha, aonde eſtava a Cidade de Champanel, Praça a mais reſpeitavel dos ſeus Eſtados. Parecia que ao poder do Mundo reſiſtiría Badur neſte vantajoſo ſitio; mas o ſeu medo era tanto, que baſtou a voz, de que os Mogores ſubiaõ a ſerra para elle fugir incognito a buſcar o ultimo refugio na Ilha de Dio.

Rendêraõ os Mogores a Champanel; perſeguíraõ Badur até tres legoas

da

da Ilha, impacientes pelo haverem ás mãos; mas ſabendo, que eſtava nella ſeguro, retrocedêraõ a marcha, e ſobre ella ſe fizeraõ ſenhores do vaſto Reino de Guzarate. Badur mettido em deſeſperaçaõ, ſempre entranhado na alma o odio, que tinha aos Portuguezes, prefere ao ſeu amparo a protecçaõ do Graõ Turco, ou retirando-ſe para Meca, ou conſeguindo os ſoccorros por meio de hum preſente de valor enorme, com que mandou para Juda o Mouro Çafarcaõ em muitas náos a eſperar as ſuas ultimas determinações. Reflectindo porém o muito tempo que neceſſitava perder para lhe chegarem os auxilios dos Turcos, e perſuadido por alguns dos ſeus Grandes, que ainda o ſeguiaõ, Badur reſolve pedir a Nuno da Cunha a alliança dos Portuguezes a troco de lhes dar em Dio o lugar, que elles deſejavaõ para a Fortaleza: perfido nas intenções, de que mudando de fortuna traçaria pretextos para lha arrancar do poder. Sem demóra elle deſpede o meſmo Embaixador Xacoez com as inſtrucções francas, dicta- Era vulg.

das

Era vulg. das pelos apertos da neceſſidade, para logo em Chaul as communicar ao General do mar Martim Affonſo de Souſa; em Goa ao Governador Nuno da Cunha.

Martim Affonſo ſem perda de inſtantes partio em dous navios, deixando ordem á ſua Eſquadra, que a toda a preſſa ſe aviaſſe, e o ſeguiſſe. Nuno da Cunha nada o pódia liſongear como a ſituaçaõ, em que ſe contemplava. Ao meſmo tempo ſolicitavaõ a ſua alliança os dous Monarcas mais poderoſos do Indoſtaõ, ambos fazendo depender a ſua fortuna da ſua amizade. Hum, e outro em competencia lhe mandava Miniſtros: Badur abatido offerecendo Fortaleza em Dio: Omaum triunfante eſcrevendo-lhe as cartas tresbordando honras com a meſma offerta, e outras muitas vantagens. Só eſta figura de negociaçaõ baſtava para fazer reputadas as noſſas armas no mundo, e a Nuno da Cunha glorioſo na India. Elle ſempre politico, agora illuminado, advertio, que Omaum dominante de Guzarate unido á vaſtidaõ dos ſeus Eſtados, transtor-

tornava no Indoſtaõ o equilibrio, e que promettendo Fortaleza em Dio, offerecia o que ainda naõ gozava: Que Badur arruinado era o pezo, que ſuſtentava a balança no meſmo Indoſtaõ inclinada, e que na offerta da Fortaleza em Dio, promettia o que ainda dominava: Que em tal ſituaçaõ era hum devêr dos Portuguezes metter-ſe no meio dos extremos dos dous Monarcas para ſe aproveitarem das ſuas divisões: bem advertidos, que ſe elles conſentiſſem, que hum ſobre o outro remontaſſe a aſcendencia, os meſmos Portuguezes ſe deviaõ conſiderar na Aſia hum pó impellido, enrolado, levado nos ares pelo turbilhaõ dominante. Era vulg.

Eis-aqui o diſcurſo, que obrigou Nuno da Cunha a preferir Badur vencido, a Omaum triunfante. Elle recebe com as civilidades mais diſtinctas o Embaixador Xacoez; promette-lhe fazer-ſe já prompto com todas as forças da India para ſer elle quem tenha a honra de reſtituir ao Rei a poſſe do ſeu Reino; que marche ſem demora

com

Era vulg. com o Secretario Simaõ Ferreira a inſtruir Badur na ſinceridade das ſuas effectivas intençõẽs ; e que em quanto elle naõ chega, ſe ſirva de hum General taõ habil como Martim Affonſo de Souſa, das forças da ſua Armada; e que com elle ſe vaõ ajuſtando os preliminares da paz. Quando Simaõ Ferreira chegou a Dio já Martim Affonſo eſtava neſta Praça, aonde Badur o recebeo com honras extraordinarias. Agora entrou com elle em negociaçaõ á viſta dos plenos poderes, que Simaõ Ferreira levava do Governador, e com ſatisfaçaõ reciproca de ambas as partes contratantes, ficou ajuſtado:

Que Sultaõ Badur daria a El-Rei de Portugal na ſua Ilha de Dio terreno para edificar huma Fortaleza no lugar, que bem pareceſſe aos Generaes Portuguezes: Que particularmente lhe cederia o baluarte, que eſtava ao mar na entrada do porto, e que ao meſmo tempo confirmaria a doaçaõ de Baçaim. Que os Portuguezes naõ levariaõ direitos alguns das entradas, e ſa-

ſahidas de Dio, ficando eſtes reſerva- Era vulg.
dos para Sultaõ Badur: que todos os navios carregados para Meca, naõ iriaõ daqui em diante a Baçaim por obrigaçaõ, mas que viriaõ a Dio, com tanto que trouxeſſem paſſaportes Portuguezes: que os cavallos da Perſia, e da Arabia, que até entaõ eraõ obrigados a ir a Baçaim, feriaõ conduzidos a Dio, aonde elles pagariaõ á Coroa de Portugal os meſmos direitos, que coſtumavaõ ſatisfazer em Goa, com excepçaõ dos que vieſſem do Mar Roxo, que feriaõ iſentos: que as Frotas Portuguezas naõ iriaõ mais ao Eſtreito de Meca, naõ fariaõ damno aos lugares, que della dependeſſem, nem aos navios, que della ſahiſſem, excepto as Armadas dos Rumes, que os Portuguezes poderiaõ atacar, e deſtruir em qualquer parte, aonde as encontraſſem: que os Reis de Cambaya, e de Portugal faziaõ por eſte meio huma Liga offenſiva, e defenſiva, amigos dos amigos, contrarios dos contrarios: que os vaſſallos de ambas as Coroas, que ſe retiraſſem para os Eſtados dos dous Principes con-

Era vulg. tratantes por dividas, ou outra qualquer razaõ de desagrado, elles seriaõ mutuamente entregues, quando se pedissem, sem se lhes conceder asylo.

Por este modo negociavaõ Martim Affonso, e Simaõ Ferreira em Dio, a tempo que o Governador ajuntava em Goa todas as forças para navegar a esta Praça, firmar o Tratado, dar principio á obra da Fortaleza. Ellas entaõ se lhe engrossáraõ com as de sete náos, que este anno sahíraõ do Reino, guarnecidas de gente escolhida, e commandadas pelo famoso Fernaõ Peres de Andrade, filho da disciplina do grande Albuquerque, que trazia ás suas ordens os Capitães Martim de Freitas, Thomé de Sousa, Jorge Mascarenhas, Luiz Alvares, Fernaõ Camello, e Fernaõ de Moraes. A expediçaõ desta consideravel Frota naõ impedio a El-Rei o apresto da grande Armada, com que seu irmaõ o Infante D. Luiz foi soccorrer a seu Cunhado o Imperador Carlos V. na empreza de Tunes: passagem, para que a Historia nos está convidando antes de concluirmos os negocios de Dio.

Cor-

Corria o anno paſſado de 1534, quando Mulei Hazem, Rei de Tunes, foi deſpojado dos ſeus Dominios pelo famoſo Coſſario Haredim Barba Roxa. Sem refugio em Africa, Hazem pedio humilde ao Imperador Carlos quizeſſe reſtituillo ao ſeu Reino, offerecendo-lhe vaſſallagem perpetua. O crédito da empreza, a gloria das armas, o zelo da Religiaõ foraõ os eſtimulos, que obrigáraõ o Imperador a conceder a ſua protecçaõ ao Principe dethronado, e levar a Africa em peſſoa o ſeu reſpeitavel poder debaixo dos felices auſpicios das Aguias Imperiaes. Como entaõ tremolavaõ por todo o mundo glorioſas as Quinas de Portugal, o Imperador neſta expediçaõ de Tunes fez goſto de que ellas acompanhaſſem as Aguias, e pedio a El-Rei D. Joaõ, ſeu Cunhado, o ſoccorreſſe com a Armada Portugueza, que ſe havia achar em Barcellona nos principios de Março deſte anno de 1535. Entre receber El-Rei o recado do Imperador, e ſe apreſtar a Armada, naõ mediou tempo. A formidavel náo S. Joaõ, que montava 200 Era vulg.

Era vulg. peças de bronze, taõ decantada na Europa, e que o Imperador efpecialmente pedia, foi nomeada a Capitania de outras vinte e duas náos, em que embarcou a melhor Nobreza, os foldados de eleiçaõ, commandados pelo illuftre Antonio de Saldanha, honrado velho, que além da recommendaçaõ das fuas qualidades, a Europa lhe venerava o nome pelas fuas repetidas viagens, e fublimes façanhas da India. Para fubftituto da fua falta o acompanhou Simaõ de Mello, outro Fidalgo nas virtudes, e nos talentos feu femelhante, como nefta Hiftoria fe tem vifto.

O Infante D. Luiz em occafiaõ de tanta honra, naõ podendo conter os reaes impulfos nos limites da obediencia, ou parecendo-lhe que offendia o decoro da fua grandeza fe ficaffe ociofo em Portugal; elle defappareceo de Evora, aonde entaõ eftava a Corte, acompanhado de D. Theodofio, Duque de Bragança, que El-Rei obrigou a voltar do caminho, de hum filho do Conde do Vimiofo, de outro do da Feira, de Luiz Alvares de Tavora,

de

de Triſtaõ de Mendoça, de Joaõ Freire de Andrade, de Manoel de Souſa Chichorro, de Franciſco Pereira, de Pedro Botelho, e de André Teles. Divulgada a fugida do Infante, e o motivo della, toda a Nobreza ſe moveo para o ſeguir, picada daquelles eſtimulos generoſos, que ſempre a abaláraõ ſem lhe fazerem violencia. El-Rei uſou da ſua authoridade para ſuſpender a D. Joaõ de Lancaſtro, Duque de Aveiro, e a outros muitos Fidalgos; concedendo licença ſómente a Lourenço Pires, e a Ruy Lourenço de Tavora, a D. Pedro Maſcarenhas, e a Pedro Maſcarenhas, o competidor na India de Lopo Vaz de Sampayo, a Luiz Gonçalves de Ataide, a D. Joaõ Deça, a Triſtaõ Vaz da Veiga, a D. Garcia, e a D. Diogo de Caſtro, a D. Franciſco Coutinho, e a outros bravos Fidalgos criados nas Aulas de Africa, e da Aſia, a quem naõ pareceriaõ eſtranhos os turbantes, e cimitarras Aſiaticas, as meias-luas, e as lanças Africanas. Era vulg.

Apreſentou-ſe Antonio de Saldanha com o ſoccorro em Barcellona ao Impe-

pe-

Era vulg. perador, que deo todas as demonſtrações do muito, que eſtimava hum, e quanto honrava o outro. Chegou pouco depois o Infante, que foi recebido no coraçaõ, iſſeparavel de ſeu Cunhado, recolhido na galé Imperial com D. Pedro Maſcarenhas, e André Teles. No dia 30 de Maio levou ferro toda a Armada, que fez tremer aquelles mares com o pezo de 400 náos, e galez, em que hia embarcada a flôr de Heſpanha, Italia, e Portugal. Ella poz as prôas na Goleta, aonde Barba Roxa ſe havia fortificado com forças reſpeitaveis para fazer mais immortal na fama a grandeza da victoria. Eu me naõ embaraçarei com a narraçaõ de Hiſtorias alheias; mas devo dizer, que na continuaçaõ do ſitio até 25 de Julho, em que a Praça ſe rendeo por aſſalto, o valor dos Portuguezes mereceo geraes applauſos: que o fogo da noſſa náo S. Joaõ ſobre ella aſſombrou os eſpiritos mais intrépidos: que pelo conſelho do Infante o Imperador marchou ſobre Tunes, conquiſtou o Reino, e o reſtituio ao dethronado Mulei

Ha-

Hazem, que levava comſigo: que na Golèta ſe tomáraõ 300 peças de artilharia de bronze, outras muitas de ferro, e no porto 87 navios de remo; em que entravaõ 42 galez reaes: victoria, entre as ſublimes de Carlos V., huma das mais ſoberbas, que ella ſó baſtava para o fazer digno de occupar os orgãos dos bronzes immortaes. Era vulg.

FIM.